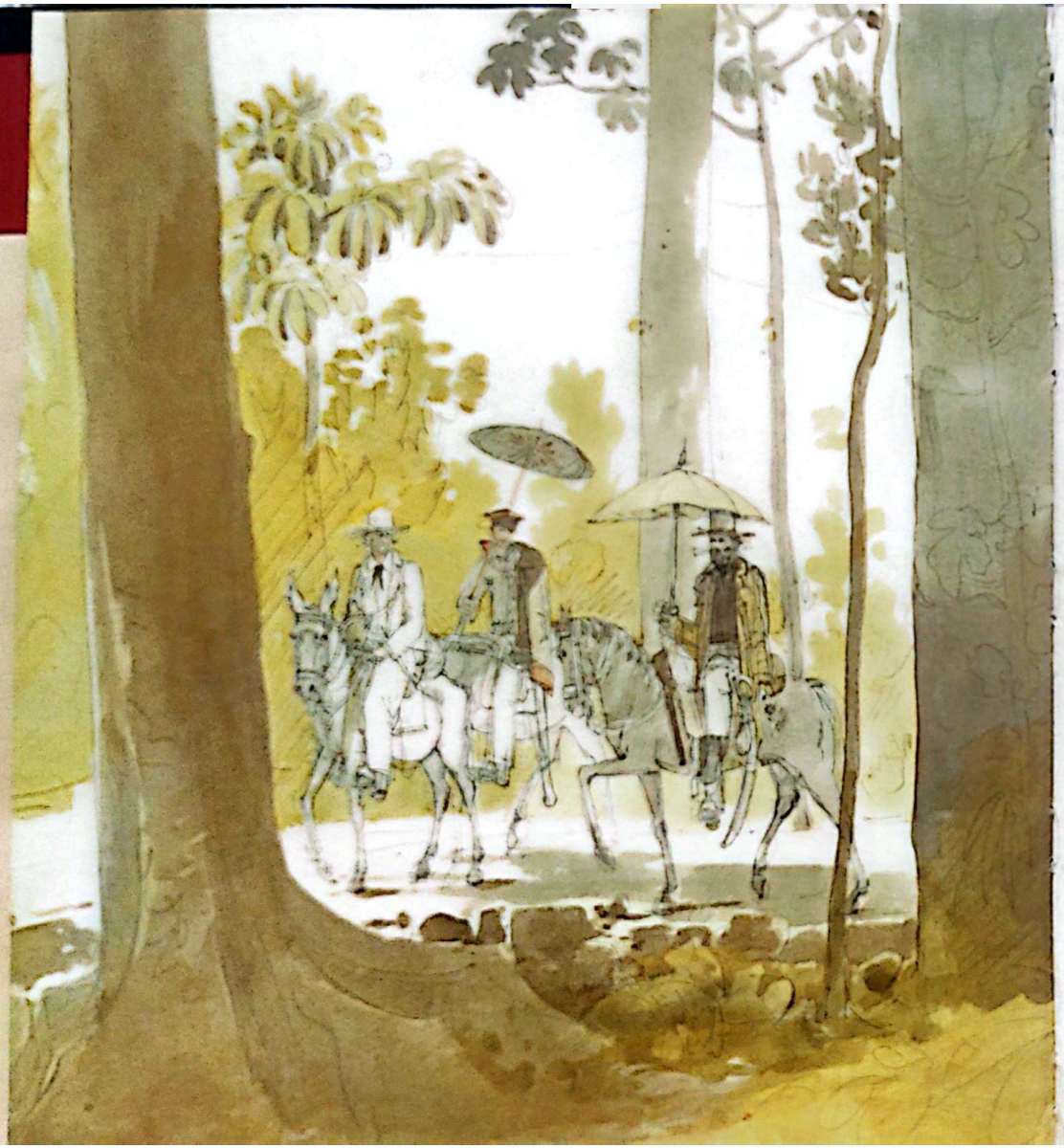


Volume I

Um Lugar no Universo

Digitalizado com CamScanner

Um Lugar no Universo

Ana Maria de Moraes Belluzzo

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

UNESP - CAMPUS DE RIO C
BIBLIOTECA IGCE
45156

METALIVROS
1994

VOLUME 2

ODEBRECHT

Digitalizado com CamScanner

PESQUISA

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq
Coordenação de Pesquisa: Ana Maria de Moraes Belluzzo

Pesquisadores: Ana Cecília Mattei de Arruda Campos, Patrícia Andrea Paladino, Zilah Crisóstomo de Jesus, Douglas Canjani de Araújo, Francis Melvin Lee, Valéria Piccoli Gabriel da Silva, Thelma Lucia Guedes Camelo, Carlos Alberto Nakamura, Cristiani dos Santos Miguel e Paula Helena da Costa Garcia
Colaboradores: Amandio Miguel dos Santos, Ariane Daniela Cole

LIVRO

Organização, Pesquisa e Texto: Ana Maria de Moraes Belluzzo
Assistente Editorial, Legendas e Verbetes: Thelma Lúcia Guedes Camelo
Assistente de Pesquisa, Legendas e Verbetes: Cristiani dos Santos Miguel
Assistente de Pesquisa: Valéria Piccoli Gabriel da Silva
Assistente de Produção de Pesquisa: Leila da Silva Pinheiro

Coordenação Editorial: Ronaldo Graça Couto
Projeto Gráfico e Direção de Arte: Victor Burton
Diagramação: Cristina Fino

Produção Editorial: Fabio Montenegro e Ronaldo Graça Couto
Assessoria Editorial: Thelma Lúcia Guedes Camelo e Cristiani dos Santos Miguel
Revisão de Texto: Pedro Adão Ruiz
Assistente de Produção: Lenita Dinato
Produção Gráfica: Jairo da Rocha e Ronaldo Graça Couto

Fotolitos, Impressão e Acabamento: Pancrom Indústria Gráfica
Caixa: Encadernações Capato

Editores Responsáveis: Ronaldo Graça Couto e Roberto Feith

© 1994 Fundação Odebrecht

Este livro faz parte do Programa de Patrocínio a Edições Culturais da Organização Odebrecht, coordenado por Marcio Polidoro.

Patrocínio: Construtora Norberto Odebrecht

Foto capa: Detalhe il. 338
Foto pág. 2: Detalhe il. 297
Foto pág. 4: Detalhe il. 283

2981
3449 b
v. 2
500
1. Brasil - História
UEP → OK
BN$ 1893653

O Brasil dos Viajantes

Volume 2
Um Lugar no Universo

ÍNDICE

Introdução, 9

A Propósito da Arte e da Ciência, 12

Zênite Nosso e Zênite Deles, 14

O Olho É o Juiz Universal de Todos as Coisas, 16

A Ordem do Universo. A Representação Clássica da Natureza, Segundo o Modelo de Lineu, 17

O Visível e a Ordem Oculta, 20
Humboldt e a Paisagem, 22
Goethe e a Metamorfose, 25

Analogias entre Dessemelhanças. Darwin, Wallace e a Teoria da Evolução, 27

Expedições pelo Brasil, 32

ICONOGRAFIA COLONIAL, 34

A *Historiæ Rerum Naturalium Brasiliæ, 34*

Frei Christovão de Lisboa, 44

Os Limites dos Registros Portugueses, 48

A Paisagem de Expansão e Defesa da Colônia, 49

O Projeto da Ilustração Portuguesa e o Ciclo das Expedições Científicas, 60
A Viagem Philosophica, 64
A Flora do Frei Velloso e os Jardins de Arruda da Câmara, 74

As Viagens de Circunavegação e a Costa do Brasil Vista do Mar, 80

A ABERTURA DO REINO DESCONHECIDO. O CICLO DAS GRANDES EXPEDIÇÕES DO SÉCULO XIX, 92

A Esfera de Influência Alemã e a Presença Indireta de Humboldt, 96
A Expedição do Príncipe Maximilian von Wied-Neuwied, 1815-1817, 96
A Missão Austríaca, 1817-1821, 102
A Expedição do Barão de Langsdorff, 1822-1829, 124
A Expedição ao Ivaí, 1857, 138

Perspectivas da Segunda Metade do Século XIX, 146
Expedições Americanas ao Brasil, 146

Apêndice, 153

Notas Biográficas, 154
Bibliografia, 160
Índice Remissivo, 165
Índice de Ilustrações, 167

Digitalizado com CamScanner

Introdução

Digitalizado com CamScanner

Com o intuito de estabelecer alguns parâmetros para o estudo da *visualidade artística*, convém desde logo desfazer qualquer pressuposição de que a elaboração da arte e a experiência da visualidade sigam necessariamente um mesmo desenvolvimento. Só desse modo será possível ultrapassar as considerações genéricas e encontrar a arte atuando como elemento constitutivo da cultura, em precisos momentos e em experiências históricas concretas.

Ao longo do primeiro volume deste estudo, privilegiamos o que se poderia considerar uma visualização imaginativa ou *imaginário*, passível de ser apontado no teor sensível e figurativo das representações que surgem nos séculos XVI e XVII, relativas às terras recém-descobertas.

Neste segundo volume, o lugar que a visualidade artística ocupa no sistema de conhecimento já não é mais o mesmo. O estatuto da arte se transforma, deslocando o nosso interesse para *o olho que pensa*, para a visão intelectual e reflexiva, engendrada por uma cultura simultaneamente artística e científica, que se anuncia no século XVI, tem vigência plena até as primeiras décadas do século XIX e se perde completamente de vista na nossa época.

Da mesma maneira, o terceiro volume deste trabalho irá debruçar-se sobre o novo lugar da visualidade e da arte, que, ao que tudo indica, já não é mais o mesmo a partir das primeiras décadas do século XIX. O olhar domesticado e delimitado pelas técnicas de observação define uma atitude indiferente do observador diante de uma cultura tornada "natural". Por outro lado, também revela o observador naturalizado, maravilhado ao entrar em simbiose com a natureza que contempla.

Em se tratando de um estudo que abrange tão vasto espaço de tempo, é sempre recomendável esboçar preliminarmente os limites dos diferentes complexos culturais nos quais e com relação aos quais a arte e a visibilidade se estabelecem e se articulam, sob diferentes modalidades.

As *imagens* destacadas no volume anterior tinham seu fundamento em analogias elaboradas pelos viajantes: comparações entre o que viam e o que diziam os textos, semelhanças entre as aparências contemporâneas e as lições da Antiguidade. O mundo imaginado e vivido era contínuo. Procedia-se por aproximação e, na linguagem simbólica vigente, predominava o exercício substitutivo das metáforas.

O legado pré-científico deixado pelos holandeses que estiveram no Brasil fornece as primeiras evidências deste momento de emergência e construção histórica do *observador*, ocorrido no século XVII, em que se buscava apreender a estrutura visível dos seres em sua singularidade, conhecendo-os um a um.

Por suposto, o *ver* não é uma ocorrência natural e sim um fato histórico, interligado aos critérios de valoração e aos modos operativos de que o homem dispõe. Foi de acordo com o pensamento clássico que o desenho se tornou um modo de experimentar a verdade "exterior" pelos sentidos, ajustando-a por meio do raciocínio, capaz de valorizar o visto, segundo regras constantes e lógicas. A *imagem*, com seu peculiar procedimento aproximativo, deu lugar à *representação visual* dos seres da natureza por meio da *forma*, instância tida como capaz de permitir a análise e o discernimento desses entes naturais. Para defini-los, seria preciso situá-los em um determinado lugar, encontrar uma posição que deveriam ocupar com respeito aos outros seres do universo, num mundo concebido como um cosmos ordenado e contínuo.

O modelo de representação artística adotado pela ciência clássica coincide sobretudo com um modelo de conhecimento exercido a partir do sentido da visão. A história natural constitui um primeiro parâmetro valioso para nossas considerações. A história dos seres naturais e, no seu interior, o reino da botânica oferecem o exemplo mais logrado desse modelo de conhecimento e ordenação do universo, para a construção do qual se aliaram arte e ciência.

Ao lado das funções assumidas pelo olho, que tem a tarefa de configurar e identificar o mundo através da construção da forma dos seres da natureza, a câmara escura surge nessa época como um padrão objetivo de verdade visual, que vigora até quase o fim da primeira metade do século XIX (1810-1840), ou seja, até que aconteça uma nova valorização da experiência visual, que segundo Jonathan Crary será tomada desta vez em seus aspectos fisiológicos. Traçando uma correlação entre o campo dos conhecimentos e das práticas, em seu livro *Técnicas do Observador*, o autor considera que a câmara escura poderia definir o estatuto do observador dos séculos XVII e XVIII. Chama a atenção para o fato de a experiência ótica, construída no curso dos séculos XVII e XVIII, não comportar a subjetividade. Nessa hipótese, seria procedente distinguir o conhecimento possibilitado pelos princípios da ótica geométrica daqueles organizados segundo a ótica fisiológica, que entra em vigor a partir do século XIX (Crary, 1990).

O desejo de elaborar um amplo inventário da natureza, que caracteriza o projeto enciclopédico, manifesta-se já nos séculos XV e XVI. Para tal, concorrem os gabinetes científicos, dos quais derivam enciclopédias zoológicas como as de K. Gessner (1516-1615) e de Aldrovandi (1522-1605), tão fiéis às lições de Aristóteles. Mas só a partir do século XVII, com a sistematização da história natural, é que esse inventário ganhará propulsão.

A obra taxonômica de Carl von Linné (1707-1778), conhecido no âmbito científico como Lineu, dá o passo decisivo, criando condições que garantem e viabilizam o intercâmbio científico necessário ao desenvolvimento da ciência. Lineu

Digitalizado com CamScanner

propõe um sistema universal de catalogação de plantas, animais e minérios — o *Systema Naturae*, obra que reúne todas as espécies conhecidas na época, às quais confere nomenclatura coerente, que passa a ter precedência sobre todas as outras, na data da décima edição de seu livro, em 1758. O modelo clássico adotado por Lineu supõe a associação entre o gosto estético e o conhecimento científico. Sua obra universal inclui informações precedentes sobre o Brasil, que o autor havia encontrado na contribuição dos holandeses. Os princípios clássicos de conhecimento da natureza têm longa duração e são amplamente praticados pelos naturalistas, que, seguindo o ensinamento do mestre, devem estudar, *in loco*, a natureza dos países dos trópicos.

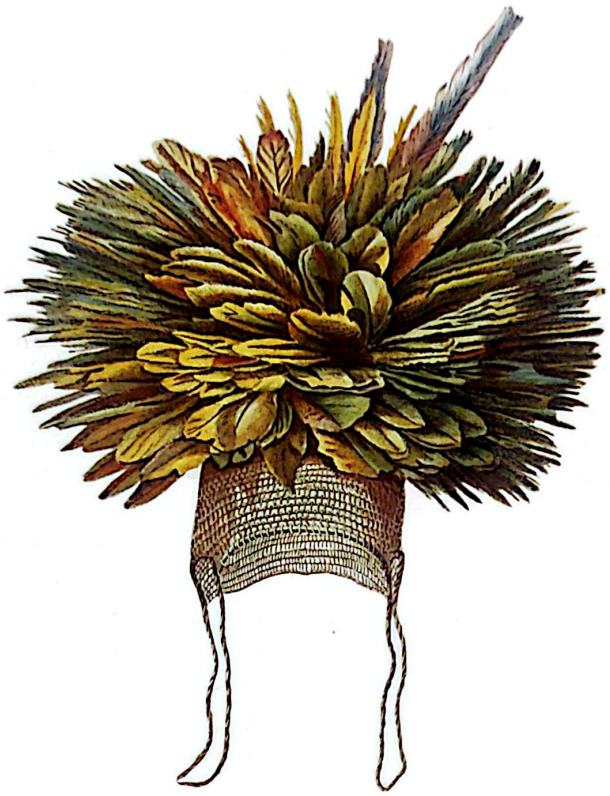
Merecem a nossa atenção outros dois aspectos reveladores do pensamento do século XVIII, que incidem especialmente nas concepções visuais das obras produzidas pelos europeus no Brasil. O primeiro diz respeito ao sentido útil da ciência, postulado pela Ilustração, que, voltada à solução da vida humana neste mundo, promove o aproveitamento técnico da natureza pelo homem. Esse sentido vem de encontro à mentalidade pragmática dos portugueses e dá o tom das iniciativas da geração de brasileiros apoiados pela Coroa Portuguesa. No decorrer deste estudo, devemos considerar essas representações, cuja especificidade não está no caráter especulativo do desenho, mas no seu caráter instrumental. Essa abordagem dos portugueses funda-se sobretudo na sua relação de *ocupantes* do país.

A nova concepção científica da paisagem, cunhada por Alexander von Humboldt, motiva grande número de viajantes, não só alemães e austríacos, mas também outros sábios relacionados ao círculo da Academia de Ciências de Paris, que se dirigem ao Brasil após a abertura dos portos, no ciclo das grandes expedições da primeira metade do século XIX. A visão totalizante e interativa das paisagens de Humboldt corresponde às exigências do homem total da época iluminista, o artista-cientista, capaz de colocar a sensibilidade em colaboração com a razão. A abordagem paisagística da natureza, formulada nos termos de uma "geografia das plantas", promove a observação do conjunto e supera o exame dos vegetais isolados. Interessa portanto aos artistas identificados com as aspirações totalizantes da visão clássica.

O presente trabalho tem por finalidade o estudo das representações visuais e de seus pressupostos, no que se refere ao registro de interesse científico, cabendo algumas considerações preliminares sobre o *corpus* dessa pesquisa e dificuldades que lhe são inerentes. O inventário realizado pelos europeus sobre a "natureza" brasileira faz parte de um processo de conhecimento, domínio e trocas internacionais, não estando em nossos propósitos nem dentro de nossas possibilidades realizar uma história das idéias ou das ciências. Não se pretende reconstruir os passos da história da ciência européia e de seu pensamento sobre a natureza no Brasil, nem se cogita, tampouco, examinar o impacto do conhecimento da diversidade da natureza tropical sobre os rumos da história científica. Nossas intenções são restritas ao campo da história da arte, interessando desvendar os momentos em que se estabelece um denominador comum entre arte e ciência. Por isso assinalamos o momento em que o desenho desponta como um meio de conhecimento da natureza e em que os cientistas passam a se valer da observação sensível para suas conclusões. Não se trata de reconhecer a existência de processos comuns à arte e à ciência, mas de identificar uma única estrutura mental, que se manifesta em diferentes domínios de uma cultura, em determinado momento.

Isso posto, deveremos acrescentar ainda as vantagens que advêm, nessa etapa dos estudos

Digitalizado com CamScanner



DETALHE DA IL. 286

sobre a imagem, da abordagem propriamente historiográfica. O registro das expedições que passaram pelo Brasil, a identificação dos participantes e de seus propósitos, a melhor compreensão do encadeamento das iniciativas desses grupos exigem ainda melhores esclarecimentos, que poderão não somente elucidar os documentos iconográficos como também ser iluminados por eles.

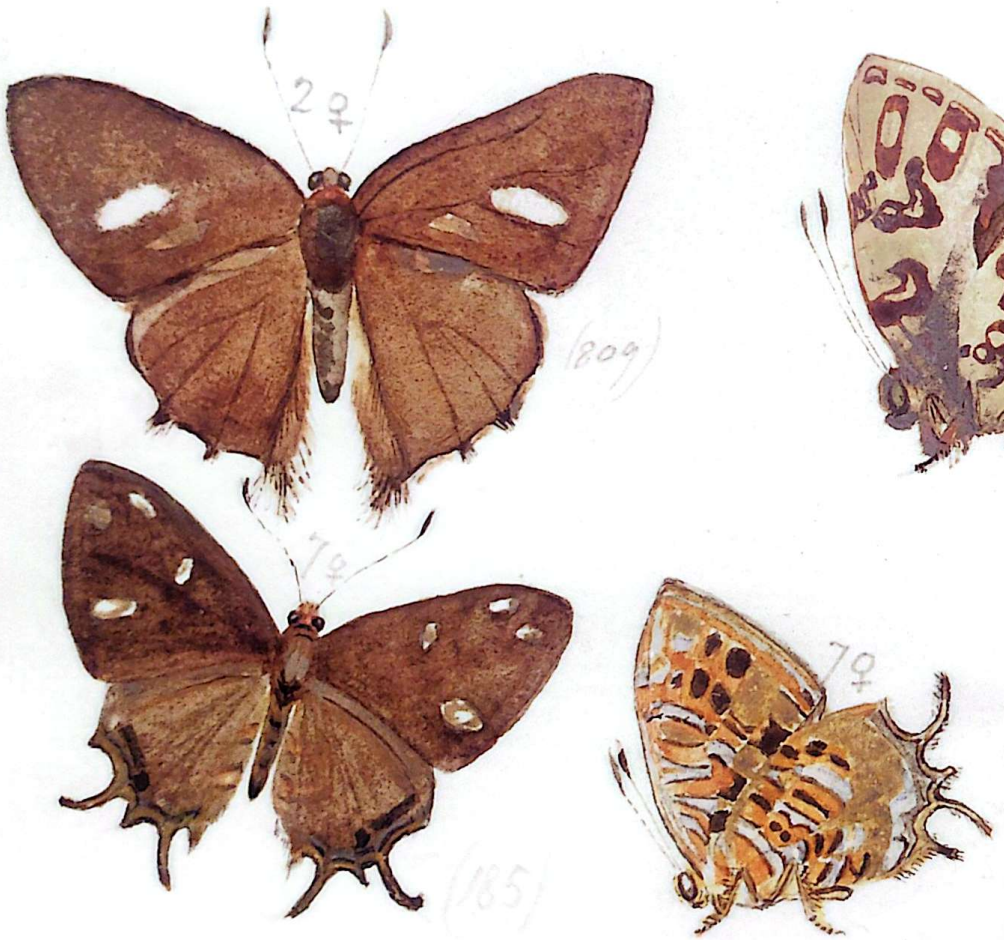
Em vista do extenso número de iniciativas científicas que se valem do desenho e portanto se incluem no nosso campo de interesse, este livro apresenta uma seleção daquelas expedições que constituem legado visual relevante, notadamente na primeira metade do século XIX, quando a representação visível desempenha papel ativo na organização do conhecimento científico.

Não se pode deixar de assinalar a existência de estudos preliminares sobre os acervos visuais em questão, de modo a facilitar o acesso e nortear o uso mais adequado e preciso desse material. Mas há muito ainda que fazer para a organização das informações, localização de acervos iconográficos originais, geograficamente dispersos, reunião dos dados necessários aos trabalhos de identificação e comparação das imagens. Principalmente no que tange a aspectos da imagem *original* e de suas *versões,* decorrentes das exigências de reprodução e difusão das informações.

Afinal, o mundo sensível torna-se inteligível por intermédio de operações mentais e transformações materiais. Portanto, é preciso considerar mediações operadas por registros e suportes gráficos e também modos como o mundo visto foi organizado em uma segunda natureza. O que se entende por segunda natureza? Os seres recortados e figurados nos cadernos de anotação de campo dos viajantes, os espécimes coletados, retirados de um *continuum* natural e dispostos em herbários e mostruários, os jardins zoológicos e botânicos. Incluem-se, ainda, coleções museológicas de história natural, que constituem a nova ordem que se oferece ao observador. Os diários de bordo, as anotações de campo, estando mais próximos da experiência sensível do mundo, não podem ser confundidos com as inúmeras versões às quais dão origem. Praticamente outros desenhos tomam corpo através dos modos de configuração dos desenhistas intermediários e dão lugar aos notáveis livros da natureza, que foram as publicações ilustradas do século XIX.

Com relação às concepções e aos valores figurativos propriamente ditos, que aderem aos propósitos científicos, só um esforço interdisciplinar, que evitasse atribuir aos desenhos o peso positivo dos documentos históricos, poderia torná-los apreciáveis estética e cientificamente.

Digitalizado com CamScanner



A Propósito da Arte e da Ciência

Digitalizado com CamScanner

Zênite Nosso e Zênite Deles

À guisa de parâmetro inicial, evoco Amerigo Vespucci. Esse viajante considera haver atingido um mundo novo, enquanto Colombo pensa ter chegado ao paraíso bíblico. Contudo, as notícias desse Novo Mundo relatadas nas cartas atribuídas a Vespucci motivam, por ocasião de sua publicação, a construção de outros mitos sobre aquelas terras desconhecidas recentemente encontradas, causando grande impacto sobre os contemporâneos. Ademais, as cartas são também reproduzidas em edições pautadas pela concepção humanista emergente, que se afirma em torno da observação do céu e das constelações avistadas de outros lugares do mundo.

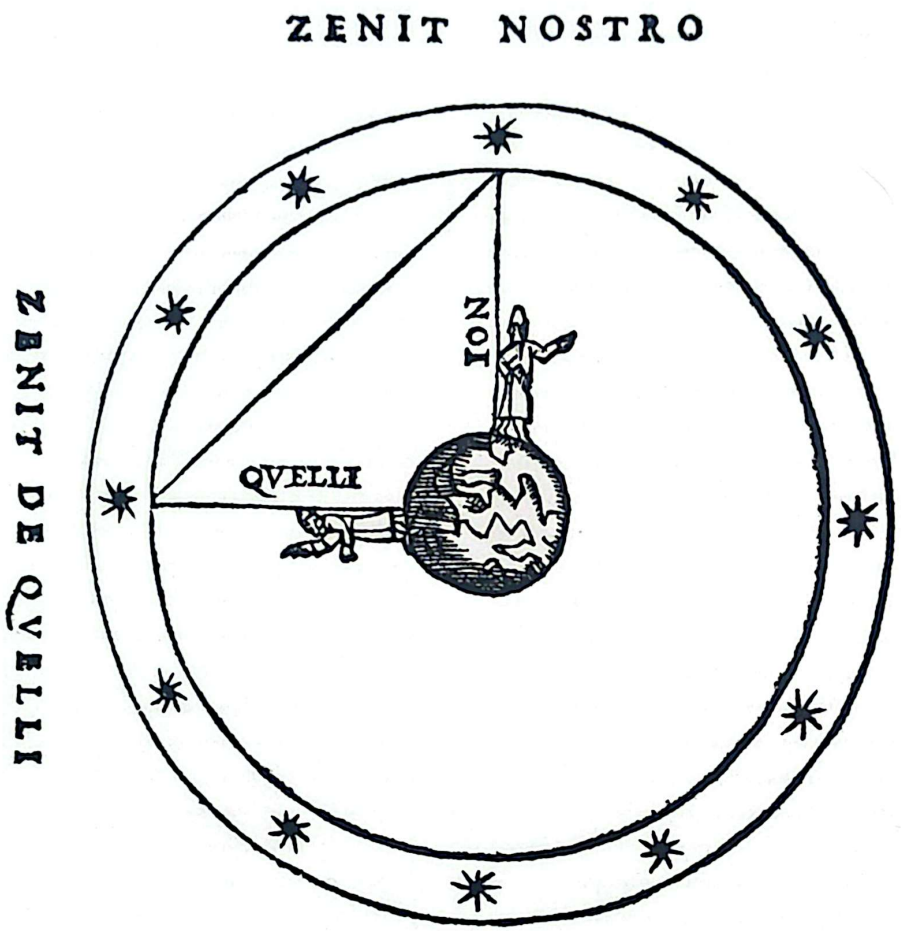
A rota do navegador é orientada pela posição dos astros, e Vespucci admira-se como um poeta com a claridade das estrelas que avista do Pólo Antártico. Como geômetra, mede os movimentos das estrelas e anota as configurações que elas assumem quando chegam ao meio do céu. No corpo do texto *Mundus Novus,* ele faz referência a um desenho cosmográfico, que é tudo que um cosmógrafo pode dizer a respeito da forma da quarta parte encontrada da terra. Vespucci teria tomado contato com a astronomia e as ciências correlatas durante sua convivência nos círculos neoplatônicos de Florença. Ao se tornar o grande piloto da coroa espanhola, assume a missão de instruir outros pilotos e também de unificar as informações cartográficas obtidas.

Junto à sua carta é reproduzida a ilustração *Zenit Nostro e Zenit di Quelli* (IL.152), na coletânea organizada pelo geógrafo e cosmógrafo Giovanni Battista Ramusio intitulada *Delle Navigationi et Viaggi,* publicada em Veneza, entre 1556 e 1563. Ramusio, humanista de formação, havia acompanhado durante a infância as descobertas do Novo Mundo realizadas por Espanha e Portugal. Seleciona um conjunto de relatos de viajantes para publicação, traduzindo-os do francês, espanhol e latim, sendo provavelmente ele mesmo o responsável pelas ilustrações. Conta o editor, na introdução da obra, que "vendo as tábuas da *Geografia* de Ptolomeu, que descrevem a África e a Índia, e considerando serem muito imperfeitas, com respeito ao conhecimento que se tem hoje dessas regiões, achei que seria importante colocar juntas as narrativas dos escritores do nosso tempo que estiveram naquelas partes do mundo, das quais falam minuciosamente e a partir das quais, acrescentando-se a descrição das *cartas marinhas portuguesas*, poderiam ser feitas outras tantas tábuas que dariam grande satisfação aos que se ocupam desse conhecimento (...)". A coletânea de Ramusio é dividida em três partes, sendo a primeira dedicada aos relatos de viagens à África, a segunda à Ásia e a terceira à América.

A xilografia *Zenit Nostro e Zenit di Quelli* é uma representação das novas concepções cosmográficas de então, pelas quais os humanistas definem o lugar dos homens no universo e definem o universo a partir dos homens. Essa representação científica, em contraposição à tradição religiosa, afirma a existência de dois céus, o céu europeu e o céu do Novo Mundo, segundo a orientação do observador a partir de um ou de outro "hemisfério". Pretende estabelecer desse modo a posição relativa da Europa e do Novo Mundo. Diz o texto de Vespucci transcrito por Ramusio:

"Aqui portanto vi muitas outras estrelas: observando diligentemente seus vários movimentos compus um livro (...) e tal livro está agora junto ao serenissimo Rei (...). Naquele hemisfério considerei com diligência algumas coisas, as quais contradizem a opinião dos filósofos (...) e entre outras vi a Iride, isto é, o arco celeste branco quase na meia-noite. Segundo o parecer de alguns adquire as cores dos quatro elementos, isto é, do fogo o vermelho, da terra o verde, do ar o branco, e da água o celeste. Mas Aristóteles no livro intitulado *Meteora* é de

Digitalizado com CamScanner



opinião muito diversa (...) não menos Plínio diz que depois do equinócio de outono aparece a cada hora. E isto tirei do comento de Landino sobre o quarto livro da *Eneida* (...).

Como previ, de Lisboa, de onde partimos, que é distante da equinocial em direção do poente quase quarenta graus, navegamos até aquele país, que está além da equinocial cinquenta graus, que somados farão o número noventa, o qual é a quarta parte do grandíssimo círculo, segundo a verdadeira razão do número ensinado pelos antigos (...) e para que a coisa seja mais abertamente entendida, a linha perpendicular que, quando nós estamos sobre os nossos pés, parte do ponto do céu, chega ao nosso zênite, vem a bater de flanco naqueles que estão a cinquenta graus da equinocial de onde advém que nós estamos na linha reta e eles em comparação conosco estão na transversal, e tal situação faz a figura de um triângulo que tem ângulos retos de cujas linhas nós temos a direita, como mais claramente demonstra a seguinte figura" (Ramusio, 1556-1563, vol. I, 3ª ed., p. 132).

Como se nota, o navegador que deve confiar na observação e medição do espaço também consulta a verdade dos textos antigos. A rica imagem de Vespucci compreende a relatividade dos pontos de vista, a geometria perfeita a meio caminho entre a ordem divina e a ordem racional. Vespucci relaciona um lugar da terra com a esfera celeste, numa imagem em que coexistem a magia e a ciência, pois tanto evoca a determinação dos astros sobre o homem quanto aponta para novas possibilidades da construção de um espaço humano de teor projetivo, pelo qual o homem poderia estender os seus limites. Não é por acaso que, na mesma compilação, Ramusio faz figurar outra xilogravura: de uma "admirável ordem de estrelas, que seguiam os navegantes que se dirigiam ao Pólo Antártico", orientados por "uma cruz maravilhosa no meio de cinco estrelas". É o Cruzeiro do Sul, cuja ilustração acompanha o texto de "Andrea Corsali Florentino ao Ilustríssimo Senhor Duque Giuliano de Medici" (Ramusio, 1556-1563, vol. I, 3ª ed., p. 171/ verso).

As imagens do livro de Ramusio são idéias sobre a posição humana, no espaço ilimitado do universo, enraizadas no modo peculiar como o século XVI constitui o seu saber. Fornecem parâmetros para uma demarcação inicial do que pode ser a busca de ordem e coerência na relação do homem com o universo. Mais do que outros saberes, a astronomia e o cálculo podem ser o fio condutor para vencer as distâncias, que eventualmente motivam especulações dos poetas, mas não podem dar ensejo ao domínio artístico, durante o Quinhentos e o Seiscentos.

152. Anônimo
Zenit Nostro e Zenit di Quelli (Zênite Nosso e Zênite Deles)
ILUSTRAÇÃO DA *LETTERA*, CARTA DE AMERIGO VESPUCCI A PIETRO SODERINI, TRADUZIDA E EDITADA POR GIOVANNI BATTISTA RAMUSIO NO *PRIMO VOLUME & TERZA EDITIONE DELLE NAVIGATIONI ET VIAGGI*. VENEZA, STAMPERIA DE GIUNTI, 1563, P. 132E
XILOGRAVURA, 10 X 11,3 CM
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA USP (COLEÇÃO YAN DE ALMEIDA PRADO), SÃO PAULO, BRASIL

Digitalizado com CamScanner

O Olho É o Juiz Universal de Todas as Coisas

É só a partir de Leon Battista Alberti, mestre da teoria artística do renascimento italiano, que aparece a consciência da arte como uma ciência e que esse território comum é individualizado na matemática. A nova ciência surge, efetivamente, através da obra de Leonardo da Vinci, que reúne a matemática com a atividade experimental. É ele quem fala que "sem a experiência, não existe certeza".

Com o experimentalismo, a arte passa a oferecer os meios de uma investigação operativa. A pintura e o desenho são instrumentos para Leonardo explorar a natureza, notadamente a perspectiva, que, ao possibilitar a representação, mede e conhece o mundo físico. Ele entende que a perspectiva é "uma razão demonstrativa pela qual a experiência confirma todas as coisas, ao mandar a sua similitude ao olho pela linha piramidal". A sua noção de perspectiva é abrangente, compreendendo o procedimento linear, a perspectiva das cores e a perspectiva aérea. Para Leonardo, o olho pensa e é "o juiz universal de todos os objetos", graças à matemática.

O sábio não se contenta em observar meticulosamente a natureza e copiá-la, pretende conhecê-la na sua essência. Não se deve perder de vista que, sendo posta em crise a *idéia* de natureza, é imperativo experimentá-la. Quando Leonardo afirma que "a pintura imita todas as obras evidentes da natureza", não quer dizer que o pintor copia, mas que cria formas análogas às que cria a natureza e segundo as mesmas leis, como bem interpretou Anna Maria Brizio. A autora contribui para um melhor entendimento do sentido que Leonardo empresta à "sutil investigação" realizada pelo artista, traduzido em sua expressão "a arte é filha da natureza" (Argan & Fagiolo, 1977, p. 158; Brizio, 1881, p. 126).

A exploração da natureza pela arte, segundo a proposta de Leonardo, considera as qualidades das *formas* tangíveis, especialmente a sua comensurabilidade. A construção perspectiva não teria sido o único modelo com que contou historicamente a ciência do final dos Quinhentos ao final dos Setecentos. Durante os séculos XVII e XVIII europeus, o sentido da visão se apresentará como momento primordial das ciências de observação, que se valem do desenvolvimento do conhecimento da luz, das lentes e do olho.

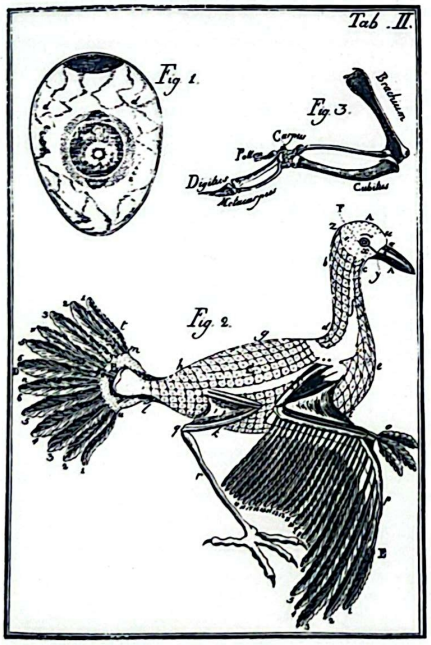
Além do princípio estrutural da perspectiva, do qual resulta a representação bidimensional, desenvolve-se o princípio ótico, que possivelmente esteve a serviço do modo descritivo da arte do norte da Europa. Nesse âmbito, a câmara escura se torna o modelo de visão mais usado, dela resultando uma imagem que apresenta o efeito dicotômico entre o conhecimento subjetivo e o mundo exterior, apontado por Jonathan Crary (1990).

Não resta dúvida de que as técnicas de perspectiva linear e da câmara escura são relacionadas, mas diferenças fenomenológicas existentes entre a construção perspectiva e a projeção da câmara escura podem ser comparadas, nos efeitos resultantes dos dois processos, já indicadas com toda a propriedade por Crary. O autor argumenta que "a câmara escura define a posição de um observador interiorizado com relação ao mundo exterior, diverso do modo da representação bidimensional da perspectiva". Admite que "a câmara escura corresponde a um modo genérico de efeito subjetivo, que ocorre mais com respeito a distância do que na relação do observador com os procedimentos de realização da pintura" (Crary, 1990, p. 34).

Digitalizado com CamScanner

A Ordem do Universo

A Representação Clássica da Natureza, Segundo o Modelo de Lineu



153. Domenico Vandelli
GRAVURA, 20,56 X 14,3 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE VANDELLI *DICCIONARIO DE TERMOS TECHNICOS DE HISTORIA NATURAL EXTRAHIDOS DAS OBRAS DE LINNÉO*. COIMBRA: REAL OFFICINA DA UNIVERSIDADE, 1788, TAB. II
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA USP (COLEÇÃO YAN DE ALMEIDA PRADO), SÃO PAULO, BRASIL

A obra que exerce importante papel no curso dos acontecimentos é *Systema Naturae* (1758), em que o sueco Carl von Linné (1707-1778), ou Lineu, expõe um método classificatório para o reconhecimento das plantas, dos animais e dos minerais que transforma totalmente o conhecimento da natureza. A obra assinala a ultrapassagem da visão antropocêntrica, que havia marcado o conhecimento de virtudes medicinais das plantas e a descrição de propriedades da natureza estabelecidas em função de sua utilidade alimentar, modos de apreensão que haviam convivido, por sua vez, com a imaginação simbólica de valores morais das plantas e dos animais.

Em vez de analogias, passa-se a buscar características estruturais intrínsecas aos seres da natureza, para fundamentar a igualdade e a diferença entre as espécies. De acordo com o método de Lineu, cabe ao olho realizar o primeiro gesto de conhecimento: é preciso ter visto primeiramente o objeto, para depois nomeá-lo, isto é, introduzi-lo na neutra linguagem científica. Lineu também pretende ultrapassar a percepção subjetiva inerente à prática vernacular, a terminologia carregada de crenças populares e sentido simbólico, preferindo a adoção de dois nomes latinos, um ligado ao gênero, outro à espécie. O olhar direto lançado sobre a planta ou sobre o animal individual deve torná-los inteligíveis, permitindo defini-los no binômio do gênero e da espécie e introduzi-los no quadro taxonômico estabelecido por uma classificação sistemática.

Lineu encontra o princípio comum, capaz de ordenar o sistema da natureza, nas características visíveis dos órgãos sexuais das plantas. Também considera órgãos específicos, para a classificação dos animais, os dentes para os mamíferos, os bicos para as aves, as nadadeiras para os peixes e as asas para os insetos, havendo outra classificação distinta para répteis e vermes (Ronan, 1987; Thomas, 1989).

Seu sistema está baseado, no entanto, na idéia de uma natureza imutável e de repetição das espécies, pressupondo um mundo constante e contínuo, no qual um ser cria outros semelhantes, mecanicamente. O seu modelo, calcado no princípio de reprodução da vida semelhante e na universalidade típica das espécies e dos gêneros, traz profundas implicações para a concepção do universo figurado e torna o sistema vulnerável às críticas.

No curso deste livro, poder-se-á verificar a adoção das propostas de Lineu nos desenhos que ilustram o *Diccionario de Termos Technicos de Historia Natural*, de Vandelli (IL.153/154), e nos desenhos realizados pela geração de brasileiros por ele formada em Lisboa. Refiro-me a Alexandre Rodrigues Ferreira, que comandou a Viagem Philosophica, para o interior do Brasil, e aos resultados obtidos por seus desenhistas Joaquim José Codina e José Joaquim Freire. Outro exemplo é oferecido pelos desenhos do padre Montenegro, que participou da Expedição Câmara.

Como é possível observar também no acervo da expedição do capitão Cook, os desenhos baseados em Lineu despertam o interesse botânico devido à *clareza* com que designam cada uma das espécies, particularizando-as, e à medida que tornam possível apreender essas diferenças, graças à existência de um sistema comum que dá legibilidade aos caracteres desenhados. Mais do que isso, os desenhos do padre Montenegro e os de Parkinson agradam e não se poderia deixar de observar que há neles um pacto com a geometria e com a proporção.

Segundo recomendações de Lineu na *Philosophia Botanica*, a individualização de cada planta depende da *figura, número, proporção e situação*. Dado que entende serem as plantas divididas em cinco partes — como se sabe, raiz,

Digitalizado com CamScanner

caule, folhas, flores e frutos —, os quatro princípios devem ser observados em cada uma das partes e entre elas. Ou, em outras palavras, a estrutura de cada parte deve ser descrita por meio dos quatro valores. Do mesmo modo, o olhar é orientado às partes dos animais (Lineu, parágrafo 167 e 327, apud Foucault, 1966, p. 180-e 181).

Para observar os seres, as suas qualidades deveriam ser transformadas em quantidades: a *figura* formada pela planta deve ser percebida com relação à quantidade de componentes e como grandeza, descrita em cada um de seus elementos e disposição entre eles. Além das grandezas proporcionais, construídas com base em medidas comparativas e capazes de conjugar um sistema de equivalências, o que revela uma herança da distante tradição clássica do estudo da proporção, outro parâmetro seria dado pelas figuras regulares da geometria platônica. O círculo, o hexágono, o triângulo antecedem e preparam o olhar proposto por Lineu, oferecendo os parâmetros para a definição "da forma com que estames e pistilos afetam a figura geométrica, segundo a qual eles estão repartidos na flor". Mesmo assim, não se pode deixar de observar o tamanho dos estames e pistilos, em relação aos outros órgãos (Foucault, 1966).

Por conseguinte, o "olhar primeiro" pousado sobre as coisas do mundo se dá *segundo* a geometria e as proporções matemáticas, que promovem o discernimento da individualidade de cada figura e a possibilidade de compará-la a todas as outras, nesse *work in process* que foi a história natural dos séculos XVII e XVIII. O olhar só é primeiro na relação de precedência que tem sobre a nomeação dos seres naturais, por meio da nomenclatura binária que permite identificar as semelhanças e as diferenças encontradas.

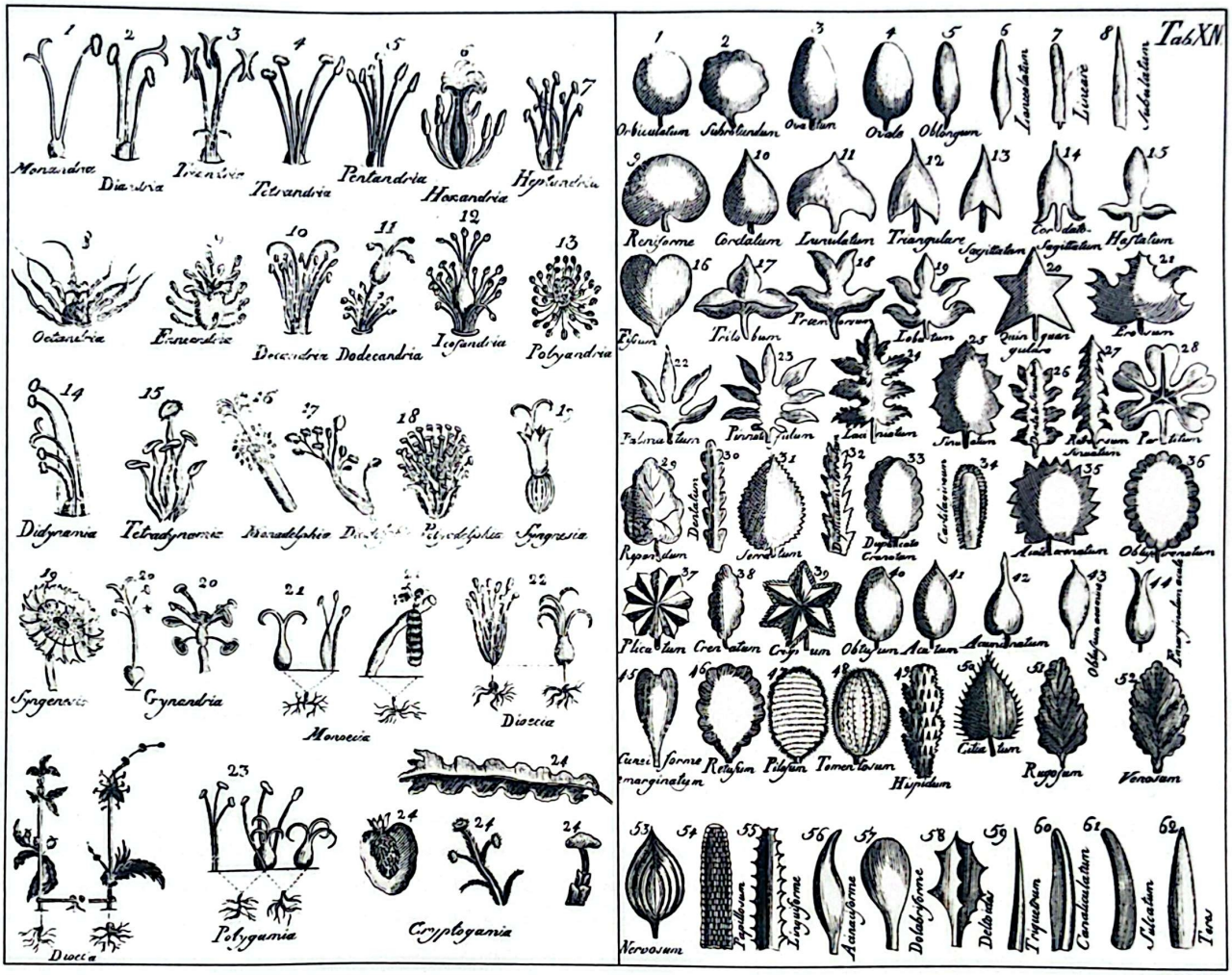
O que significava perceber a verdade da natureza na presença dos próprios seres e como eram estabelecidas diferenciações entre eles senão em função de um sistema convencionado comum a todos? Foucault, em sua magistral obra *As Palavras e as Coisas,* esclarece que "a formação do domínio empírico", inexistente até o século XVII, depende da construção de um sistema de signos e corresponde ao projeto de uma *mathesis* universal (ciência da medida e da ordem), realizado pela história natural. Entende que, no caso da história natural, não foi a experiência que empurrou o conhecimento, mas "o espaço aberto na representação a uma análise que se antecipa à possibilidade de nomear, o que traduzido em outras palavras quer dizer: 'a possibilidade de *ver* o que se poderá *dizer*' ". A história natural é para o autor um sistema de representação em que *ver* e *dizer* se comunicam (Foucault, 1966, p. 175).

A literatura sobre as espécies do reino da natureza, que tanto favorece o modo interpretativo da história natural do século XVI, seria a ulterior consideração desse novo modo de fazer história natural, que dá primazia à presença dos seres e ao olhar pousado sobre as coisas e não à interpretação dos registros. A palavra neutra que se alia ao olhar nomeia semelhanças e diferenças visíveis entre os seres, utiliza critérios empíricos de identificação para apontar o domínio das grandes famílias, os gêneros, e especificar suas individualidades. Desenhos e herbários deslocam-se, vindo possibilitar comparações, dão suporte às semelhanças encontradas entre os seres, oferecem provas. O quadro classificatório que recorta a natureza e constrói a ordem humana dos seres naturais é cumulativo, deixando espaço para que possam ser introduzidas espécies que vierem a ser descobertas. Foucault entende a história natural dos séculos XVII e XVIII como uma ciência da ordem, teoria dos signos como análise da representação, disposição em quadros ordenados das identidades e das diferenças.

Poucos estudiosos poderiam ter reconhecido a importância devida aos herbários, jardins botânicos, gabinetes e coleções de história natural, por meio dos quais as coisas da natureza foram alocadas lado a lado, e que também constituíram novos quadros de ordenação das espécies naturais (Foucault, 1966, p.176).

Os herbários de plantas secas, assim como o transplante das mudas para os jardins botânicos das grandes metrópoles, criam a oportunidade para que desenhos a partir do natural possam se feitos fora do lugar de origem. A conversão de espécimes dos herbários em desenho é também responsável por algumas tradições da grafia botânica. Vale lembrar desenhos botânicos em que o artista procura reproduzir uma planta, fiel à exigência primordial de manter sua justa medida, preferindo adequar o desenho à espécie natural. Em função das espécies se apresentarem frequentemente maiores que o campo do papel, o artista secciona o desenho cortando-o abruptamente nos limites do papel, como se pode observar em certas soluções de José Joaquim Freire. Indo mais além, constata-se que os herbários e jardins botânicos que reproduzem a natureza e a introduzem sob nova ordem, o fazem em duplo sentido: científico e político.

Digitalizado com CamScanner



154. Domenico Vandelli
As Classes das Plantas no Sistema Sexual de Linneo e Terminologia de Botânica
GRAVURA, 17,3 X 22,8 CM.
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE VANDELLI *DICCIONARIO DE TERMOS TECHNICOS DE HISTORIA NATURAL EXTRAHIDOS DAS OBRAS DE LINNÉO*... COIMBRA, REAL OFFICINA DA UNIVERSIDADE, 1788.
TAB. XIV
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA USP (COLEÇÃO YAN DE ALMEIDA PRADO), SÃO PAULO, BRASIL

Digitalizado com CamScanner

O Visível e a Ordem Oculta

Para que surgisse uma nova percepção da natureza seria necessário deixar de apreender os seres por suas configurações visíveis, seria necessário suspeitar das regras regulares que baseavam a história natural. Na concepção de Lineu, a natureza se repete continuamente e as espécies imutáveis se reproduzem mecanicamente, sempre as mesmas, no tempo e no espaço, imperando o princípio da reprodução contínua da semelhança, de um ser por outro semelhante.

O desenvolvimento da ciência taxonômica, ao longo do século XVIII, cria uma certa ordem no caos das formas *visíveis,* enquanto o estudo dos seres vivos, devido às contribuições trazidas pela fisiologia à história natural, persegue a suspeita da existência de uma *ordem oculta,* na profundidade desses seres vivos. Entretanto, como argumenta textualmente François Jacob em a *Lógica da Vida,* "a ordem visível e a ordem oculta ainda pertencem a domínios diferentes", não têm pontos de contato entre si, não se pode ainda alcançar uma nova síntese de oposições. Só no final do século e no século seguinte, quando a nova compreensão do *organismo* estiver aprofundada e vier atingir amplas dimensões, é que serão estabelecidas "as novas relações entre a superfície de um ser e a profundidade, entre o órgão e a função, entre o visível e o invisível" (Jacob, 1983, p. 78).

Como se pode notar, a síntese dos diversos enunciada por Jacob e visada pelo conhecimento científico repousa na noção de *organismo,* que é elaborada, passo a passo, pela obra dos biólogos iluministas franceses que examinam a obra de Lineu, preparando explicações biológicas. As respostas seriam dadas pelas partículas, segundo Maupertuis; pelos filamentos, segundo Diderot; pelas moléculas orgânicas, segundo o conde Buffon, cuja história natural conta com a inclusão dos fósseis, elementos que minam a ordem de Lineu, estando entre animais e cristalizações minerais, e que testemunham a extinção da vida animal, ao longo do tempo. Ainda mais, pela contribuição de Lamarck e, enfim, pela revolucionária teoria de Darwin sobre a evolução das espécies, que estabelece um ponto de inflexão na história da ciência.

A mudança de foco de observação dos elementos visíveis para o interior dos seres e para sua composição elementar acabaria por atribuir um novo sentido à *forma* dos seres, requalificando-a, definindo-a como derivada de um fundamento oculto — a *organização* — e regida pelo funcionamento do organismo.

Por outro lado, como aponta também Jacob, as exigências da fisiologia põem em curso análises comparativas entre elementos visíveis de seres de mesma espécie e de espécies diferentes, entre a forma superficial dos órgãos e sua função. Fomentam a comparação dos mesmos órgãos, em diferentes espécies, acabando por criar uma nova teia de relações, sempre com o objetivo de perscrutar a vida. Já não se trata mais de combinar as partes de um corpo distribuídas espacialmente, mas de investigar, "atrás da combinatória, a lógica do organismo" (Jacob, 1983, p. 87 e 92).

Em seu novo estatuto, a *forma* é manifestação do ser vivo, é devir, é *transformação*. Pode também expressar a articulação de todos os elementos do organismo, a totalidade a que corresponde o ser vivo, o *todo.* Os seres não são mais concebidos como corpos, que podem ser recortados do *continuum* do mundo e representados. Não encontram mais correspondência com o ente isolado no vazio da folha de papel, parte retirada da natureza, e, sim, com princípios pelos quais se manifesta a vida, inscrevendo-se numa cadeia de interdependências e múltiplas relações.

Nos marcos da história natural, o conhecimento organizado havia se reduzido à ordem visível, pela qual se constituía. Nos

Digitalizado com CamScanner

marcos da ciência da vida, surge um novo momento de unidade entre a especulação estética e a exploração científica, tendo seu fundamento na revalorização da natureza a partir de uma compreensão interativa e de sua permanente transformação. A relação estrutural existente entre o mundo da arte e da ciência acontece no século XVIII, em conexão com a dimensão existencial e autobiográfica.

Duas personalidades, que atuam nessa ampla urdidura, interessam aos nossos propósitos de exame das representações científicas. São Alexander von Humboldt (1769-1859) e Johann Wolfgang Goethe (1749-1832). Humboldt não aceita o recorte estabelecido no cenário natural, visto e pensado por um observador situado externamente a ele. Cria uma concepção paisagística da botânica. Goethe, que reconhece a relevância da contribuição de Lineu, critica a sistematicidade de sua obra classificatória, que achava equivocada por fixar a *forma* e abstraí-la do todo, por negar a dinâmica e transformação da vida; saúda a circunstância que o teria feito viver no tempo de Humboldt (Eckermann, s.d., p.123). Em ambos, o realce é dado à vida orgânica e aos aspectos dinâmicos e vitalistas da existência. Goethe e Humboldt especulam sobre o sentimento de conexão elementar do ser com o todo.

Não se pode omitir que a natureza readquire uma nova significação a partir de Jean-Jacques Rousseau, recuperando-se o sentido etmológico de *natura, nascere,* de volta à origem. Essa retomada do século XVIII, pela qual se procura recompor a unidade fundamental do homem no universo, não se manifesta somente no *Emílio,* de Rousseau, crescendo livre como a vegetação, mas nos argumentos do seu *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens.* Também acompanha esse filosofo, no fim da vida, em deambulações pelos arredores de Paris e pelo parque de Ermenonville, herborizando, sonhando acordado, quando escreve *Os Devaneios do Caminhante Solitário,* na primeira pessoa: "Eis-me, portanto, sozinho na terra..." (Rousseau, ©1986).

Goethe também escreve "que seus estudos botânicos, assim como todos seus outros estudos de ciência natural, serviram-lhe para revelar o próprio sentido interior, o próprio modo de ser", conforme relata Stefano Zecchi, organizador de recente edição de *La Metamorfose delle Piante e Altri Scritti Sulla Scienza della Natura* (Goethe, 1992, p. 9).

As obras de Humboldt e Goethe apresentam particular interesse para os historiadores da arte, à medida que eles constroem modelos gerais de conhecimento do universo, com especial atenção aos conteúdos de verdade, dados a observar no mundo visível ou passíveis de serem apreendidos por meio de representações visuais. As suas teorizações não só promovem o aprofundamento de possibilidades de conhecimento por meio de dados imediatos e visíveis. Constituem projetos de entrelaçar a arte ao conhecimento científico e, ao se difundir, contagiam viajantes que percorrem o Brasil.

Digitalizado com CamScanner

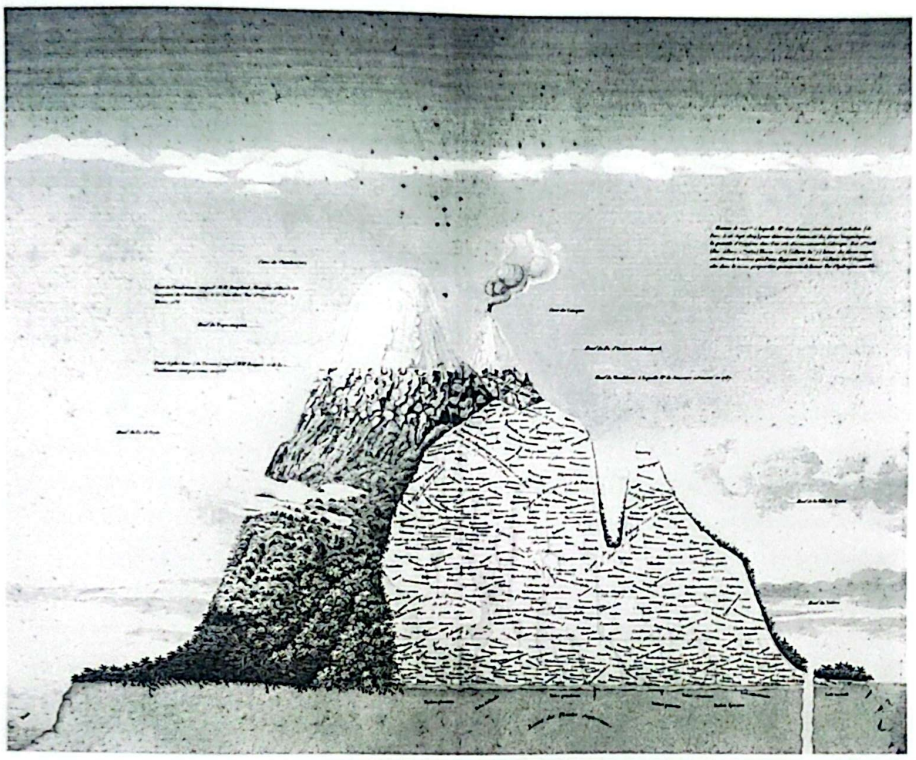
Humboldt e a Paisagem

Alexander von Humboldt é autor de uma obra sobre a América, que se constitui na suma do conhecimento científico da primeira metade do século, em que apresenta os resultados da expedição que realizou entre 1799 e 1804, com o companheiro Aimé Bonpland. Para empreender a viagem obtém a autorização do rei da Espanha e o financiamento de banqueiros desse país e da Alemanha, sendo impossibilitado pelos portugueses de percorrer o território brasileiro, uma vez que estes se encontravam em litígio territorial com espanhóis. A obra sobre os trópicos traduz o fôlego enciclopedista desse sábio humanista, que reunia o conhecimento das ciências naturais de sua época e, como arqueólogo e estudioso da Antiguidade clássica, perseguia uma grande civilização indígena no Novo Mundo, que fora anunciada nas narrativas sobre o Eldorado. Após a viagem aos trópicos, Humboldt se estabelece em Paris para estudar o material coletado e escreve em língua francesa a monumental obra *Voyage de Humboldt et Bonpland,* editada nessa cidade em 32 volumes, com seis partes, sendo que o primeiro, o famoso *Essai sur la Géographie des Plantes* (IL.155), é publicado em 1805 e o último, em 1834. Na primeira parte, expõe os resultados científicos em botânica, zoologia, geologia, astronomia, meteorologia e inclui dois atlas. Na segunda, apresenta um tratado sobre geografia e economia política do México e de Cuba. Na terceira parte, intitulada *Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent,* publicada entre 1814 e 1819, em três volumes, propõe o *Atlas Pittoresque. Vue des Cordillères et de Monuments des Peuples Indigenes de l'Amérique.* A obra impressiona seus contemporâneos pela extensão da coleta e dos domínios estudados, revelando a amplitude da rica natureza dos trópicos. Para isso contribui a apresentação da edição *princeps*, em grande tamanho, fartamente ilustrada por gravadores sob a orientação de Humboldt, tornando-se decisiva para o pensamento científico e servindo de modelo de procedimento para outros viajantes.

O mais eminente naturalista da época, mesmo não tendo entrado no Brasil, torna-se o grande difusor e incentivador de pesquisas sobre a América. Nesse momento, revela-se para a Europa o contraste dos dois continentes e se espera que os estudos comparados possam superar as *individualidades* estudadas e promover um amplo e total conhecimento do "organismo terrestre", para usar uma expressão a gosto do pensamento alemão. Humboldt, buscando compreender a *unidade* da natureza, indaga sobre a interação das forças naturais e sobre como o ambiente geográfico afeta a vida. Afirma que seu objetivo na América é recolher idéias e não coisas.

Dada a importância que o conhecimento da diversidade da natureza tropical apresenta para a ciência nesse momento, Humboldt estimula e acompanha pessoalmente outras iniciativas. Mantém-se em contato com um número muito significativo de viajantes que se dirigem ao Brasil, induzidos indiretamente por sua obra ou diretamente por suas gestões, como comprovam as suas relações com Friedrich Sellow (1789-1831); a viagem de Carl Ferdinand Appun (1820-1871); o prefácio da edição inglesa da obra do príncipe Adalbert da Prússia (1811-1873); as recomendações de viagem feitas a Hermann Burmeister; a proteção que ofereceu a Robert Avé Lallemand (1812-1884); a relação que mantém com o pioneiro da geologia no Brasil, Von Eschwege, e com o autor da grande obra sobre a flora brasileira que foi Karl von Martius; com o príncipe Maximilian von Wied-Neuwied; com Auguste de Saint-Hilaire; Robert Hermann Schomburgk; Louis Agassiz; Eduard Pöeppig; Charles Darwin; Karl von Steinen. Mesmo a distância, Humboldt parece ter-se mantido no centro dos mais relevantes acontecimentos da ciência sobre o Brasil, como permitem concluir

Digitalizado com CamScanner



155. Alexander von Humboldt
Naturgemälde der Tropenländer
GRAVURA EM COBRE, 37 X 84 CM
ILUSTRAÇÃO DA OBRA DE HUMBOLDT *VOYAGE AUX RÉGIONS ÉQUINOXIALES DU NOUVEAU CONTINENT. ESSAI SUR LA GÉOGRAPHIE DES PLANTES. ACCOMPAGNÉ D'UN TABLEAU PHISIQUE DES RÉGIONS ÉQUINOXIALES.* PARIS, LEVRAULT, SCHOELL ET COMPAGNIE, XIII-1805
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO, BRASIL

A região do Chimborazo e a do Cotopaxi, nos Andes, são apresentadas em corte, comprovando que as encostas dessas regiões climáticas estão sobrepostas e estendem-se do Equador ao pólo. Incluem-se na imagem os grupos de plantas mais importantes das regiões e os fatores de influência da vida na Terra, segundo a concepção de Humboldt.

as informações oferecidas no artigo de Helmut Andra sobre as relações que Humboldt manteve com nosso país. O texto traz ainda evidências do reconhecimento de Humboldt a aquele que considerava o criador da arte de representação da fisionomia da natureza: Johan Moritz Rugendas, de quem incluiria um conjunto de desenhos brasileiros na reedição de sua *Géographie des Plantes*. Como se poderá perceber, sua ação de incentivo das artes visuais não foi menor que sua presença nos acontecimentos científicos, já que Humboldt desejava que a ciência contasse com a intuição dos artistas para apreender a paisagem dos trópicos (Andra, 1964, p. 68-74).

A atualização científica da obra de Humboldt, sob os vários domínios do conhecimento — do estudo da força vital, aos estudos das formações andinas e dos monumentos da civilização indígena; o conhecimento formado pela anatomia comparada, pela física geral e pela geologia, incluindo observações astronômicas e ensaio sobre economia política —, estabelece o marco da geografia científica, a geobotânica, cujas bases são lançadas no ensaio sobre a geografia das plantas.

Em 1808, Humboldt publica *Ansichten der Natur*, contendo um discurso sobre a fisionomia das plantas, no qual apresenta sua concepção paisagística. Acredita que a formação das plantas é comum a todas as regiões e que elas apresentam a mesma estrutura por toda parte, mas pondera que, apesar da semelhança de formas e iguais contornos, mostram um caráter completamente distinto quando tomadas em conjunto. Pretende apontar as descrições individuais e as descrições gerais, que revelam a *fisionomia da natureza*, ou o caráter da vegetação pertencente a cada região da Terra. Associa o caráter das diversas regiões à História do homem, que considera dependente da aparência

Digitalizado com CamScanner

exterior, do contorno dos montes, da fisionomia das plantas e dos animais, do azul do céu, da forma das nuvens, da transparência da atmosfera. Em sua visão paisagística, tudo concorre para a impressão geral, mas são os vegetais a causa determinante dessa impressão (Humboldt, 1950, livro IV, p. 275, 284-286). O caráter próprio da vegetação de um país seria dado pelos tipos individuais, pela distribuição e pelo agrupamento. Humboldt recomenda aos cientistas que não se deixem guiar pelos órgãos visíveis da reprodução, nem pelos invólucros florais ou frutos, mas pelos "traços que sobressaem e determinam a impressão geral produzida pelas grandes massas de vegetais". Pretende, assim, reunir o que a botânica havia dividido.

Também propõe o discurso na primeira pessoa, considerando que o observador experimenta, vive e sente a natureza, para percebê-la. Vale a pena conhecer textualmente a frase que abre a *Fisionomia das Plantas*. Humboldt refere-se à fisionomia geral da natureza, antes de constituí-la em vários grupos. Diz assim: "Quando o homem interroga a natureza com sua penetrante curiosidade, ou mede na imaginação os vastos espaços da criação orgânica, a mais poderosa e mais profunda de quantas emoções experimenta é o sentimento de plenitude da vida espalhada universalmente". O sábio entende que o observador deve ser capaz de "*abraçar* a natureza em um só olhar", sem recortá-la ou fragmentá-la, e que o ser que indaga também participa da natureza, "*respira* a vida espalhada por toda atmosfera" (Humboldt, 1950, p. 275 e 283).

No pensamento de Humboldt, a idéia de que a vida está difundida no meio tem por correlato "o homem submerso na atmosfera", e a inteligência que imagina o mundo equivale "ao mundo vegetal que atua sobre a imaginação humana". A visão panorâmica de Humboldt não exclui o invisível, o infinitamente pequeno, "maravilhas que só poderiam ser vistas pelo microscópio", nem "a vida que preenche os espaços ocultos da criação".

Humboldt distribui as espécies no espaço e as situa no tempo, argumentando terem as espécies vegetais fundado a existência do reino animal. Discorre em linguagem humanista sobre a natureza submetida à ação do clima, evocando "o tapete estendido por Flora sobre o corpo desnudo da terra, tecido com desigualdade manifesta, mais denso nos sítios onde mais alto se levanta o sol num céu sem nuvens". Como um pintor, vê "os claros junto aos pólos" e "a variedade das formas, a graça dos contornos e da combinação de cores" aumentando quanto mais se esteja próximo dos trópicos. Entusiasmado com essa paisagem, Humboldt estimula a saída dos cientistas do continente europeu para estudarem "as flores que entrelaçam as árvores, a exuberância da vegetação dos trópicos, a confusão das plantas trepadoras", fora das estufas e das descrições botânicas. Desafia os artistas: "Como seria interessante e instrutiva para o pintor de paisagem uma obra que apresentasse à vista os dezesseis grupos de formas vegetais enumerados, e os desenhasse isolados primeiro e reunidos depois!" (Humboldt, 1950, p. 297).

Desobre-se que aceitam o seu desafio personalidades de formação completa, como Rugendas, Thomas Ender, o cientista-desenhista Von Martius, além de figuras do círculo francês como o conde de Clarac, e outros tantos viajantes que percorrem a América, sem entrar no Brasil, como é o caso de Ferdinand Bellermann.
O alcance de sua visão conjugada da ciência e da arte é muito mais amplo. O interesse pela paisagem dos trópicos chama a atenção de Humboldt para a pintura de Frans Post, que considerava seu iniciador. Reconhece também a obra de Albert Eckhout, até então mergulhada em esquecimento, quando a observa no Nationalmuseet, de Copenhague. Por recomendação de Humboldt, que esteve identificado com as aspirações da revolução francesa, o marquês de Marialva contrata Joaquim Le Breton para orientar a Missão Francesa ao Brasil. Ele também obtém apoio junto ao rei da Prússia para a vinda de Hildebrandt ao Brasil, já na metade do século XIX.

Desde o estudo sobre a fisionomia das plantas, em que menciona o sentido inquiridor do ser diante do universo, Humboldt afirma a primazia da paisagem. A grandeza da paisagem percebida pelo homem o levaria a se reconhecer como um ser mínimo e experimentar uma comoção diante do universo, identificando sua condição de ser no mundo, que participa e conhece as forças da natureza. No sentido da paisagem expresso pela pintura, Humboldt encontra a finalidade mais elevada das artes interpretativas, que menciona até a sua última obra, *Kosmos*, escrita entre 1845 e 1848. Trata-se inequivocamente de uma das manifestações do sentimento do *sublime*, assumido a partir dos pensadores do Setecentos, que fugiam à indiferença diante do objeto e afirmavam o sentimento, as reações de prazer e dor.

Digitalizado com CamScanner

Goethe e a Metamorfose

Simetricamente, Goethe, outro grande humanista do século XVIII, especula sobre a vida, por meio da ciência. Dedica-se à observação do processo de crescimento das plantas e à transformação de suas partes externas, que vê assumir mais ou menos a forma das partes contíguas. Considera a formação e transformação da natureza orgânica: a formação das folhas, a passagem às flores, a formação do cálice, da corola e dos estames. Sugere um modelo da essência orgânica, baseado na diversidade das formas da natureza e no seu desenvolvimento.

Goethe critica a sistematicidade de Lineu, afirmando que a "natureza não tem um sistema, a natureza tem vida". Em sua teoria geral da natureza, a vida é entendida como "um suceder de um centro desconhecido para um confim não conhecido" (Goethe, 1992, p. 44). Goethe observa o ser vivo enquanto tal, isto é, a natureza do ponto de vista de sua *força vital,* de sua força vegetativa. Fascinado pelos fenômenos da formação e da metamorfose dos seres orgânicos, atenta para a *mobilidade* e se manifesta contrário à rigidez dos recortes dos três reinos defendidos por Lineu. Quer abraçar a atividade vital infinitamente livre, em um só reino.

Goethe indaga sobre a possibilidade de observação do ser vivo, enquanto tal. Propõe que seja vista a relação entre as partes externas, visíveis e tangíveis, e consideradas índice de seu interior, acreditando na possibilidade de a *visão intuitiva* dominar o *todo* (Goethe, 1992, p. 43).

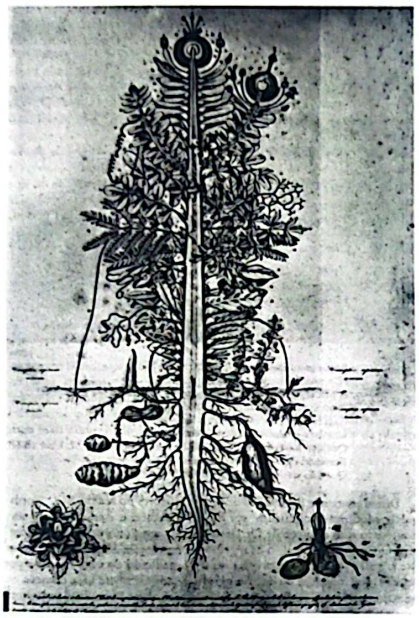
A morfologia de Goethe é proposta como doutrina para os propósitos de estudo do conjunto orgânico, que o cientista procura "reconstruir, harmonicamente, com a faculdade do espírito" (Goethe, 1992, p.103). Trata-se de uma ciência auxiliar da fisiologia, fundada sobre a história natural, anatomia e zootomia, e deve conter a teoria da forma, a formação e transformação dos corpos orgânicos. Tem o objetivo de "entender a razão da multiplicidade de formas dos organismos, ou seja, buscar um princípio geral simples, na multiplicidade das manifestações particulares, do esplêndido jardim do mundo", como dizia o próprio Goethe.

O estudo das afinidades secretas entre as partes externas das plantas, que se desenvolvem sucessivamente, o processo pelo qual um órgão se modifica na variedade que apresenta aos nossos olhos é intitulado *metamorfose das plantas* (Goethe, 1992, p. 55). A metamorfose é a base da fisiologia de Goethe; tem na *forma* a lei interna da natureza e no *hábito,* a lei das circunstâncias externas ambientais que modificam a natureza.

A compreensão de Goethe sobre a forma supera a concepção de forma clássica, que tinha por paradigma a perfeição dos corpos geométricos, as figuras regulares e proporcionais, que encontramos também no sistema de Lineu. Merece ser examinada mais de perto. Dizia Goethe que "para indicar o complexo da existência de um ser, a língua alemã serve-se da palavra *gestalt,* forma; termo no qual se abstrai o que é móvel, e se retém estabelecido, concluído e fixado nos seus caracteres o todo orgânico, um todo único. Ora, se examinarmos as formas existentes, mas de modo particular as orgânicas, damos conta de que nessas não existe nada de imóvel, de fixo, de concluso, mas cada coisa ondula em um movimento contínuo. Razão pela qual a língua alemã serve-se oportunamente da palavra *bildung,* formação, para indicar seja o que já se produziu, seja o que está sendo produzido". E conclui que, em morfologia, não se deveria falar de forma, pois "o já formado se transforma". Assim compreendido, um ser vivo, mesmo individual, não é único, é plural, é uma entidade múltipla (Goethe, 1992, p. 43).

Nessas condições, o conhecimento do ser vivo oscilaria entre a apreensão do estado completo ou incompleto das plantas e dos animais, entre as possibilidades de apreensão da mobilidade vital ou da paralisação e rigidez da vida. Logo se

Digitalizado com CamScanner



156. Anônimo
O Desenvolvimento Evolutivo das Plantas
GRAVURA REPRODUZIDA NO LIVRO DE KENNETH CLARK *CIVILIZAÇÃO*. SÃO PAULO, MARTINS FONTES / UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, S.D. (CAP. 11, P. 297). A PARTIR DE ORIGINAL EM OBRA DE GOETHE NÃO IDENTIFICADA.

poderá adivinhar que o *ser completo* é para Goethe o conhecimento do *todo*. Trata-se de negar a informação oticamente recebida a partir da individualidade de um organismo, em nome de uma unidade de composição orgânica, que permita pressentir e intuir o singular no todo. Goethe parte portanto da idéia de natureza, do conceito, ao qual a experiência deverá estar subordinada.

O poeta encontra na dimensão *sublime* a mais nobre expressão que pode tocar o espírito humano. Refere-se ao *sublime* como "a compreensão de um nó interno, do que não pode ser conhecido com um só olhar, do que não pode ser encontrado pelo sentido, nem medido". O sublime é a dimensão pela qual um ser participa do infinito. O naturalista entende que as coisas existentes contêm em si mesmas as suas relações e que a impressão que as coisas nos dão, sejam tomadas individualmente, sejam em relação com as outras, só pode ser considerada verdadeira quando resulta de seu completo ser (Goethe, 1992, p. 124).

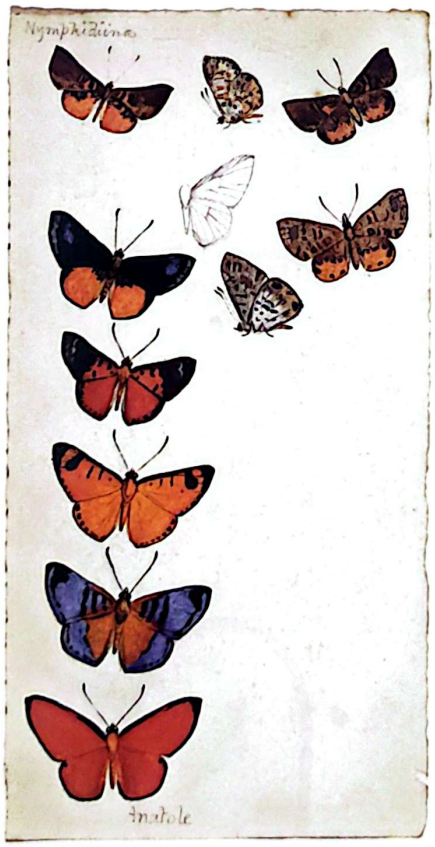
Goethe e Humboldt estão em condições de favorecer o entendimento de que sob a vaga noção de *sublime* aflora pela dimensão existencial uma nova sensibilidade do mundo e da natureza humana. Ao mesmo tempo em que se investigava o universo, sondavam-se as qualidades do homem — sentimentos, sensações, impulsos e reações —, revelavam-se dimensões psicológicas e físicas, que ganham grande evidência através da literatura romântica. O homem podia realizar a fisiologia do mundo, mas estaria preso na cadeia do universo. Nem tudo pode ser entendido como ampliação dos domínios humanos. Os limites da natureza humana seriam dados pela compreensão fisiológica de seus órgãos, entre eles o olho, e pelo reconhecimento dos condicionantes anatômicos de seu corpo.

Enquanto os iluministas franceses preparam explicações biológicas, que formulam nos termos das partículas em movimento, dos filamentos, da descontinuidade da história natural, chegando perto da teoria da evolução de Charles Darwin, a experiência estética vai ganhando contornos próprios, e a prática artística, confiante nas possibilidades que o artista encontra em seus próprios sentimentos, tira proveito da visão subjetiva.

Digitalizado com CamScanner

Analogias entre Dessemelhanças

Darwin, Wallace e a Teoria da Evolução



157. Henry Walter Bates
Butterflies
PÁGINA DO CADERNO DE NOTAS DE BATES, REALIZADO DURANTE SUA VIAGEM AO AMAZONAS, 1845-1848
DESENHO A LÁPIS E AQUARELA SOBRE PAPEL
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

Mais uma hipótese de trabalho pode ser apontada nos termos da teoria da evolução das espécies, antes de passarmos a examinar o acervo visual propriamente dito, pelo qual se dá a elaboração científica, que tem por objeto o estudo da vida no Brasil.

Os registros zoológicos deixados por dois viajantes ingleses, Henri Walter Bates e Alfred Russel Wallace, se inscrevem no âmbito do debate sobre a teoria da evolução das espécies. Bates, ao estudar o que afeta a variedade de borboletas, que coleciona no Amazonas, onde vive durante onze anos, indaga sobre as modificações em sua herança biológica, quando se alteram as condições da vida local. Wallace, enquanto registra os peixes do Rio Negro, nota a biovariedade das famílias e espécies existentes na Amazônia, onde permanece quatro anos.

Ricardo Ferreira, em seu livro sobre Bates, Darwin e Wallace, reúne argumentos sobre essa questão. Conta que "Charles Darwin havia se impressionado, durante a viagem de circunavegação do *Beagle* (1832-1836), com os fatos que tinha observado sobre a distribuição geográfica e geológica dos seres vivos, convenceu-se, em 1837, da realidade da evolução e começou a colecionar dados para comprovar as suas idéias". Em comentários sobre a distribuição dos seres que habitam a América do Sul, Darwin já esboça uma compreensão que aponta para seu texto revolucionário *On the Origin of Species by Means of Natural Selection*. Entretanto, a formulação acabada de seu pensamento só seria apresentada na Linnean Society, em 1858, na mesma sessão em que Wallace expunha *On the Tendency of Species to Form Varieties to Depart Indefinitely from Their Original Type*.
É fato conhecido ter Darwin se apressado em divulgar seu trabalho sobre a origem das espécies para não se atrasar com relação às conclusões de Wallace, que já havia anteriormente publicado hipóteses a propósito da lei que regula o aparecimento de novas espécies, em 1855 (Ferreira, ©1990, p. 13).

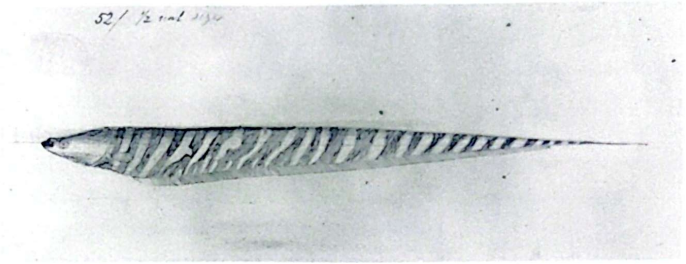
Quando o trabalho de Bates, que traduz a sua perspectiva evolucionista do mimetismo, é apresentado na Linnean Society, em 1861, intitulado *Contribution to an Insect Fauna of the Amazon Valley Lepidoptera Heliconiidae*, Darwin o considera a maior evidência da evolução das espécies por seleção natural. A obra reitera a teoria da evolução e merece o elogio de Darwin.

Em torno de 1845, os naturalistas ingleses, Bates e Wallace podiam ser encontrados caçando borboletas em volta de Leicester e trocando cartas sobre o assunto de comum interesse. Tomam a decisão de viajar para a Amazônia, com a finalidade de estudar a origem das espécies e fazer uma coleção. Wallace gostaria que Bates lhe ajudasse a escolher uma família de borboletas que facultasse o maior número possível de espécies (Ferreira, ©1990, p. 22 e 23). Poucas regiões poderiam oferecer a riqueza de vida que pensam encontrar Amazônia. Imaginam tratar-se de situação ideal para o estudo da evolução.
O próprio Wallace comenta anos depois, em trabalho sobre a variedade das espécies escrito em 1853, após sua volta do Brasil, que "há motivos para acreditar que as margens do baixo Amazonas estão entre as regiões mais recentemente formadas da América do Sul, podendo concluir com segurança que os insetos, que são peculiares a essa região, estão entre as espécies mais recentes, as últimas de uma longa série de modificações por que passam as reformas da vida animal" (Ferreira, ©1990, p. 28 e 29).

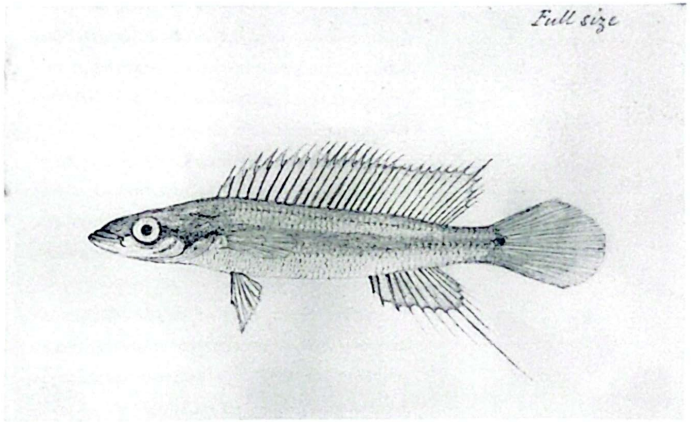
Nos arredores de Belém, os naturalistas permanecem juntos por quase um ano, reunindo coleções. Separados, Wallace sobe o Rio Negro e Bates explora o Amazonas e o Solimões, encontrando em Ega mais de 550 novas espécies de borboletas e reunindo uma coleção de insetos de variedade jamais vista na Europa. O perfil de

Digitalizado com CamScanner

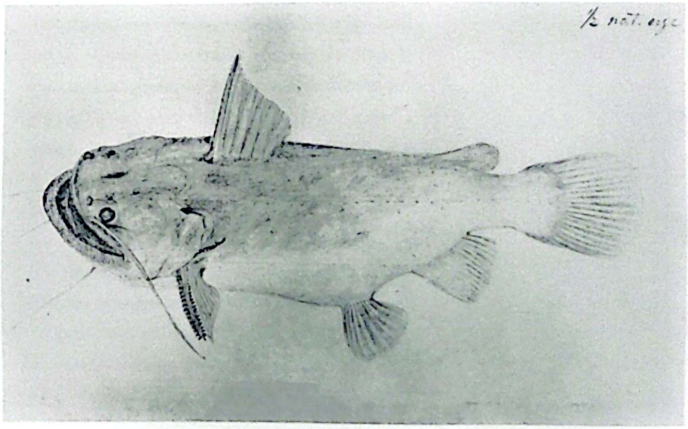
158. Alfred Russel Wallace
Sternopygus
LÁPIS SOBRE PAPEL, 10 X 16 CM.
VOLUME ENCADERNADO DE WALLACE *DRAWINGS OF FISHES OF RIO NEGRO, 1850-1852*, VOL. III, P. 50
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



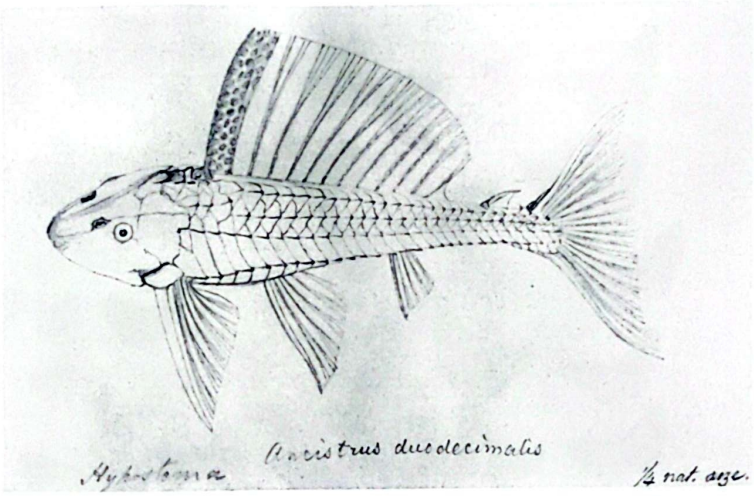
159. Alfred Russel Wallace
Crenicichla Wallacei Rgn
LÁPIS SOBRE PAPEL, 10 X 16 CM.
VOLUME ENCADERNADO DE WALLACE *DRAWINGS OF FISHES OF RIO NEGRO, 1850-1852*, VOL. I, P. 45A
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



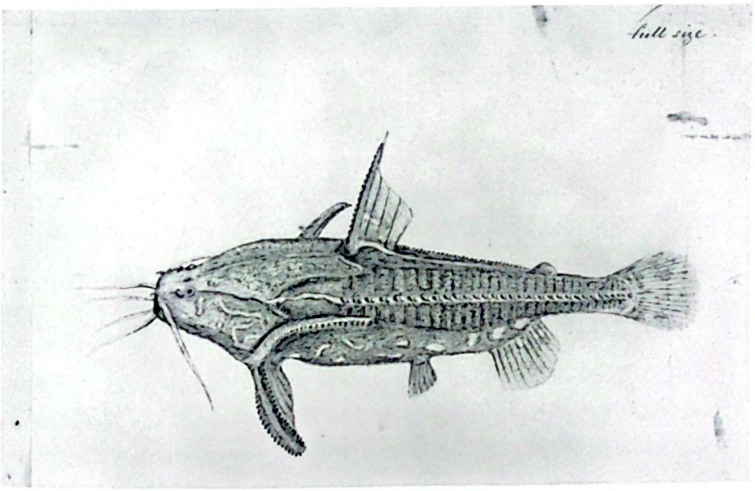
160. Alfred Russel Wallace
Asterophysus batrachus Knu
LÁPIS SOBRE PAPEL, 10 X 16 CM.
VOLUME ENCADERNADO DE WALLACE *DRAWINGS OF FISHES OF RIO NEGRO, 1850-1852*, VOL. IV, P. 19
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



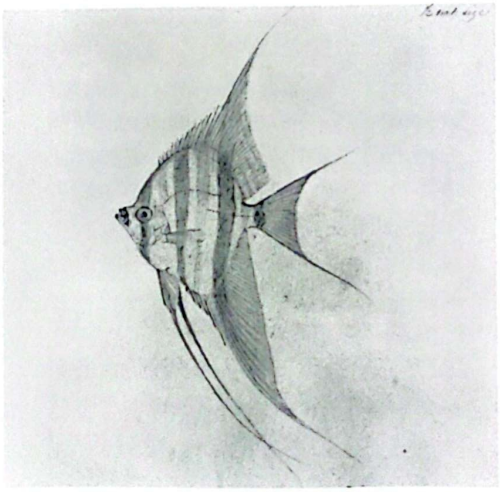
Digitalizado com CamScanner



161. Alfred Russel Wallace
Ancistrus gibbiceps Kn.
LÁPIS SOBRE PAPEL, 10 X 16 CM
VOLUME ENCADERNADO DE WALLACE *DRAWINGS OF FISHES OF RIO NEGRO, 1850-1852*, VOL. IV, P. 53
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



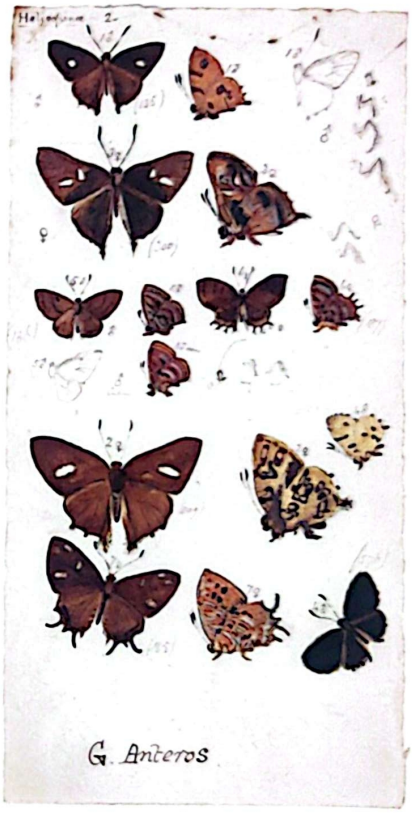
162. Alfred Russel Wallace
Doras cataphractus L.
LÁPIS SOBRE PAPEL, 10 X 16 CM
VOLUME ENCADERNADO DE WALLACE *DRAWINGS OF FISHES OF RIO NEGRO, 1850-1852*, VOL. IV, P. 23
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



163. Alfred Russel Wallace
The Butterfly Fish (O Peixe-Borboleta)
LÁPIS SOBRE PAPEL, 10 X 16 CM
VOLUME ENCADERNADO DE WALLACE *DRAWINGS OF FISHES OF RIO NEGRO, 1850-1852*, VOL. I, P. 38
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

Digitalizado com CamScanner

164.165.166. Henry Walter Bates
Butterflies
OBRAS DO CADERNO DE NOTAS DE BATES, REALIZADO DURANTE SUA VIAGEM AO AMAZONAS, 1845-1848
DESENHOS A LÁPIS E AQUARELA SOBRE PAPEL
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



Bates é o do colecionador e taxonomista. Há, entretanto, interpretações divergentes sobre o fato de serem coletores e capturarem insetos, pássaros, peixes para venda na Inglaterra. Uns ressaltam o fato de terem sido pessoas de recursos e não terem contado com nenhum patrocínio, ao contrário da sorte dos equipados cientistas que vinham ao Brasil, tendo sido obrigados a custear as suas despesas com a venda de duplicatas de espécies em Londres. Outros colocam sob suspeita as contínuas remessas de espécies à Inglaterra, tomando-os por mercenários (Bates, 1863).

Na nossa perspectiva, a variedade de peixes do Rio Negro (IL. 158 a 163) e as anotações sobre borboletas da Amazônia demonstram as possibilidades e validade da dimensão visível, como domínio do saber, para o desenvolvimento da ciência da vida, durante as especulações do século XIX, numa época em que já não se acredita mais na permanência das estruturas visíveis por filiação, nem tampouco que os seres produzem seres semelhantes.

Vale a pena examinar esse discurso sobre a semelhança e dessemelhança, quando os naturalistas procuram os princípios que relacionam as mudanças de forma e circunstâncias locais. Eles ainda praticam a coleta e têm necessidade da observação direta do ser em seu habitat. Utilizam o desenho, enquanto instrumento de observação e registro, dependem de exames morfológicos para construir hipóteses sobre a sucessão das espécies. Perguntam sobre semelhanças entre diferentes espécies que habitam uma mesma região e sobre dessemelhanças entre exemplares de mesma

Digitalizado com CamScanner

espécie que habitam diferentes regiões, tendo por pressuposto a continuidade/descontinuidade das espécies. Não se trata somente da metamorfose do casulo em borboleta, mas da comparação entre o osso maxilar do macaco e o do homem, como, aliás, já fazia Goethe.

Na Amazônia, Bates concentra-se no gênero das heliconiídeas, buscando conectar unidades da série que observava, como transparece em seus cadernos de campo (IL. 157, 164 a 166), que estão hoje guardados no The Natural History Museum, em Londres. Um estudo cuidadoso desses cadernos poderia evidenciar a percepção de Bates e a ordem pela qual procurava descrever os insetos. Os cadernos aguardam um melhor exame.

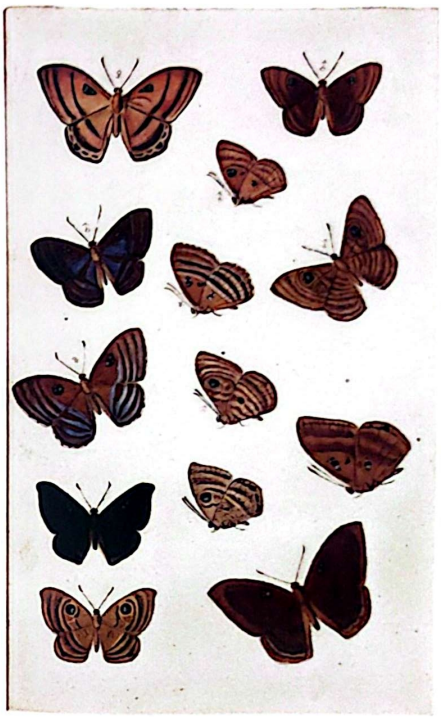
Bates explica que "dedicou especial atenção às borboletas, porque achava que elas se prestavam, mais do que qualquer outro grupo do reino animal ou vegetal, ao estudo das modificações que todas as espécies sofrem quando se alteram as condições de vida locais". Menciona a facilidade de obtê-las, de colocá-las lado a lado, de estudar essas formas simples, cujas modificações se mostram em sinais visíveis, que afetam a estrutura, a forma e a cor das suas asas. E completa, dizendo que "nas asas, entendidas pelos anatomistas como membranas hipertrofiadas, a natureza escreve, como se fosse numa lousa, a história das mutações da espécie, tal a precisão com que ficam registradas nelas as mudanças. Além do mais, uma mesma combinação de cores nas asas geralmente indica, com bastante regularidade, o grau de consangüinidade das espécies". As leis de mutação que ele procura evidenciar nas borboletas são, no seu entender, aplicáveis a todo o mundo orgânico (apud Ferreira, ©1990, p. 30).

A *mimicry (mimecria),* conceituada por Bates, é a semelhança protetora, observada em animais de diferentes gêneros e famílias. Ele nota que borboletas de gêneros e famílias diferentes podem apresentar asas com desenhos semelhantes. Verifica que as coloridas borboletas *Heliconidae* desprendem um cheiro repugnante, que as faz serem rejeitadas por pássaros insetívoros e que outras borboletas assemelhadas e inodoras, da família *Pieridae,* são confundidas com as primeiras, sendo protegidas dos predadores (Ferreira, ©1990, p. 73; Neiva, 1989, p. 31).

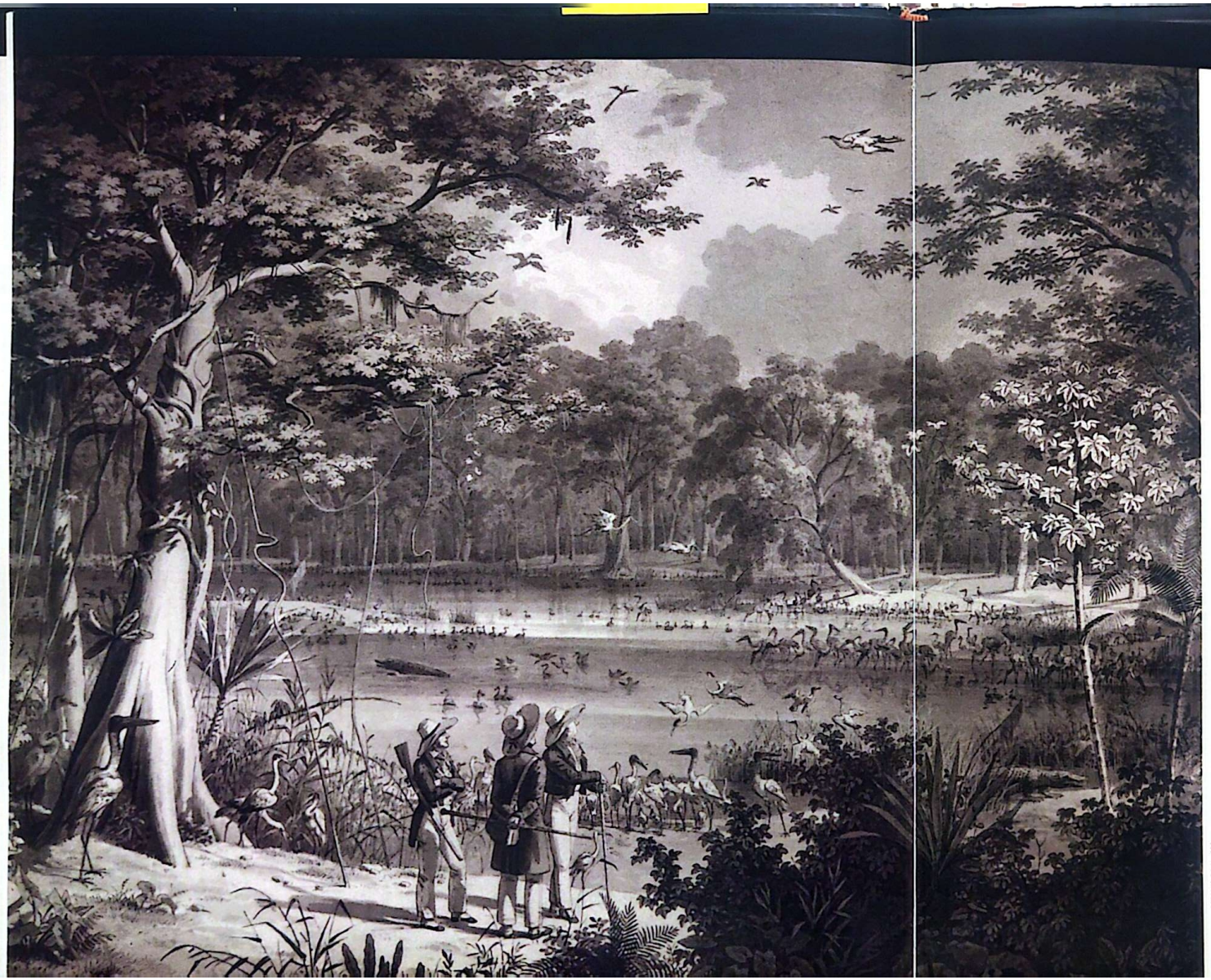
Antes de encerrar esta primeira parte, cabe ainda uma palavra sobre os limites do presente estudo. Tudo leva a crer que a partir da metade do século XIX, o desenho já não desempenhe o mesmo papel alcançado junto à ciência na primeira metade do século. O infinitamente pequeno e o infinitamente grande, o inaparente, o dessemelhante fogem da escala do olho humano e a existência já não é mais apreendida por seu intermédio. Em vez da educação do olhar para o mundo, impõe-se um olhar interior ou a necessidade de um olho equipado.

Ao lado das funções assumidas pelo olho, que tem a tarefa de configurar e identificar o mundo, o uso de aparelhos havia constituído também padrões de verdade visual tidos como objetivos, desde a câmara clara até a câmara escura, que ganharam grande difusão a partir da fotografia. Logicamente, essa é uma outra história que fica para uma outra vez.

Entretanto convém não esquecer que as transformações da experiência ótica, da experiência artística e da prática científica acabariam conduzindo a um outro momento. A partir da cisão costumeiramente marcada na história da arte pelo *romantismo,* ao artista seria consentido sentir e ao cientista seria lícito conhecer, de modo que ele passaria a se aliar cada vez mais ao que entendia ser um padrão objetivo de visão, substituindo a companhia do artista pela máquina fotográfica, assim como a experiência direta do olhar pela experiência mediada pela fotografia, que toma proeminência sobre o desenho.



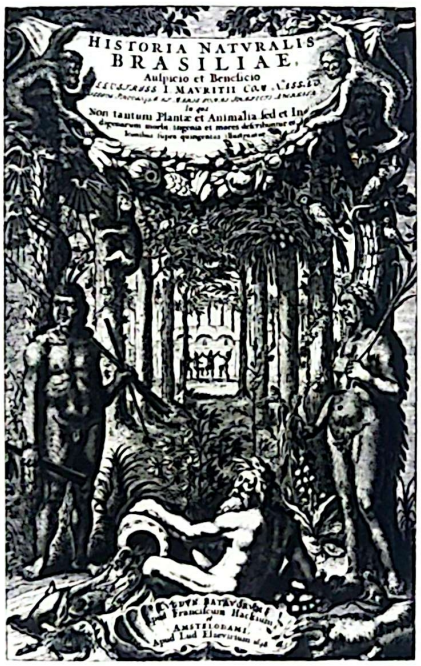
Digitalizado com CamScanner



Expedições pelo Brasil

Digitalizado com CamScanner

Iconografia Colonial
A *Historiæ Rerum Naturalium Brasiliæ*



167. Anônimo
FRONTISPÍCIO DO LIVRO DE WILLEM PISO E GEORG MARGGRAF *HISTORIA NATURALIS BRASILIAE*. BATAVORUM, APUD FRANCISCUM HACKIUM, ET AMSTELODAMI, APUD LUD. ELZEVIRIUM, 1648.
GRAVURA, 38 X 25 CM.
COLEÇÃO JOSÉ MINDLIN, SÃO PAULO, BRASIL

A Historia Naturalis Brasiliae, editada por Laet, reúne os primeiros relatos de pesquisas científicas realizadas sobre a história natural, geografia, meteorologia e etnologia do Brasil. Tornou-se o principal modelo de história natural até o início do século XIX, quando surgem os trabalhos de Maximiliano Wied-Neuwied, Spix e Martius, entre outros

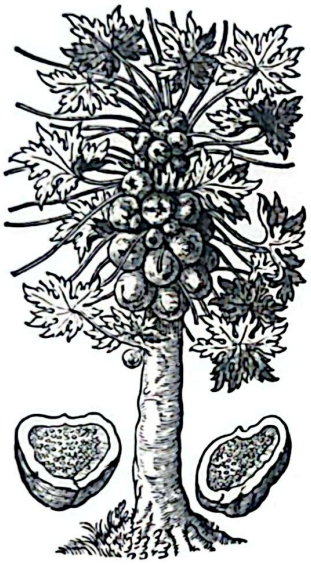
A experiência dos artistas holandeses, já mencionada no volume anterior, fixa um momento peculiar do conhecimento da natureza americana. A obra da comitiva dos sábios e artistas que vem ao Brasil durante o governo de Nassau destaca-se pelo caráter pioneiro e pela abrangência das observações dos astrônomos, naturalistas e cartógrafos. Georg Marggraf (1610-1644) ocupa um papel central nos acontecimentos. Estabelecido no Brasil de 1638 até 1644, participa de viagens ao longo da costa e ao Rio São Francisco, reunindo uma coleção de plantas e animais, e elaborando registros topográficos e etnográficos. Trabalha no primeiro observatório do Novo Mundo, que Johan Maurits instala em uma das torres do Palácio Friburgo, na Ilha de Antonio Vaz, de onde é observado o eclipse solar de 1640. Falece antes de retornar à Europa, em Angola, para onde viajara com vistas a novas observações, desaparecendo antes de concluir a promissora obra.

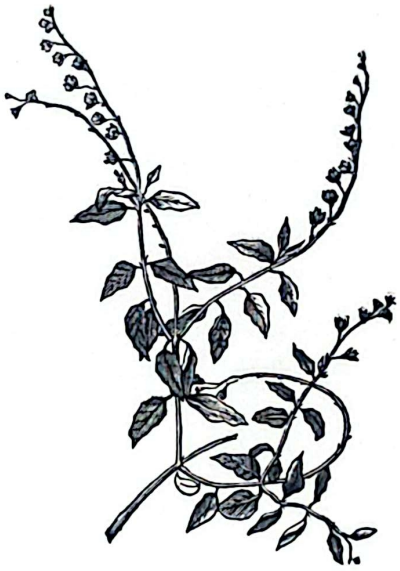
Espécimes coletados, desenhos e registros de seu punho são levados para a Holanda, por Nassau. As notícias dão conta de que as incursões dos holandeses pelo sertão brasileiro originam uma vasta coleção de espécimes, formando no Brasil um museu de história natural, um jardim botânico e zoológico, mantido junto aos palácios de Nassau. Essa coleção é considerada a mais opulenta a chegar à Europa naquela época. O *Herbarium Vivum Brasiliense*, coletado por Marggraf, dos mais antigos herbários do Novo Mundo conhecidos pela ciência, encontra-se desde 1653 em Copenhague, sendo uma parte significativa do legado em espécimes de Marggraf disperso em várias coleções. Os espécimes brasileiros são estudados por Maule, Dárdano, Knud e Troels (1986). Em 1648, outro sábio holandês, Johannes de Laet, publica a *Historia Naturalis Brasiliae*, após decifrar a linguagem codificada dos manuscritos de Marggraf, identificar espécies botânicas dos herbários e enriquecer o texto com observações e comentários. A obra compreendeu a *Historiae Rerum Naturalium Brasiliae*, de autoria de Marggraf, formada de oito livros, em que os três primeiros tratam das plantas, o quarto dos peixes, o quinto das aves, o sexto dos quadrúpedes e serpentes, o sétimo dos insetos e o oitavo da região e seus habitantes, com apêndice sobre tapuias e chilenos. A esses livros somam-se as quatro partes da *De Medicinae Brasiliensis*, de Willem Piso.

O sábio Laet é o responsável pelo preparo das xilogravuras — duas centenas, para falar só da contribuição botânica — que acompanham o texto. Supõe-se que a grande maioria tenha sido baseada em desenhos tomados de plantas vivas, feitos no Brasil, como acusa o manuscrito, que contém um pequeno número de ilustrações. É o que se pode deduzir de figuras como o *Mamoeiro Macho* (IL.168). Não há dúvida de que uma grande parcela das ilustrações procede da observação dos espécimes secos colados sobre papel, que formam o herbário de Marggraf, sabendo-se que Laet encomenda esse preparo de figuras a partir do herbário. A *Historia Naturalis Brasiliae* mostra um resultado figurativo de qualidade desigual. A recente descoberta do *Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae* (IL.171 a 181), dentre os volumes pertencentes à biblioteca Jaggiellonska, da Cracóvia, leva à suposição de que parte significativa dos mais de 400 desenhos, que servem para as gravuras preparadas por Laet, pudesse ser de autoria de Eckhout.

Se alguns desenhos pretendem figurar diretamente a estrutura dos seres, por meio da distribuição das partes do vegetal, outros simplesmente redobram a natureza, como sombras. São imagens imediatas, feitas a partir do *Herbarium*, de galhos secos curvados, de folhas desdobradas e compostas sob a superfície plana

Digitalizado com CamScanner





168. Georg Marggraf
Mamaoeira
XILOGRAVURA QUE ILUSTRA O LIVRO DE PISO E MARGGRAF *HISTORIA NATURALIS BRASILIAE*, NO LIVRO III DA *HISTORIAE RERUM NATURALIUM BRASILIAE*, CAP. VI, P. 103
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

169. Georg Marggraf
Arbusto (Galphimia brasiliensis)
XILOGRAVURA QUE ILUSTRA O LIVRO DE PISO E MARGGRAF *HISTORIA NATURALIS BRASILIAE*, NO LIVRO II DA *HISTORIAE RERUM NATURALIUM BRASILIAE*, CAP. IV, P. 79
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

O desenho do Arbusto *(Galphimia brasiliensis) corresponde à prancha 20 do herbário de Georg Marggraf,* Herbarium Vivum Brasiliense, *com o título de* Herba Fruticescens.

do papel, resultantes da redução bidimensional da conformação física da própria planta, imediatamente transposta, e não da concepção abstrata da representação bidimensional pelo desenho. É o que faz supor, por exemplo, a ilustração da *Galphimia brasiliensis* (IL.169), espécie que Lineu irá posteriormente descrever, citando Marggraf, ainda que sob um novo nome. O The Natural History Museum, em Londres, conserva ainda alguns desenhos originais que serviram de base às ilustrações para o livro de Marggraf, e algumas provas das gravuras encomendadas por Laet. Nestas, nota-se que o desenhista, perdendo as referências de que eram galhos cortados de árvore, passou a tratá-los como se fossem as árvores mesmas, como se pode observar na planta de nome indígena *Mureci* (IL.170), descrita por Marggraf.

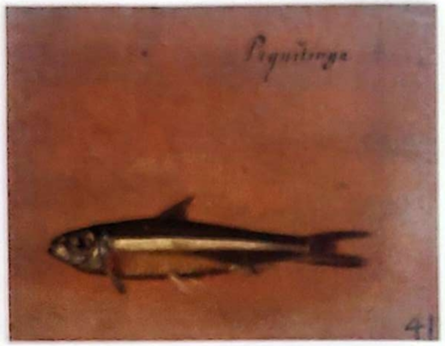
A herança holandesa marca os mais relevantes estudos subseqüentes. Não só a *História Natural* de autoria de Marggraf, publicada por Laet em 1648, torna-se referência primordial sobre o Brasil, ao ser utilizada por Lineu, no *Systema Naturae*, publicado em 1758. Humboldt interessa-se pela obra de Eckhout, que observa no museu

170. George Marggraf
Mureci
XILOGRAVURA QUE ILUSTRA O LIVRO DE PISO E MARGGRAF *HISTORIA NATURALIS BRASILIAE*, NO LIVRO III DA *HISTORIAE RERUM NATURALIUM BRASILIAE*, CAP. X, P. 118
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

A espécie é desenhada por Laet em seu manuscrito botânico De Plantis Brasiliensis

de Copenhague. Em 1845, escreve em *Kosmos* um artigo sobre a pintura de paisagem no estudo da natureza, retirando Eckhout do esquecimento total em que se encontrava.

Digitalizado com CamScanner



[illegible] Albert Eckhout

[illegible]

A [illegible] Historia Naturalis Brasiliae, de Piso e Marggraf [illegible]

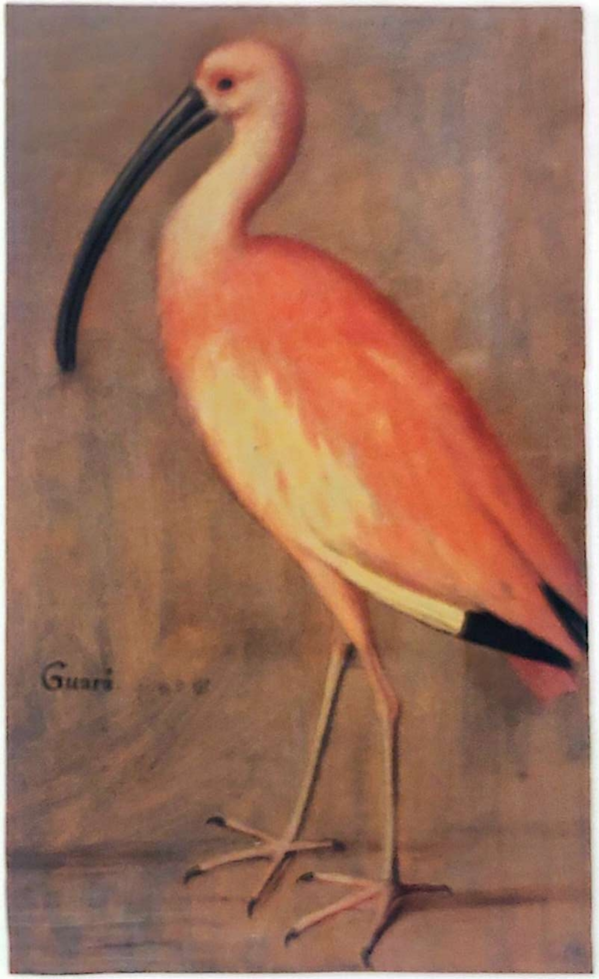
[illegible] Albert Eckhout

[illegible]

A [illegible] Historia Naturalis Brasiliae, de Piso e Marggraf [illegible]

173. Albert Eckhout

[illegible]



174. Albert Eckhout

[illegible]

A figura do guará aparece também na Historia Naturalis Brasiliae, de Piso e Marggraf, [illegible]

175. Albert Eckhout

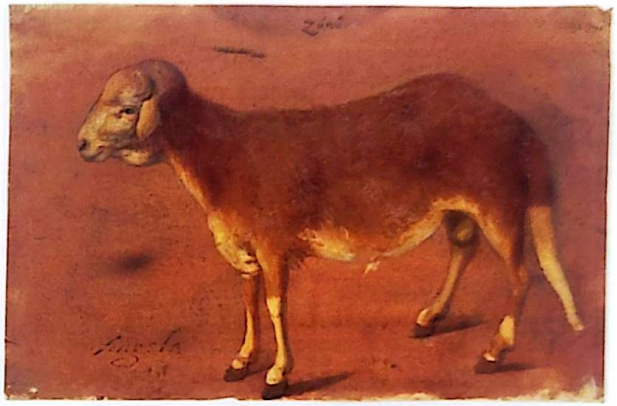
[illegible]

A [illegible] *aparece também na Historia Naturalis Brasiliae, de Piso e Marggraf*, [illegible]

176. Albert Eckhout
Tapirirete (Tapir)
OLEO SOBRE PAPEL, 25 X 21,5 CM
OBRA DO THEATRUM RERUM NATURALIUM BRASILIAE, ICONES
ANIMALIUM, LIBRI PICTURAS, ASA, FÓLIO 195, 1662
BIBLIOTEKA JAGIELLOŃSKA, CRACÓVIA, POLÓNIA

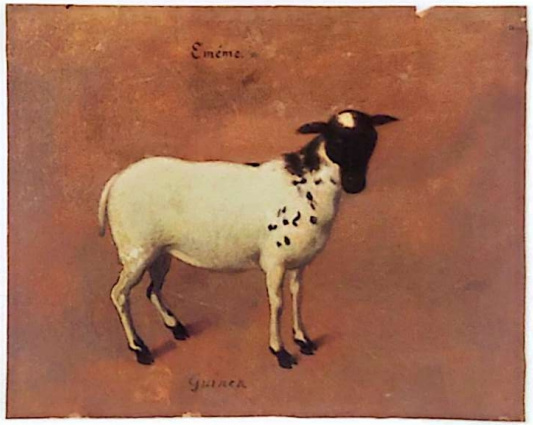
A figura do tapir aparece também na Historia Naturalis Brasiliae, *de Piso e Marggraf, livro VI, cap. VI*

177. Albert Eckhout
Nigrita (Negrinha)
OLEO SOBRE PAPEL, 80 X 51 CM
OBRA DO THEATRUM RERUM NATURALIUM BRASILIAE, ICONES
ANIMALIUM, LIBRI PICTURAS, ASA, FÓLIO 9, 1662
BIBLIOTEKA JAGIELLOŃSKA, CRACÓVIA, POLÓNIA



178. 179. Albert Eckhout
Zunu Schaap / Emene Schaap (Bode e Cabra)
OLEO SOBRE PAPEL, 19 X 25 X 10 X 25,5 CM
OBRAS DO THEATRUM RERUM NATURALIUM BRASILIAE, ICONES
ANIMALIUM, LIBRI PICTURAS, ASA, FÓLIO 147 E 1876, 1662
BIBLIOTEKA JAGIELLOŃSKA, CRACÓVIA, POLÓNIA

As figuras aparecem também na Historia Naturalis, *de Piso e Marggraf, livro V, cap. VIII*



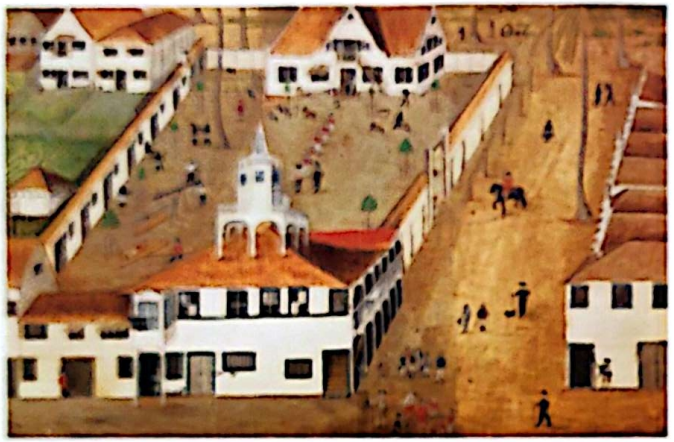
Digitalizado com CamScanner

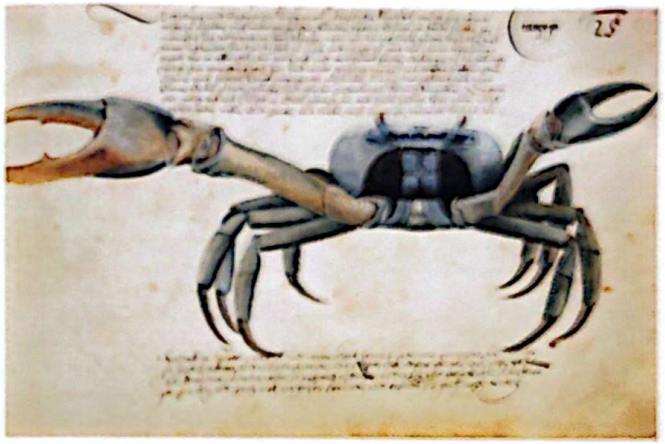
180. Albert Eckhout

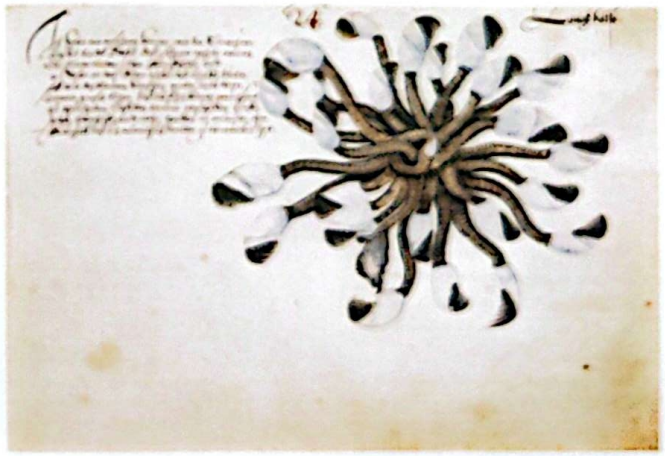
181. Albert Eckhout

Granadilloppel. Romeira (Punica granatum) (Romã)

Digitalizado com CamScanner







Digitalizado com CamScanner

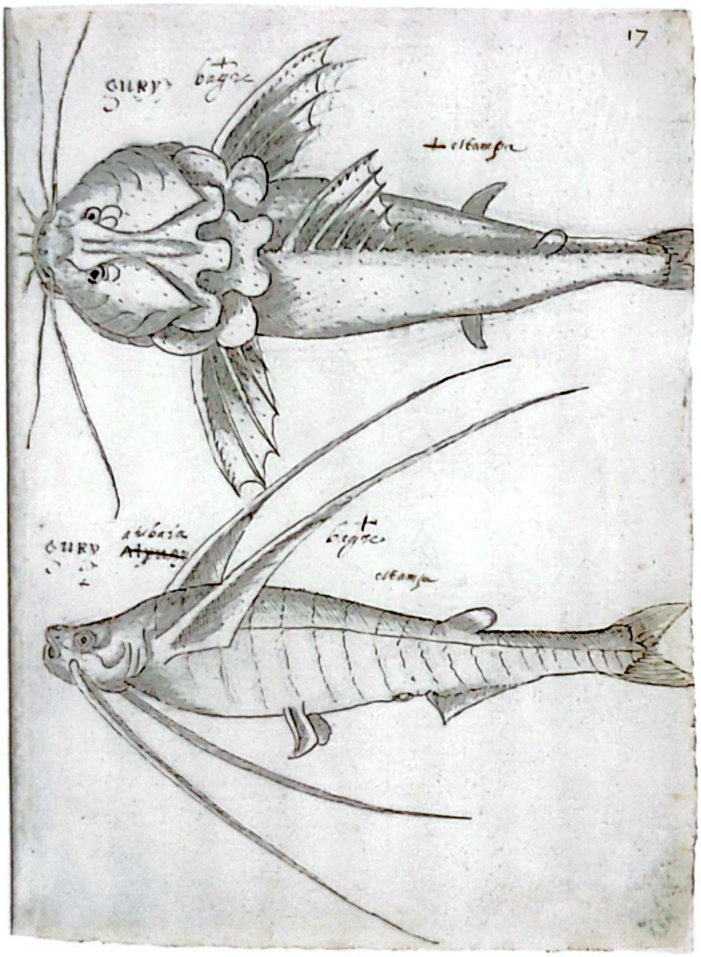
Frei Christovão de Lisboa

Outra obra do século XVII que merece consideração é a singular contribuição iconográfica de um padre franciscano: *Historia dos Animaes e Arvores do Maranhão. Pelo Muito Reverendo Padre Fr. Christovão de Lisboa, Calificador do Santo Officio e Fundador da Custodia do Maranhão da Recolecção de Santo Antonio de Lisboa*. O códice manuscrito é datado entre 1625 e 1631, contém 164 folhas numeradas e preenchidas com desenhos feitos a lápis e cobertos a tinta e uma relação das espécies desenhadas. Está encadernado e conservado na Biblioteca do Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, tendo permanecido inédito por três séculos.

Sabe-se que o frei Christovão de Lisboa (1583-1652) vem ao Brasil em missão religiosa e política encomendada pelo rei Felipe II. Desembarca em Pernambuco em 1624, dirigindo-se para o Ceará e chegando ao Maranhão recém-conquistado. Participa da expedição de Francisco Coelho de Carvalho e Manoel Souza de Eça, tendo por função eliminar vestígios da dominação francesa na região. Realiza três expedições ao Ceará, entre 1625 e 1630, retornando a Lisboa em 1635. O religioso era formado em Letras Humanas e Filosofia na Universidade de Évora, tendo completado seus estudos de artes e teologia no Convento de Santo Antonio da Província de Piedade. Nada assegura que seja sua a autoria dos desenhos dos animais e plantas do Maranhão. É possível que ele os tenha reunido.

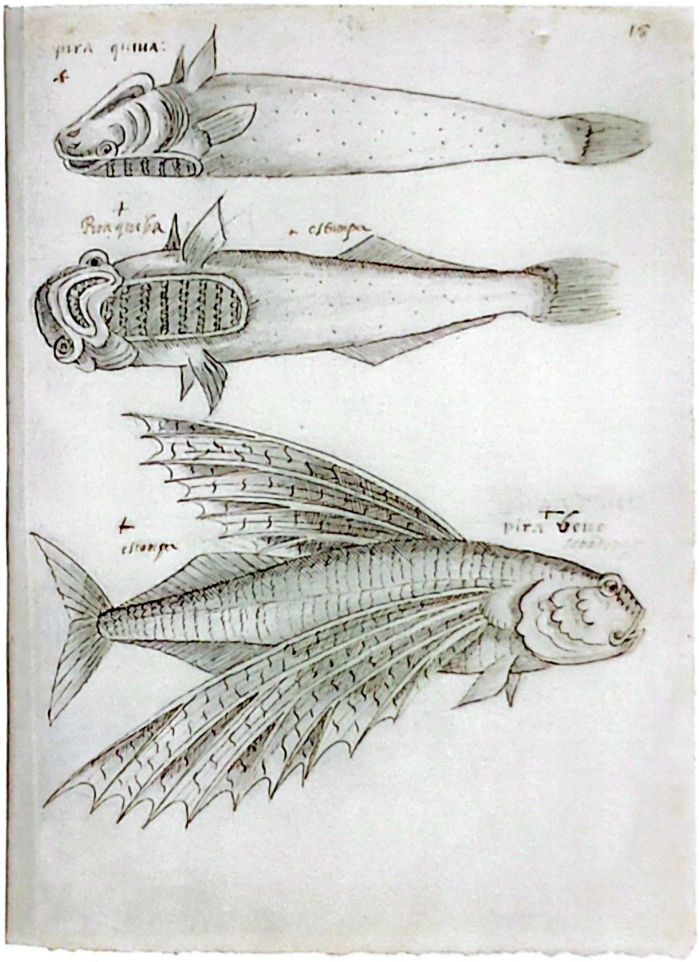
O interesse desse manuscrito pré-científico com registros observados do natural reside no pioneirismo da informação portuguesa, na abrangência do inventário, que soma 116 peixes (número maior do que o divulgado pela obra holandesa), 67 aves e mais outros 21 animais, acompanhados de 55 plantas, que são comparadas àquelas espécies inventariadas por Marggraf somente em 1967. A identificação das espécies, feita na designação utilizada pelos índios nativos, grafada pelos portugueses, é acompanhada por um pequeno texto descritivo de aspectos da observação do cientista. É preciso assinalar, por um lado, a visão antropocêntrica que preside o recorte da natureza útil ao homem e, por outro, a observação das características dos animais e das plantas, que está na origem das figuras e dos textos. Esse aspecto indica que o autor não desconhece as recomendações de Aristóteles e caminha na direção da ciência moderna, abandonando a literatura sobre os animais para confiar em dados da observação, como as formas e as cores, e em dados matemáticos, como as medidas, e, de um certo modo, voltando-se para as características estruturais próprias ao objeto observado. A apreensão dos caracteres físicos dos animais e das plantas coincide com a qualidade gráfica e ornamental do risco que delineia, preenche e reveste as figuras, ao modo como simultaneamente são dispostas sobre o papel. É de admirar que o manuscrito estivesse fadado a passar incógnito mais de três séculos, só vindo a ser divulgado em 1967.

Digitalizado com CamScanner



186. Frei Christovão de Lisboa
Guori / Guoriatiuai (Bagres)
DESENHO A PENA E LÁPIS. 30 X 22 CM
DO MANUSCRITO DE FREI CHRISTOVÃO DE LISBOA *HISTORIA DOS ANIMAES E ARVORES DO MARANHÃO*. LISBOA. 1624. FÓLIO 17
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. LISBOA. PORTUGAL

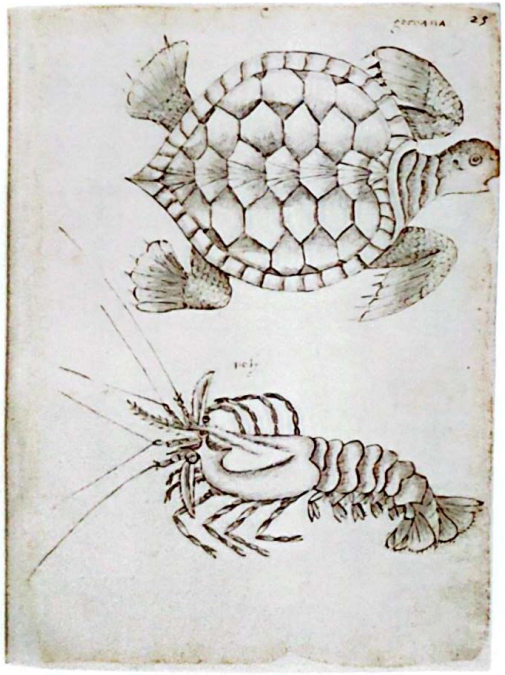
"*Guori é o bagre, dos quais há de quatro ou cinco castas (...) e há alguns de quatro ou cinco palmos e há de amarelo que parecem cor de ouro na água, e outros que tiram de preto e são mais pequenos (...) e é bom de comer (...) Guoriatiuai é o bagre barbado, de um palmo e meio os maiores, da cor azul escuro e pela barriga tira de branco (...)*"



187. Frei Christovão de Lisboa
Piraciva / Pirabebe (Piraquinas)
DESENHO A PENA E LÁPIS. 30 X 22 CM
DO MANUSCRITO DE FREI CHRISTOVÃO DE LISBOA *HISTORIA DOS ANIMAES E ARVORES DO MARANHÃO*. LISBOA. 1624. FÓLIO 18
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. LISBOA. PORTUGAL

"*Piraciva quer dizer o piolho do peixe e é da compridão de dois palmos de comprido e é da cor de pardo-escuro, e se apega em riba dos outros peixes, digo, se apega em riba dos cações (...) e é bom de comer. Pirabebe é o avoador e tamanha como uma grande sardinha; este pobre tem guerra na água e fora de água e cuida de escapar do mar com cações e bonitos albacoras e dourados, se mete a voar fora de água cuidando de escapar, vem as fragatas e outros pássaros e o tomam de pegar (...)*"

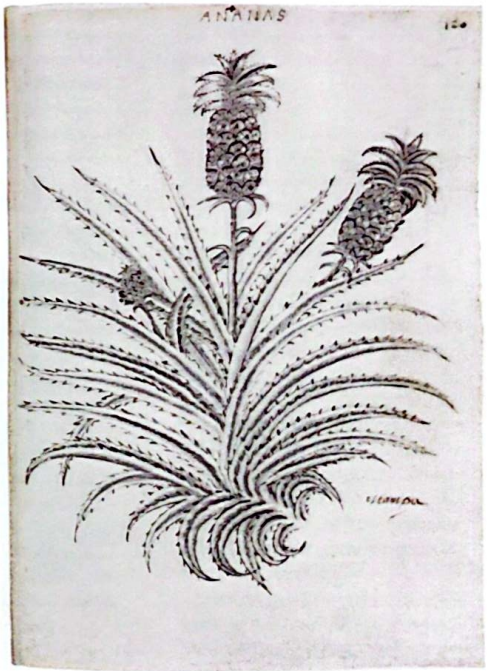
Digitalizado com CamScanner



188. Frei Christovão de Lisboa
Goroana/Poty
DESENHO A PENA E LÁPIS. 30 X 22 CM
DO MANUSCRITO DE FREI CHRISTOVÃO DE LISBOA *HISTORIA DOS ANIMAES E ARVORES DO MARANHÃO*. LISBOA, 1624. FÓLIO 25
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. LISBOA, PORTUGAL

189. Frei Christovão de Lisboa
Synimbu (*Camaleão*) / *Tjuasu*
DESENHO A PENA E LÁPIS. 30 X 22 CM
DO MANUSCRITO DE FREI CHRISTOVÃO DE LISBOA *HISTORIA DOS ANIMAES E ARVORES DO MARANHÃO*. LISBOA, 1624. FÓLIO 72
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. LISBOA, PORTUGAL

190. Frei Christovão de Lisboa
Mandioqua
DESENHO DE PENA E LÁPIS. 30 X 22 CM
DO MANUSCRITO DE FREI CHRISTOVÃO DE LISBOA *HISTORIA DOS ANIMAES E ARVORES DO MARANHÃO*. LISBOA, 1624. FÓLIO 110
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. LISBOA, PORTUGAL



191. Frei Christovão de Lisboa
Ananas
DESENHO DE PENA E LÁPIS. 30 X 22 CM
DO MANUSCRITO DE FREI CHRISTOVÃO DE LISBOA *HISTORIA DOS ANIMAES E ARVORES DO MARANHÃO*. LISBOA, 1624. FÓLIO 120
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. LISBOA, PORTUGAL

Digitalizado com CamScanner

Os Limites dos Registros Portugueses

A *História Natural* de Marggraf, publicada por Laet em 1648, torna-se referência primordial sobre o Brasil ao ser utilizada por Carl von Linné. Como é sabido, os modos de desvendamento da flora, da fauna e do habitante do Brasil pelos portugueses, nos séculos XVI e XVII, não conheceram repercussão científica internacional, cabendo algumas palavras sobre as circunstâncias da ciência naquele país (Vanzolini, 1990, p. 159).

Carlos Almaça destaca a relevância que apresentam para o estudo dos animais as descrições naturalistas dos padres da Companhia de Jesus José de Anchieta, Fernão Cardim e Gaspar Afonso. Reconhece do mesmo modo a contribuição de Gabriel Soares de Souza, que foi colono na Bahia, e de Pedro Magalhães Gandavo. Encontra nos seus textos seiscentistas indagações sobre a natureza e descrições literais de espécies tropicais. Chama, no entanto, a atenção para o fato de que as cartas que José de Anchieta escreve em 1560 só são publicadas em 1799, na língua universal que era o latim, sob o título de *Epistola quam Plurimarum Rerum Naturalium quae S. Vicenti (nunc S. Paulo) Provinciam, Incolunt Sistens Descriptionem*. Quase um século depois aparecem em português. Também a obra de Fernão Cardim (1549-1625), que esteve no Brasil na segunda metade do século XVI, intitulada *Do Clima e Terra do Brasil e de Algumas Coisas Notáveis que Se Acham Assim na Terra Como no Mar*, só é publicada em São Paulo em 1939. O mesmo ocorre com *Relação de Viagem*, do padre Gaspar Afonso (1548 c.-1618). A obra de Gabriel Soares de Sousa (1540 c.-1591) é divulgada no século XIX, sendo a edição completa intitulada *Notícia do Brasil, Descrição Verdadeira da Costa Daquele Estado, que Pertence à Coroa do Reino de Portugal, Sítio da Baía de Todos os Santos*, datada de 1825 (Almaça, 1991a).

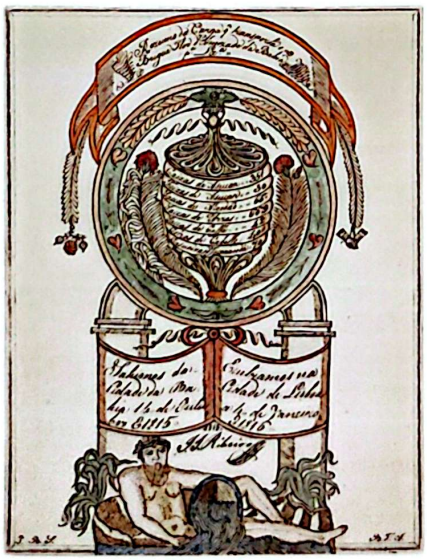
Somente a *Historia da Província de Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos Brasil*, de autoria de Magalhães Gandavo, é lançada naquele século, em 1576, em Lisboa. Entretanto, a considerar pelo insólito das imagens que serão geradas pelos relatos desse livro e irão figurar em edições populares, a descrição de um certo animal desconhecido, o monstro marinho chamado Ipupiara, aparecido na Praia de São Vicente, revela uma sensibilidade fantasiosa, que está mais próxima de promover um bestiário do que propiciar o conhecimento científico da natureza dos animais.

O esquecimento de trabalhos portugueses, que poderiam ter servido ao desenvolvimento da história natural, deveu-se, como reconhece Almaça, ao sigilo com o qual os lusos envolviam as informações relativas aos recursos naturais do Brasil, à ausência de um ambiente cultural capaz de assegurar a formação regular, contínua de naturalistas e articular promissoramente as iniciativas de conhecimento da terra ainda inexplorada (Almaça, 1991a, p. 60-62).

A compreensão adequada do teor prático e utilitário das atividades dos portugueses no Brasil pode facilitar o entendimento de que estavam mais próximos da história natural praticada na Idade Média, e que a exploração dos recursos naturais desconhecidos foi pragmaticamente pautada pela política de expansão, pelos interesses comerciais e pelo lucro. Contudo, se a experiência portuguesa se dissipou, não participando da formação de uma ciência, que haveria de contar com alianças internacionais, há de se admitir um *elo português* nos acontecimentos para que se possa encontrar o nexo explicativo de certos fatos históricos. É o que se conclui ao verificar a obra *Exoticorum*, de Carolus Clusius (1526-1609), tido como pai da botânica, que nunca saiu da Europa e era professor na Universidade de Leiden. Clusius descreve o jenipapo, o mamoeiro, o caju, vários tipos de feijão e de mandioca, além de animais brasileiros como papagaios, macacos, serpentes, aranhas, beija-flores e bichos preguiças, antes mesmo dos levantamentos botânicos e zoológicos de Piso e Marggraf. Comunicava-se com mercadores de espécies e, consideradas as hipóteses aventadas no texto de Almaça, o naturalista teria beneficiado-se não só da publicação da obra de Garcia de Orta, como também de espécies colhidas pelos portugueses, que eram exportadas para os centros europeus, entre eles, Amsterdã (Almaça, 1991a, p. 58). Lembro ainda que, entre as fontes de Marggraf, está Clusius e que, entre os volumes dos *Libri Picturati* conservados na Cracóvia, ao lado daqueles advindos dos domínios holandeses no Brasil, estão alguns originais atribuídos a Clusius, sobre os quais, aliás, ainda não foram dados maiores esclarecimentos.

Digitalizado com CamScanner

A Paisagem de Expansão e Defesa da Colônia



192. J.J. Ribeiro
Resumo da Carga que Transporta o Brique-Flor d'Amizade da Bahia para S.xa., Bahia, 1815
AQUARELA. 24 X 15,7 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. LISBOA, PORTUGAL

Durante o período colonial, Portugal e Espanha estão atentos à forma que devem assumir os seus domínios na América do Sul. Na ótica desses países, prevalecem interesses geopolíticos sobre quaisquer outros, como se pode depreender do teor da maior parte dos documentos iconográficos existentes, pelos quais os países soberanos constroem referências territoriais e prevêem as circunstâncias de defesa de suas possessões. As características dos desenhos de demarcação e defesa, o modo pelo qual se fazem perfilar as paisagens da costa marítima e se encomendam plantas das cidades brasileiras, não deixam dúvida e inscrevem notadamente a iconografia do século XVIII no ciclo dos engenheiros militares.

O tema foge aos propósitos do presente trabalho e bem mereceria um estudo à parte. Até o último quartel do século XVIII, Portugal se ocupa da geografia do Brasil, mantém os portos do país fechados às nações estrangeiras e exerce controle sobre a entrada dos próprios portugueses, que precisam de autorização para ter acesso ao país. Só a partir da Viagem Philosophica, de Alexandre Rodrigues Ferreira, que se desenvolve de 1783 a 1793, podemos falar de uma primeira missão científica, devidamente organizada por Portugal para o conhecimento exaustivo das riquezas da nação brasileira.

A abertura de um novo ciclo decorre da iniciativa da coroa portuguesa, que constitui um círculo de competência para o conhecimento botânico, zoológico, geográfico e para uma nova abordagem do homem natural do Brasil, de sua organização e de suas práticas, assunto que será devidamente examinado adiante. Por hora, não se pode excluir alguma menção, ainda que a título de exemplo, àquela iconografia deixada pelos portugueses, em etapa anterior à geração dos projetos científicos, que reúnem lusos e brasileiros.

Parte significativa do desenho manipulado pelos portugueses, durante o período colonial, é obra cartográfica referente à demarcação e ocupação da paisagem, controlada através das conquistas progressivas do território e da definição das fronteiras portuguesas ou através da ocupação militar da costa, para defesa do país ameaçado pelas invasões de corsários. O desenho instrumental e técnico quase não deixa fluir o imaginário, é finalista, serve ao domínio territorial e à construção da vida real.
Os melhores exemplos que podem ser lembrados são os mapas da lavra do geógrafo português Diogo Homem, que explorou a capitania do Maranhão, no século XVI, e as cartas e plantas de punho do padre jesuíta, astrônomo e geógrafo Diogo Soares, que participou da famosa e pioneira Expedição Geográfica dos Padres Matemáticos, ao lado de Domingos Capacy, entre 1730 e 1748, com o propósito de estabelecer os limites territoriais na América. Evoco, ainda, o risco de Antonio Giuseppe Landi, italiano de Bologna, contratado por dom João V, que vem ao Pará, em 1753, como desenhista da comissão de demarcação dos confins da América e se torna arquiteto régio, em Belém (Tavarez, 1965, p. 110).

Pela ação precisa dos "padres matemáticos", a coroa portuguesa fazia-se informada a respeito dos limites que deveria negociar com a coroa espanhola, adquirindo uma condição mais segura e vantajosa para a realização dos tratados de Madri e Santo Ildefonso.

Um conjunto de cartografias de Diogo Soares (IL.193 a 198), pertencente ao Arquivo Histórico Ultramarino, ainda que incompleto, oferece uma amostra da primorosa grafia do padre jesuíta, dimensionada no interior de um quadro métrico e orientada pela rosa-dos-ventos. Dalton Sala chamou a atenção para o filactério, ao estilo de uma cartela sacra, que aparece em cada uma das cartas, com variação no coroamento, vendo nele a

Digitalizado com CamScanner

marca distintiva dos desenhos de Diogo Soares. Essas marcas podem ser também encontradas junto aos riscos das plantas das fortalezas, para a defesa da Baía do Rio de Janeiro, consideradas pelo estudioso como de autoria do padre (Sala, 1993).

Dos desenhos de fortificações feitos em 1730, apresentam-se no presente livro as ilustrações *Forte de Villeganhon* (IL.197) e *Forte de S. Diogo* (IL.198), pertencentes ao Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, que inclui ainda plantas da *Fortaleza da Lage; Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição; Fortaleza de Terra no Morro de São João;* e *Fortaleza de São Sebastião.* Poucas obras poderiam ser mais fiéis aos desígnios da mentalidade portuguesa daquele século do que as cartas e os riscos de fortificações.

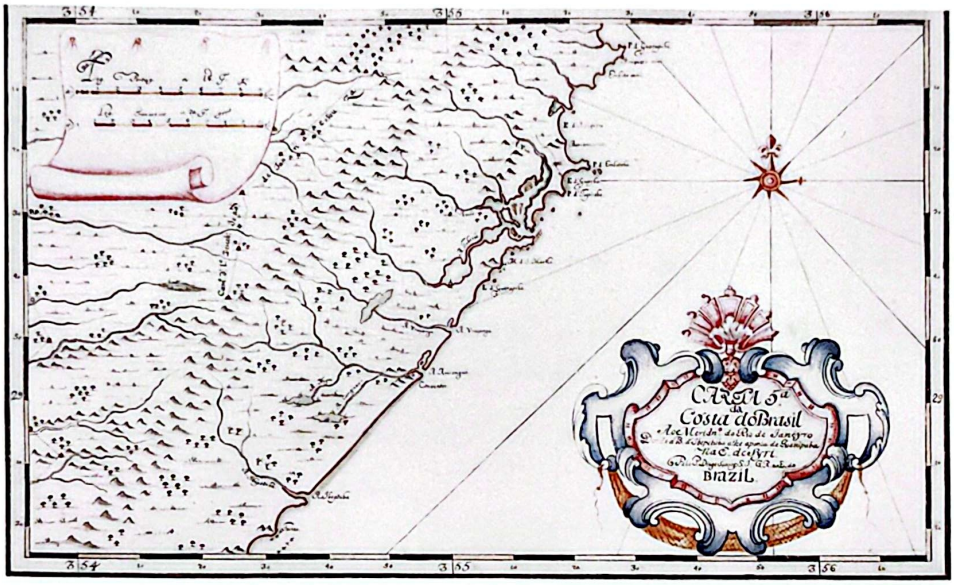
Os limites estabelecidos pela intenção artística ou prática das representações, pelos quais certas imagens fogem aos propósitos deste estudo, também merecem alguma consideração. O modo como a mentalidade portuguesa promove a apropriação da natureza está explícito nos *desenhos,* ditos em outras palavras, *desígnios,* com que se traça a exploração da riqueza natural e os modos de obtê-la. A linguagem, que organiza o roteiro e o itinerário do ouro da região das minas, articula a vida real e se expressa em uma série de mapeamentos de autoria desconhecida: *São Caetano* (IL.199) e *São Sebastião* (IL.200); revelando também o *Modo de Minerar e Retirar Diamantes* (IL.201); e o *Modo de Lavar Diamantes* (IL.202). O conjunto desses pequenos desenhos encadernados pertence ao acervo do Arquivo Histórico Ultramarino e pode-se notar que os que se referem à técnica de mineração formaram as bases das ilustrações do livro do barão Wilhelm Ludwig von Eschwege, de origem alemã, um dos primeiros estrangeiros a serem autorizados a entrar no país após a transferência da corte portuguesa para o Brasil, a qual lhe faria a encomenda do novo mapa da Capitania de Minas Gerais, em 1821.

O ciclo dos engenheiros militares inclui não só a colaboração de especialistas italianos como conta com a presença do engenheiro militar francês João Masse, que faz a planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro com suas fortificações, em 1714, considerada por Gilberto Ferrez a primeira planta da cidade em escala correta (Ferrez, 1965). Conta também com a presença de Amédée François Frézier (1682-1773), engenheiro do rei da França, que viaja para a América, em missão de defesa das terras espanholas, aportando, em 1712, em Santa Catarina, onde risca o mapa da ilha e descreve a vida dos seus 147 habitantes brancos. No retorno da viagem, Frézier passa pela Bahia e desenha, em 1714, um plano para a cidade com aspectos panorâmicos (Frézier, 1716).

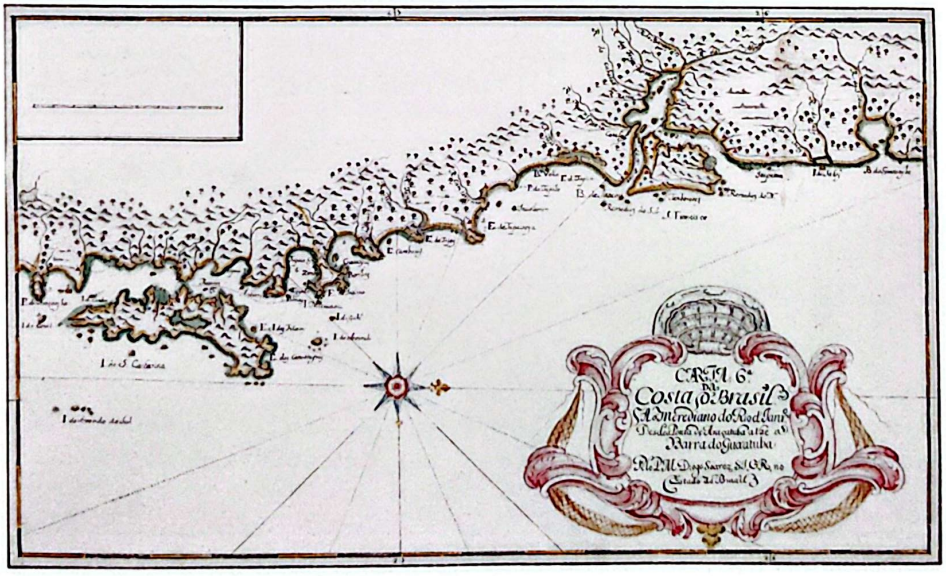
A mesma política portuguesa que promove a demarcação, fortificação, traçado das plantas das cidades e atua no sentido de impedir a entrada de estrangeiros procura vetar-lhes outros modos de conhecimento dos recursos naturais do Brasil. Na primeira metade do século XVIII, é conhecida apenas uma expedição à América Meridional, de 1735 a 1745, patrocinada pelo governo francês e chefiada por um membro da Academia de Ciências de Paris, o cosmógrafo Charles Marie La Condamine. Composta por naturalistas, pela primeira vez uma comitiva é capaz de realizar observações científicas, descendo um trecho do Rio Amazonas e deixando registrados dois mapas do curso do rio.

A política de defesa leva o governo português a expedir uma ordem de prisão a Humboldt, em 1800, sendo proibida a sua entrada em território brasileiro.

Digitalizado com CamScanner



193. Padre Diogo Soares
Carta 5ª da Costa do Brasil ao Meridiano do Rio de Janeyro dezde a Barra de Ibepetuba athe a Ponta de Guarupaba na Enseada de Syri
AQUARELA SOBRE PAPEL. 19 X 32,5 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL



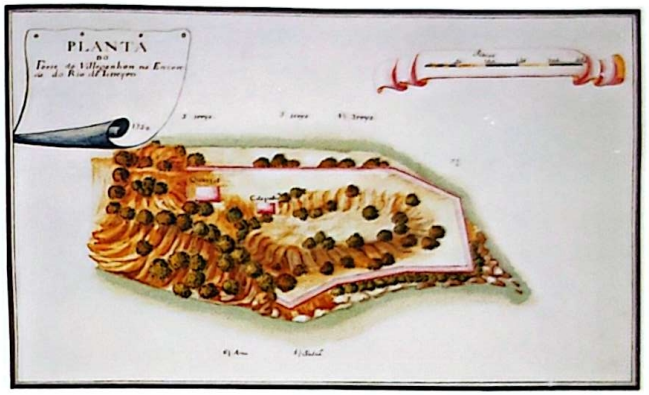
194. Padre Diogo Soares
Carta 6ª da Costa do Brasil ao Meridiano do Rio de Janeiro desde a Ponta da Araçatuba athe a Barra do Guaratuba
AQUARELA SOBRE PAPEL. 19 X 32,5 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

Digitalizado com CamScanner

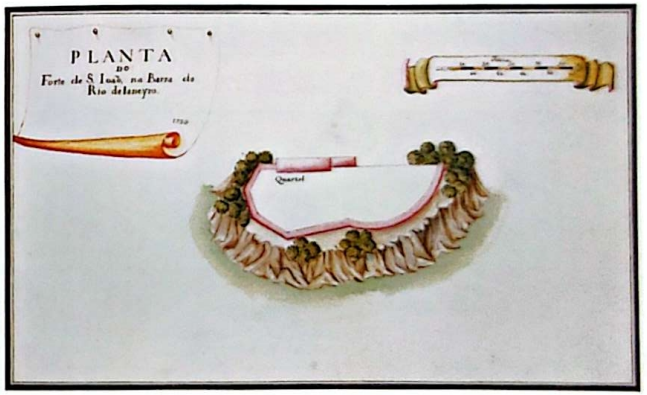
195. Padre Diogo Soares
Carta 9ª da Costa do Brasil ao Meridiano do Rio de Janeiro Desde a Barra de Santos athe a da Marambaya
AQUARELA SOBRE PAPEL. 19 X 31,5 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

196. Padre Diogo Soares
Carta 10ª da Costa do Brasil ao Meridiano do Rio de Janeyro desde a Barra da Marambaya athe Cabbo Frio
AQUARELA SOBRE PAPEL. 19 X 31,5 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

Cartas realizadas durante a Missão dos Padres Matemáticos (1730-1746) no Brasil



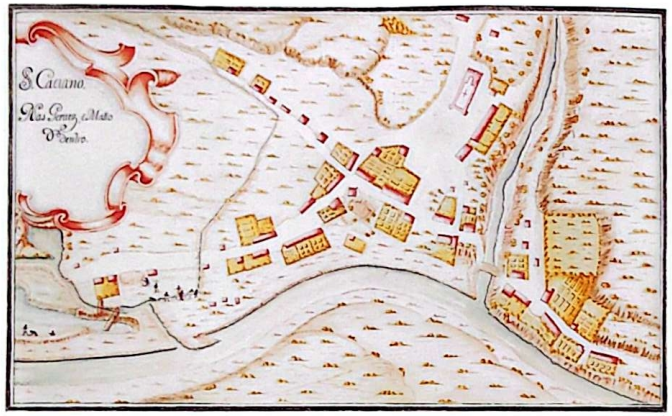
197. Padre Diogo Soares
Planta do Forte de Villegaihon na Emcoada do Rio de Ianeyro, 1730
DESENHO AGUARELADO SOBRE PAPEL. 19 X 32,5 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL



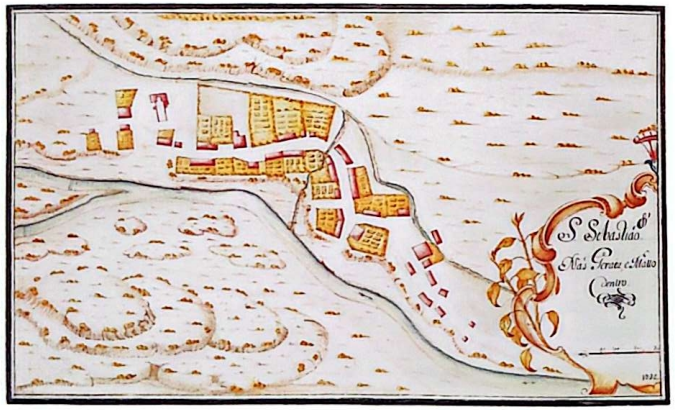
198. Padre Diogo Soares
Planta do Forte de S. Ioão, na Barra do Rio de Ianeyro, 1730
DESENHO AGUARELADO SOBRE PAPEL. 19 X 32,5 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

Digitalizado com CamScanner

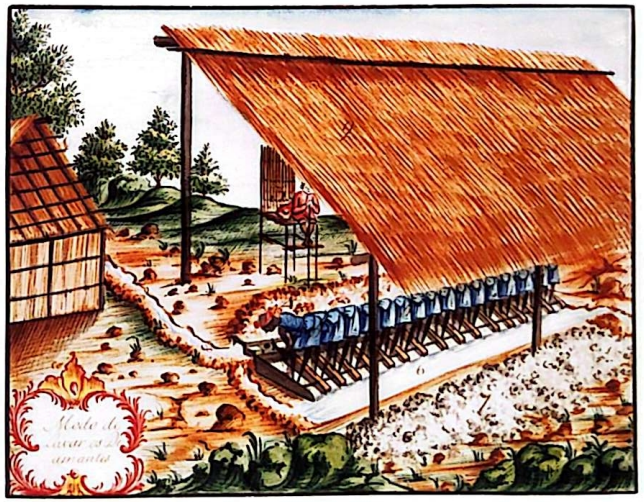
199. Anônimo (escola portuguesa)
São Caetano nas Gerais e Mato Dentro, 1732
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL. 25,4 X 39 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL



200. Anônimo (escola portuguesa)
São Sebastião nas Gerais e Mato Dentro, 1732
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL. 25,4 X 39 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL



201. Anônimo (escola portuguesa)
Modo de Minerar e Retirar Diamantes
DESENHO AQUARELADO. 17,5 X 22 CM
DO MANUSCRITO INTITULADO *PEQUENO MAPA DE DEMARCAÇÃO DIAMANTINA. PEQUENA PLANTA DO ARRAIAL DO TEJUCO, MODO DE LAVAR OS DIAMANTES, MODO DE MINERAR E RETIRAR DIAMANTES*
MINAS GERAIS, SÉC. XVIII. CONJUNTO DE QUATRO DESENHOS ACOMPANHADOS DE TEXTOS EXPLICATIVOS
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL



202. Anônimo (escola portuguesa)
Modo de Lavar Diamantes
DESENHO AQUARELADO. 17,5 X 22 CM
DO MANUSCRITO INTITULADO *PEQUENO MAPA DE DEMARCAÇÃO DIAMANTINA ...*, MINAS GERAIS, SÉC. XVIII. CONJUNTO DE QUATRO DESENHOS ACOMPANHADOS DE TEXTOS EXPLICATIVOS
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

Digitalizado com CamScanner

Cabe, enfim, indagar sobre a ausência de representações visuais da epopéia territorial portuguesa, raramente posta em cena, e recolocar os conquistadores portugueses diante do índio brasileiro em seu próprio habitat, percorrido e recortado pelas entradas e bandeiras de reconhecimento e demarcação. Com esse intuito, pode-se evocar uma obra singular de Joaquim José de Miranda (IL.203 a 220). O artista assina a folha descritiva que acompanha os 37 quadros em seqüência que, propostos em linguagem narrativa semelhante à de um sermão, estão figurados de maneira direta e insita. Representa o encontro da expedição comandada pelo tenente-coronel Afonso de Botelho de S. Paio e Souza (1726-1793) — ajudante-de-ordens do governador da Capitania de São Paulo, dom Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, o Morgado Mateus — com os índios da região de Campos do Carrapato, nos sertões do Rio Tibagi. A expedição partira de Paranaguá em 1771, sendo a décima e maior de uma série de onze entradas acontecidas entre 1768 e 1773, visando o reconhecimento do território e seus recursos naturais e a conversão dos gentios. A expedição é narrada em três relatórios enviados ao governador da Capitania de São Paulo, responsável pela iniciativa. Acompanha tal relação uma *Carta Chorografica*, mapeando a região, seus acidentes geográficos e a localização dos aldeamentos indígenas. Não se sabe ao certo se os desenhos dos fatos ocorridos durante o encontro dos expedicionários com os índios Xaclán fazem originalmente parte do relatório. A historiadora Myriam Ribeiro de Oliveira, que descreve a obra no catálogo da Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo, levanta a hipótese de que os desenhos teriam sido produzidos a partir dos relatórios enviados ao marquês de Pombal, com o intuito específico de ilustrar uma relação dos acontecimentos.

A graça do desenho rudimentar decorre, de certo modo, da solução espacial de cada quadro, encontrada nas sugestões que a linha diagonal pode trazer à definição de caminhos e rios no terreno, avistado de um ponto de vista alto. Deve-se também a uma aparente repetição, visual e episódica, e, ainda, ao modo como a paisagem é animada e ritmada pelas figuras. Mas, com respeito ao narrado, deve-se ao tema do encontro e do confronto, desenrolado em torno da trama cultural do índio vestido e do índio despido. Nem mesmo o desenhista escapa da prática da ação narrada e cobre o sexo do índio com uma folha, que "se lhe põe no pintado por decência" (*Catálogo da Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo*, 1991, p. 32).

Digitalizado com CamScanner

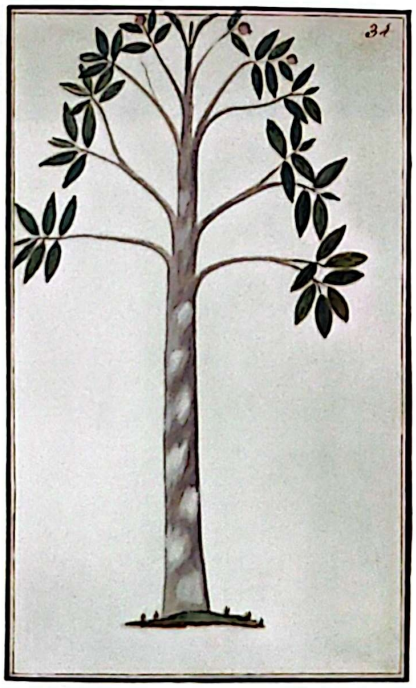
203 a 220. Joaquim José de Miranda (atribuição)
A Expedição do Tenente-Coronel Afonso Botelho e Souza aos Sertões do Tibagi (1771-1773)
PARTE DOS QUARENTA EPISÓDIOS QUE COMPÕEM O PAINEL
AQUARELA. 42,5 X 55 CM (CADA UMA)
COLEÇÃO BEATRIZ E MÁRIO PIMENTA CAMARGO, SÃO PAULO, BRASIL

O conjunto que compõe esta narrativa visual apresenta o encontro da expedição comandada pelo tenente-coronel Afonso Botelho de S. Paio e Souza (1726-1793) com índios da região dos Campos do Carrapato, Sertão do Tibagi, distrito de Curitiba

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner

O Projeto da Ilustração Portuguesa e o Ciclo das Expedições Científicas



221. Anônimo (português)
Genipapo, 1790
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL, 33,2 X 21,5 CM
DO MANUSCRITO ANÔNIMO INTITULADO *RELAÇAM DAS MADEIRAS DESCRIPTAS QUE SE COMPREHENDEM NO TERMO DA VILLA DA CAXOEIRA COM AMOSTRAS EXACTAS DAS MADEIRAS*, 1790
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

No último quartel do século XVIII, observa-se um considerável aumento das iniciativas e uma nova característica nos empreendimentos englobando a geração nascida no Brasil e formada em Portugal, que podem ser aquilatados pela contribuição deixada por Alexandre Rodrigues Ferreira; frei José Mariano da Conceição Velloso, autor da *Flora Fluminensis;* e Manuel de Arruda da Câmara.

O papel ativo dos brasileiros é garantido pelas novas condições oferecidas por Portugal para o aprimoramento científico, notadamente pela presença de Domenico Vandelli (1735-1816), na Universidade de Coimbra, difundindo o sistema de Lineu, com a fundação de um Museu de História Natural e um Jardim Botânico, na mesma universidade. Maria Odila da Silva Dias faz notar que os fatos não estão isolados e se inscrevem em uma política de Estado, consciente e preocupada em fomentar a produção de matérias-primas para a industrialização de Portugal. Só uma atitude deliberada como a do marquês de Pombal, que solicita aos governadores das Capitanias do Brasil a exploração de recursos capazes de abrir caminho para o comércio português, poderia explicar o crescimento dos estudos da flora brasileira e dar estímulo às ciências naturais. Trata-se efetivamente de um projeto de aproveitamento dos recursos naturais com apoio da ciência (Dias, p. 113).

A primeira característica que salta aos olhos daqueles que examinam a iconografia que participa desse processo é o caráter pragmático da exploração da natureza e a vocação para a ciência aplicada. O incentivo da coroa aos estudos práticos, no tempo de Pombal, e a política adotada pelo vice-rei marquês do Lavradio e Luís de Vasconcelos e Sousa, de 1779 a 1790, obtêm surpreendente resultado, que se manifesta em esferas diversas. Seja no conhecimento dos recursos nacionais e no surgimento de uma incipiente consciência nacional, seja na tentativa de diversificação agrícola com a introdução de novas culturas, seja na preparação de novas condições na própria colônia, tais como um horto botânico, um jardim de aclimatação ou ainda a Casa Pássaros, fundada no Rio de Janeiro, por iniciativa de Luís de Vasconcelos, que pretendia dar à cidade um museu de história natural.

Um vasto repertório de imagens, datado do mesmo período da Viagem Philosophica, de Rodrigues Ferreira, encontra-se em coleções portuguesas, na maioria dos casos, ainda à espera de maiores esclarecimentos (Iria, 1965, 1966 e 1972). Pode-se citar, por exemplo, a *Relaçam das Madeiras Descriptas que Se Comprendem no Termo da Villa da Caxoeira com Amostras e Estampas Exactas das Mesmas,* escrita em 1790 e apresentada pelo juiz de fora da Vila de Caxoeira Joaquim de Amorim Castro ao rei de Portugal. Nela figuram 46 árvores numeradas, rudimentarmente desenhadas e aquareladas, identificadas por meio de nomes indígenas ou portugueses, com uma pequena descrição e digressão sobre hábitos e aplicações em diferentes campos.

A iconografia luso-brasileira sobre o Brasil é freqüentemente caracterizada por figuras grafadas em linguagem imediata e seu interesse escapa aos propósitos restritos dos estudos artísticos. As representações visuais não se oferecem diretamente a partir da qualificação artística e o seu justo entendimento pede a cooperação interdisciplinar. O caráter finalista das iniciativas portuguesas restringe a apropriação da natureza ao seu aproveitamento útil. Os seus interesses políticos de domínio sobre a colônia impedem a circulação de informações em órbita internacional, impossibilitando as trocas necessárias ao desenvolvimento científico. Em decorrência desse processo, muitos registros perderam a atualidade científica. Restaria saber, tendo em vista as valiosas evidências das espécies naturais, o que poderiam dizer botânicos e

Digitalizado com CamScanner

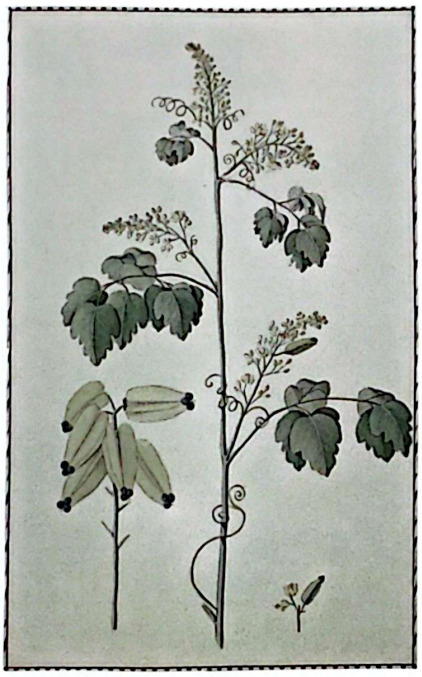
222. Anônimo (português)
Leguminosae ou Connaraceae
DO CONJUNTO DE 23 DESENHOS BOTÂNICOS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO, ANTERIOR A 1803
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL, 34,1 X 22,2 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

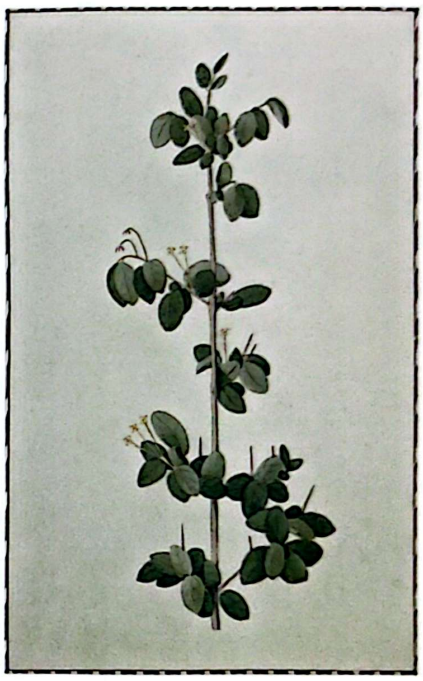
Digitalizado com CamScanner

223. Anônimo (português)
Serjania Sapindaceae
DO CONJUNTO DE 23 DESENHOS BOTÂNICOS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO. ANTERIOR A 1803
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL. 34.1 X 22.2 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. LISBOA. PORTUGAL

224. Anônimo (português)
Espécie Botânica
DO CONJUNTO DE 23 DESENHOS BOTÂNICOS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO. ANTERIOR A 1803
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL. 34.1 X 22.2 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. LISBOA. PORTUGAL

O conjunto de aquarelas de espécies botânicas de São Luís do Maranhão chegou ao Arquivo Histórico Ultramarino como documento anexo ao "Balanço da Tesouraria Geral do Maranhão", 1803



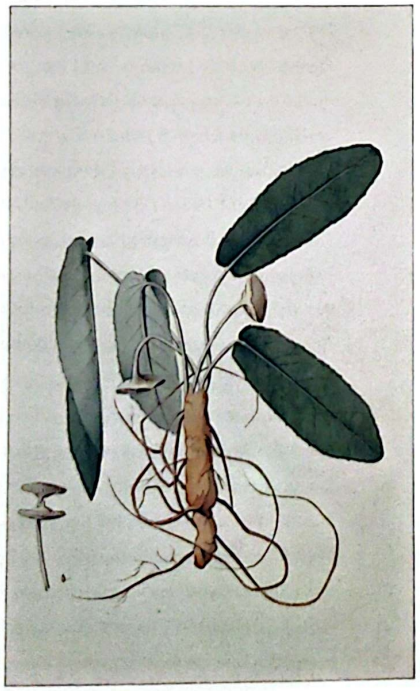


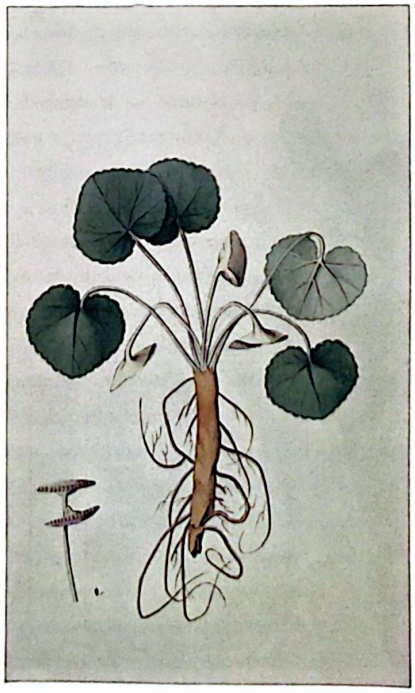
agrônomos dessa relação de madeiras da Bahia, a partir de uma perspectiva ecológica contemporânea e considerando-se a existência e a extinção dos recursos naturais no Brasil.

Como lembra Maria Odila Dias, o renascimento científico europeu de meados do século XVIII, com base em valores da Ilustração, considera o cientista um homem de ação, voltado à solução dos problemas humanos na terra, dando um grande impulso às ciências naturais e mecânicas (Dias, p. 106). Pode-se deduzir que outro grande filão da iconografia colonial interessa mais aos estudiosos da história da técnica do que aos da história da arte. Basta apreciar os desenhos em água-tinta de uma *Fábrica de Anil*, no distrito do Rio de Janeiro, num total de nove, que descrevem a técnica utilizada na manufatura da tinta derivada da indigófera (anileira). *A Indústria do Tabaco* é outro desenho aquarelado, procedente da Bahia, datado de 1789 aproximadamente, como se pode deduzir pelo documento ao qual vem anexado, que se resume em uma prensa cilíndrica para tabaco em folhas. As imagens testemunham tentativas de diversificação das atividades agrícolas no país, com a aclimatação do anil, com a introdução do fumo na Bahia e o ensaio industrialista dos produtos naturais.

Se predominou a mentalidade pragmática, traduzindo o recurso natural em uso medicinal, em economia agrícola e em manufatura, não faltam provas de que esses fins também propulsionaram, notadamente, o interesse botânico. Além das expedições científicas, sobre as quais devemos nos deter a seguir, a ciência botânica compreende também registros de autoria desconhecida, como denotam as duas dezenas de aquarelas de espécies vegetais, portadoras de características que identificam os desenhos de adeptos dos métodos de Lineu. Não foram assinadas, nem possuem nenhuma inscrição, e pelo menos uma delas traz a marca de

Digitalizado com CamScanner





um tal de "Silv.", reconhecendo-se, por intermédio de outra, a dedicatória a dom Diogo de Souza, que foi governador do Maranhão entre 1798 e 1804. O conjunto de aquarelas deu entrada no Arquivo Histórico Ultramarino, em anexo ao balanço da Tesouraria Geral do Maranhão, em 1804. Procedentes da Bahia e datadas de 1791 aproximadamente, são também de autoria desconhecida as *Nicotianas Fruticosas* e a *Nicotiana Glutinosa*, que se definem ainda conforme a nomenclatura lineana.

225. Anônimo (português)
Espécie Botânica
DO CONJUNTO DE 23 DESENHOS BOTÂNICOS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO, ANTERIOR A 1803
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL, 34,1 X 22,2 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

226. Anônimo (português)
Espécie Botânica
DO CONJUNTO DE 23 DESENHOS BOTÂNICOS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO, ANTERIOR A 1803
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL, 34,1 X 22,2 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

227. Anônimo (português)
Dorstenia Muraceae
DO CONJUNTO DE 23 DESENHOS BOTÂNICOS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO, ANTERIOR A 1803
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL, 34,1 X 22,2 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

228. Anônimo (português)
Dorstenia Muraceae
DO CONJUNTO DE 23 DESENHOS BOTÂNICOS DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO, ANTERIOR A 1803
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL, 34,1 X 22,2 CM
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, LISBOA, PORTUGAL

Digitalizado com CamScanner

A Viagem Philosophica

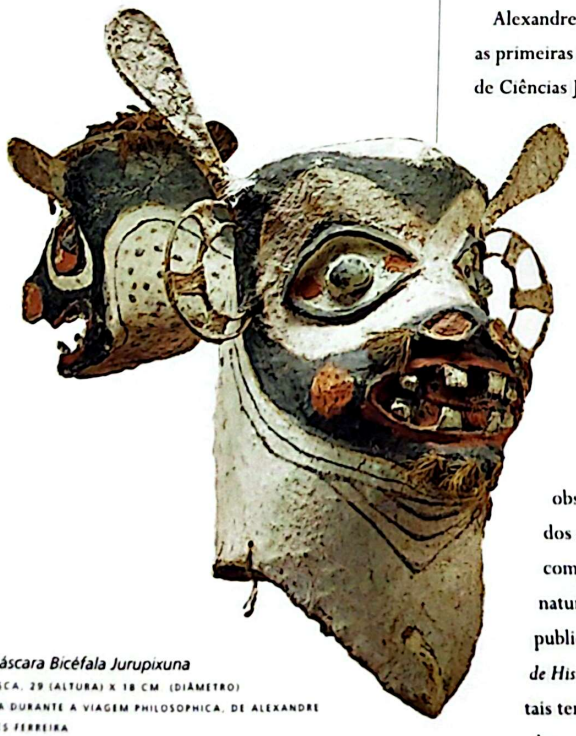
A Viagem Philosophica, chefiada por Alexandre Rodrigues Ferreira, marca o início de um ciclo de expedições às regiões desconhecidas do interior do Brasil, em época em que os cientistas apenas realizavam excursões mais seguras pela costa. Foi a maior aventura incentivada pelo governo português, tendo Alexandre Rodrigues Ferreira e seus companheiros Codina, Freire e Cabo percorrido as Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, de 1783 a 1793. Se for válido tomar por base o sistema figurado dos conhecimentos humanos, apresentado na Enciclopédia de Diderot, em que a filosofia reúne as ciências da natureza e as ciências do homem, podemos dizer que Alexandre Rodrigues Ferreira teria viajado com esse duplo propósito. Já o naturalista Emílio Goeldi corrigiria a acepção do termo filosofia, considerando que dizia respeito à "economia social".

Alexandre Rodrigues Ferreira já havia recebido as primeiras ordens curiais, quando inicia o curso de Ciências Jurídicas e mais tarde o de Ciências Naturais, na Academia de Coimbra. As ciências naturais eram naquele momento favorecidas com a presença renovadora do professor italiano Domenico Vandelli, na Academia de Ciências de Coimbra, com a fundação de um Museu de História Natural e Jardim Botânico na mesma Universidade.

Vandelli tenta superar o maior obstáculo que encontra para a difusão dos estudos de história natural, que era a compreensão dos termos usados pelos naturalistas, notadamente por Lineu, publicando o *Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural*. Acrescenta à tradução de tais termos para o português um ensaio sobre a flora de Portugal e do Brasil, que contém, além do nome das plantas em português, seus usos medicinais e aplicações na tinturaria. O livro é ilustrado com gravuras em metal da flora portuguesa e brasileira. Obtinha informações sobre o Brasil por meio de um correspondente em Minas Gerais, provavelmente frei Velloso, como transcreve Borba de Moraes, e mantinha correspondência com Lineu, o que demonstra a especial articulação desse padovano que ensinava em Coimbra (Vandelli, 1788).

Rodrigues Ferreira é indicado por Vandelli para comandar uma missão de exploração do território brasileiro, encarregada de coletar, descrever e desenhar espécies dos três reinos naturais — animal, mineral e vegetal — e enviá-las ao Real Museu da Ajuda, em Lisboa. Deveria também fazer observações políticas e econômicas acerca dos povoamentos e objetos que encontrasse, recolhendo o que se destinasse à formação de uma coleção etnográfica.

Não faltavam na bagagem de Rodrigues Ferreira a *História Natural* de Piso e Marggraf e alguns títulos de Lineu. Sabe-se também que durante a excursão, antes de retornar ao Pará, em 1792, lia a *Viagem pelo Amazonas*, de autoria de La Condamine, e o clássico dos naturalistas do século XVIII a *História Natural* de Buffon. Acompanham Rodrigues Ferreira os desenhistas José Joaquim Freire e Joaquim Codina e o jardineiro, botânico e coletor naturalista Agostinho Joaquim do Cabo. Das coletas de espécies e objetos remetidas para Lisboa, resulta um imenso acervo, que é motivo suficiente para o brasileiro Rodrigues Ferreira, que voltara a Portugal em 1793, manter-se naquele país até mesmo após a vinda da corte portuguesa para o Brasil. Mas o grande coletor não é tão bem-sucedido como intérprete científico do material colhido, desenhado e descrito textualmente em memórias. Em certos momentos, é investido de responsabilidades no Real Gabinete de História Natural da Ajuda e no Jardim Botânico, onde



229. *Máscara Bicéfala Jurupixuna*
ENTRECASCA, 29 (ALTURA) X 18 CM (DIÂMETRO)
COLETADA DURANTE A VIAGEM PHILOSOPHICA, DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO, COIMBRA, PORTUGAL

Digitalizado com CamScanner

estava guardado o material procedente do Brasil. Por suposto, faltam ao cientista e às instituições de Lisboa os pré-requisitos para o avanço dos estudos, que se desenvolvem naquela época pela ciência comparada.

Entre historiadores da arte, não é injurioso admitir que o que cai em desuso vira acervo. O que acontece, então, com o acervo da Viagem Philosophica? Os originais coloridos realizados por Freire e Codina são copiados a nanquim por algum desenhista do Museu da Ajuda sob a orientação de Ferreira para uma provável publicação, dado que era costume reduzir as imagens do natural às possibilidades da gravura, antes de oferecer a informação ao gravador, gerando-se assim uma reprodução intermediária. Em muitos casos, o desenhista, pretendendo completar e embelezar a representação, ambienta índios e animais em paisagens arbitrárias. Parte da coleção portuguesa é saqueada por Geoffroy de Saint-Hilaire, com ordem de Junot, comandante do Exército francês de ocupação, e levada a Paris em 1808. Somente os manuscritos retornariam a Lisboa, em 1814.

Em 1836, toda a coleção do Real Museu da Ajuda é transferida para o Museu de História Natural da Academia de Ciências de Lisboa, que cede, seis anos depois, mais duas centenas e meia de manuscritos ao então representante do Brasil em Portugal, ministro Antonio de Menezes de Vasconcelos e Drummond, para serem impressos pelo governo brasileiro. Este transfere algumas coleções para o Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico da Faculdade de Ciências de Lisboa. Uma parte do material enviado ao Brasil se dispersa, vindo a ser encontrada em mãos de particulares em Lisboa. Outra parte é resgatada pela Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, reunindo-se nessa coleção a outros originais do lote saqueado por Saint-Hilaire, que a instituição havia adquirido da França. A Academia de Lisboa também envia peças a Madri, por ocasião das comemorações do quarto centenário da América.

O acervo da Viagem Philosophica, dividido e descontínuo, não está até hoje completamente estudado e publicado, quando sua edição seria o melhor meio para vencer a distância dos acervos e facilitar os estudos comparativos dos documentos, condição *sine qua non* para sua definitiva identificação. O atraso nas publicações da obra de Rodrigues Ferreira é outro aspecto que evidencia o mesmo abandono e a interrupção do projeto português. Uma parte dos manuscritos é publicada pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* assim como a relação deles, em 1840, e a primeira edição parcial da Viagem Philosophica tarda a aparecer, sendo publicada em 1970, pela Editora Brunner, em São Paulo (Areia, 1991). Os desenhos de espécies botânicas e zoológicas, que servem à ciência dos franceses, ainda que se possa condenar o ato de pirataria, caem em mãos de naturalistas inegavelmente preparados.

Merecem atenção especial, no conjunto de artefatos coletados por Rodrigues Ferreira durante a Viagem Philosophica, as máscaras dos índios Jurupixuna, aqui publicadas, para as quais chama a atenção Tekla Hartmann em *A Contribuição da Iconografia para o conhecimento de Índios Brasileiros do Século XIX*, em que reconhece a importância do resultado atingido pela expedição e credita cientificamente a iconografia de tema étnico produzida por Freire e Codina (Hartmann, 1975).

Vale a pena nos determos um pouco mais sobre o assunto, pois pelas máscaras falam os próprios índios. Como objetos simbólicos, testemunham práticas rituais e outros aspectos da cultura das tribos que entram em contato com os portugueses. São construídas a partir de uma estrutura trançada, cobertas de entrecasca e depois pintadas para utilização em ocasiões especiais. Os exemplares guardados na Academia

230. *Máscara Jurupixuna*
ENTRECASCA. 46 (ALTURA) X 21 CM (DIÂMETRO)
COLETADA DURANTE A VIAGEM PHILOSOPHICA, DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO, COIMBRA, PORTUGAL

A máscara representa um peixe com nadadeira dorsal, cauda e guelras bem caracterizadas. A sua concepção é semelhante à da máscara desenhada por Joaquim José Codina no Desenhos de Gentios, Animaes Quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes e Incectos..., *de Alexandre Rodrigues Ferreira, il. XXII*

231. *Máscara Zoomorfa Jurupixuna*
ENTRECASCA. 31,5 (ALTURA) X 27,5 CM. (DIÂMETRO)
COLETADA DURANTE A VIAGEM PHILOSOPHICA, DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
MUSEU E LABORATORIO ANTROPOLOGICO, COIMBRA, PORTUGAL

A peça reproduz as características do tamanduá

Digitalizado com CamScanner

232. *Máscara Bicéfala Jurupixuna*
ENTRECASCA. 44,5 (ALTURA) X 19,5 CM. (DIÂMETRO)
COLETADA DURANTE A VIAGEM PHILOSOPHICA, DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
LOCAL DA COLETA: POVOAÇÃO DE CALDAS, AMAZONAS
MUSEU E LABORATORIO ANTROPOLOGICO, COIMBRA, PORTUGAL

Máscara de coruja ligada pelo occipício a uma figura de onça com duas patas levantadas

de Ciências de Lisboa estão em estado de conservação que inspira preocupação. Os exemplares do Museu e Laboratório Antropológico de Coimbra foram restaurados com cuidado recentemente, mas ressentem-se de um intervenção sofrida anteriormente, pela qual se pretendeu avivar a cor das peças, com um tom avermelhado, que já se iam naturalmente esmaecendo. As máscaras foram publicadas por Manuel Laranjeiras Rodrigues de Areia, em *Memória da Amazônia,* em 1991, após terem sido catalogadas pela já citada especialista Tekla Hartmann (Areia, 1991).

Entre as máscaras que destacamos, procedentes da coleção de Coimbra (IL. 229 a 232 e 234), algumas exibem motivos zoomórficos, outras antropomórficos, tendo sido confeccionadas para serem levadas à cabeça como capacetes ou destinadas a encobrir toda a cabeça. Motivos zoomórficos sobre capacete aparecem em dimensões variadas e expressam traços animais primordiais, a ponto de não deixar dúvida quanto a sua família, ainda que não nos seja possível uma específica identificação. Afinal, é a cultura clássica dos séculos XVII e XVIII que se faz classificadora, e não devemos misturar essa vocação para ordenar o mundo com a visão dos índios brasileiros. Não pretendem descrever animais quando figuram o peixe, o felino, o macaco, o tamanduá, o morcego, que têm em comum certas soluções do modelado e de acabamento ou ornato. Há também máscaras de configuração bicéfala, como a coruja ligada a uma onça de patinhas levantadas pelo occipício; a figura com a aranha, de cuja boca sai uma espécie de jacaré, e todas se inscrevem no universo mítico, pelo qual ecovam aos índios Jurupixuna, conhecidos pela tatuagem preta no rosto, que lhes conferia a marca tribal distintiva. Um desenho aquarelado feito por Codina, que acompanha as observações que Rodrigues Ferreira faz de dois índios mascarados, encontra-se hoje na coleção do Museu Bocage da Academia de Ciências de Lisboa e não é suficiente para nos fazer passar da descrição desses objetos ao entendimento de seu significado ritual. Nas *Memórias sobre as Máscaras e Farsas,* Alexandre Rodrigues Ferreira conta ter presenciado uma cerimônia mascarada. Relata que as máscaras aparecem por ocasião de caçadas e pescarias, e em conformidade com o animal caçado, assim como nos momentos de nascimento, morte, casamento, declaração de mênstruo das filhas e em certas colheitas, sempre aliadas às danças adequadas ao sentido de cada cerimônia (apud Hartmann, 1975, p.31 e 58).

As máscaras Jurupixunas coletadas por Alexandre Rodrigues Ferreira, na povoação de Caldas, na margem do Rio Cauaboris (atual Estado do Amazonas), em 1785, apresentam inegável semelhança com as máscaras da tribo Tukuna (IL. 320 a 324), a considerar pela coleta realizada por Spix no alto Solimões, em 1819, preservada no Museum für Völkerkunde, de Munique.

O acervo etnográfico da Viagem Philosophica, composto de desenhos e artefatos, espalha-se pela teia intrincada de vários museus: Museu de História Natural de Paris, Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra, Academia de Ciências de Lisboa e Academia de Ciências de Madrid. Sabe-se que as espécies botânicas recolhidas pela expedição encontram-se em Lisboa.

Quanto ao acervo iconográfico, um conjunto de desenhos originais coloridos, intitulado *Desenhos de Gentios, Animaes Quadrupedes, Aves, Anphibios, Peixes e Incectos. Da Expedição Philosophica do Para, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá,* volume 1 (IL. 232, 234, 235 e 238 a 241), encontra-se encadernado no Museu Bocage, em Lisboa. Outro pequeno conjunto de 106 desenhos baseados em originais de Codina e Freire, mas com temas diferentes do primeiro e complementares, está na Biblioteca Nacional, do

Digitalizado com CamScanner

233. Joaquim Jose Codina
Duas Figuras com Máscaras
DESENHO AQUARELADO, 26,5 X 17 CM
DO MANUSCRITO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA *DESENHOS DE GENTIOS...*, IL. XVII
MUSEU BOCAGE, LISBOA, PORTUGAL

234. *Máscara Jurupixuna*
ENTRECASCA, 61,5 (ALTURA) X 23 CM (DIÂMETRO) CM
COLETADA DURANTE A VIAGEM PHILOSOPHICA, DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
LOCAL DA COLETA: POVOAÇÃO DE CALDAS, AMAZONAS
MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO, COIMBRA, PORTUGAL

A máscara é representada no desenho de Joaquim José Codina, Duas Figuras com Máscaras (it. 233).

Digitalizado com CamScanner

235. José Joaquim Freire
Mulher do Chefe do Gentio Aycurú, 1783-1792
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL. 34,5 X 24 CM
DO MANUSCRITO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA *DESENHOS DE GENTIOS* . ORIGINAIS. FÓLIO 2
MUSEU BOCAGE. LISBOA. PORTUGAL

236. José Joaquim Freire
Chefe do Gentio Aycurú, Habitante do Rio Paraguay, 1783-1792
DESENHO AQUARELADO. 34,5 X 24 CM
DO MANUSCRITO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA *DESENHOS DE GENTIOS* . ORIGINAIS. P. 1
MUSEU BOCAGE. LISBOA. PORTUGAL

Os desenhos etnológicos, resultantes da Viagem Philosophica (1783-1792), são atribuídos a José Joaquim Freire ou Joaquim José Codina

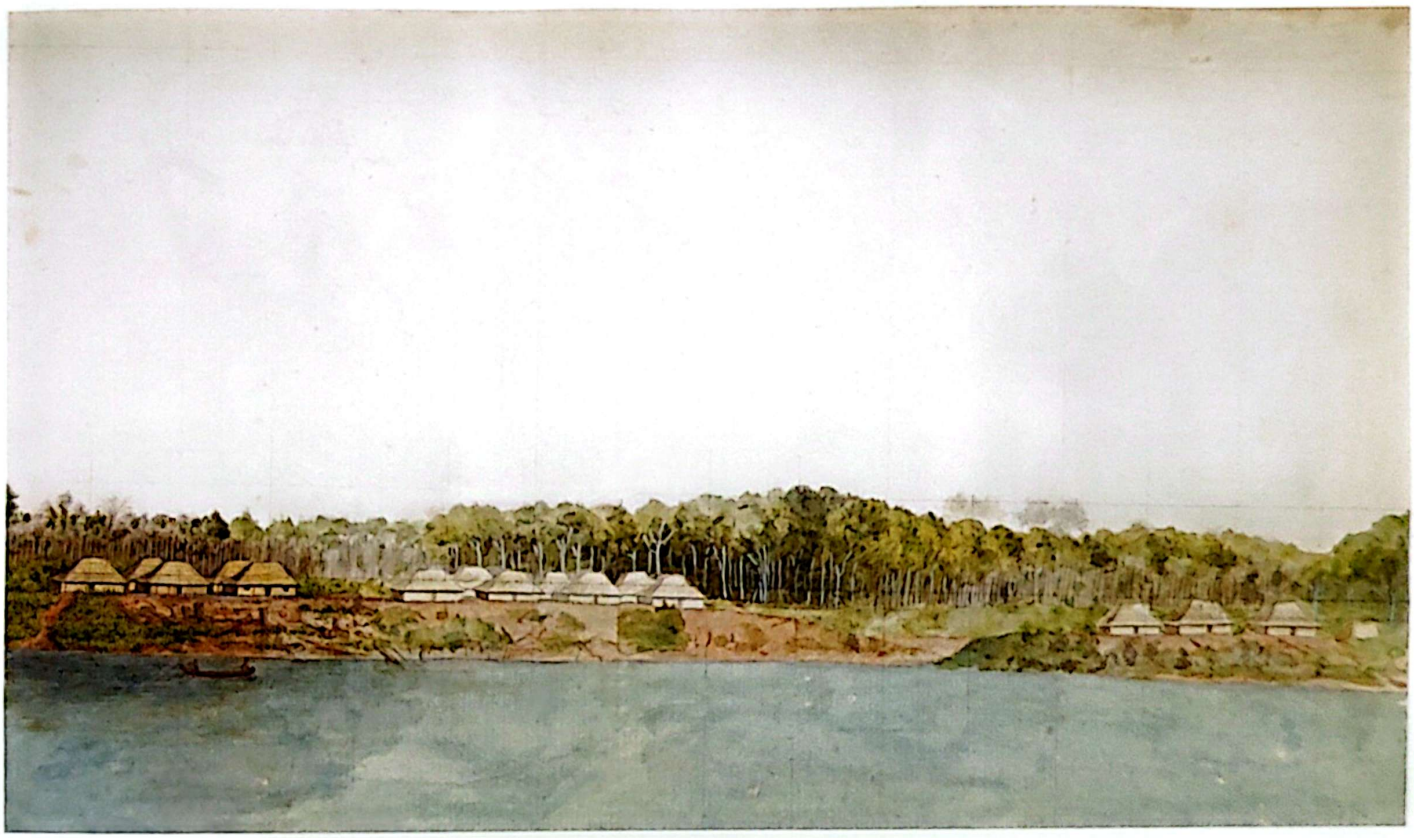
Rio de Janeiro. Vinte e quatro cópias em dois volumes estão no Museu da Quinta da Boa Vista do Rio de Janeiro.

Mais um conjunto de originais de Freire e Codina, contendo desenhos não assinados, intitulado *Prospectos de Cidades, Villas e Povoaçoens, Fortalezas e Edificios, Rios e Cachoeiras. Da Expedição Philosophica do Para, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*, encontra-se encadernado em um volume pertencente ao Museu Bocage da Academia de Ciências de Lisboa. Há também originais com esse título na Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro (IL.237 e 238). Nesse lote, estão singulares aquarelas sobre povoações às margens dos rios e habitações indígenas.

Revestem-se de especial interesse os fatos associados ao encontro de Rodrigues Ferreira com o governador e capitão geral da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá, Luís de Albuquerque de Melo Pereira Cáceres, que permaneceu no Brasil de 1772 até 1789, ou pouco depois. Afeito história natural, ao voltar para Portugal, teria levado uma parte do material de Rodrigues Ferreira para a sua Casa da Ínsua, em Castendo, coleção de desenhos que foi parcialmente destruída em um incêndio, em 1969. A esse acervo, recentemente estudado por Isa Adonias, a pesquisadora associa o nome de Antonio Giuseppe Landi, que considera o autor dos desenhos de animais (Adonias, 1986).

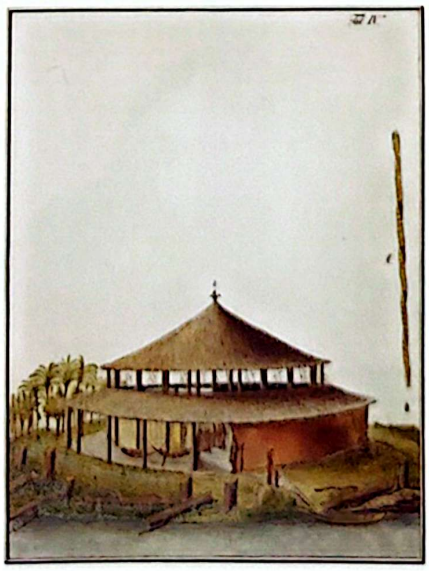
Landi, a quem já fizemos referência, radica-se no Brasil em 1753, contratado pela Coroa Portuguesa como desenhista para demarcação dos territórios portugueses no Norte do Brasil, para cumprir os acordos firmados entre Espanha e Portugal no Tratado de Madri e fica conhecido pela excelência da obra arquitetônica que edifica em Belém. Durante seis anos percorre o Norte do país, tendo a instrução de observar as suas qualidades naturais, habitantes e costumes, animais, plantas e rios. Está entre os primeiros a estudar e desenhar a flora da Amazônia, deixando o manuscrito *Descrizioni de Varie Piante, Frutti, Animali, ecc... della Capitania del Gran Pará*, com

Digitalizado com CamScanner



singelos esboços da fauna e flora amazônica. É sabido que fornece diversas informações a Rodrigues Ferreira, de quem ficou amigo, sobre fauna, flora e habitantes da Amazônia, e é provável que os desenhistas da expedição de Ferreira tenham visto plantas e animais registrados por Landi e copiado os seus desenhos.

Landi fica conhecido como arquiteto de Belém, mas o Landi naturalista, autor dos desenhos atribuídos por Isa Adonias e do manuscrito *Debuxos Pertencentes ao Palácio que o Ilmo e Exmo Sr Fernando da Costa Ataíde Telve (...) Mandou nele Edificar (...)*, 1771, existente na Biblioteca do Porto, não foi suficientemente estudado.



237. José Joaquim Freire
Prospecto de Nova Povoação de N.Sra. da Conceição, Situada na Margem Oriental do Rio Branco, na Distância de 82 Léguas da Sua Foz, 1784-1792
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL, 24,2 X 34,4 CM
DO VOLUME DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA *PROSPECTOS DE CIDADES, VILLAS, POVOAÇOENS, FORTALEZAS E EDIFICIOS, RIOS E CACHOEIRAS*...
S.L., 1784-1792, FÓLIO 51
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL - DIVISÃO DE MANUSCRITOS, RIO DE JANEIRO, BRASIL

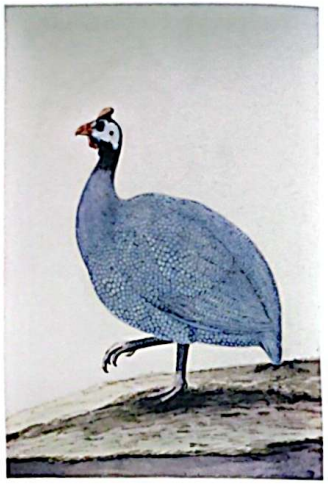
A obra foi realizada durante a Viagem Philosophica (1783-1792), como fruto de observação filosófica e política sobre as diferentes populações, de acordo com os objetivos de Alexandre Rodrigues Ferreira.

238. José Joaquim Freire
Prospecto de Uma das Vinte e Duas Malocas de que Constam a Aldeia do Gentio Curutús, 1784-1792
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL, 35 X 24 CM
DO MANUSCRITO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA *PROSPECTOS DE CIDADES, VILLAS, POVOAÇOENS*, 1784-1792, FÓLIO 42
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL - DIVISÃO DE MANUSCRITOS, RIO DE JANEIRO, BRASIL

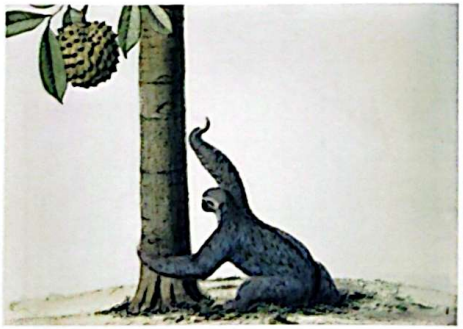
Digitalizado com CamScanner

239. José Joaquim Freire (atribuição)
Cuxiú
AQUARELA. 24,5 X 24 CM.
DO MANUSCRITO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
DESENHOS DE GENTIOS. EST. XXXIII
MUSEU BOCAGE. LISBOA. PORTUGAL

240. José Joaquim Freire (atribuição)
Macaco Uiou
AQUARELA. 24,5 X 24 CM.
DO MANUSCRITO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
DESENHOS DE GENTIOS. EST. XXXIII
MUSEU BOCAGE. LISBOA. PORTUGAL



241. José Joaquim Freire (atribuição)
Espécie Zoológica
AQUARELA. 24,5 X 24 CM.
NO VOLUME ENCADERNADO DO ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
DESENHOS DE GENTIOS. EST. XLIII
MUSEU BOCAGE. LISBOA. PORTUGAL



242. José Joaquim Freire (atribuição)
Preguiça
AQUARELA. 24,5 X 24,5 CM.
DO MANUSCRITO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
DESENHOS DE GENTIOS. EST. XXXIV.
MUSEU BOCAGE. LISBOA. PORTUGAL

243. José Joaquim Freire
Flor Novemb. Decemb. de Monte Alegre, 1785
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL. 34,5 X 24 CM.
NO MANUSCRITO BOTÂNICO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
PLANTAS DA EXPEDIÇÃO DO PARÁ, VOL. I, FÓLIO 17
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – DIVISÃO DE MANUSCRITOS.
RIO DE JANEIRO. BRASIL

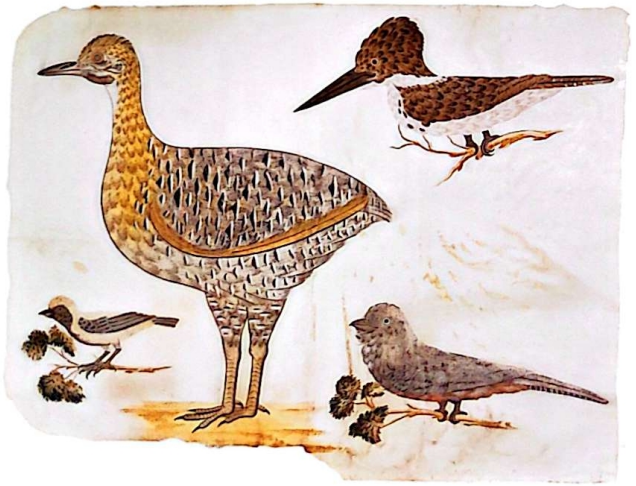
244. José Joaquim Freire ou Joaquim José Codina
(atribuição)
Cipó Fl. Agost. em Viagem. Passiflora
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL. 34,5 X 24 CM.
NO MANUSCRITO BOTÂNICO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
PLANTAS DA EXPEDIÇÃO DO PARÁ, VOL. I, FÓLIO 19
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – DIVISÃO DE MANUSCRITOS.
RIO DE JANEIRO. BRASIL

245. José Joaquim Freire ou Joaquim José Codina
(atribuição)
Pitomba, Ceratus brasiliensus. Myrtacea
DESENHO AQUARELADO SOBRE PAPEL. 34,5 X 24 CM.
NO MANUSCRITO BOTÂNICO DE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA
PLANTAS DA EXPEDIÇÃO DO PARÁ, VOL. I, FÓLIO 19
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – DIVISÃO DE MANUSCRITOS.
RIO DE JANEIRO. BRASIL

Digitalizado com CamScanner

246. Antonio Giuseppe Landi
Bico de Brasa – Monasa nigrifrons (Spix, 1824)
Uru – Odontophorus gujanensis (Gmelin, 1789)
Talha Mar – Rynchops nigra Linnaeus (1758)
AQUARELA
CASA DA INSUA, PENALVA DO CASTELO, PORTUGAL

247. Antonio Giuseppe Landi
Perdiz – Rhynchotus rufescens (Temminck, 1815)
Martim Pescador – Chloroceryle amazona (Latham, 1790)
Saira – Tangara cayana (Linnaeus, 1766)
Tragon sp.
AQUARELA
CASA DA INSUA, PENALVA DO CASTELO, PORTUGAL



248. Antonio Giuseppe Landi
Choca – Taraba major (Vieillot, 1816)
Xolmis
Tachyphonus
Bigodinho – Sporophila lineola (Linnaeus, 1758)
Viuvinha – Arundinicola leucocephala (Linnaeus, 1764)
Ichiteride
Gaviãozinho – Gampsonyx swainsonii (Vigors, 1825)
AQUARELA
CASA DA INSUA, PENALVA DO CASTELO, PORTUGAL

249. Antonio Giuseppe Landi
Narceja – Gallinago gallinago (Linnaeus, 1758)
Rola do Mato
Aratinga
AQUARELA
CASA DA INSUA, PENALVA DO CASTELO, PORTUGAL

Digitalizado com CamScanner

A Flora do Frei Velloso e os Jardins de Arruda da Câmara

250. Frei Francisco Solano Benjamin
DESENHO BOTÂNICO RESULTANTE DA EXPEDIÇÃO VELLOSO (1782-1790)
LÁPIS E AQUARELA SOBRE PAPEL. 44 X 32 CM
DO MANUSCRITO DE FREI FRANCISCO SOLANO BENJAMIN *FLORA FLUMINENSIS*
PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL, SÃO PAULO, BRASIL

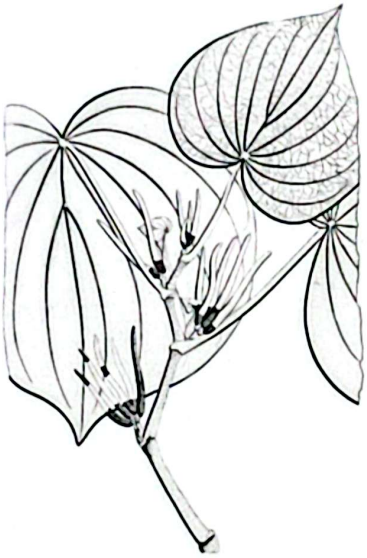
As expedições botânicas realizadas por frei José Mariano da Conceição Velloso ao interior da província do Rio de Janeiro, entre 1779 e 1790, foram diretamente patrocinadas pelo vice-rei Luís de Vasconcellos e Souza, pretenderam renovar o conhecimento da botânica pela observação direta. Velloso, que é um franciscano autodidata, catequiza os índios arary, enquanto percorre a província coletando e observando vegetais. Viaja acompanhado pelo desenhista frei Francisco Solano Benjamin.
A *Florae Fluminensis, ou a Descrição das Plantas que Nascem Espontaneamente no Rio de Janeiro* é o resultado alcançado por Velloso, em 1790, com a classificação, com base no sistema de Lineu, de 1 640 espécies botânicas, novas em sua maioria. O reconhecimento da importância da obra oferece motivo suficiente para que seja publicada. Entretanto, só no século seguinte, quando a Oficina do Arco do Cego é anexada à Imprensa Régia portuguesa, tendo à sua frente o próprio frei Mariano, é que tem andamento a cuidadosa preparação de mais de 500 chapas de gravura. A Oficina do Arco do Cego tem vida breve, de 1800 a 1801. Entre as obras cobiçadas pelos franceses que são entregues a Geoffroy de Saint-Hilaire, durante a ocupação de Portugal, estão as chapas da *Florae Fluminensis*, desse modo levadas à França. Após a morte de Velloso, reencontrados os manuscritos dessa obra em Portugal, dom Pedro I decide editá-la, imprimindo-se três quartos do texto latino na Tipografia Nacional do Rio de Janeiro, em 1825, e enviando-se as pranchas para gravura em Paris. Uma edição em onze volumes é preparada na Oficina Litográfica de Senefelder e aparece em 1827, mesmo após a ordem de suspensão da edição pelo novo governo brasileiro.

Durante a pesquisa, encontramos ainda 159 desenhos originais (IL.250 e 251) da *Flora Fluminensis* no arquivo do Convento de São Francisco, em São Paulo, cujo estado inspira cuidados e estão à espera de maior atenção. O caso do frei Velloso é mais um projeto realizado pelos portugueses a partir do Brasil que não se completa.

Manuel de Arruda da Câmara, religioso da ordem carmelita, natural da Paraíba, faz, na última década do século, uma série de explorações em Pernambuco e no Piauí (1794-1795), na Paraíba e no Ceará (1797-1799) e no Maranhão (1799-1800). Voltando ao Brasil, após estudos em Coimbra e Montpellier, realiza expedições exploratórias e redige trabalhos sobre aproveitamento econômico dos vegetais, extração e transformação agrícola. Observa também a ocorrência de minerais na Paraíba e no Piauí e visita, como naturalista real, a região, à procura de minas de salitre e cobre. Tendo passado pela Universidade de Coimbra, prefere aprimorar-se no estudo da medicina em Montpellier, na França, onde se torna aluno de Lavoisier, realiza estudos de química e fisiologia, quando estão sendo modificados os marcos científicos de Lineu.

Da extensa contribuição deixada por Arruda da Câmara, destaca-se sua *Centúrias dos Novos Gêneros e Espécies das Plantas Pernambucanas*, para a qual contou com a colaboração do desenhista padre João Ribeiro Montenegro. Pode-se ressaltar ainda *Discurso sobre a Utilidade da Instituição dos Jardins nas Principais Províncias do Brasil*, que Câmara oferece ao príncipe-regente, no qual transparece a concepção de *paisagem cultivada*, derivada da manipulação do homem sobre a natureza. Trata-se de um texto característico dessa etapa, que já não corresponde mais à idéia de uma natureza dada, e, sim de uma natureza transformada pela ação humana, que nasce da concepção iluminista e da tecnologia moderna. A rigor, aplica-se melhor ao caso brasileiro a idéia de *paisagem colonizada*, no sentido que Warren Dean conferiu recentemente a essa expressão, em palestra intitulada "A Botânica e a Política Imperial: a

Digitalizado com CamScanner



251. Frei Francisco Solano Benjamin
Salvia
DESENHO BOTÂNICO RESULTANTE DA EXPEDIÇÃO VELLOSO (1782-1790)
LÁPIS SOBRE PAPEL, 44 X 32 CM
DO MANUSCRITO DE FREI FRANCISCO SOLANO BENJAMIN *FLORA FLUMINENSIS*
PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL, SÃO PAULO, BRASIL

252. Severinus Oleszczynski (sculpt.) **e Frei Francisco Solano Benjamin** (del.)
Piper umbellatum
LITOGRAFIA, 51,5 X 33,5 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DO FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO *FLORAE FLUMINENSIS*, PARIS, OFF. LITH. SENEFELDER, 1827, PRANCHA 54
PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL, SÃO PAULO, BRASIL

Introdução e Domesticação de Plantas no Brasil Colonial e Imperial", proferida no Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (Dean, 1989).

De acordo com a proposta de Arruda da Câmara, deveriam ser constituídos hortos públicos ou viveiros em vários pontos do Brasil, para a criação de plantas de outros países e de outras províncias. Considera as condições inerentes aos países situados nos trópicos, a raridade das espécies e a sua inevitável destruição. A proposta é sintetizada em um índice detalhado dos vegetais úteis que deveriam ser transplantados para o Brasil, evocando iniciativas precedentes de transplante de vegetais da Ásia para o Brasil, iniciadas no século XVII. Tampouco despreza as vantagens que poderiam advir da qualidade da cera das abelhas da Europa e de Angola, da importação dos grandes carneiros do Peru, ou das ovelhas da Espanha para a manufatura de lã, chegando a antever camelos e dromedários nos sertões de Pernambuco, Paraíba e Ceará.

A apreciação da qualidade dos desenhos botânicos do padre Montenegro feitos para a *Centúrias dos Novos Gêneros e Espécies das Plantas Pernambucanas*, do mesmo modo que dos desenhos de frei Solano Benjamin para a *Flora Fluminensis* e dos desenhos de Freire para o manuscrito botânico deixado por Rodrigues Ferreira, remetem finalmente o historiador ao exame da representação. Há nesses desenhos e aquarelas uma tradição de figuração clássica, que sabe aliar a sensibilidade à medida. Os desenhos idealmente proporcionados demonstram as relações recíprocas que se estabelecem entre a arte e o conhecimento científico, de acordo com o modelo de Lineu.

Digitalizado com CamScanner

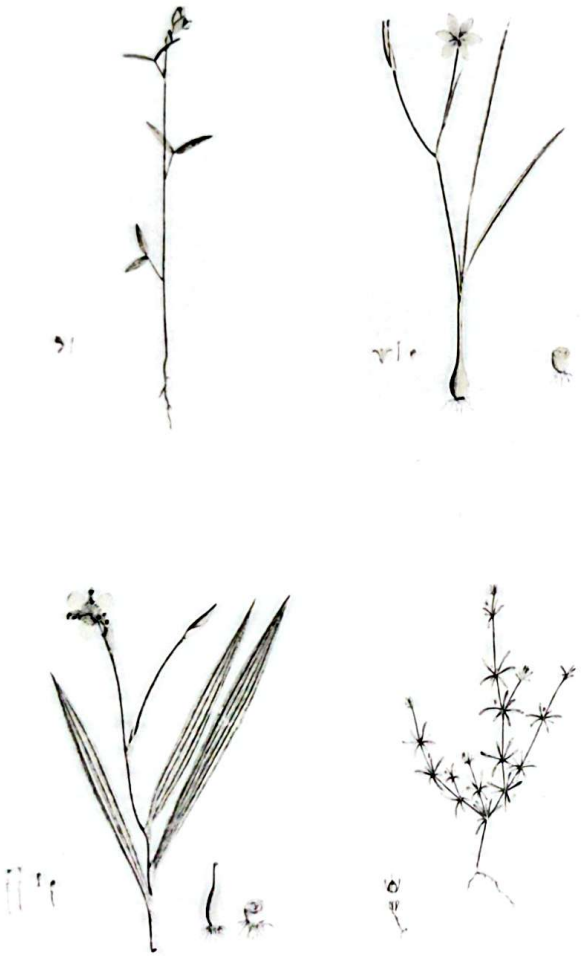
253. Padre João Ribeiro Montenegro
Zornia Leguminosae, 1800
DESENHO A NANQUIM, 33,5 X 20,8 CM
DO MANUSCRITO DE AUTORIA DE MANUEL ARRUDA DA CÂMARA, FÓLIO 49
MUSEU NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

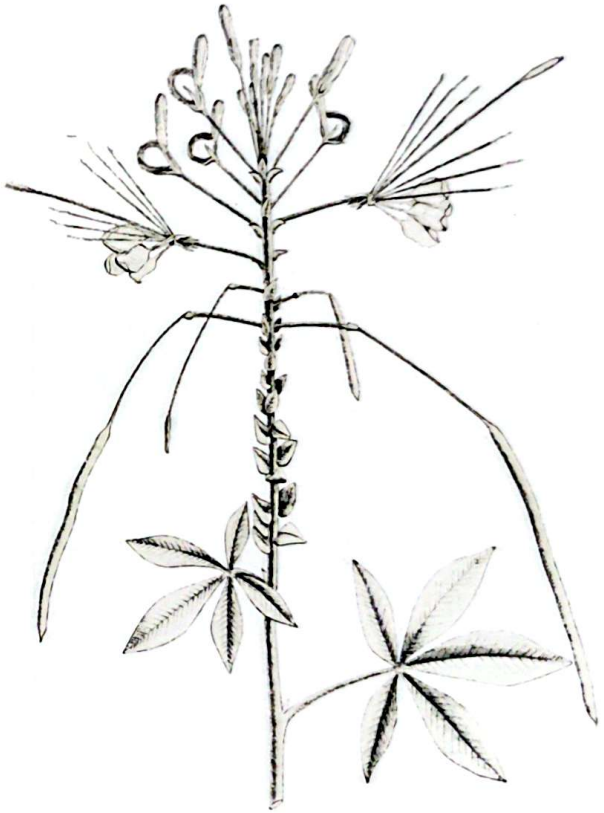
254. Padre João Ribeiro Montenegro
Indaceae, 1800
DESENHO A NANQUIM, 33,5 X 20,8 CM
DO MANUSCRITO DE AUTORIA DE MANUEL ARRUDA DA CÂMARA, FÓLIO 19
MUSEU NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

255. Padre João Ribeiro Montenegro
Indaceae, 1800
DESENHO A NANQUIM, 33,5 X 20,8 CM
DO MANUSCRITO DE AUTORIA DE MANUEL ARRUDA DA CÂMARA, FÓLIO 21
MUSEU NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

256. Padre João Ribeiro Montenegro
Mollugo verticillata Molluginaceae, 1800
DESENHO A NANQUIM, 33,5 X 20,8 CM
DO MANUSCRITO DE AUTORIA DE MANUEL ARRUDA DA CÂMARA, FÓLIO 112
MUSEU NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

O manuscrito compreende 119 desenhos de espécies botânicas resultantes da Expedição Câmara, na metade do séc. XVIII, despertando interesse dos viajantes estrangeiros que percorreram o Nordeste



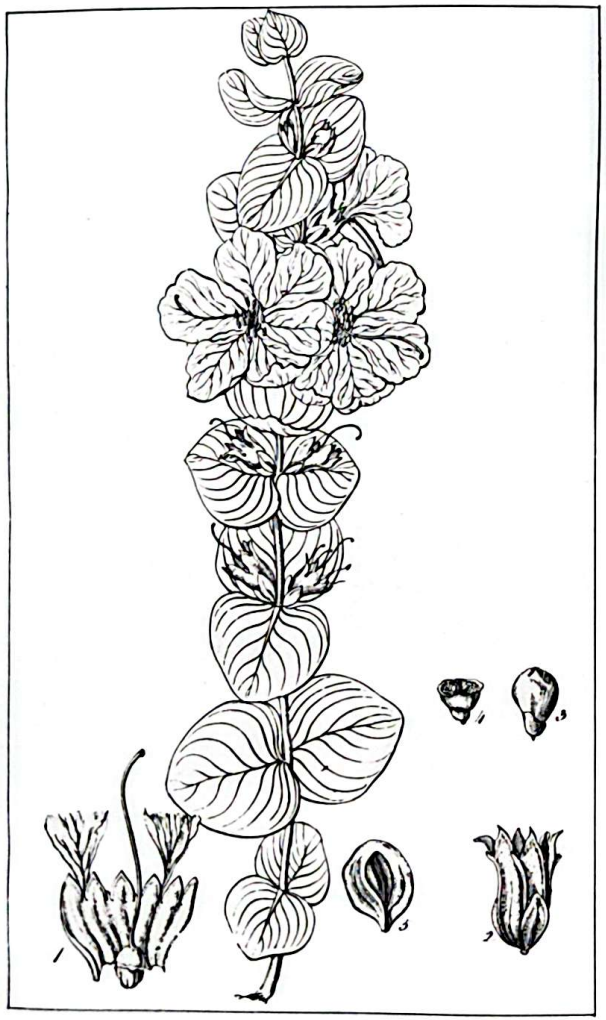


257. Padre João Ribeiro Montenegro (atribuição)
Cynanchum histum Asclepiadaceae, 1800
DESENHO A NANQUIM, 33,5 X 20,8 CM
DO MANUSCRITO DE AUTORIA DE MANUEL ARRUDA DA CÂMARA, FÓLIO 89
MUSEU NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

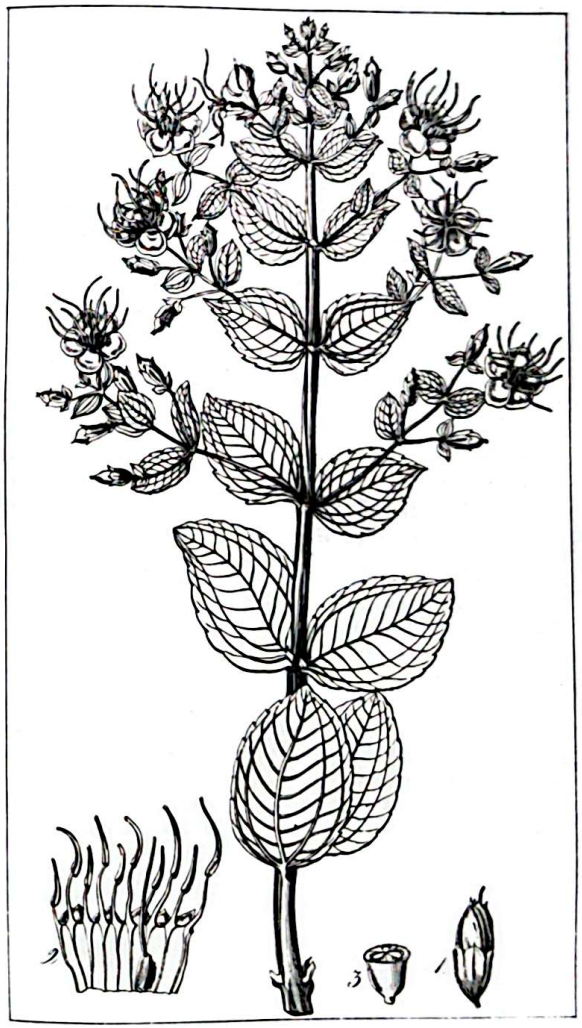
258. Padre João Ribeiro Montenegro (atribuição)
Cleonia Capparidaceae, 1800
DESENHO A NANQUIM, 33,5 X 20,8 CM
DO MANUSCRITO DE AUTORIA DE MANUEL ARRUDA DA CÂMARA
FÓLIO 95
MUSEU NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Digitalizado com CamScanner

259. George Gardner
Diplusodon decussatus Gardn., Villa de Arrayas, 1840
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE GARDNER *SYSTUM PLANTARUM*. LONDRES, HIPPOLYTE BAILLIERE BY W.B. FIELDING, 1844, TAB. 1
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



260. George Gardner
Cambessedesia membranacea Gardn., Natividade, Goyas
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE GARDNER *SYSTUM PLANTARUM*. LONDRES, HIPPOLYTE BAILLIERE BY W.B. FIELDING, 1844, TAB. 44
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



Digitalizado com CamScanner

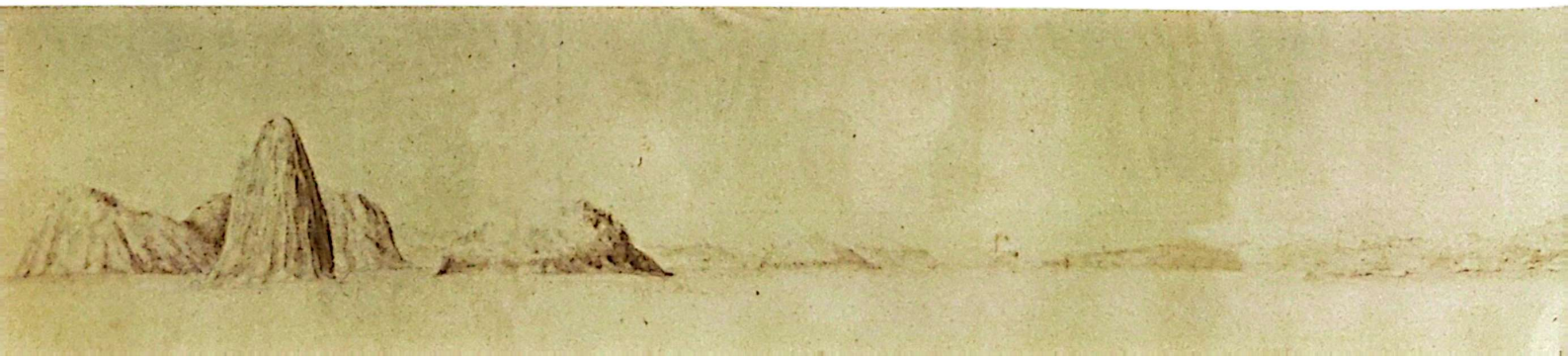
As Viagens de Circunavegação e a Costa do Brasil Vista do Mar

Desde o século XVI, a costa do Brasil foi tocada por frotas lançadas ao mar em viagem ao redor do mundo. Em 1519, chegam à Baía do Rio de Janeiro as cinco embarcações que acompanham o viajante português Fernão de Magalhães, a serviço da Espanha. A expedição dirige-se ao sul do continente, pretendendo contorná-lo e atingir as "ilhas das especiarias". Magalhães é o primeiro viajante a cruzar o estreito, que posteriormente recebe seu nome, enfrentando toda sorte de dificuldades: fortes tempestades, tripulações rebeladas, perda de naus, atingindo apenas delas três o Oceano Pacífico, assim denominado pelo navegante. Só uma embarcação, *Vitória,* retorna à Espanha, em 1522, trazendo dezoito sobreviventes da tripulação original, entre eles Francesco Antonio Pigafetta, autor do relato de viagem que conta como Magalhães morre em combate, nas Ilhas Filipinas. Dessa façanha restaria outro diário de bordo do piloto Francesco Albo, tardiamente publicado por Navarette, no século XIX (Maximilianus, 1523; Pigafetta, 1525; Navarrete, 1837).

Entre os pioneiros a velejar ao redor do mundo, o primeiro holandês é Olivier van Noort. Parte a bordo do *Mauritius,* em 1598, e retorna em 1601, cumprindo o objetivo de preparar o caminho para que os holandeses possam se fixar nas Índias Orientais. Van Noort deixa um livro de bordo sobre a penosa viagem através do Estreito de Magalhães até as Filipinas e Bornéu, e sobre o retorno de Java à sua terra. Sendo impedido pelos portugueses de desembarcar na Baía da Guanabara, fixa duas vistas, *Rio de Janeiro* e *Ilha de São Sebastião,* publicadas no seu relato sobre a costa brasileira (Noort, 1599 e 1602). Outro holandês, após Van Noort, é encarregado pela Companhia das Índias Orientais de fazer a volta ao mundo. Joris van Spilbergen realiza sua segunda grande viagem, nos anos de 1614 e 1618, dirigindo-se das Ilhas Canárias a Cabo Frio, quando é tomada a vista da *Ilha Grande de São Vicente,* datada de 1615. Prossegue a caminho do Estreito de Magalhães, subindo a costa da América do Sul até a Califórnia, atravessando o Pacífico, indo até as Molucas. O seu relato de viagem é também incluído na coleção das grandes viagens compiladas por De Bry, Hulsius, Purchas, Colijn e Commelin (Spilbergen, 1621).

Desde o século XVII, desenhistas participam das tripulações que percorrem o mundo. Enquanto os portos do Brasil permanecem fechados, as expedições de circunavegação, de passagem pela costa brasileira, têm apenas autorização para abastecer os navios, quando são preparados registros das vilas brasileiras a partir do mar. Muitos desses desenhos são feitos *en passant,* não sendo o foco de interesse dos artistas-viajantes. O catálogo da Fundação Bosch constitui uma fonte importante para a recuperação de informações sobre viagens ao redor do mundo (*Brasilien-Bibliothek der Robert Bosch GMBH,* 1983)

Le Gentil de La Barbinais visita a Ilha Grande, no Rio de Janeiro, e a Bahia, por ocasião da viagem que realiza entre 1714 e 1717, motivada



Digitalizado com CamScanner

pelo interesse de comercializar com o Chile, o Peru e a China. O viajante francês deixa um relato crítico sobre a vida da capital e sobre as atividades comerciais que o Brasil mantém com a Europa e a Ásia, junto ao qual aparece configurado um tema pouco comum: as festas religiosas gravadas em cobre (Barbinais, 1728).

Também a coroa britânica envia esquadras aos mares do sul. A viagem ao redor do mundo comandada por lorde George Anson, no ano de 1740, contada pelo capelão Richard Walter, merece uma publicação ilustrada com mapas e figuras em talho doce. O relato de Walter sobre os oito navios piratas que deixam Portsmouth rumando aos portos espanhóis da costa oeste da América do Sul e viajam durante quatro anos, dos quais regressa apenas o *Centurion*, contém informações sobre o Brasil e traz anotações da planta do porto da Ilha de Santa Catarina e fortificações do lugar, onde os ingleses aportaram (Anson, 1751).

Somente a viagem de circunavegação do capitão James Cook, comandante do *Endeavour*, encomendada pela Royal Society, de Londres, e patrocinada por George III, situa o modelo precursor das viagens científicas, que têm prosseguimento no século XIX, como denota a expedição de Darwin. Não queremos, com isso, descartar a hipótese de que os propósitos dessa exploração científica estivessem fora da órbita dos interesses comerciais, mas reconhecer que o principal objetivo da primeira das três viagem que o capitão Cook realiza é observar o trânsito de Vênus no Taiti, como parte de um esforço internacional para medir a distância entre a Terra e o Sol. Além disso, a expedição pretende dar prosseguimento às descobertas geográficas, iniciadas pela viagem de John Byron (1764-1766). Embora a principal finalidade da viagem não seja cumprida conforme as expectativas, o grupo de cientistas, que viaja equipado para o estudo da história natural, pode obter proveitosos resultados no Pacífico, na desconhecida costa oriental da Austrália e reúne um herbário considerável, dos mais importantes existentes.

Viajam com James Cook o naturalista sir Joseph Banks, o botânico Daniel Carl Solander, aluno de Lineu, e os pintores de botânica Sydney Parkinson e Alexander Buchan. A rota, a partir de Plymouth, em 1768, tem escala na Ilha da Madeira e explora o litoral do Brasil, de novembro a dezembro desse mesmo ano. Esse período de tempo é suficiente para que Parkinson produza alguns registros botânicos e para que Buchan deixe quatro vistas da costa e um panorama do Rio de Janeiro (IL. 261), em três folhas, antes de sua morte no Taiti. Parkinson morreu também antes da chegada do *Endeavour* à Inglaterra, em 1771 (Carr, 1983). Cook realizaria ainda outras duas viagens de circunavegação, com um número respeitável de descobertas.

As plantas coletadas por Banks e Solander durante a expedição são levadas para o The Natural History Museum, em Londres, onde se encontra também a coleção das aquarelas originais feitas por Parkinson (IL. 262 a 272) durante a viagem. As plantas dão origem ao

261. Alexander Buchan
Strip Map of Rio de Janeiro
(Panorama do Rio de Janeiro) (parte)
DESENHO A LÁPIS (EM TRÊS PARTES)
NO PRIMEIRO VOLUME DE A COLLECTION OF DRAWINGS MADE IN THE COUNTRIES VISITED BY CAP. COOK IN HIS FIRST VOYAGE ALSO OF PRINTS PUBLISHED IN HAWKESWORTH VOYAGES OF BIRON WALLIS AND COOK
THE BRITISH LIBRARY, LONDRES, INGLATERRA

Digitalizado com CamScanner

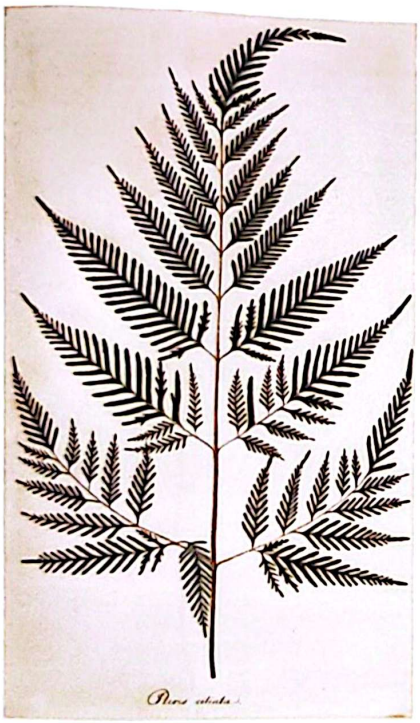
Banks' Florilegium, um conjunto de 34 volumes, contendo, no volume XVI, pouco mais de duas dezenas de espécies referentes à flora do Brasil.

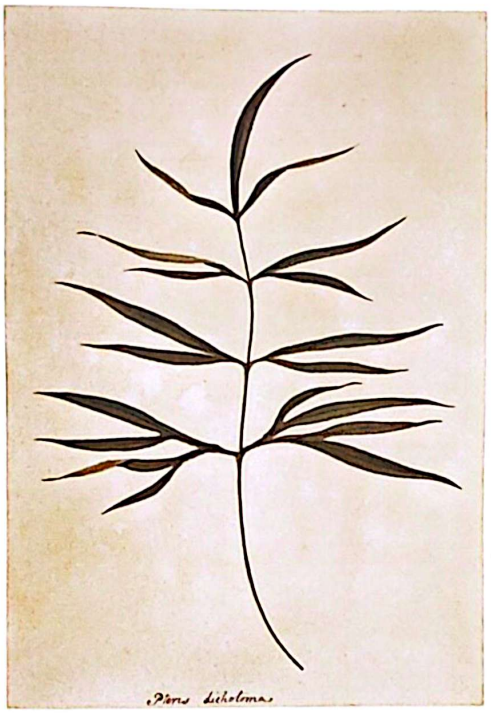
Como Parkinson desenha diretamente a partir do modelo vivo e tem pouco tempo para finalizar o trabalho, desenvolve o hábito de dar um rápido contorno a lápis e, a seguir, colorir detalhes essenciais, deixando observações que vieram permitir a conclusão das centenas de desenhos inacabados, pela colaboração de cinco artistas supervisionados por Banks. As gravuras mobilizam uma equipe de dezoito gravadores, sob a orientação de Banks, tendo sido impressas *à la poupée*, com mais de dez cores trabalhadas sobre uma única prancha e detalhes adicionais em aquarela. Apesar de Banks ter concluído o trabalho, não chega a reunir e publicar o *Florilegium (Bank's Florilegium, 1988)*.
Os cuidados com a edição das gravuras evidenciam a atribuição de valor aos fatos da natureza, que passam, daqui para a frente, a merecer excepcional tratamento artístico.

Em 1785, parte de Brest o conde de La Pérouse, acompanhado de sábios e artistas, incumbido por Luís XIV de completar as descobertas de Cook e explorar o Pacífico.
O livro Voyage de La Pérouse Autour du Monde revela alguns resultados da sua mal-sucedida viagem, na qual o navio se perde com a tripulação. Procura mostrá-los de forma acurada em elaborada publicação oficial, que pretende acompanhar a alta qualidade das gravuras inglesas sobre a viagem do capitão Cook. Além do texto, compreende um atlas, volume composto por um conjunto de estampas, contendo uma vista da Ilha de Santa Catarina (IL. 277), feita a pincel pelo artista engajado na expedição de Duché de Vancy, e gravada por Le Pagelet. O material que baseia a edição da viagem de La Pérouse é levado à França por um enviado, que abandona a expedição antes dos trágicos acontecimentos. Só anos mais tarde são conhecidos os fatos que envolveram o desaparecimento de toda a tripulação e as atrocidades cometidas pelos índios da Ilha de Vanikoro (Pérouse, 1797).

As viagens de circunavegação, enquanto feitos oficiais, promovem a imagem dos países empreendedores, que passam a ostentar as realizações, através das representações visuais dos lugares já tocados, dos pontos já conhecidos. As publicações das imagens de viagem inscrevem-se nesse processo demonstrativo, ao materializar pela visualidade o poder das nações descobridoras. É por esse motivo que as edições merecem atenção especial.

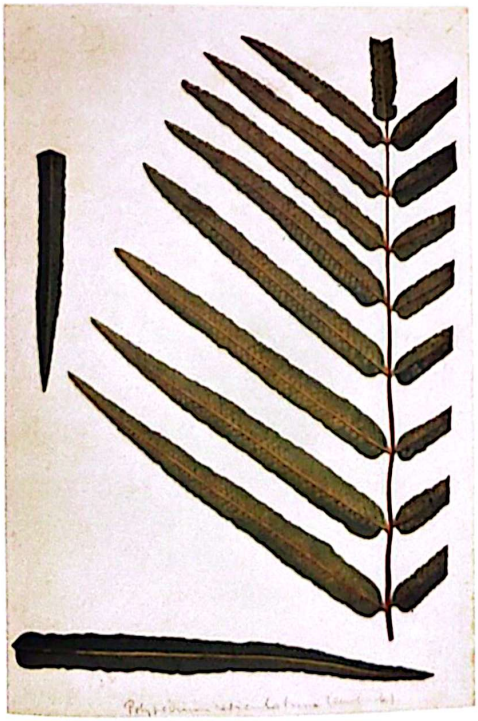
Digitalizado com CamScanner

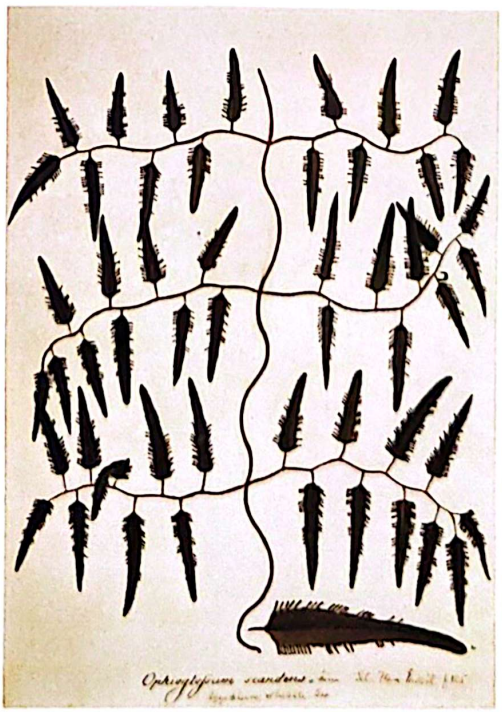




262. Sydney Parkinson
Pteridium aquilinum (Linnaeus, 1879)
AQUARELA, 46,5 X 27,5 CM
INSCRIÇÕES: *"PTERIS CILIATA BRASIL"*
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

263. Sydney Parkinson
Pteris denticulata Swartz (1788)
AQUARELA, 33,5 X 25 CM
INSCRIÇÕES: *"PTERIS DICHOTOMA, BRASIL"*
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

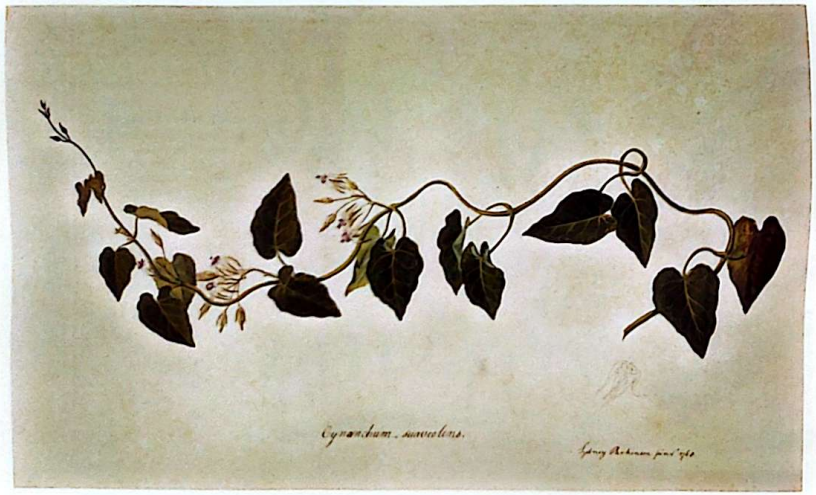




264. Sydney Parkinson
Meniscium reticulatum Swartz (1806)
AQUARELA, 37 X 25 CM
INSCRIÇÕES: "Nº 38 *POLYPODIUM RETICULATUM*, RIO DE JANEIRO"
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

265. Sydney Parkinson
Lygodium volubile Swartz (1806)
AQUARELA, 37 X 27 CM
INSCRIÇÕES: "*OPHIOGLOSSUM SCANDENS BRASIL A LEAF OF THE NATURAL SIZE*"
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

Digitalizado com CamScanner



268. Sydney Parkinson
Antigramma repanda (C. Presl, 1836)
AQUARELA. 37 X 26,5 CM
INSCRIÇÕES: "ASPLENIUM GLABRATU. RIO DE JANEIRO"
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

269. Sydney Parkinson
Bougainvillea spectabilis Willdenow (1799)
AQUARELA. 47 X 28 CM
INSCRIÇÕES: "CALYXIS TERNARIA 1768 BRASIL"
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

(Página ao lado)

266. Sydney Parkinson
Temnadenia violacea (Vellozo, 1878)
AQUARELA. 28 X 47 CM
INSCRIÇÕES: "ECHITES PUBESCENS 1769"
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

267. Sydney Parkinson
Oxypetalum banksii Schultes in Roemer & Schultes (1829)
AQUARELA. 27,5 X 45,5 CM
INSCRIÇÕES: "CYNANCHUM SUAVEOLENS 1768"
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

Digitalizado com CamScanner

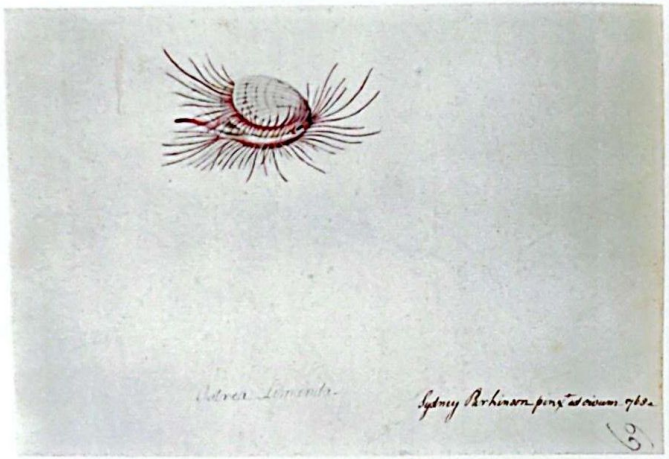
270. Sydney Parkinson
Rodriguezia rigida (Lindley, 1852)
AQUARELA, 46 X 27,5 CM
INSCRIÇÕES: "EPIDENDRUM CORNICULATUM, 1768"
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

271. Sydney Parkinson
Bomarea edulis Herbert Amaryllidaceae (1837)
AQUARELA, 46,5 X 27,5 CM
INSCRIÇÕES: "ALSTROEMERIA SALSILLA LINN. ITEM" "RIGHT"
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

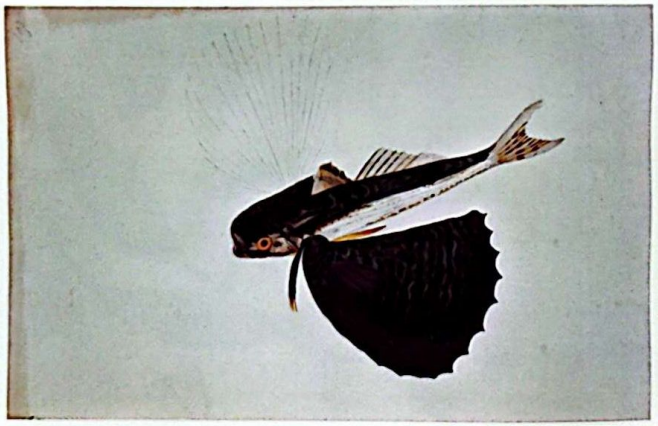
272. Sydney Parkinson
Aechmea nudicaulis (Linnaeus, 1864)
AQUARELA, 46,5 X 28 CM
INSCRIÇÕES: "BROMELIA BRACTEATA, 1768"
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

Digitalizado com CamScanner

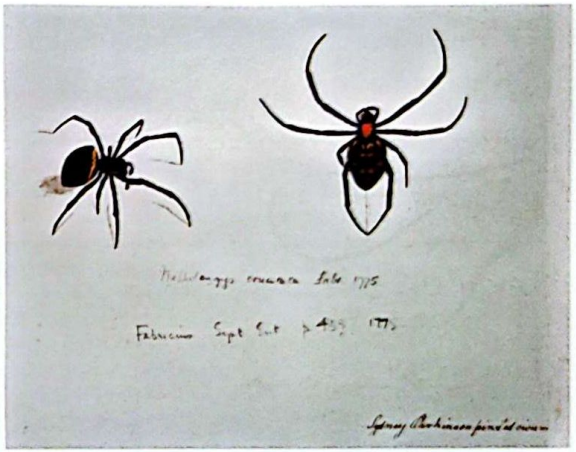
273. Sydney Parkinson
Lima lima (Linnaeus 1758)
AQUARELA. 23,8 X 28,8 CM
INSCRIÇÕES: "OSTREA LIMANDA 1768. BRASIL"
OBRA DO MANUSCRITO ENCADERNADO ZOOLOGICAL DRAWINGS IN CAPT. COOK'S FIRST VOYAGE, 1768-1771, FOLIO 292
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



274. Sydney Parkinson
Dactylopterus volitans (Linnaeus, 1758)
AQUARELA. 29,3 X 48 CM
INSCRIÇÕES: "TRIGLA VOLITANS BRASIL"
OBRA DO MANUSCRITO ENCADERNADO ZOOLOGICAL DRAWINGS ... 1768-1771. FOLIO 193
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



275. Sydney Parkinson
Nephilgenys cruentata (Fabricius, 1775)
AQUARELA. 22,9 X 29,7 CM
INSCRIÇÕES: "NEPHILGENYS CRUENTATA FABR. 1775", "BRETANHA", "RIO DE JANEIRO"
OBRA DO MANUSCRITO ENCADERNADO ZOOLOGICAL DRAWINGS ... 1768-1771. FOLIO 217
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA



276. Alexander Buchan
Sceliphron coementarium
AQUARELA. 19,3 X 29,4 CM
INSCRIÇÕES: "MADERA"
OBRA DO MANUSCRITO ENCADERNADO ZOOLOGICAL DRAWINGS ... 1768-1771. FOLIO 214
THE NATURAL HISTORY MUSEUM, LONDRES, INGLATERRA

Digitalizado com CamScanner

As viagens ao redor do mundo prosseguem durante a primeira metade do século XIX, contando sempre com a presença de um pintor ou desenhista a bordo. A primeira circunavegação russa ocorre de 1803 a 1806, comandada por A. Krusenstern e Lisianskoy, dela derivando também uma publicação ilustrada com a imagens da cidade de Nossa Senhora do Desterro (atual Santa Catarina). No grupo de cientistas a bordo, estava Langsdorff, que haveria de voltar novamente ao Brasil e ter seu nome ligado ao país. Viaja também o cadete Otto von Kotzebue, que tem a oportunidade de ancorar mais uma vez no Rio de Janeiro, ao comandar uma viagem de circunavegação, entre 1815 e 1818.

Podem ainda ser mencionados outros empreendimentos dessa fase. Freycinet viaja acompanhado de J. Arago, que deixa ilustrações; os resultados científicos da viagem de Dumont d'Urville são publicados com desenhos de Arago, viaja também Cyrille-Pierre Laplace; o barão de Bougainville a bordo do navio real inglês *Thetis*; e a fragata austríaca *Navara* conduz uma equipe de cientistas ao Rio de Janeiro, em 1857, que traz o pintor Joseph Selleny, aluno de Thomas Ender.

Ao que tudo indica, as expedições são acontecimentos que despertam interesse nos contemporâneos e criam, no século XIX, motivos poéticos para os pintores de paisagem. As duas telas do litoral de Cabo Frio pintadas por John Christian Schetky dão testemunho de que o *Salvamento das Cargas e Tesouros do Navio Real 'Thetis'* (IL. 529 e 530) provocaria, anos depois, o sentimento do sublime, conforme se pode observar no terceiro volume da presente edição.

A expedição empreendida pelo *Beagle*, de 1831 a 1836, oferece a Charles Darwin a oportunidade de conhecer e explorar a fauna em diversas partes do mundo, fornecendo-lhe o material com o qual elabora futuramente as suas teorias sobre a evolução das espécies. Mas essa expedição é primordialmente cartográfica, pretendendo realizar levantamentos da costa da América do Sul, com especial atenção para o Chile e Peru, Patagônia e Terra do Fogo, buscando também fazer medições cronométricas ao redor do mundo. Em trecho referente ao Brasil, Darwin deixa transparecer a atitude contemplativa de admiração quando, estando em Salvador, em 1832, conta que "o dia passou deliciosamente. Mas a delícia é termo insuficiente para exprimir as emoções sentidas por um naturalista que, pela primeira vez, se viu a sós com a natureza no seio de uma floresta brasileira (...) A elegância da relva, a novidade dos parasitas, a beleza das flores, o verde luzidio das ramagens, e, acima de tudo, a exuberância da vegetação em geral, foram para mim motivos de uma contemplação maravilhada (...)" (Darwin, 1839).

Além do naturalista Charles Darwin e do capitão Robert Fitzroy, dois artistas integram a expedição de circunavegação do *Beagle*. Augustus Earle viaja da Inglaterra a Montevidéu e Conrad Martens de Montevidéu a Valparaíso, no Chile, de onde Darwin parte para a travessia da Cordilheira dos Andes. Augustus Earle é um pintor de recursos, formado na Royal Academy de Londres, com uma abordagem crítica, satírica que poderia lembrar a tradição de um Hogarth. Dele são conhecidas pinturas sobre os escravos no Brasil, publicadas no terceiro volume desta obra.

Contudo, desde a abertura dos portos, com a vinda da corte portuguesa ao Brasil em 1808, cria-se a possibilidade de as expedições científicas penetrarem no interior do Brasil, como já faziam aquelas expedições promovidas pela metrópole no século XVIII, tendo início um novo ciclo de explorações.

Digitalizado com CamScanner

277. La Pagelet (sculpt.) **e Duché de Vancy** (del.)
Vue de l'Ile de Ste. Catherine
GRAVURA, 25 X 39,5 CM
ILUSTRAÇÃO DO *ATLAS DU VOYAGE DE LA PÉROUSE*, S.L., S.C.P., S.D.
COLEÇÃO LYGIA E NEWTON CARNEIRO JUNIOR, SÃO PAULO, BRASIL

Digitalizado com CamScanner

A Abertura do Reino Desconhecido

O Ciclo das Grandes Expedições do Século XIX

278. William Swainson
Red-Breasted Wren Thyothorus carinatus (Uirapuru)
GRAVURA. 24,3 X 18,4 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE WILLIAM SWAINSON *A SELECTION OF THE BIRDS OF BRAZIL AND MEXICO*. LONDRES, HENRY G. BOHN, 1841.
PRANCHA 14
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Após a transferência da corte portuguesa da metrópole para a colônia, em 1808, para fugir ao cerco dos franceses, com a conseqüente abertura dos portos, cresce imediatamente o número de viajantes que aportam no Brasil para a conquista dessa parte da América Latina, ainda não descortinada pelo mundo europeu. São naturalistas curiosos com relação à natureza tropical, diplomatas que vêm estabelecer contato com o único império existente na América do Sul, comerciantes, artistas, aventureiros, turistas, engenheiros.

A metrópole havia cuidado para que as outras nações européias ficassem a distância, desconhecessem as riquezas do Brasil e fossem impedidas de praticar a pirataria comercial, até o fim do Setecentos, quando parece ter baixado a guarda em favor dos ingleses. É o que faz supor a presença de Thomas Lindley no Brasil, um dos primeiros europeus a entrar no país, em 1802, e reunir informações em um livro, quando elas eram praticamente inexistentes. Também o inglês John Mawe, que chega em 1807, teria obtido permissão para viajar à região das minas de diamante e prata, o que o engenheiro e mineralogista alemão barão Von Eschwege só faria em 1810, a serviço de Portugal. Surpreende ainda a presença de Waterton, em 1804, de Luccok, em 1808, e de Henry Foster, em 1809.

Entre a chegada de dom João VI e a partida de dom Pedro II, o Brasil é visitado por um elevado número de naturalistas, organizados, na maioria dos casos, em expedições científicas, já inventariadas exaustivamente e repetidas vezes por autores como o visconde de Taunay, de quem se pode ler *Estrangeiros Ilustres e Prestimosos;* por Borba de Moraes, que compila sistematicamente as obras dos viajantes em sua *Bibliographia Brasiliana;* por Sérgio Buarque de Hollanda e Mello-Leitão, entre os autores de textos de referência. É digno de registro o empenho da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* reeditando o artigo de Theodoro Sampaio, em 1915, e a publicação de autores como o padre Carlos Teschauer, em 1927. As obras dos viajantes também foram avaliadas segundo áreas específicas de conhecimento, de acordo com uma especialização disciplinar decorrida posteriormente, que recortou o campo de estudos integrados. O interesse dessas avaliações mais recentes reside no teor crítico e seletivo com que focalizam a contribuição etnográfica, a contribuição zoológica e a contribuição botânica dos viajantes. É o caso, por exemplo, do ensaio *A Contribuição da Iconografia para o Conhecimento dos Índios Brasileiros do Século XIX,* de Tekla Hartmann (1975) e da sintética avaliação realizada por Paulo Vanzolini no artigo "As Primeiras Expedições Zoológicas no Brasil" (1990). Ou, ainda, de novas obras de referência, como a recente *História dos Índios do Brasil,* organizada por Manuela Carneiro da Cunha (1992), para citar apenas alguns nomes atuantes, em um vasto campo de publicações.

Diante do elevado número de viajantes que percorrem o Brasil, buscando conhecer essa região do mundo ainda mal descortinada, valendo-se das possibilidades de interpretação visual oferecidas pela tradição ou ensaiadas experimentalmente, procuramos apenas apontar em linhas gerais algumas regularidades, passíveis de serem identificadas pela visão também parcial do historiador da arte. A ambiciosa e difícil tarefa de aproximar diferentes indagações e métodos de conhecimento exigiria necessariamente o empenho continuado de parceiros de múltiplas disciplinas. Portanto, apresentamos a título de tentativa preliminar, aberta às correções que poderão advir de debates em círculos mais amplos, um número selecionado de ocorrências no âmbito dos viajantes do século XIX, que encorajam considerações de ordem artística.

Digitalizado com CamScanner

279. William Swainson
Royal Tody
Megalophus regius (Maria-Leque)
GRAVURA. 24,3 X 16,4 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE WILLIAM SWAINSON *A SELECTION OF THE BIRDS OF BRAZIL AND MEXICO*. LONDRES, HENRY G. BOHN, 1841.
PRANCHA 52
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Entre tantas possibilidades oferecidas, sempre estarão ausentes exemplos relevantes.

As representações visuais examinadas mostraram-se, na maior parte das vezes, embricadas em amplos projetos culturais, deles derivando o seu sentido mais geral, não devendo ser consideradas autonomamente, quando se trata de buscar compreendê-las. A exploração da natureza pelos sentidos de acordo com as possibilidades interpretativas do meio gráfico e pictórico não escapa à praxis das convenções de representação visual, nem às indagações de natureza científica, que delimitam modos de ver e configurar. É bom lembrar, a propósito, palavras

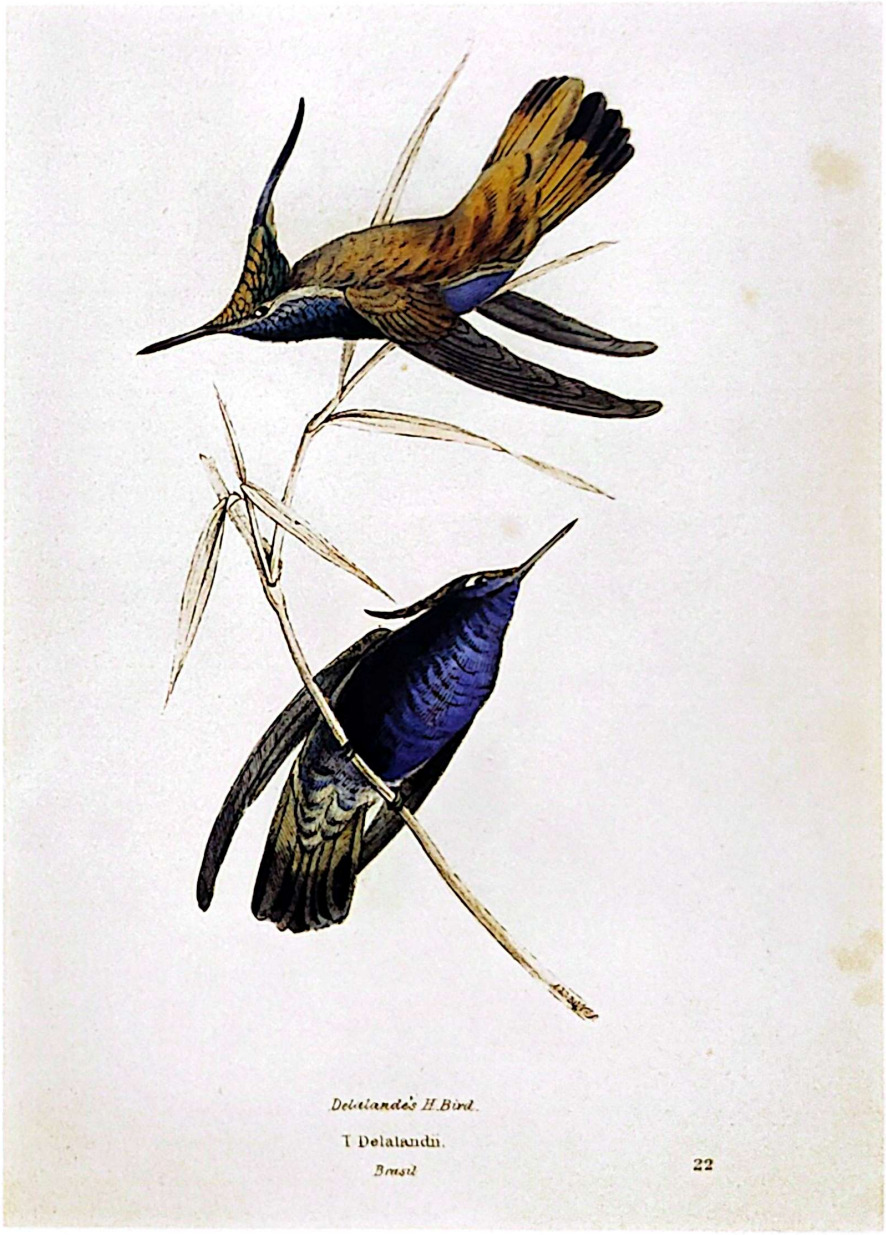
Digitalizado com CamScanner

de Ernst Gombrich, que, chamando a atenção para o papel da experimentação artística e das descobertas por ensaio e erro na história da arte, admite que "a descoberta das aparências deve-se não tanto à observação cuidadosa da natureza, mas à invenção dos efeitos pictóricos" (1986, p. 289).

Os esquemas perceptivos, cristalizados em formas, agem diretamente sobre as possibilidades de observação, como se poderá notar pela permanência dos recortes clássicos, principalmente em representações dos habitantes do Brasil, ao longo do século XIX, enquanto a botânica se inscreve na paisagem e propicia o sentimento estético da natureza. Ou, mesmo, enquanto os estudos sobre a distribuição e o desenvolvimento das espécies, no espaço e no tempo, já não dependem tanto das relações de semelhança entre reinos, gêneros e espécies, mas da compreensão das equivalências entre diferentes formas de vida.

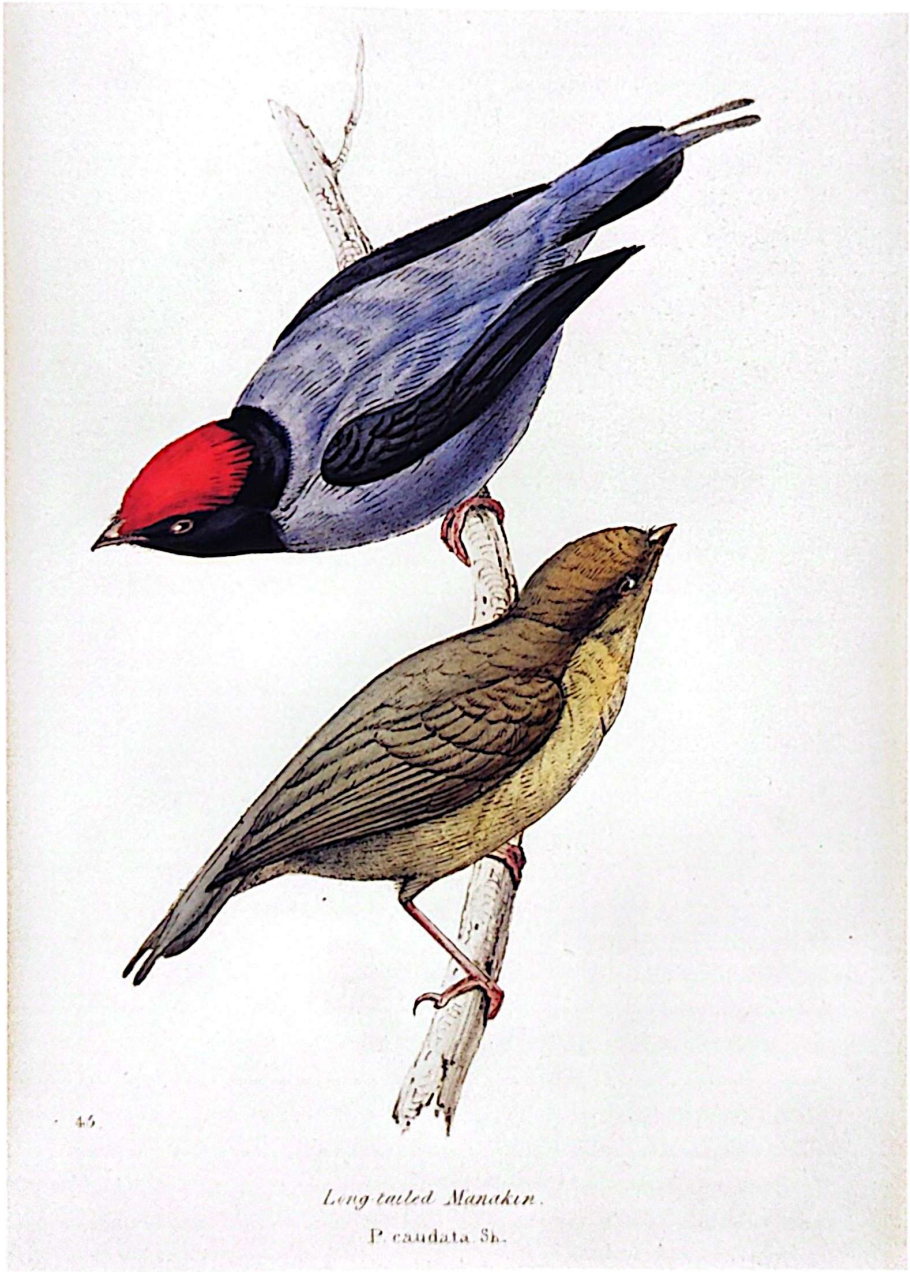
De uma maneira geral, além dos artistas agregados às expedições, os naturalistas aprimorados em academias européias e os naturalistas amadores eram dotados de recursos de desenho, que faziam parte da formação naquele tempo. Todos, herdeiros da tradição artística, traziam na bagagem esse meio de que dispunham para realizar a primeira aproximação com um mundo praticamente desconhecido, para enfrentar o cenário não habitual, para preservar a memória visual ao lado do diário manuscrito, quando já não estivessem mais diante do observado.

Os viajantes europeus teriam dificuldade em fixar o ameríndio quanto mais comprometidos estivessem com a concepção ideal, universal, da estética clássica. Como a percepção não é um registro passivo do mundo exterior e não pode ser tomada por uma simples operação retiniana, dependendo dos modos pelos quais a inteligência é provocada e está preparada para discriminar,



280. William Swainson
Delalande's Humming Bird
Trochilus delalandii (Beija-Flor-de-Topete)
GRAVURA. 24,3 X 16,4 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE WILLIAM SWAINSON *A SELECTION OF THE BIRDS OF BRAZIL AND MEXICO*. LONDRES: HENRY G. BOHN, 1841.
PRANCHA 22
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Digitalizado com CamScanner



281. William Swainson
Long-Tailed Manakin
Pipra caudata (Tangará Dançarino)
GRAVURA, 24,3 X 16,4 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE WILLIAM SWAINSON *A SELECTION OF THE BIRDS OF BRAZIL AND MEXICO*. LONDRES: HENRY G. BOHN, 1841.
PRANCHA 45
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

haveria de considerar as condições que a própria etnologia oferece para superação dos cânones clássicos que dominam grande parte das interpretações visuais. "É no século XIX que a humanidade dos índios se coloca pela primeira vez e o cientificismo desse século está preparado para demarcar os antropóides dos humanos", de acordo com Manuela Carneiro da Cunha. O marco pode ser estabelecido em Blumenbach, um dos fundadores da antropologia física (Cunha, 1992).

Só mesmo pressupostos científicos adequados, sucessivas tentativas, devidas comparações e correções poderiam levar a uma nova representação do índio do Brasil. Por outro lado, nos relatos de viagem de Mawe e Foster, que mencionam a estranheza causada pelos ingleses em meio à população que não está habituada aos homens claros e loiros, descobre-se que os viajantes europeus também excitam a curiosidade dos habitantes do Brasil. Desequipados para realizar registros do encontro com o homem branco, de acordo com critérios valorativos que pudessem facultar uma visão em *contracampo* — como se diz em jargão cinematográfico —, resta, como se sabe, um acervo de um único e exclusivo ponto de vista.

Digitalizado com CamScanner

A Esfera de Influência Alemã e a Presença Indireta de Humboldt

A Expedição do Príncipe Maximilian von Wied-Neuwied, 1815-1817

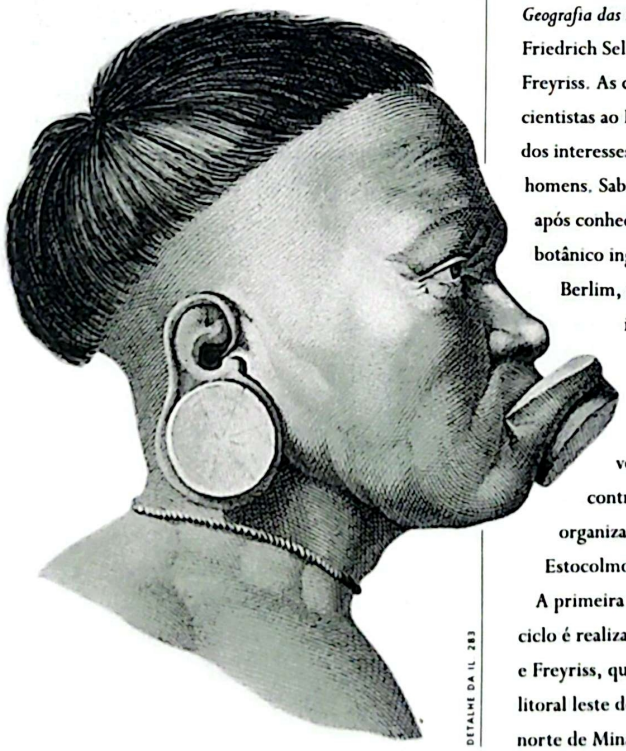
Entre as experiências afetadas pelo debate alemão, especialmente pelas idéias formuladas no círculo de Humboldt, está a expedição do príncipe Maximilian von Alexander Philip von Wied-Neuwied ao Brasil, de 1815 a 1817. O príncipe conhecera Humboldt em 1804, dedicando-se, desde então, a planificar a viagem ao Brasil, que só ocorreria anos depois. Estudou ciências naturais com o pioneiro da antropologia e anatomia comparada Johann Friedrich Blumenbach, de quem Humboldt e Langsdorff também foram alunos. Só de Blumenbach poderiam ter ouvido noções pouco difundidas, como a irrelevância dos critérios de beleza para a pesquisa das raças estranhas, a admissão do processo histórico de diferenciação das raças humanas, tendo ignorado a teoria climática de Montesquieu e Buffon sobre a coloração da pele.

Wied vem ao Brasil estimulado pelo autor da *Geografia das Plantas,* reunindo-se aqui ao botânico Friedrich Sellow e ao ornitólogo Georg Wilhelm Freyriss. As circunstâncias da vinda desses dois cientistas ao Brasil comprovam a convergência dos interesses europeus em torno de poucos homens. Sabe-se que Sellow parte para o Brasil após conhecer Humboldt, contratado pelo botânico inglês Joseph Banks e pelo Museu de Berlim, incumbido de enviar a essa instituição exemplares da flora e da fauna brasileira, chegando por intermédio do barão de Langsdorff, em 1814. Freyreiss vem em 1813 com o barão, sendo contratado pelo cônsul sueco para organizar coleções para o Museu de Estocolmo.

A primeira expedição científica desse novo ciclo é realizada pelo príncipe Maximilian, Sellow e Freyriss, que seguem pela mata costeira do litoral leste do Rio de Janeiro, Espírito Santo, norte de Minas Gerais e sul da Bahia. Wied visita os aldeamentos dos Puri, Botocudo e Kamacã, entre outros. Os propósitos declarados de Wied-Neuwied, que, conhecedor de notícias da região das Minas Gerais dadas por Mawe e Eschwege, escolhe território ainda não descrito, não deixam dúvidas de que as expedições européias configuram, em certo sentido, um trabalho em progresso. Sem negar o extenso alcance da expedição, a contribuição zoológica e botânica do príncipe Maximilian e ainda a importância dos estudos lingüísticos e de organização do vocabulário das tribos estudadas, convém concentrar a atenção em aspectos da pesquisa etnográfica, que afetam diretamente as concepções iconográficas.

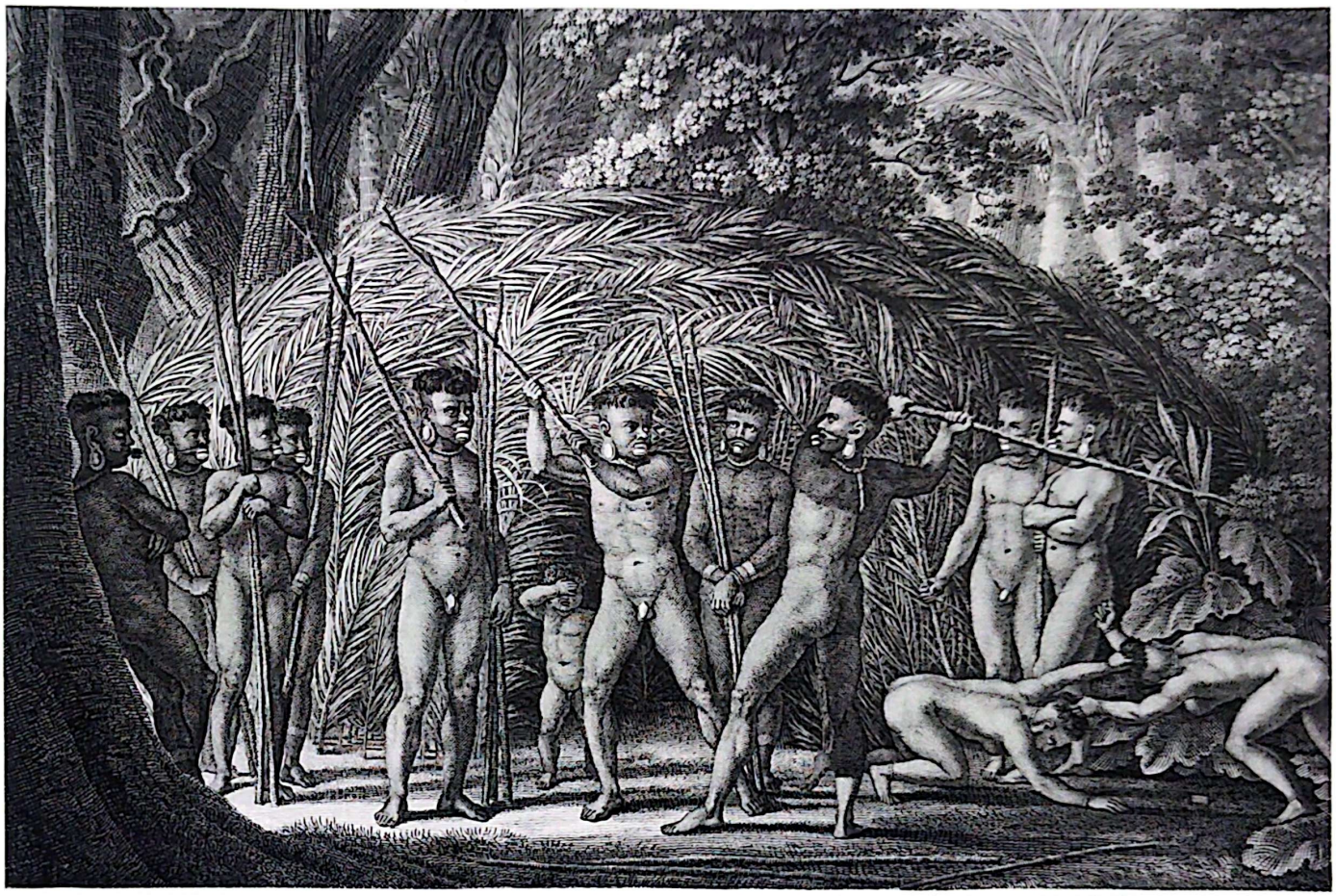
A obra *Reise in Brasilien* aparece em Frankfurt, entre 1819 e 1822, em dois volumes acompanhada de um atlas, contando com a colaboração de vários gravadores, em sua maioria do círculo da Academia de Dresden, para transformar os desenhos e aquarelas produzidos em viagem pelo príncipe Maximilian. Esses originais encontram-se hoje preservados na Fundação Robert Bosch, em Stuttgart. *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens,* obra zoológica publicada entre 1822 e 1831, abrange quase uma centena de pranchas coloridas sobre animais. *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien,* publicada entre 1825 e 1833, traz observações de viagem e descrições do material coletado.

Os esboços e aquarelas originais de Wied-Neuwied sobre o Brasil atualmente em Stuttgart, somam quase uma centena e constituem documentos singulares, pelo teor e método dos registros feitos em campo. São exemplos da suprema confiança no *olho,* em oposição aos *esquemas* que o artistas aprendem a usar; exemplos do *olho inocente,* que constrói memórias de momentos da viagem; anota sensações vividas na paisagem tropical. As aquarelas apresentam visões da partida da tropa de mulas, a travessia em canoa pelo Rio Doce, a admiração causada



DETALHE DA IL. 283

Digitalizado com CamScanner



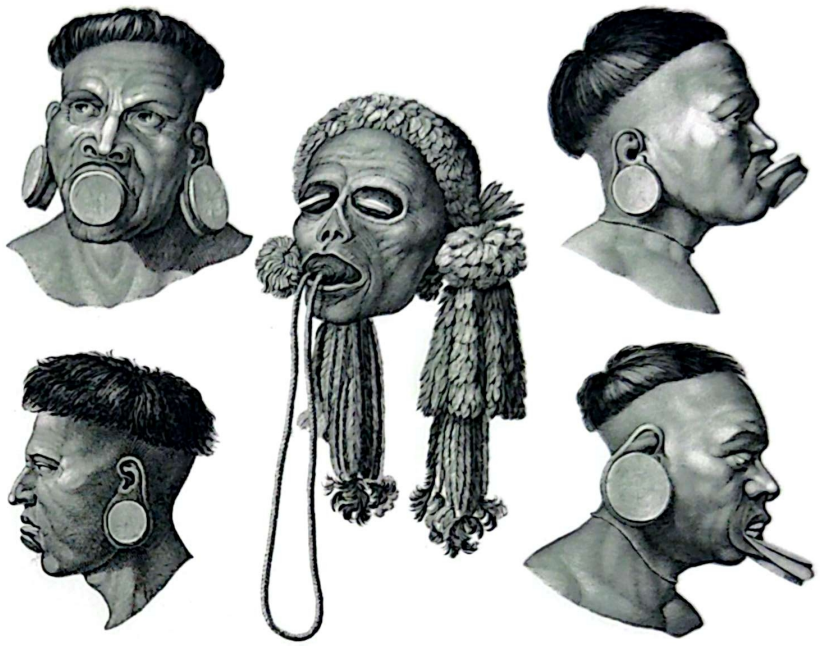
282. H. Müller (sculpt.) **e Maximilian Wied-Neuwied** (del.)
Zweikaempfe der Botocudos am Rio Grande de Bellmonte (Luta entre Botocudos no Rio Grande de Bellmonte)
GRAVURA EM COBRE, 24,3 X 34,9 CM.
ILUSTRAÇÃO DO *KUPFER UND KARTEN DER REISE NACH BRASILIEN*.
S.L.: S.D.: I. TEN. TH. 11.
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO, BRASIL.

pelas desmedidas espécies vegetais, a cooperação prestada pelos nativos aos viajantes, os hábitos e utensílios utilizados no percurso pela floresta. Em tudo, o artista exalta as condições de viagem, o contato com a natureza paradisíaca e a relação com os "homens em estado original". O artista parece deixar-se guiar somente pelo que atinge os seus sentidos naquele determinado momento, pelas sensações que o colocam em contato imediato com as coisas circundantes. O valor da sensação, o princípio do prazer, o comportamento afetivo e passional diante da paisagem remetem à "natureza como primeiro mestre", prédica pedagógica do *Emílio*, de Rousseau. A liberdade praticada com relação aos cânones proporcionais, a ausência de artifícios, que usualmente chamamos desenho primitivo, são produtos derivados da concepção romântica, do mesmo modo que a figura do artista amador. O resultado alcançado pela série de imagens de viagem de Neuwied forma uma história vivida, no interior da qual o próprio artista aparece representado.

Os registros das tribos indígenas dos Puri, Botocudo, Pataxó, Maxakali, Kamacã são feitos através de pranchas descritivas, que buscam apresentar com neutralidade traços fisionômicos distintivos das tribos e outros distintivos

Digitalizado com CamScanner

283. Anton Krüger (sculpt.) **e Maximilian Wied-Neuwied** (del.)
Abbildung Vier Origineller Botocude – Physiognomien Nebst einem Mumienkopf (Desenho de Quatro Botocudos e de uma Cabeça Mumificada)
GRAVURA EM COBRE, 24 X 30 CM
PERTENCE AO *KUPFER UND KARTEN DER REISE NACH BRASILIEN*. S.L. S.D. II. TEN. TH. 17
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (COLEÇÃO YAN DE ALMEIDA PRADO). SÃO PAULO, BRASIL

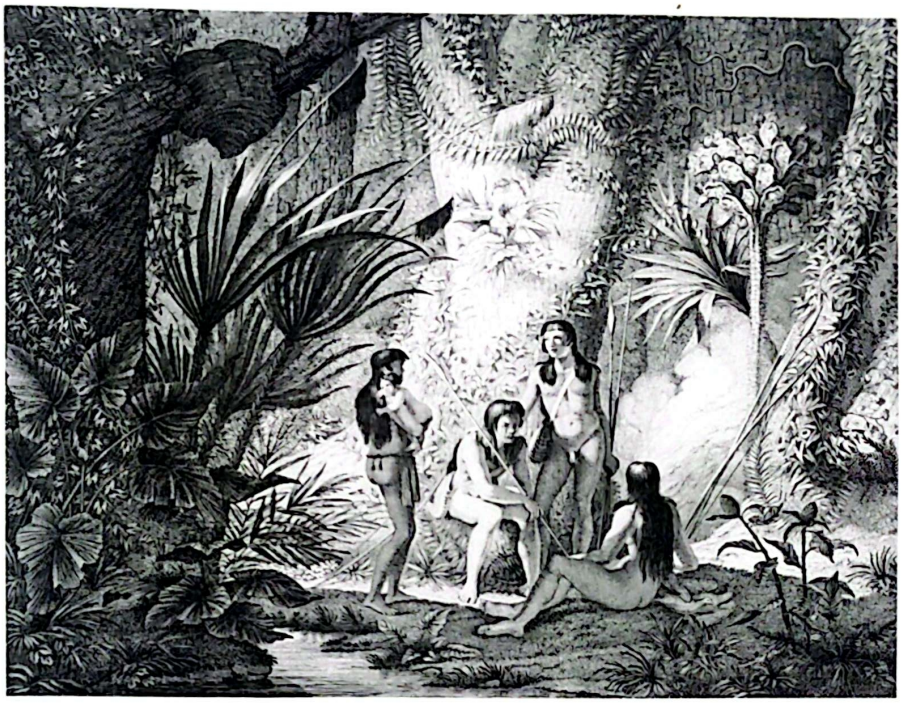


culturais, tendo em vista os propósitos da antropologia física de identificar as diferenças entre as sociedades indígenas e entre indígenas e brancos. A mesma neutralidade caracteriza as pranchas, em que são compilados objetos da cultura material, recortados da esfera de uso em que ganham sentido e isolados como os objetos indígenas colecionados em museus. Em contrapartida, os índios aparecem inscritos na paisagem natural, distribuídos pelo território, organizados em aldeias ou em ação em diversos sítios, em quadros que tiram proveito da contextualização das cenas de costumes indígenas. São bons exemplos *A Guerra de Botocudos e Pataxós; O Banho dos Botocudos no Rio Grande de Belmonte; A Luta entre Botocudos;* nos quais foi privilegiada a apreensão dos índios em suas práticas, em movimento.

As diferenças de costumes entre as tribos eram ainda apreciadas pela tradicional dualidade entre civilização e barbárie, não estando muito longe da imagem do canibal e do bom selvagem, a que já fizemos menção no volume anterior. Bastaria apresentar as evidências das imagens dos Puri oferecidas por von Martius e Rugendas e aquelas que o príncipe Maximilian elabora dos índios Botocudos.

Entre tribos brasileiras, o estudo dos Botocudos apresentou grande interesse para os cientistas, havendo investigações biológicas de Blumenbach sobre o crânio desses índios. Comparando *A luta entre Botocudos*, aquarelada pelo príncipe Maximilian, e a gravura em água-forte produzida a partir das aquarelas para o álbum do príncipe, percebem-se as alterações introduzidas nesse processo pelo gravador, seja idealizando os corpos das figuras, seja pela apreciação negativa das práticas guerreiras, seja ao interpretar a paisagem. A comparação entre o desenho do Botocudo *Capm Jeparack*, feito por Sellow, a partir de uma câmara lúcida, a aquarela preparatória para a gravura realizada por Henrich

Digitalizado com CamScanner



Keller e a gravura em metal *Abbildudung Vier Origineller Botocuden Phisiognomien, Nebst einen Mumienkopf* (Desenho de Quatro Botocudos e de uma Cabeça Mumificada) (IL. 283), aberta por Anton Kruger e Florenz para o *Kupfer und Karten*, alarga a compreensão dos processos envolvidos na reprodução das imagens e permite avaliar as diferenças fisionômicas introduzidas pela experiência gráfica nos intervalos da representação. Não se pode omitir que a representação das tribos indígenas se desenvolve de acordo com a compreensão da figura-tipo.

O exame cuidadoso dos desenhos de campo do príncipe Maximilian descobre a manipulação de figuras, recompostas em novas cenas, o aproveitamento de posições de figuras para tratamento de outros temas, as mudanças de posição de figuras para fins de encobrimento da genitália. Essas ocorrências tem lugar no processo preparatório para a gravura e são mais freqüentes do que se poderia supor. Revelam-se argumentos contrários ao naturalismo de Wied, tanto o sentido de montagem e maquiagem das cenas indígenas, como o artifício da câmara lúcida, que mediatiza a relação de observação. Poderíamos ainda proporcionar o confronto entre a percepção contida na aquarela e na gravura da *Dança das Índias Camacans* (IL. 285) e a visão paradisíaca das gravuras *Os Puris na sua Floresta* (IL. 287) e *Os Puris na sua Cabana* (IL. 288), que fazem parte do álbum de viagem do príncipe Maximilian, ilustrado pela pluralidade de recursos de diversos gravadores.

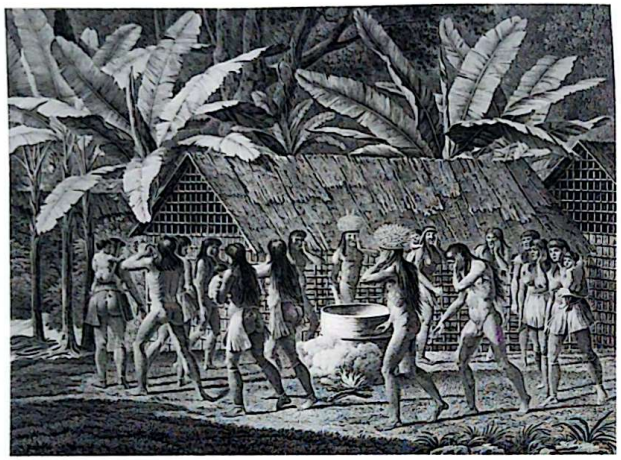
Sabe-se que, quando o príncipe Maximilian retorna para a Alemanha, leva em sua companhia Quack, um índio Botocudo que o havia acompanhado durante a viagem, existindo dele alguns desenhos feitos em campo. Quack foi retratado na Alemanha em pinturas a óleo de Karl zu Wied-Neuwied, em 1828, e por Friedrich Theodor Klob, em 1832. Os retratos de Quack despertam grande interesse, em razão das qualidades fisionômicas com que os pintores individualizam o índio Botocudo, revelado pelas marcas nos lóbulos da orelha, corte de cabelo característico, não possui incrustação no lábio, estando compatível com o decoro dos trajes europeus nos quais é pintado. A contradição é significativa para nós brasileiros, uma vez que usualmente as representações européias descrevem o índio do Brasil em suas vestes características, em figuras tipificadas e universalizadas. As obras pertencem à coleção da Fundação Bosch, na qual também se encontra um retrato a óleo do príncipe Maximilian, posando no primeiro plano ambientado na floresta brasileira, tendo mais atrás a figura de Quack, pintado por Johann Heinrich Richter, pintor histórico e de gênero .

Infelizmente, a atual política de "preservação" da Fundação Bosch impede a reprodução das imagens comentadas, quando todos sabemos que a difusão é a melhor maneira de perpetuar os documentos visuais.

284. J. Lips (sculpt.) **e Maximilian Wied-Neuwied** (del.)
Gruppe einiger Camacans im Walde (Grupo Camacã na Floresta)
GRAVURA EM COBRE. 24 X 30,5 CM
ILUSTRAÇÃO DO *KUPFER UND KARTEN DER REISE NACH BRASILIEN* ... S.L. : 1 TEN. TH. 19
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO

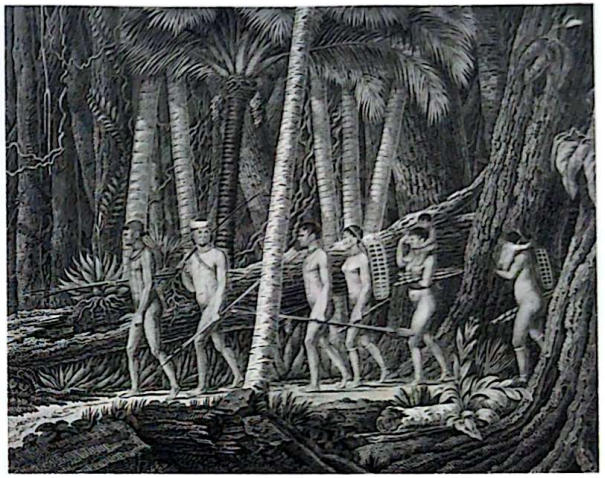
Digitalizado com CamScanner

285. August Seyffer e J.P. Bittheuser (sculpt.) **e Maximilian Wied-Neuwied** (del.)
Tanzfest der Camacans (Festa com Dança dos Camacã)
GRAVURA EM COBRE, 24 X 30,5 CM
ILUSTRAÇÃO DO KUPFER UND KARTEN DER REISE NACH BRASILIEN
S.L., S.D., 1. TEN. TH. 20
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO, BRASIL



286. J.C. Bock (sculpt.) **e Maximilian Wied-Neuwied** (del.)
Zierrathen und Geräthschaften der Camacans (Ornamentos e Instrumentos dos Camacã)
GRAVURA EM COBRE, 24 X 30,5 CM
ILUSTRAÇÃO DO KUPFER UND KARTEN DER REISE NACH BRASILIEN
S.L., 1. TEN. TH. 22
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO

UNESP Biblioteca 1962 CAMPUS DE RIO CLARO



287. August Seyffer e G. Rist (sculpt.) **e Maximilian Wied-Neuwied** (del.)
Die Puris in ihren Wäldern (Os Puri na Sua Floresta)
GRAVURA EM COBRE, 24 X 30,5 CM
ILUSTRAÇÃO DO KUPFER UND KARTEN DER REISE NACH BRASILIEN
S.L., S.D., 1. TEN. TH. 2
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO, BRASIL

288. M.G. Eichler (sculpt.) **e Maximilian Wied-Neuwied** (del.)
Puris in ihrer Hütte (Os Puri na Sua Cabana)
GRAVURA EM COBRE, 32,8 X 28,7 CM
ILUSTRAÇÃO DO KUPFER UND KARTEN DER REISE NACH BRASILIEN
S.L., S.D., 1. TEN. TH. 3
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO, BRASIL

Digitalizado com CamScanner

A Missão Austríaca, 1817-1821

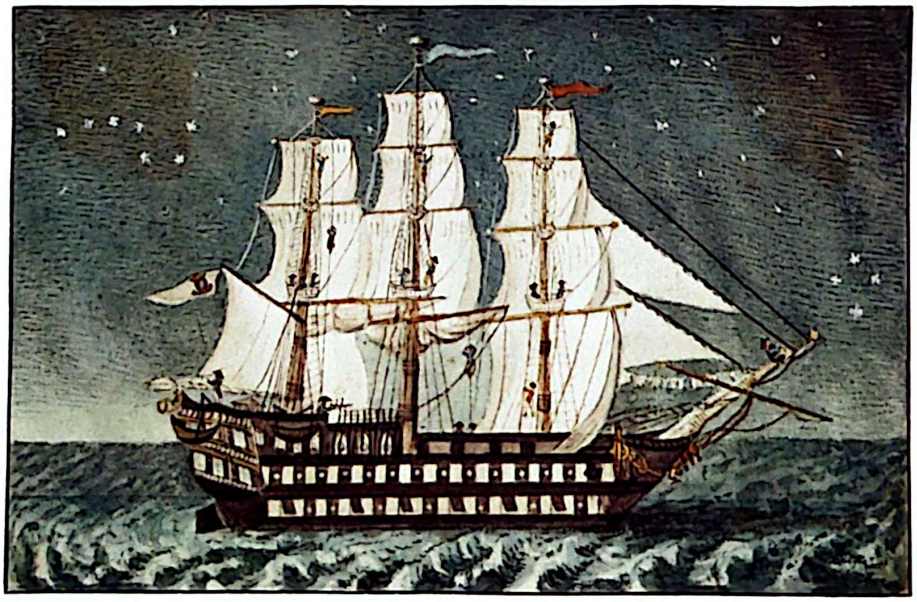
A Missão Austríaca, de 1817, acontece por ocasião das núpcias da arquiduquesa Carolina Josefa Leopoldina com o príncipe dom Pedro, herdeiro do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. A aliança entre as duas casas imperiais é marcada pela organização de uma expedição científica que reúne informações sobre o país americano e pelo projeto de constituir um museu brasileiro em Viena. Desta forma, a Áustria pretende acumular conhecimento e riqueza nos museus reais, jardins botânicos e zoológicos do imperador austríaco.

Leopoldina, aficionada por história natural, vem acompanhada de uma missão de artistas e cientistas austríacos. Entre eles estão Johan Sebastian Mikan, professor de botânica da Universidade de Praga, e Johann Emmanuel Pohl, encarregado de mineralogia, que assume a continuidade das pesquisas de botânica após a volta de Mikan à Áustria. Pohl fica quatro anos no Brasil e publica cinco títulos de interesse sobre o país, com descrições de novas espécies vegetais e sobretudo de fósseis. Incluem-se também na expedição a proeminente figura do zoólogo Johann Natterer, do jardineiro e botânico Wilhelm Schott e do caçador e taxidermista Domenico Sochor, que dão mostra da amplitude de propósitos da Missão Austríaca. Vêm ainda o artista botânico Buchberger, Rochus Schüch, mineralogista e bibliotecário, que se torna o diretor do gabinete de história natural da imperatriz Leopoldina, e Franz Joseph Frühbeck, contratado como auxiliar de Rochus Schüch. Um pintor de plantas e paisagista de nome Frick, cuja obra é até hoje desconhecida, vem a falecer no Brasil. O notável artista Thomas Ender, pintor de mapas e vistas, já havia demonstrado um talento paisagístico condizente com as concepções humboldtianas da paisagem dos trópicos, quando é indicado para acompanhar a missão, pelo chanceler e príncipe de Metternich, responsável pelo empreendimento. O príncipe havia mantido durante toda a vida relações com os irmãos Von Humboldt, e seu nome estabelece um possível nexo de esclarecimento para as circunstâncias que possibilitam a organização de equipe de tal envergadura, à qual a corte da Toscana integra Giuseppe Raddi e a corte da Baviera envia Karl Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptiste von Spix. No livro *As Relações entre a Áustria e o Brasil*, Ezekiel Ramirez desenvolve o tema, em torno do qual reúnem-se interesses e competências de tantas procedências (Ramirez, s.d., p. 123-163).

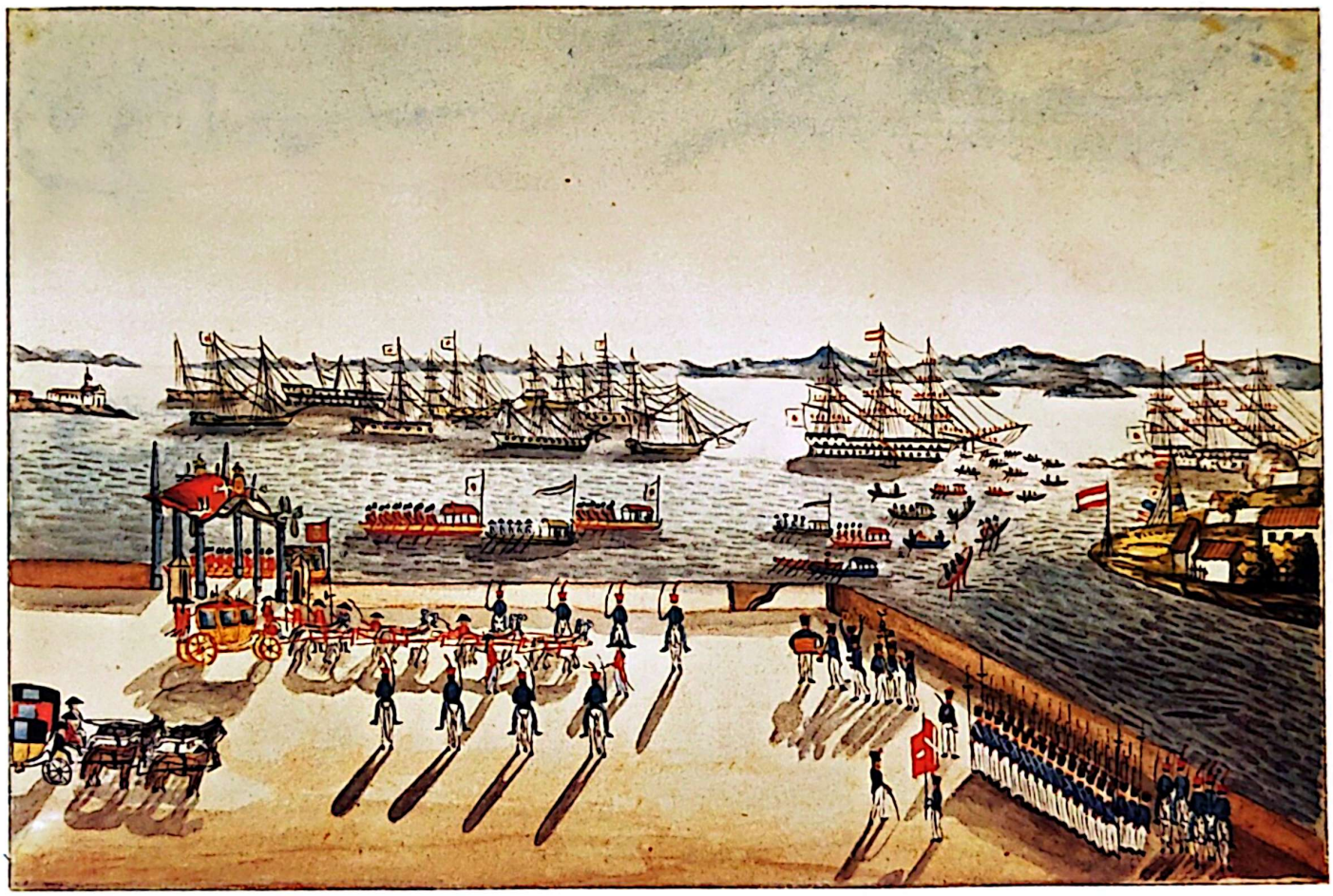
Frühbeck está entre os que acompanham dona Leopoldina na fragata real portuguesa *Dom João VI*, juntamente com Pohl, Buchberger, Raddi, Schüch, Frick. Torna-se repórter da vida a bordo. De sua autoria são conhecidos doze desenhos a guache, pertencentes à biblioteca da Hispanic Society of America, em Nova York, publicados por Robert Smith e Gilberto Ferrez no livro *Frühbeck's Brazilian Journey*, em 1960.

Um outro álbum (IL. 289/290), de 22 desenhos, em pequeno formato, foi recentemente encontrado em coleção particular

289. Franz Joseph Frühbeck
Schiff mit dem Erzherzogin Leopoldina Kaiserin D. Pedro I (Frau) mit meiner Grosstante Künburg nach Brasilien Fuhr, Rio de Janeiro, 1817 *(O Navio que Levou a Imperatriz Leopoldina, Esposa de D. Pedro I, e Minha Tia-Avó Künburg ao Brasil)*
GUACHE SOBRE PAPEL. 16.5 X 22.5 CM
COLEÇÃO PARTICULAR. SÃO PAULO. BRASIL



Digitalizado com CamScanner



em São Paulo, revelando novos aspectos de bordo realizados por Frühbeck, que incluem cenas do interior da fragata. Nelas são descritos o convés e a sala de jogos, entre outras cenas de costumes, além de paisagens da costa tomadas a partir do mar e logradouros do Rio de Janeiro. Nota-se uma certa simetria entre os temas apresentados nos guaches da Hispanic Society e nos 22 desenhos do álbum da coleção paulista, quase na totalidade datados de 1817, dos quais os treze coloridos são os que deixam ver a fragata, as cenas de costumes, a vida de dona Leopoldina a bordo, vistas da costa e logradouros do Rio de Janeiro. Um único desenho a lápis, de teor caricatural, refere-se provavelmente a dom João VI, estando assinado por Elderer. É inequívoco o teor ínsito das cenas e figuras desenhadas por Frühbeck, respondendo diretamente ao anseio de reportar minuciosamente pormenores observados, do que decorre certa graça e o interesse documental apresentado por esses desenhos. Se Frühbeck não domina as convenções eruditas de representação espacial das figuras e dos cenários, compensa-as, salpicando o desenho com cores puras em contraste, captando a natureza, imediatamente, pelas variações luminosas. Em grande número de casos, procura fugir do desenho tendente ao plano por esses jogos de luz e sombra projetados pelos objetos ou sobre os objetos, transpondo-os no espaço.

290. Franz Joseph Frühbeck
Feyerliche Ausschiffung der Prinzessin Leopoldina von João VI am 6 November 1817, Rio de Janeiro, 1817
(O Festivo Desembarque da Princesa Leopoldina no Dia 6 de Novembro de 1817)
GUACHE SOBRE PAPEL. 16,5 X 22,5 CM
COLEÇÃO PARTICULAR, SÃO PAULO, BRASIL

Caderno de desenhos de Franz Joseph Frühbeck, referente à viagem da imperatriz Leopoldina, contendo vistas da costa do Brasil, aspectos do Rio de Janeiro e duas vistas de Lisboa

Digitalizado com CamScanner

291. Thomas Ender
Musik am Vordertheil der Fregatte Austria Gez. Während der Fahrt im Ocean, 1817 (Música na Proa da Fragata Áustria, Desenhado Durante Viagem no Oceano)
LÁPIS E AQUARELA, 43.7 X 40 CM
AKADEMIE DER BILDENDEN KÜNSTE, VIENA, ÁUSTRIA

A fragata Áustria trouxe ao Brasil os cientistas da Academia de Viena que participaram da Missão Austríaca, 1817 a 1821

A mesma informação detalhada, perseguida nas cenas de costumes, pode ser encontrada na maneira como sugere materiais e nos variados aspectos com que a vegetação cobre a superfície das formações montanhosas, vistas a distância. Entretanto, os contornos da terra observada ao longe, a partir do mar, feitos a lápis, revelam um desenho aculturado nos modos de observação científica e nos objetivos visados pela Missão Austríaca, qualificado pela apreciação mais incisiva e conseqüente das ocorrências naturais, não estando afetado pela dispersão e pela alegria que a cor é capaz de promover em outros desenhos seus, o que constitui sua marca característica.

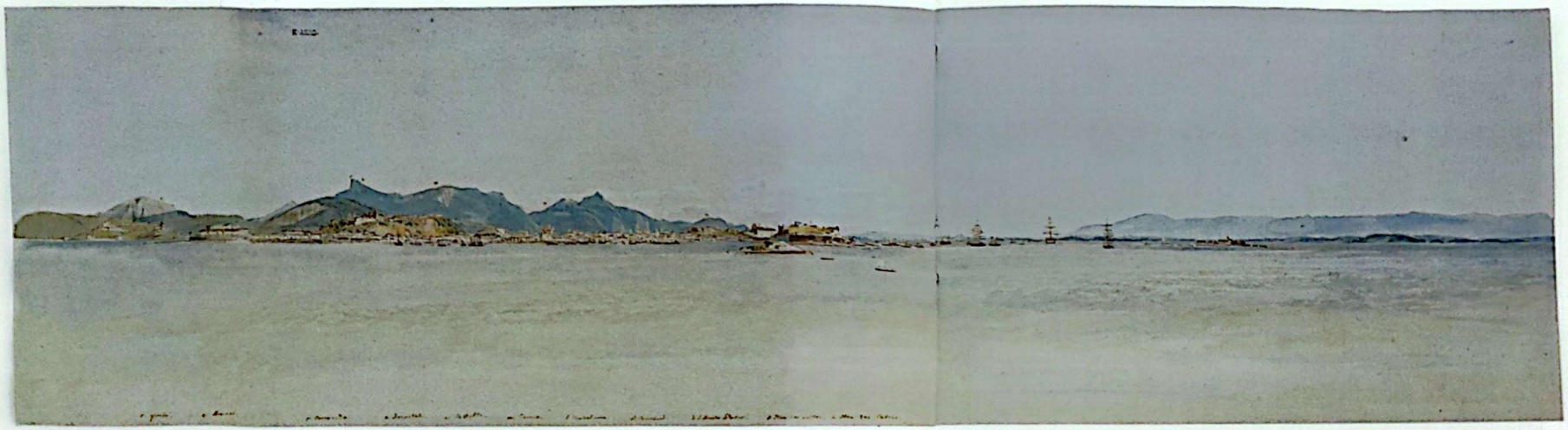
Música na proa da Fragata Áustria (IL. 291) é um desenho aquarelado, de autoria de Thomas Ender, que, entre outras coisas, desempenha o papel de cronista a bordo da outra embarcação que trouxe ao Brasil Spix e Martius. O primeiro plano do convés aparece esboçado em linhas gerais. O foco de observação recai sobre a cena musical que está mais distante e é tratada em visão detalhada e colorida. Ender tem um modo peculiar de apreender rapidamente o todo e valorizar aspectos de interesse no interior do desenho, que se encontra freqüentemente em aquarelas de sua autoria. O grande frescor dos documentos deixados pelo artista sobre o Brasil, produzidos nos seus tenros 23 anos, quando já se havia aperfeiçoado na Academia de Artes de Stª Anna, decorre da atitude interessada de descoberta dos perfis do continente americano, das cidades, das florestas, das plantas e dos animais e de uma gama de etnias, que são tema de seus desenhos. Também concorrem, para esse efeito, a identificação do traçado sutil de Ender com a linguagem da aquarela, que se vale da cor e das intensidades luminosas, da transparência, e, indo além, do casamento que Ender realiza entre as possibilidades inerentes à técnica da luz e à intensa luminosidade da paisagem dos trópicos.

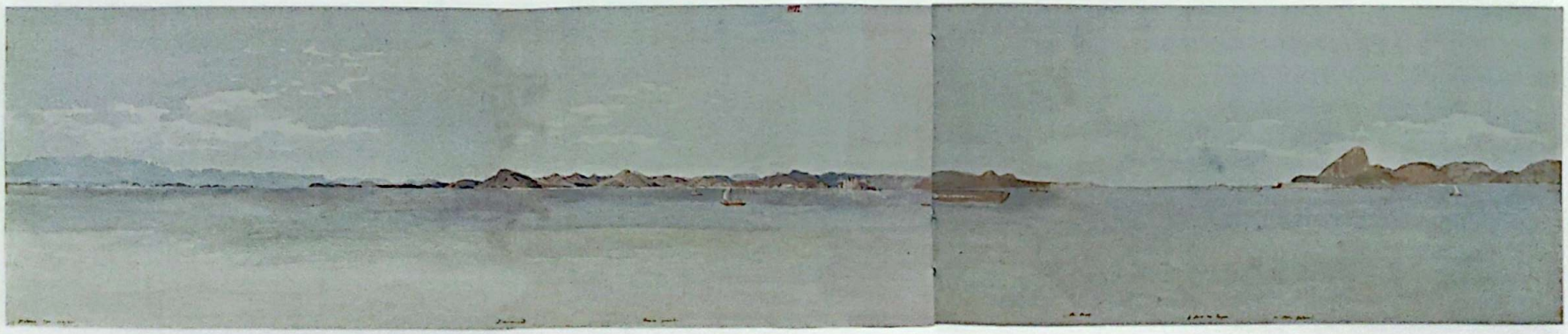
Thomas Ender esboça, no curto espaço de tempo que viaja pelo Brasil, mais de 1 000 desenhos e aquarelas conhecidos, todos eles dotados de uma sempre surpreendente qualidade de síntese, extensiva à grande gama de assuntos que despertam sua atenção. A mais importante coleção, em torno de 800 desenhos e aquarelas de Ender, pertencente ao gabinete de desenhos e gravuras da Akademie der Bildenden Künste, em Viena, só foi revelada ao Brasil nos anos 50, quando apresentada por ocasião das comemorações do quarto centenário de São Paulo. Gilberto Ferrez reproduz parte delas no livro *O Velho Rio de Janeiro Através das Gravuras de Thomas Ender*. A Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, adquire em 1937 um álbum procedente de Viena, *Zeichnungen von Schiffen*, do qual constam pequenos desenhos a lápis e aquarelas, colados sobre papel, numerados em ordem aparentemente cronológica, titulados na grafia do artista e catalogados por Lygia da Cunha (1968). Há também aquarelas do artista sobre aspectos do Brasil em coleções particulares.

Da intensa dedicação ao desenho e à aquarela no curto período que esteve no Brasil, em 1817, resultaram representações traçadas com inconfundível sensibilidade, que parecem ter marcado a grafia de outros artistas contemporâneos. Neste volume, pode-se notar como o viajante acusa a continuidade dos perfis montanhosos do continente americano, navegando pela costa. Outras obras serão analisadas adiante, no próximo volume, uma vez que Thomas Ender, mais do que qualquer outro desenhista-viajante da segunda década do século, domina esquemas perceptivos que sustentam os livres ensaios de paisagem e caracterizam o artista como um *observador em movimento*, ocupando diferentes posições diante do objeto, calculando distâncias e planos, percorrendo o espaço urbano para fixá-lo a partir de diferentes pontos de orientação.

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner





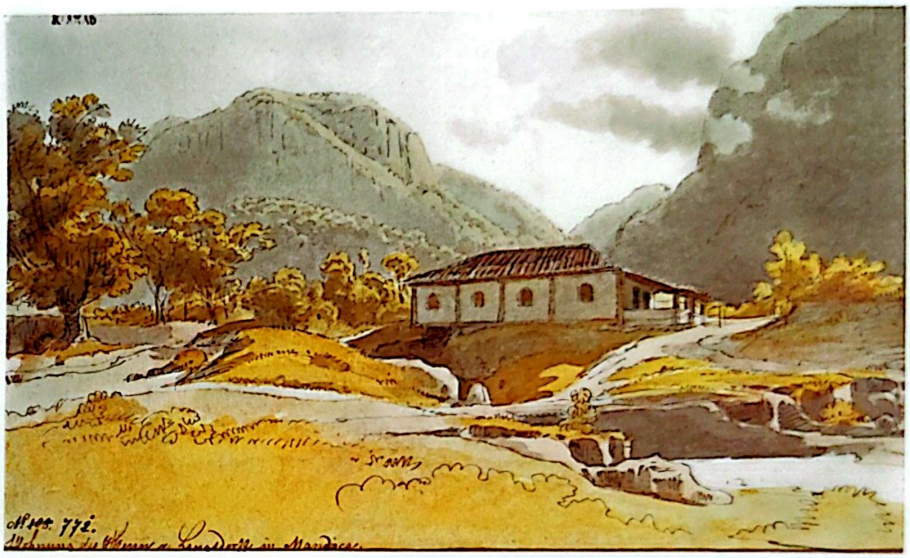
292. 293. Thomas Ender
Panorama des Hafens von Rio de Janeiro von Bord der K.K. Fragatte Austria, Rio de Janeiro, 1817 *(Panorama do Rio de Janeiro a Bordo da Fragata Áustria)*
LÁPIS E AQUARELA, 27,8 X 97,6 CM (EM DUAS FOLHAS)
AKADEMIE DER BILDENDEN KÜNSTE, VIENA, ÁUSTRIA

Panorama de 360 graus, desenhado a bordo da fragata Áustria. A primeira folha abrange Santa Cruz, Boa Viagem, Praia Grande, Armação e Serra dos Órgãos

A segunda folha do panorama abrange Ilha das Cobras, Ilha dos Ratos, Convento São Bento, Conceição, Candelária, Carmo, Castelo, Hospital, Corcovado, Arsenal e Glória

Digitalizado com CamScanner

294. Thomas Ender
Wohnung des herrn v. Langsdorff in Mandioca (A Casa de Langsdorff na Mandioca)
LÁPIS E AQUARELA. 19,2 X 31,7 CM
AKADEMIE DER BILDENDEN KÜNSTE, VIENA, ÁUSTRIA



295. Thomas Ender
Die Österreischischen Kammer herrn auf der Reise Nacht St. Paul (Cientistas da Missão Austríaca e Tropa Atravessando a Floresta da Serra do Mar, a Caminho de São Paulo)
LÁPIS E AQUARELA. 40,3 X 52,4 CM
AKADEMIE DER BILDENDEN KÜNSTE, VIENA, ÁUSTRIA

Digitalizado com CamScanner

Ender percorre inicialmente os arredores do Rio de Janeiro, ao lado de Spix e Martius. Os naturalistas recebem recomendações do nobre alemão Georg Heinrich von Langsdorff, membro da Academia de Ciências de São Petersburgo e cônsul da Rússia no Rio de Janeiro, proprietário da Fazenda Mandioca, situada ao pé da Serra da Estrela. Sobre essa fazenda, que é desenhada pelo artista austríaco, há também menção no livro de Spix e Martius referente à construção feita de acordo com a tradição local, em que se comenta que "estas pequenas vivendas rurais consistem em algumas peças sem adorno, levantadas sobre o chão frio, com janelas de grades ou postigo; o telhado corre em geral sobre um lado, alguns pés acima das paredes forma-se a varanda apoiada sobre pilares e muro baixo" (Spix e Martius, 1823-1831, vol. 1, p. 97), como observou Gilberto Ferrez (1954, p. 205). O barão Langsdorff, um naturalista já adaptado ao Brasil, auxilia quantos cientistas despreparados o procuram para saber como enfrentar as condições do novo ambiente ou o melhor modo de empreender viagem pelo país.

Ender acompanha Spix e Martius na primeira parte da viagem, fazendo registros das cidades do Vale do Paraíba e da Vila de São Paulo, de onde retorna doente, para embarcar para a Áustria, juntamente com Buchberger, que se acidentara, e com Mikan, levando os primeiros resultados da coleta realizada para os jardins imperiais austríacos.

Os naturalistas e artistas da Missão Austríaca reúnem-se em vários grupos e itineram por diferentes regiões do Brasil. Deslocam-se no lombo de mulas, navegam em canoas, penetram o coração do país, enfrentando obstáculos de toda sorte, sujeitos às novas condições climáticas, expostos ao sol e às chuvas. Para que se tenha uma idéia da cota de aventura e surpresas, praticamente previstas nas viagens, basta citar a trilha de Spix e Martius pelo Brasil. Após a partida de Ender, os dois seguem até Jundiaí, de onde tomam o rumo do norte, em direção a Minas Gerais. Passam por Campanha, São João del Rei, Vila Rica, Mariana e Sabará e Distrito do Serro e do Fanado, sempre dedicando especial atenção às formações geológicas da região, como revelam os desenhos feitos no trajeto, recolhendo amostras de minérios e coletando plantas. Estão particularmente interessados na mineração de diamante. De Vila Rica, em março de 1818, dirigem-se para o Rio Xipotó, Minas Novas, Contendas. Visitam os limites do Estado da Bahia e Goiás. Voltam a Salvador, depois de uma excursão a Ilhéus, chegando a Juazeiro, de onde atravessam o Rio São Francisco. De lá cruzam o sertão de Pernambuco, Piauí e Maranhão. Partindo de São Luís, dirigem-se por via marítima até Belém e iniciam a subida do Amazonas, chegando ao Porto de Teffé, de onde Spix segue pelo Solimões até a fronteira do Peru. Saindo de Manaus, sobe o Rio Negro até Barcelos. Martius segue pelo Rio Japurá, atingindo a Cordilheira dos Andes, em janeiro de 1820. Os dois reencontram-se em Manaus, partindo para Maués e Belém e embarcando de volta à Europa. Com Spix e Martius, chegam à Áustria novas remessas de espécies, ainda em 1820 (Araújo, 1941).

Pohl excursiona sozinho. Tendo sido proibido de entrar no distrito Diamantino, prepara também uma coleção mineralógica e botânica, que leva para a Áustria, em 1821, juntamente com um casal de Botocudos, que desperta a atenção dos europeus, notadamente pela marca labial que caracteriza a tribo.

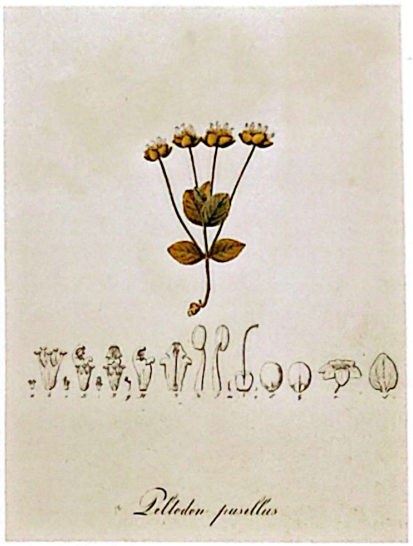
A grande expedição de Johann Natterer seria muito mais acidentada. O naturalista só consegue partir de São Paulo com destino ao Pará em 1821. A viagem autorizada pelo governo português pelo prazo de dois anos dura dezoito anos, durante os quais Natterer coleta, caça, perde-se no interior do Brasil, vê morrer seu

296. Luisa Bojti (sculpt.) **e Giuseppe Raddi** (del.)
Pteris varians, n.m.
LITOGRAFIA. 38 X 27 CM.
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE GIUSEPPE RADDI *PLANTARUM BRASILIENSIUM*. FLORENÇA, EX TIPOGRAPHIA ALOISII PEZZATI, 1825. T. 64
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA USP (COLEÇÃO YAN DE ALMEIDA PRADO), SÃO PAULO, BRASIL

Nesse livro do cientista italiano que veio ao Brasil com a Missão Austríaca, encontram-se pranchas fisionômicas que evidenciam a planta em diversos momentos de seu desenvolvimento. Em vez da unidade da forma, revelam a pluralidade da transformação

Digitalizado com CamScanner

297. J. Häussle (sculpt.) **e Johann Baptiste Emanuel Pohl** (del.)
Peltodon tomentosus
ÁGUA-FORTE COLORIDA A MÃO, 55 X 37 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE POHL *PLANTARUM BRASILIAE*
VINDOBONAE, ... 1827-1831, PRANCHA 56
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL



298. J. Häussle (lith.) **e Johann Baptiste Emanuel Pohl** (del.)
Peltodon pussilus
ÁGUA-FORTE COLORIDA A MÃO, 55 X 37 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE POHL *PLANTARUM BRASILIAE*
VINDOBONAE, *TYPIS ET CHARTA ANTONII STRAUSS*, 1827-1831,
PRANCHA 54
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

299. J. Häussle (sculpt.) **e Johann Baptiste Emanuel Pohl** (del.)
Peltodon radians
ÁGUA-FORTE COLORIDA A MÃO, 55 X 37 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE POHL *PLANTARUM BRASILIAE*
VINDOBONAE, ... 1827-1831, PRANCHA 55
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

companheiro Sochor, adoece e depara com a instabilidade política do país. Ainda assim, o zoólogo realiza mais uma fabulosa coleta de espécies para o Museu de Viena e deixa relevante contribuição, na qual se destaca a descoberta de mais de setenta novos mamíferos e mais de 200 novas aves. É surpreendido pelos motins da Cabanagem, que estabelecem o limite de seu curso. Revoltosos contra os estrangeiros, chegam a destruir a coleção de animais vivos que o cientista pretende levar para o Jardim Imperial de Schonbrunn. Natterer distingue-se também pela coleta de peças etnográficas (Ramirez, s.d.).

A gigantesca coleta da Missão Austríaca, *Brasilianum*, comportou um museu brasileiro em Viena, que veio ocupar o Palácio Harrache em Johannesgasse, onde as riquezas trazidas do Brasil eram exibidas ao público curioso e a pessoas interessadas na pesquisa científica. O museu veio a ser dirigido por Pohl. Aberto em 1821, foi encerrado em 1836, e teve parte da coleção confiscada e incendiada durante a revolução de 1848, desaparecendo parcela considerável da contribuição de Natterer (Ramirez, s.d., p. 146-152). O Museu für Völkerkunde, de Viena, ainda possui peças coletadas pela expedição austríaca (*Brasilianische Museum*, 1954).

Deve-se acrescentar que a princesa Leopoldina constitui uma pequena coleção de história natural no Palácio de São Cristóvão, organizada com auxílio de Rochus Schüch, de acordo com o modelo do Museu de Viena, da qual se origina o Museu Nacional, no Rio de Janeiro. A princesa teria também feito gestões para o desenvolvimento do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e para a criação do Jardim Zoológico de Santa Cruz, tendo por base a experiência de Viena, de acordo com o relato de Ramirez (s.d., p. 134).

A bibliografia científica derivada das coletas realizadas pelas expedições da Missão Austríaca é muito vasta. A interpretação do material coletado, das anotações e dos diários de viagem exigiu anos consecutivos de análise, não tendo sido publicados até hoje todos os textos e imagens sobre o Brasil produzidos no século XIX.
A coleção de manuscritos e uma caixa de desenhos pertencentes a Von Martius, hoje em propriedade de seus descendentes, estão depositadas na Bayerische Staatsbibliothek, de Munique.

Digitalizado com CamScanner

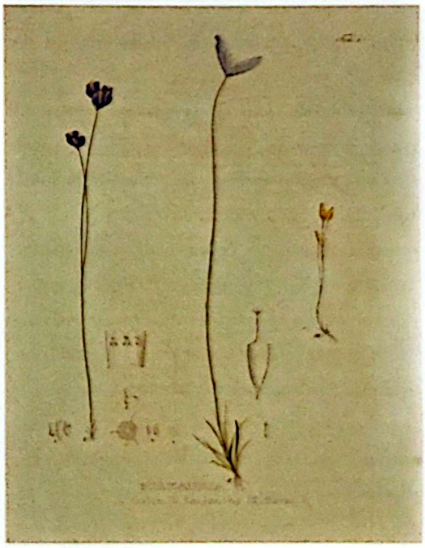
A coleção iconográfica numerada por Martius em 94 itens merece tratamento à parte pela sua importância e complexidade, demandando estudos comparativos entre as anotações de campo de Martius e os prodigiosos resultados obtidos nas ilustrações de suas obras, com a participação de uma plêiade de cientistas, convocados em Munique para a organização e interpretação de tantas notas e de espécies em herbário e jardins. Contam também com experientes artistas botânicos, animalistas e gravadores, que se situam em uma das diversas etapas do tratamento gráfico das informações, entre o esboço do natural e a imagem litogravada. O conhecimento globalizante que caracteriza o projeto dessa geração humanista, em sintonia com o modelo de Humboldt, que foi capaz de alimentar a curiosidade de Goethe sobre a natureza dos trópicos, corresponde às representações visuais preparadas ao longo de dezenas de anos por um grande número de artistas. Entre os desenhos e aquarelas costumeiramente atribuídos a Von Martius, pertencentes à Bayerische Staatsbibliothek, em Munique, encontram-se traços de diversos autores. A rigor, a palavra autoria não é a mais apropriada para tal processo coletivo, sendo possivelmente essa noção, tão cara à mentalidade do século XX, a responsável por um grande número de mal-entendidos. Martius dedica o resto de sua vida aos estudos sobre o Brasil, acompanhando e supervisionando as publicações cuidadas por importantes desenhistas e gravadores, enquanto Spix morre prematuramente, tendo apenas participado da redação de um primeiro volume do *Reise in Brasilien*, desaparecendo antes de descrever os animais coletados no Brasil e publicar suas anotações de viagem, o que será feito por Agassiz, entre outros (Baldus, 1940, p. 132). Para uma compreensão mais adequada do assunto seria conveniente ter em vista o feitio das várias obras de Spix e Martius.

O *Reise in Brasilien*, cujo primeiro volume aparece em 1823, contém o itinerário de viagem dos cientistas Spix e Martius e é complementado pelo *Atlas*, que compreende 41 ou 42 pranchas avulsas, com representações fisionômicas da paisagem, em que aparecem as primeiras informações sobre a fitogeografia do Brasil. Inclui também representações dos habitantes negros e índios, em fusão cultural e racial, alusões aos seus costumes, composição de animais, além de sete mapas.

Na *Nova Genera et Species Plantarum*, Martius publica setenta gêneros novos e 400 espécies botânicas novas, ilustrando-as a partir de detalhes analíticos reproduzidos por ele mesmo do natural. Basta observar cuidadosamente as pranchas da *Barbacenia rubrovirens exscapa* (IL. 300) ou da *Burmania bicolo, dasyantha flava* (IL. 301), para perceber que, ao lado das figuras seccionadas dos órgãos das plantas, que remetem às convenções de Lineu, Martius busca apreender as múltiplas formas que a planta assume em seu desenvolvimento.

Os três volumes da *Historia Naturalis Palmarum* são acompanhados de fascículos com palmeiras, muitas delas desenhadas por Ferdinand Bauer, pintor de reconhecida competência, que havia satisfeito as exigências de Humboldt, desenhando plantas para seu livro. Também Goethe manifesta interesse pelo estudo das palmeiras e a ele Martius envia o primeiro volume.

A monumental obra de Martius *Flora Brasiliensis* leva 66 anos sendo escrita, contando com 65 sistematas botânicos e o apoio de dois monarcas. Nessa obra, Martius propõe a fitogeografia, enumerando cinco províncias com nomes gregos: Naiades, Hamadryades, Dryades, Oreades, Napaeade, que correspondem respectivamente a: caatinga, campos, floresta atlântica, floresta amazônica e campos do sul. Além da *Tabulae Physiogomicae*, nos outros volumes da *Flora* estão classificadas 7 500 novas espécies. A publicação,



300. Carl Friedrich Phillip von Martius
Barbacenia / I. rubrovirens. II. exscapa
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE VON MARTIUS *NOVA GENERA ET SPECIES PLANTARUM*, V. 1, TAB. 14
COLEÇÃO JOSÉ MINDLIN, SÃO PAULO, BRASIL

301. Carl Friedrich Phillip von Martius
Burmannia / I. bicolor. II. dasyantha. III. flava.
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE VON MARTIUS *NOVA GENERA ET SPECIES PLANTARUM*, V. 1, TAB. 5
COLEÇÃO JOSÉ MINDLIN, SÃO PAULO, BRASIL

Digitalizado com CamScanner

iniciada em 1840 e concluída após a morte de Martius, em 1906, reúne 3 811 gravuras.

As obras visuais, conservadas na Martiusiana, foram organizadas pelo próprio Von Martius e dizem respeito a diferentes empreendimentos. No atual estágio dos estudos sobre esse acervo não se dispõe ainda de uma precisa atribuição autoral do lote de desenhos. É sabido que Martius realiza esboços em viagem, motivo pelo qual alguns estudiosos foram levados a supor que desenhos refeitos para publicação fossem de sua lavra. O *Tupinambarana* é um desenho preparatório para gravura, tendo sido impresso com o título *Arbores ante Christum Natum Enatae in Silva Juxta Fluvium Amazonium*, na *Tabulae Physiogomicae* da *Flora Brasiliensis*. A Martiusiana compreende outros tantos desenhos paisagísticos preparatórios para as tábulas fisionômicas da *Flora*, de excepcional qualidade, sempre orientados pela concepção geobotânica dos campos, das matas, das florestas, vários dos quais têm sido atribuídos ao próprio Martius, pela sua competência com respeito a convenções do desenho científico da época. Podem, entretanto, ser composições posteriores ou cópias, já que esses procedimentos eram usuais para a tradução das impressões colhidas no campo em qualidades botânicas, havendo especialistas desse ofício. O redesenho era o recurso utilizado na etapa de produção gráfica para conferir valor artístico à publicação e tornar os desenhos originais propensos à gravura. É notadamente a partir do século XIX e no século XX que surgem os critérios de valorização de desenhos originais.

Na Martiusiana estão também desenhos preparados para as gravuras do *Atlas zur Reise in Brasilien*, de Spix e Martius, havendo na coleção da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano apenas um dessa série, o *Lago das Aves no Rio São Francisco*. No interior da Martiusiana, acha-se ainda uma compilação inédita de desenhos reunidos por Martius em arranjo poético, tendo na base anotações e trechos em verso inscritos por Martius. A maioria desses trechos procede de *Suitram Fahrten*, texto de sua autoria. "A jornada de Suitram" seria a jornada de Martius, cujo anagrama *Suitram* aparece também no manuscrito do romance intitulado *Frey Apollonio* (Martius, 1992), tendo Martius lhe superposto o nome Hartoman, outro pseudônimo. Esse conjunto de desenhos e versos faz supor que estivesse editando outra publicação e atesta mais uma vez que o cientista tinha veleidades literárias (Theodor, 1992).

Pertencem à Martiusiana os desenhos originais feitos pelo diplomata belga Benjamin Mary, datados entre 1834 e 1838. Benjamin Mary passa algum tempo no Rio de Janeiro, como encarregado dos negócios da Bélgica, e desenvolve o hábito de passear pelos arredores da cidade, herborizando e fazendo desenhos a nanquim, aguadas, das matas da floresta da Tijuca. O artista amador, descendente de família de horticultores, revelava-se atento ao entrelaçamento da vegetação e à profusão de espécies nessa região úmida. Martius teria apreciado as qualidades de seus registros, notadamente o gigantismo das árvores, junto às quais o homem descobre a sua escala diminuta, e incluiria desenhos de Benjamin Mary nas tábulas fisionômicas da *Flora Brasiliensis*. Um exemplo é a *Jacatiba Chez Mr. Faro* (IL. 302), na qual se vêem parcialmente as raízes de um imenso jequitibá, entre cipós e bromélias. Outro exemplo é *São Cristovão, o Lazareto e o Mangue, Vistos do Pé de uma Jaqueira* (IL. 303), que faz lembrar que Martius permaneceu atento não só à fisionomia da paisagem natural, mas também às injunções da paisagem cultivada. Ao todo, existem 22 desenhos de Benjamin Mary na Martiusiana e doze publicados nas tábulas fisionômicas da *Flora*, de Martius. Outro significativo conjunto de desenhos aguados de Benjamim Mary se encontra na Coleção Paulo Fontainha Geyer, no Rio de Janeiro. A Martiusiana compreende também cópias feitas por J. F. Werner, em 1839, quarenta desenhos elaborados a partir de originais de Thomas Ender e uma outra série de desenhos preparatórios para as gravuras do álbum de Johann Jacob Steinmann intitulado *Souvenirs do Rio de Janeiro* (IL.435 e 436).

Um álbum anônimo intitulado *Vues du Brésil*, possuindo 34 desenhos feitos a lápis, pertencente à Coleção Érico Stickel, em São Paulo, contém registros feitos provavelmente do natural, referentes ao Rio de Janeiro e à região de Minas, em sua maior parte. O conjunto compreende grandes horizontes tomados a partir da Baía do Rio de Janeiro e de Cabo Frio e pontos de observação pitorescos, como a vista do Corcovado, a Gávea, o Pão de Açúcar. Não há dúvida de que são escolhidos intencionalmente os lugares a partir dos quais é possível descortinar um grande espaço. O desenhista vale-se também de diferentes ângulos de observação da Igreja da Glória e dos arredores da cidade do Rio de Janeiro. Apresenta mais uma vista a distância de Queluz e outra do Rio Paraíba. As vistas gerais da região de Minas denotam um olhar curioso com relação às formações montanhosas. Esse olhar aculturado em preocupações científicas e estéticas do início do século define o Monte de Itacolomi em uma moldura pitoresca, revela a vista do *Jardim Botânico de Ouro Preto* (IL. 304), do Palácio de Ouro Preto e de outros aspectos da vila, como a ponte sobre o Ribeirão Ouro Preto, atual bairro de Antonio Dias ou a Igreja do Carmo. São privilegiadas as estradas e os caminhos que passam pelas fazendas e arredores das vilas, havendo também desenhos de um lagarto e de uma palmeira. Sem dúvida, a seleção dos desenhos atende a critérios dos álbuns pitorescos, sobre os quais deveremos nos ater adiante.

Os títulos em francês, nas páginas sobre as quais estão colados os desenhos, podem ter-se baseado nas inscrições existentes no interior de

Digitalizado com CamScanner

302. Benjamin Mary (E. Notiz v. Martius)
Jacatiba chez Mr. Faro, 1836
AQUARELA E LÁPIS. 19,4 X 32,4 CM
BAYERISCHE STAATSBIBLIOTHEK, MUNIQUE, ALEMANHA

303. Benjamin Mary
Brodbaum
AQUARELA E LÁPIS. 19,4 X 31,8 CM
BAYERISCHE STAATSBIBLIOTHEK, MUNIQUE, ALEMANHA

A obra aparece também com o título Vue de l'Hospital de Lazarus et d'une Partie de la Ville de Rio de Janeiro

Digitalizado com CamScanner

304. Carl Friedrich Phillip von Martius
Jardin Botanique a Ouro Preto
DESENHO A LÁPIS. 32 X 47,5 CM
NO ÁLBUM ENCADERNADO *VUES DU BRÉSIL*
COLEÇÃO PARTICULAR. SÃO PAULO. BRASIL

Os desenhos que compõem o álbum apresentam vistas tomadas em viagem, cujo percurso coincide com o realizado durante a Missão Austríaca (1817-1820). Inicialmente a Missão percorreu os arredores do Rio de Janeiro, dirigindo-se para São Paulo, quando então ruma para Minas Gerais

alguns deles, e tudo indica que a encadernação tenha sido feita posteriormente. Não se pode também perder de vista que as cópias eram usadas, na época, para duplicar a informação entre cientistas. Os desenhos parecem apreendidos do natural, e no mínimo seis deles são iguais a outros encontrados na Martiusiana. São eles *Forêt Guido,* correlata a *Am Itacolumi bei Villa Rica;* um desenho sem título que, por sua vez, é correlato a *Bai von Rio de Janeiro von der Gloria; Vue de Corcovado* corresponde a *Gipfel der Corcovado; Queluz* a *Villa de Quelluz; Palais d'Ouro Preto* (IL. 305) é igual a *Cidade de Ouro Preto von der Strasse Mariana;* e *Marianna* (IL. 306) é igual a *Cidade de Mariana.* Mostram traços semelhantes, que bem poderiam ter sido feitos pela mesma pessoa, não sendo fácil precisar qual dos dois conjuntos teria surgido antes. Os desenhos da coleção paulista possuem maior número de detalhes naturalistas e, se esse critério for confiável, podem ser considerados anteriores. No caso da vista do Morro de Itacolomi, verificamos que, além das duas versões, em uma coleção paulista e uma alemã, existe também uma gravura desse mesmo motivo intitulada *Cacumen Montis Itacolumi,* que aparece como tendo sido desenhada do natural por Ackermann e na pedra por A. Brandmeyer, para uma das imagens da *Tabulae Physiogomicae* da *Flora Brasiliensis.* Abrange um campo de visão bem maior que os outros dois desenhos, tendo teor naturalista mais penetrante ou em outras palavras, revelando melhor as informações botânicas. A colaboração de artistas de plantas na etapa final de tratamento das ilustrações poderia levar a um desenho mais naturalista e detalhado que o anterior que lhe serve de base? A resposta seria seguramente sim.

Convém a esse propósito algumas considerações sobre o desenho aquarelado atribuído a Von Martius *Lagoa das Aves no Rio São Francisco* (IL. 307), pertencente à Fundação Maria Luísa e Oscar Americano, em São Paulo, procedente da coleção do embaixador Mário

Digitalizado com CamScanner

305. Carl Friedrich Phillip von Martius (atribuição)
Palais d'Ouro Preto (Palácio de Ouro Preto)
LÁPIS SOBRE PAPEL, 32 X 47,5 CM
NO ALBUM ENCADERNADO *VUES DU BRÉSIL*
COLEÇÃO PARTICULAR, SÃO PAULO, BRASIL

O desenho a lápis é correspondente à Cidade de Ouro Preto, von Strasse v. Mariana *(21,9 x 37,4 cm.), existente na Coleção Martiusiana na Bayerische Staatsbibliothek, em Munique, Alemanha*

306. Carl Friedrich Phillip von Martius (atribuição)
Mariana
LÁPIS E PENA SOBRE PAPEL
INSCRIÇÃO: "DOCTOR GOMIDES, DER DICKE PHYSICUS."
NO ALBUM ENCADERNADO *VUES DU BRÉSIL*
COLEÇÃO PARTICULAR, SÃO PAULO, BRASIL

O desenho a lápis é correspondente ao desenho aquarelado Cidade de Mariana *(24,4 x 36,3 cm.), existente na Coleção Martiusiana, na Bayerische Staatsbibliothek, em Munique, Alemanha*

Calábria. Pode-se notar que a cena dos viajantes, em primeiro plano, que admiram o espetáculo da natureza deu lugar a uma das gravuras do *Atlas zur Reise in Brasilien*, de Spix e Martius, de autoria de Heinzmann. Uma apreciação da variedade botânica, apresentada nesse desenho original e na gravura, o extremo cuidado de sua elaboração, leva-nos a indagar sobre o conteúdo de verdade dos aspectos naturalistas presentificados. Com a colaboração dos professores do Instituto de Botânica da Universidade de São Paulo José Rubens Pirani e Renato de Mello Silva foi possível identificar dezesseis espécies de plantas, presentes nessa imagem. O que comprova que as representações são convincentes. Das dezesseis, apenas duas estão classificadas na *Flora* (IL. 308 a 311) e foram coletadas na região do Rio São Francisco. Foi possível também reconhecer duas palmeiras classificadas na *Historia Naturalis Palmarum*.

Digitalizado com CamScanner

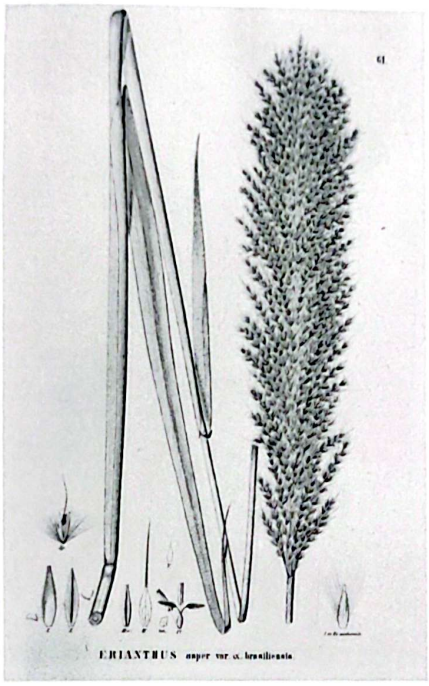
307. Carl Friedrich Phillip von Martius (atribuição)
Vogelteich am Rio de S. Franciso (Lagoa das Aves, no Rio São Francisco)
NANQUIM E SÉPIA. 30,5 X 46,5 CM
FUNDAÇÃO MARIA LUISA E OSCAR AMERICANO. SÃO PAULO. BRASIL

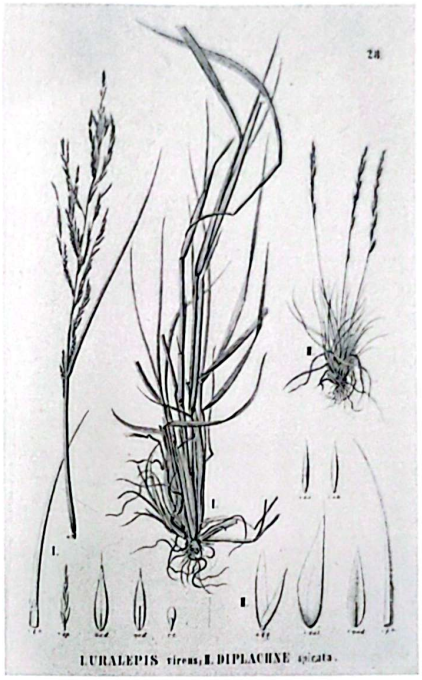
Algumas das espécies botânicas encontradas no desenho, figuram em gravuras da Flora Brasiliensis, *como se observa ao lado*

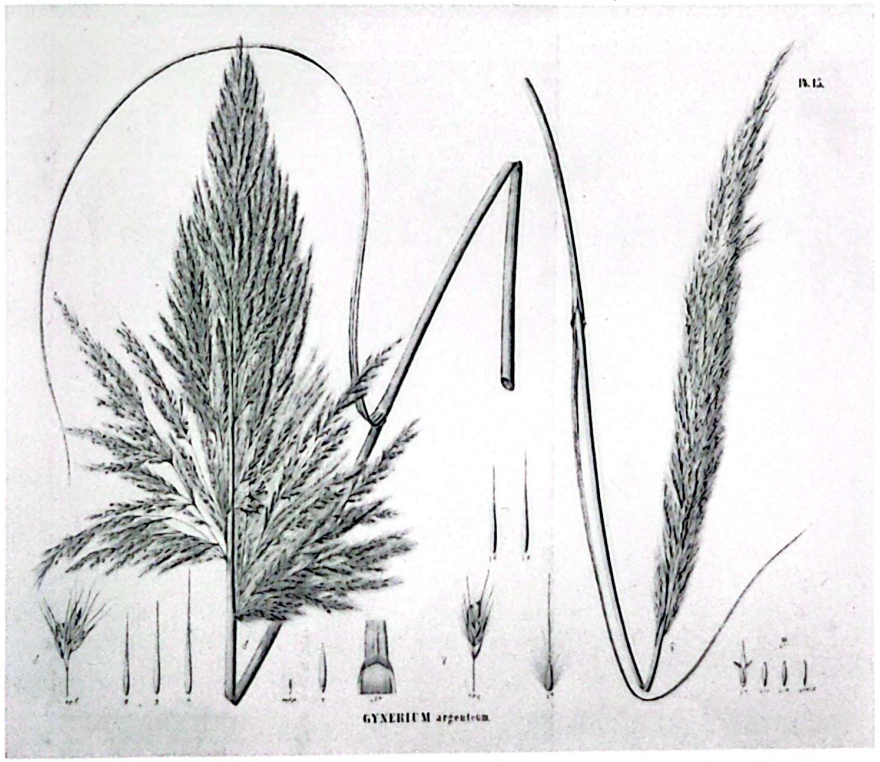
Cabe uma menção à contribuição etnográfica de Spix e Martius. Responsáveis pela sistematização das informações preexistentes sobre as diversas tribos indígenas, realizam estudos de vocabulário, permitem o estabelecimento das oito tribos lingüísticas, corrigindo a redutiva compreensão das nações Tupis e Tapuias. Por esse motivo, tem sido reconhecida a sua contribuição etnológica, apesar de muitos pontos vulneráveis serem apontados pelos especialistas, em particular, com respeito à redução etnográfica, que oscila entre a edificante perfeição da figura "clássica" e a decadente figura "selvagem" (Hartmann, 1975; Baldus, 1940).

A compreensão do século XIX parece ter reiterado os grupos indígenas apontados por Martius, pois, segundo Baldus, só no fim do século Karl von Steinen viria a contestar a classificação de Martius. Baldus chama também a atenção para uma questão que recai diretamente sobre a representação dos indígenas e, portanto, sobre a figuração visual. Adverte que, "naquela época, a etnologia estava sob influência do pensamento da escola de Frederich Creuzer, que tomava os indígenas por degenerações dos povos superiores" (Baldus, 1940, p. 141 e 144).

Digitalizado com CamScanner







308. Carl Friedrich Phillip von Martius
Erianthus asper var. brasiliensis
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE VON MARTIUS *FLORA BRASILIENSIS*, VOL. 2, PARS 3, TAB. 61
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO, BRASIL

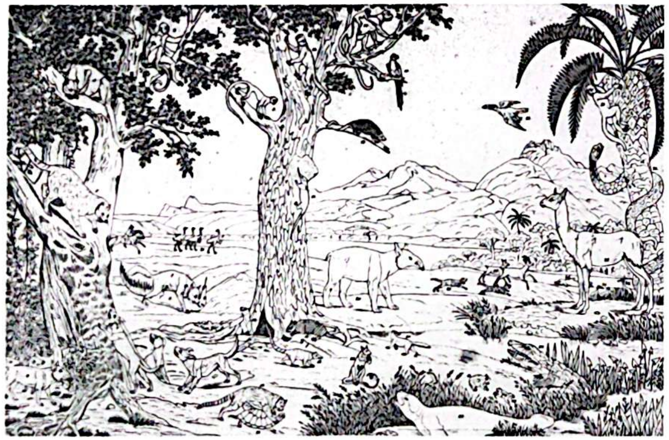
309. Carl Friedrich Phillip von Martius
I - Uralepis virens / II - Diplachne spicata
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE VON MARTIUS *FLORA BRASILIENSIS*, VOL. 2, PARS 3, TAB. 28
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO, BRASIL

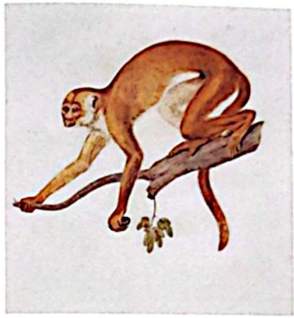
310. Carl Friedrich Phillip von Martius
I - Neoglaziovia variegata / II - Fernseea Itatiaiae
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE VON MARTIUS*FLORA BRASILIENSIS*, VOL. 3, PARS 3, TAB. 80
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO, BRASIL

311. Carl Friedrich Phillip von Martius
Gynerium argerteum / Gynerium argenteum Nees ab Esenbeck
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE VON MARTIUS *FLORA BRASILIENSIS*, VOL. 2, PARS 3, TAB. 14/15
COLEÇÃO JOSÉ MINDLIN, SÃO PAULO, BRASIL

Digitalizado com CamScanner

312, 313. Raphael Winter e Johann Nepomuk von Ott (sculpt.), **Carl Friedrich Phillip von Martius** (del.)
Thierformen des Tropischen America (Forma de Animais na América Tropical)
LITOGRAFIA, [illegible] CM
ILUSTRAÇÕES DO LIVRO DE SPIX E MARTIUS ATLAS ZUR REISE IN BRASILIEN, S.L., S.D., PRANCHAS 28 E 29 (DELINEADA)
LITOGRAFADAS POR C. HEINZMANN
BIBLIOTECA MUNICIPAL MÁRIO DE ANDRADE, SÃO PAULO, BRASIL





314. Johann Baptiste von Spix
Cebus gracilis. Mas. / Der schlanke wickelschwanz Männchen
LITOGRAFIA AQUARELADA, 59 X 43 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE SPIX *SIMIARUM ET VESPERTILIONUM BRASILIENSUM SPECIES NOVAE OU HISTOIRE NATURELLE DES ESPECES NOUVELLES DE SINGES ET DE CHAUVES SOURIS OBSERVÉES ET RECUEILLES PENDANT LE VOYAGE DANS L'INTERIEUR DU BRÉSIL*,
MUNIQUE, TYP. F. S. HUBSCHMANNI, 1823, TAB. V
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
(COLEÇÃO YAN DE ALMEIDA PRADO), SÃO PAULO, BRASIL

316. Johann Baptiste von Spix
Cebus cucullatis. Foem. / Der kapuzaffe. Weibchen.
LITOGRAFIA AQUARELADA, 59 X 43 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE SPIX *SIMIARUM ET VESPERTILIONUM BRASILIENSUM SPECIES NOVAE* ..., MUNIQUE, TYP. F. S. HUBSCHMANNI, 1823, TAB. VI
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
(COLEÇÃO YAN DE ALMEIDA PRADO), SÃO PAULO, BRASIL

315. Johann Baptiste von Spix
Mycetes barbatus. Mas. / Der grofsbärtige Brüllaffe Männchen.
LITOGRAFIA AQUARELADA, 59 X 43 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE SPIX *SIMIARUM ET VESPERTILIONUM BRASILIENSUM SPECIES NOVAE* ..., MUNIQUE, TYP. F. S. HUBSCHMANNI, 1823, TAB. XXXII
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
(COLEÇÃO YAN DE ALMEIDA PRADO), SÃO PAULO, BRASIL

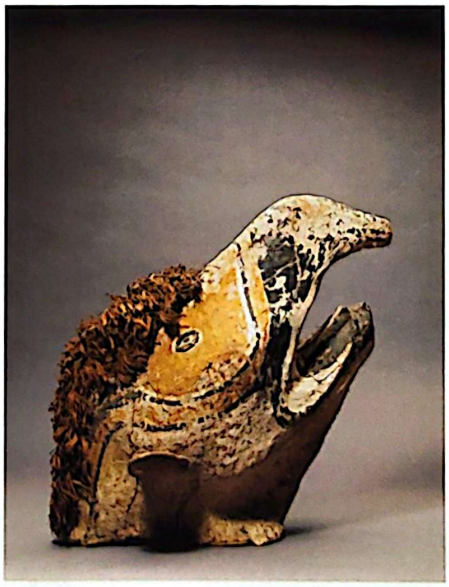
317. Johann Baptiste von Spix
Mycetes barbatus. Foem. / Dergrofsbärtige Brüllaffe. Weibchen.
LITOGRAFIA AQUARELADA, 59 X 43 CM (PÁGINA)
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE SPIX *SIMIARUM ET VESPERTILIONUM BRASILIENSUM SPECIES NOVAE* ..., MUNIQUE, TYP. F. S. HUBSCHMANNI, 1823, TAB. XXXIII
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
(COLEÇÃO YAN DE ALMEIDA PRADO), SÃO PAULO, BRASIL

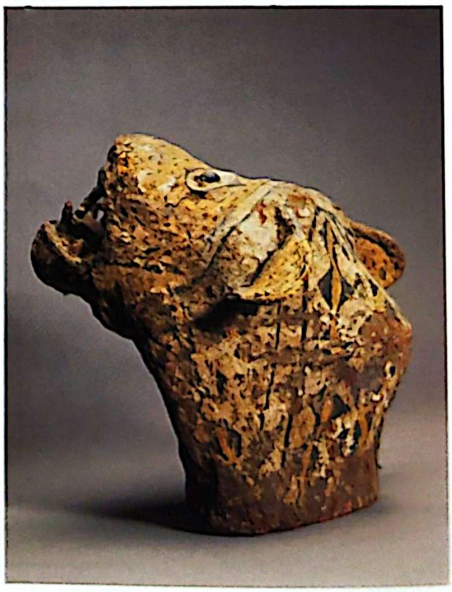
Digitalizado com CamScanner

318. *Tanzmaske, Darstellung der "Grossen Zecke", Juri-Taboca (Máscara Juri-Taboca Representando a Cabeça de um Carrapato Gigante)*
MÁSCARA COLETADA POR SPIX E MARTIUS DURANTE A MISSÃO AUSTRÍACA, 1820 C.
ENTRECASCA, 40 CM (ALTURA)
STAATLISCHES MUSEUM FÜR VÖLKERKUNDE, MUNIQUE, ALEMANHA

319. *Tanzmaske, den Kopf eines Tapirs Darstellend, Juri-Taboca (Máscara Juri-Taboca Representando a Cabeça de um Tapir)*
MÁSCARA COLETADA POR SPIX E MARTIUS DURANTE A MISSÃO AUSTRÍACA, 1820 C.
ENTRECASCA, 50 CM (ALTURA)
STAATLISCHES MUSEUM FÜR VÖLKERKUNDE, MUNIQUE, ALEMANHA

320. *Tanzmaske, Kopf eines Jaguars Darstellend, Juri-Taboca (Máscara Juri-Taboca Representando a Cabeça de uma Onça)*
MÁSCARA COLETADA POR SPIX E MARTIUS DURANTE A MISSÃO AUSTRÍACA, 1820 C.
ENTRECASCA, 43 CM (ALTURA)
STAATLISCHES MUSEUM FÜR VÖLKERKUNDE, MUNIQUE, ALEMANHA





Digitalizado com CamScanner

As máscaras coletadas durante a Missão Austríaca entre os Tukunas, do mesmo modo que aquelas coletadas durante a Viagem Philosophica entre Jurupixunas, constituem importantes testemunhos das práticas simbólicas dos índios brasileiros, cuja história de extermínio e descaracterização cultural é suficientemente conhecida de todos. Os Tukunas preservaram atividades cerimoniais, ainda que bem reduzidas, com o uso de máscaras bastante deterioradas, segundo menções de Schults, datadas de 1963, referidas por Tekla Hartmann (Schults, 1963 apud Hartmann, 1975, p. 59). Entre as máscaras coletadas pelos cientistas da Missão Austríaca, pertencentes à coleção do Museum für Völkerkunde, de Munique, são reconhecíveis as figuras de um tapir, de um peixe, de um tigre, de um pássaro e de um veado, que comparecem na gravura *Préstitos Festivos dos Tukunas* (IL. 323), publicada e referida por Martius, que conta que: "(...) aquele que figurava o diabo jarupari, trazendo máscara de macaco, abria a marcha; a cauda de seu vestido feito de entrecasca era levado por duas pequenas índias. Em seguida, vêm outros mascarados, um figurando um veado, outro um peixe, um velho tronco de árvore etc.", como cita Tekla Hartmann (1975, p. 57 - 63).

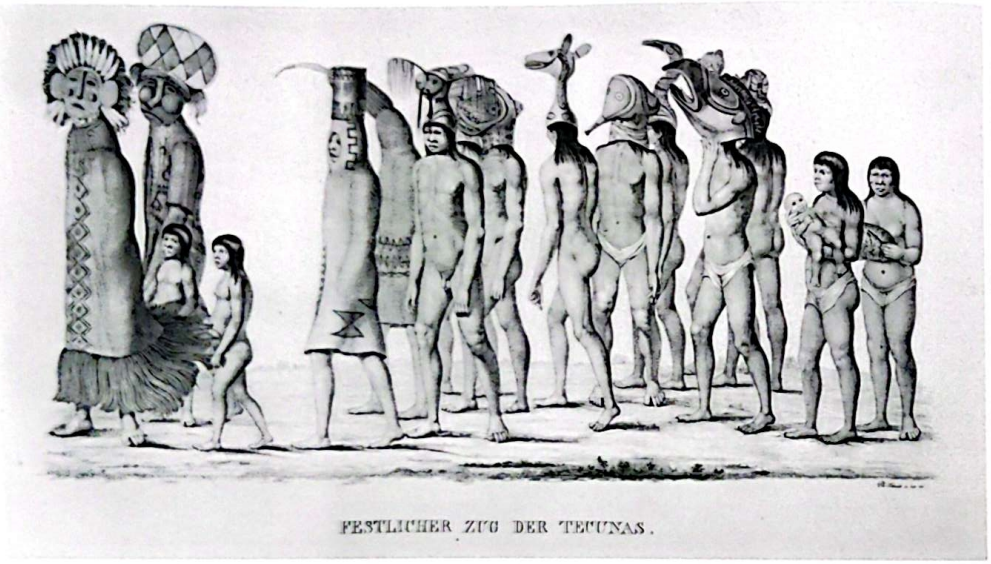
As peças do Museum für Völkerkunde, de Munique, têm correspondência com algumas figuras gravadas em *Préstitos Festivos dos Tukunas*, do *Atlas zur Reise in Brasilien*, de Spix e Martius, da qual não se conhece o desenho original. Nessa gravura, Tekla Hartmann identifica três máscaras de procedência Jurupixuna, tribo em que se encontra Martius, enquanto Spix visita os Tukunas, já que os dois seguem viagem por cursos diversos. A autora alimenta a hipótese de existência de um desenho original da lavra de Spix, sobre o qual teria interferido Martius ao organizar o livro após a morte do companheiro de viagem, além de interveniências do artista responsável pela gravura (Hartmann, 1975, p. 51).

321. *Kopfaufsatz in Gestalt eines Eichhörnchens, Tecuna (Enfeite Tucuna Usado na Cabeça com Formato de Esquilo)*
MÁSCARA COLETADA POR SPIX E MARTIUS DURANTE A MISSÃO AUSTRÍACA, 1820 C.
ENTRECASCA, 29,5 CM (ALTURA)
STAATLISCHES MUSEUM FÜR VÖLKERKUNDE, MUNIQUE, ALEMANHA

322. *Tanzmaske, Kopf eine Fisch Dämons, Juri-Taboca (Máscara Juri-Taboca Representando a Cabeça de um Peixe Demoníaco)*
MÁSCARA COLETADA POR SPIX E MARTIUS DURANTE A MISSÃO AUSTRÍACA, 1820 C.
ENTRECASCA, 83 CM (ALTURA)
STAATLISCHES MUSEUM FÜR VÖLKERKUNDE, MUNIQUE, ALEMANHA

As máscaras tucunas e juris coletadas por Spix e Martius por volta de 1820 foram retratadas no Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius, *na prancha 28, intitulada Festlicher Zug der Tecunas, gravada por Phillip Schmid*

Digitalizado com CamScanner



323. Philip Schmid (sculpt.)
Festlicher Zug der Tecunas (Préstitos Festivos dos Tucunas)
LITOGRAFIA, 50 X 66 CM
ILUSTRAÇÃO DO ALBUM DE JOHANN BAPTISTE VON SPIX E CARL FRIEDRICH
PHILIP VON MARTIUS *ATLAS ZUR REISE IN BRASILIEN*
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, BRASIL

324. Jean Baptiste Debret
Máscara de Índio: Cabeça Humana Cercada de Nadadeiras
AQUARELA SOBRE PAPEL, 10,9 X 19,2 CM
MUSEUS CASTRO MAYA/IBPC, RIO DE JANEIRO, BRASIL

325. Jean Baptiste Debret
Máscara de Índio: Cabeça de Macaco
AQUARELA SOBRE PAPEL, 10,8 X 23 CM
MUSEUS CASTRO MAYA/IBPC, RIO DE JANEIRO, BRASIL

326. Jean Baptiste Debret
Máscara de Índio: Cabeça de Tapir com Crina de Fibras
AQUARELA SOBRE PAPEL, 10,5 X 19,7 CM
MUSEUS CASTRO MAYA/IBPC, RIO DE JANEIRO, BRASIL

Aquarelas originais sobre as quais se basearam algumas gravuras publicadas na Voyage Pittoresque et Historique au Brésil..., *Paris, Firmin Didot Frères, 1834-1837, de Jean Baptiste Debret*

Digitalizado com CamScanner

A Expedição do Barão de Langsdorff, 1822-1829

Georg Heinrich von Langsdorff, de origem alemã, passa pela primeira vez pelo litoral brasileiro em viagem de circunavegação em 1803, voltando em 1813, como cônsul da Rússia, para se estabelecer no Rio de Janeiro, anos antes de organizar a expedição conhecida por seu nome. Instala-se na Fazenda Mandioca, na Serra dos Órgãos, notabilizada como ponto de referência de imigrantes e cientistas que vêm ao Brasil. Além do arrojo científico, a visão empresarial de Langsdorff pode ser aquilatada pela implantação da experiência da policultura e adoção de regime de trabalho livre na sua fazenda, em época em que vigorava ainda o regime escravista.

Para a viagem que faz à província de Minas Gerais, patrocinada pelo czar Alexandre I, contrata o artista Johann Moritz Rugendas, em Munique, e o zoólogo Jean Moris Eduard Ménétries, em Friedberg. Conta com o astrônomo Rubtsov e o naturalista Georg Freyriss, que o acompanha em parte da viagem. No ano de 1822, iniciam juntos pesquisas no Rio de Janeiro, partindo para a província de Minas em 1824, na companhia do botânico Riedel, que se integra ao grupo. A viagem às cidades de São João del Rei (IL. 328), São José del Rei (hoje, Tiradentes), Barbacena (IL. 327), à cidade imperial de Ouro Preto (IL. 329), Sabará e Diamantina é registrada em desenhos e aquarelas de Rugendas, atento às características geológicas da região das minas de ouro e diamante, que fixa em amplas paisagens topográficas. Em Minas Gerais, Rugendas abandona definitivamente a expedição, rumando para o Rio de Janeiro, após seguidas desavenças com o barão de Langsdorff. A expedição chega até o arraial de Tejuco, em Diamantina, e toma o caminho de volta à Fazenda Mandioca, lá chegando em 1825.

Um conjunto de vistas desenhadas por Rugendas, durante a viagem de 1824, está conservado entre 67 pranchas remanescentes na Academia de Ciências de São Petersburgo. Desejamos destacá-lo nesta publicação, para evidenciar que nessa fase os desenhos e as aquarelas de Rugendas mantêm afinidades com a concepção humboldtiana de paisagem. As vistas da paisagem mineira abarcam a espacialidade panorâmica, compatível com o observador situado a longa distância. Nelas, o tema arquitetônico está subordinado à concepção topográfica e as cenas humanas, sujeitas à unidade paisagística. A forte luminosidade incide diretamente sobre o desenho, através do claro-escuro ou da aquarela, tendendo quase a desmanchá-lo.

A *Descoberta Nova Perto do Rio das Pombas* (IL. 330) é uma cena de lavagem do cascalho de ouro praticada por escravos negros sob controle dos feitores, inscrita na vegetação da mata minuciosamente observada. Explorando a região do Rio das Pombas, afluente do Rio Paraíba, Rugendas e os seus companheiros defrontam-se com a intensa atividade de exploração do minério recentemente encontrado. O modelo da epopéia que se desenrola no seio da paisagem brasileira permite que Johann Moritz Rugendas concilie a formação clássica com os apelos naturalistas.

A presença constante da figura humana na obra composta pelo artista, a partir de observações feitas na América, a construção da imagem dos negros e índios americanos conforme figuras regulares e universalizantes vêm confirmar os padrões clássicos, que permeiam a elaboração artística desse artista de índole romântica. Nessa primeira viagem que Rugendas empreende pela América, quando se dirige à região das minas em companhia de Langsdorff, abandonando a expedição e seguindo seu próprio itinerário, dedica-se à elaboração de inúmeros desenhos, que são editados posteriormente em um excepcional álbum, *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, lançado na França e Alemanha em 1927. Voltaremos ao assunto oportunamente, sendo

Digitalizado com CamScanner

conveniente nos atermos no momento a outros aspectos da expedição chefiada por Langsdorff.

Entre 1825 e 1829, o barão de Langsdorff dá prosseguimento à expedição, que havia sido paralisada. A viagem ao Amazonas tem um desfecho dramático, pois Langsdorff é vitimado pela febre tropical, enlouquecendo. Os cientistas da expedição deixam o Rio de Janeiro e dirigem-se a São Paulo, rumando para Mato Grosso em viagem fluvial, iniciada em 1826. Alcançam a fronteira da Bolívia, onde se dedicam ao estudo das regiões do alto Paraguai e Guaporé, descendo a seguir o Amazonas pelos afluentes do Tapajós. Langsdorff conta com Rubtsov e Riedel, e preenche a ausência de Rugendas com a contratação de outros dois artistas: Aimé-Adrien Taunay, que chega ao Brasil com seu pai, Nicolas Antoine Taunay, integrante da Missão Artística Francesa, em 1816, e Antoine Hercule Florence, que aporta no Rio de Janeiro em 1824, como oficial da Marinha real da França.

No curso da viagem fluvial até a fronteira de Mato Grosso, reúnem-se à expedição os índios Guanás, em Albuquerque (Corumbá), e os índios Guatós, na subida do Rio São Lourenço. As maiores dificuldades passam a ocorrer na subida

327. Johann Moritz Rugendas
Vue de Barbacena, 1824 *(Vista de Barbacena)*
AQUARELA E TINTA SOBRE PAPEL, 25 X 36,5 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

Digitalizado com CamScanner

328. Johann Moritz Rugendas
São João d'el Rey, 1824
AQUARELA E TINTA SOBRE PAPEL, 25 X 35 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

329. Johann Moritz Rugendas
Cidade Imperial do Ouro-Preto, 1824
AQUARELA E TINTA SOBRE PAPEL, 25,5 X 37,5 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

Digitalizado com CamScanner

330. Johann Moritz Rugendas
Descoberta Nova Perto do Rio das Pombas, 1824
TINTA, NANQUIM E LÁPIS SOBRE PAPEL, 23 X 34,5 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

do Rio Cuiabá, no período das chuvas, com o término das provisões. Os naturalistas dividem-se e seguem cursos diferentes. Riedel e Taunay vão para Villa Bella de Matto Grosso, passando pela aldeia dos índios Bororos, atingindo a divisa com a Bolívia, em Casalvasco. No retorno, Taunay morre afogado no Rio Guaporé e Riedel prossegue sozinho pelo Madeira, Guaporé e Amazonas. Enquanto isso, Florence e Langsdorff concluem o trabalho sobre a geografia física e econômica de Mato Grosso. Adoecendo em Porto Velho, os dois viajantes permanecem na aldeia dos índios Apiacás. Quando se encontram com Riedel, em Belém, o barão de Langsdorff, segundo depoimento de Florence, já não goza mais de perfeito juízo, em decorrência da febre tropical.

Os desenhos documentais elaborados por Taunay e Florence são acompanhados de anotações feitas pelos artistas, em diários de viagem, e escritas por Langsdorff, nos inúmeros cadernos, enviados a Moscou durante a expedição e que permanecem ainda inéditos. A correlação entre os registros derivados da expedição Langsdorff ainda não foi completamente estabelecida. Só em 1930 pôde ser localizado, no Jardim Botânico de Leningrado, o acervo remetido para a Rússia durante a viagem, estando atualmente guardado na Academia de Ciências de Moscou. Além dos desenhos e manuscritos, o acervo compreende espécies botânicas, num total de 100 000 unidades da flora tropical, descobertas relevantes que perderam a hora da primazia científica. Há objetos etnográficos das tribos visitadas e informações sobre cidades e povoações, em grande parte inéditas, cuja melhor interpretação depende ainda da tradução e aproximação entre diversos registros. A recente duplicação do acervo e instalação de um Núcleo de Estudos Langsdorff, por iniciativa do professor Komissarov, na Universidade Federal de Brasília, veio a estimular novas oportunidades de estudo (Bertels & Komissarov, 1988).

Os dois substitutos de Rugendas são donos de estilos diferentes. Adrien Taunay, mais sensível e afetivamente envolvido com o objeto de sua

Digitalizado com CamScanner

331. Aimé-Adrien Taunay
Anastasia, Née de Deux Métiss, Aieule des Deux Jeunes Filles Sebastiana et Marcellina, Guimarães, 1827
(Anastácia, Filha de Mestiços, Avó das Duas Jovens Sebastiana e Marcelina)
AQUARELA E LÁPIS SOBRE PAPEL. 23 X 18,8 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

Na Vila de Guimarães, no Rio de Janeiro, Aimé-Adrien Taunay produz uma série de aquarelas estudando tipos selecionados entre a população local. Retrata três gerações de uma família, esclarecendo, em legendas, a mistura de etnias. Obtém, assim, um quadro da composição étnica da população local na época

atenção, se entretém com a luminosidade da cor. Florence, buscando a objetividade do registro por todos os meios, é um explorador das técnicas de representação e reprodução da natureza.

Adrien Taunay, descendente de família de artistas, teria sido provavelmente iniciado no desenho pelo pai. Também acumula experiência na observação científica, pois acompanha como desenhista a expedição de Freycinet ao Pacífico, antes de se tornar desenhista da Expedição Langsdorff. Observando como Taunay se coloca diante de dois grupos indígenas — um deles educado nas antigas missões jesuítas, na Chapada dos Guimarães, e outro, o Bororo, que mantém tradições tribais — verifica-se que sua percepção não decorre do tipo ideal, que preside por tantos anos a visão do índio americano. Busca compor retratos fisionômicos

Digitalizado com CamScanner

332. Aimé-Adrien Taunay
Francisca de Salles, Née de la Précédente et d'un Métis, Guimarães, 1827 *(Francisca de Salles, Filha de Anastácia e de um Mestiço)*
AQUARELA SOBRE PAPEL. 23 X 18 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

e reter os traços faciais dos índios da Chapada dos Guimarães, investigando as transformações que sofrem por meio da mestiçagem. Anota Taunay que *Anastácia* (IL. 331) é descendente de dois mestiços e avó de duas meninas, Sebastiana e Marcelina. *Francisca Salles* (IL. 332) é filha de Anastácia com um mestiço. *Sebastiana* (IL. 334) é filha de Francisca Salles com um branco. *Marcelina* (IL. 333) é irmã de Sebastiana. *Patrício José Bispo* (IL. 336), irmão das duas últimas (Komissarov, 1988, vol. 2).

Taunay é dotado de sensibilidade lírica e tem confiança na pincelada. Capta instantâneos da vida dos índios, apreendendo o momento de atenção de um *Grupo de Índios Bororo* (IL. 337) ao relato que um deles faz da caçada de onça, ou outro em que os índios reúnem-se para o *Canto Noturno*. Nessas duas aquarelas, feitas em dezembro de 1827, o

Digitalizado com CamScanner

333. Aimé-Adrien Taunay
Marcellina, Soeur de la Précédente de la Même Mère et du Même Père, Guimarães, 1827 *(Marcelina, Irmã da Anterior, por Parte de Mãe e de Pai)*
AQUARELA SOBRE PAPEL. 23 X 18.5 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RUSSIA. MOSCOU

334. Aimé-Adrien Taunay
Sebastiana, Née de la Métis Francisca de Salles et d'un Blanc, Guimarães, 1827 *(Sebastiana, Filha da Mestiça Francisca de Salles e de um Branco)*
AQUARELA E LÁPIS SOBRE PAPEL. 23 X 19.8 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RUSSIA. MOSCOU

Digitalizado com CamScanner

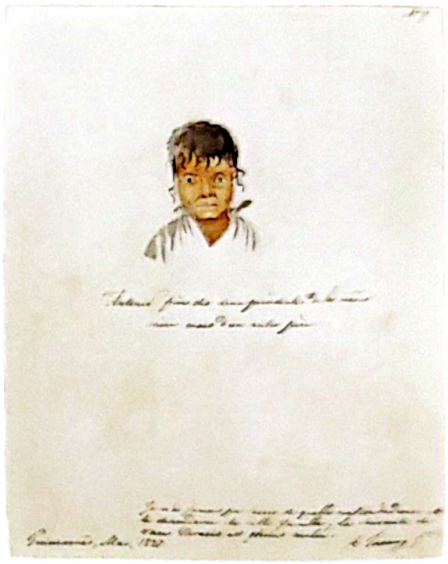
tratamento da luz foi colocado a serviço da unidade da comunidade indígena e de sua configuração em grupo, conduzindo a atenção além da vida material e transportando-a para fenômenos da vida espiritual e cultural da tribo. Taunay estabelece certa intimidade com as situações que apresenta, expressa tanto pelo gesto do artista quanto pela postura corporal dos índios. O artista flagra as figuras no *Interior de uma Cabana de Índios Bororo* (IL. 338), fixa um momento da *Visita de Alguns Bororos* (IL. 339) à casa que ocupou com Riedel, perto da aldeia de Pau Seco. As cenas indicam que se trava uma nova relação entre índios e viajantes.

Pouco se conhece de sua obra além do acervo soviético. Existem alguns desenhos de sua autoria, no Museu Raymundo Ottoni Castro Maya, em que mostra propensão às cenas de costumes. Um pequeno caderno de desenho de bolso, que o artista provavelmente carregava ao se deslocar, pertencente hoje à Coleção Noêmia e Luiz Buarque de Hollanda, no Rio de Janeiro. Além de paisagens do Rio de Janeiro, apresenta com certa dose de humor cenas de costumes da corte portuguesa.

Independentemente do que pode representar para a botânica e para a zoologia a identificação das espécies registradas e catalogadas, os desenhos e as aquarelas revelam por si mesmos que Florence foi um artista extremamente minucioso no estabelecimento das condições para a observação da natureza. Assinala em seus desenhos tanto o nome, o local e a data da coleta como critérios que presidem a representação, correspondências entre tamanho do referente e da referência, entre a cor na natureza e a cor resultante, indicando a tomada do objeto em grandeza natural ou em escala porcentualmente reduzida, anotando a incidência de desenhos elaborados a partir de plantas secas ou de animais empalhados. Seu pensamento analítico fragmenta os corpos dos animais, para evidenciar detalhes das cabeças e patas de aves ou características das inflorescências dos vegetais, remetendo aos critérios de Lineu. Os desenhos etnográficos traduzem o rigor da observação das figuras por meio de vistas de frente e perfil, de maneira a individualizar fisionomias e afirmar a diversidade étnica, em vez de fazê-las tender a padronizações tipificantes. Florence descreveu fidedignamente tribos indígenas e escravos negros, particularizando a aparência física e os traços de descendência. Assinala as pinturas corporais dos Mundurucus, além de pertences, utensílios e habitações dos Guatós e de outras nações que viviam em tribo, registra transformações nos hábitos de vestir e pentear, que podem ser notadas nos índios educados na Chapada.

Florence é primordialmente desenhista e, mesmo quando se vale da aquarela, orienta o foco de sua atenção para uma certa "objetividade" da representação. A série de desenhos feitos por ocasião de sua estada entre índios Apiacás resulta na *Maloca dos Apiacás no Rio Arinos* (IL. 340), composição aquarelada que resume pontos de vista de figuras fixadas em desenhos menores (Komissarov, 1988, vol. 3).

Florence despoja-se do traço individualizado, que costumeiramente acompanha o trabalho artístico, concentrando sua contribuição precisamente na exploração das técnicas de representação e reprodução da imagem. Não há dúvidas que Hercule Florence faz uso da câmara clara, para obter um traçado linear homogêneo e alcançar um risco aparentemente neutro e impessoal. Poderia atender a exigências de isenção científica, se não ocorresse, por outro lado, a planificação mecânica do gesto, que não precisa se arriscar entre o caminho incerto ou preciso, no qual a mão se aventura.



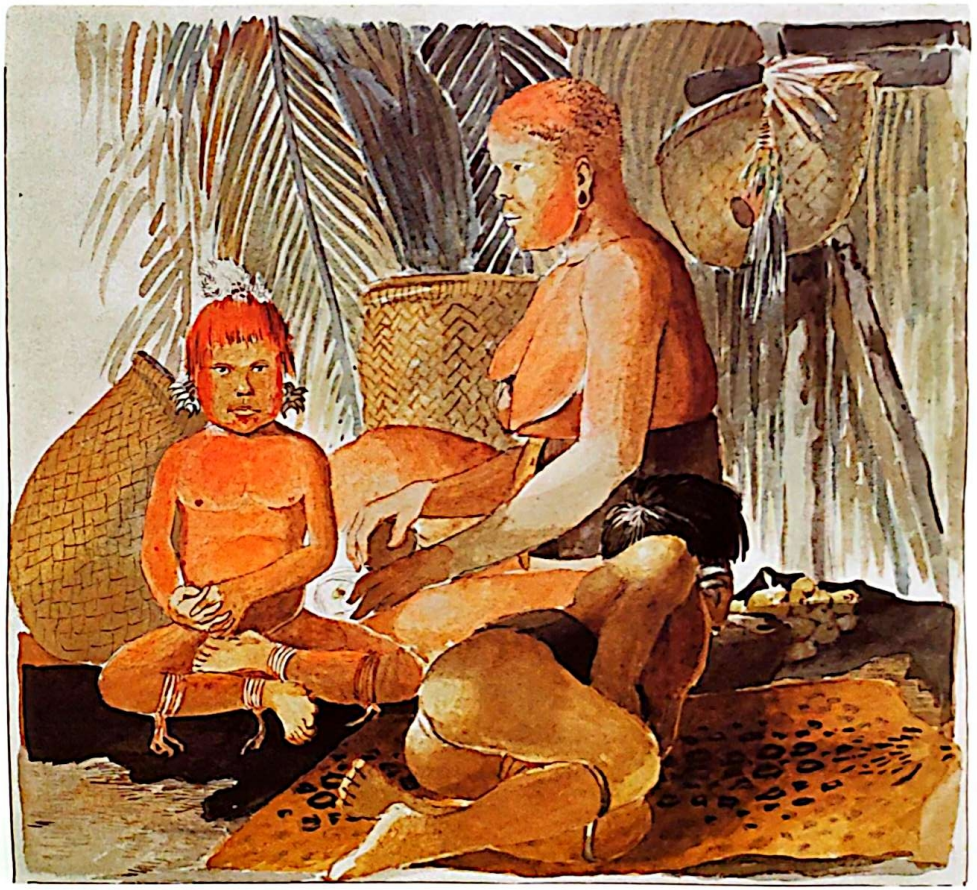
335. Aimé-Adrien Taunay
Antonio Frère des Deux Précédentes, de la Même Mère Mais d'un Autre Père, Guimarães, 1827 *(Antonio, Irmão dos Dois Anteriores por Parte de Mãe, Mas de Pai Diferente)*
AQUARELA SOBRE PAPEL. 23 X 18,5 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

336. Aimé-Adrien Taunay
Patricio Jozé Bispo, Frère de Deux Précédentes, Guimarães, 1827 *(Patrício José Bispo, Irmão dos Dois Anteriores)*
AQUARELA E LÁPIS SOBRE PAPEL. 23 X 18,5 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

Digitalizado com CamScanner

337. Aimé-Adrien Taunay
Rassemblement d'Indiens Bororós de l'Arranchamento Appellé Páu-Seco Entre les Rivières Paraguay et Jauru, 1827 (Agrupamento dos Índios Bororos do Acampamento Chamado Pau-Seco, entre os Riachos Paraguay e Jauru)
AQUARELA SOBRE PAPEL. 28,6 X 22 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

A aquarela denuncia especialmente um personagem armado de arco e flecha, parecendo tratar-se do narrador, que, com esse gesto, enriquece a história da caçada referida na legenda



338. Aimé-Adrien Taunay
Intérieur d'une Hutte des Indiens Bororós, 1827 (Interior de uma Oca de Índios Bororos)
AQUARELA SOBRE PAPEL. 28,5 X 27,3 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

Digitalizado com CamScanner

339. Aimé-Adrien Taunay (detalhe na página ao lado)
Quelques Bororós Font une Visite à MMrs. Riedel et Taunay dans la Maison qu'Ils Occupaient Près de Leur Village, Pau Serco, 1827 (*Alguns Bororos Visitam Mrs. Riedel e Taunay na Casa que Eles Ocupavam Perto de Seu Vilarejo*)
AQUARELA SOBRE PAPEL, 22,3 X 27 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

Hipoteticamente, a casa retratada, ocupada por Taunay e Riedel quando em Vila Bela, seria o palacio abandonado dos antigos capitães-gerais de Mato Grosso que Aimé-Adrien Taunay descreve em sua ultima carta à familia

340. Hercule Florence
Habitation des Apiacás Sur l'Arinos, 1828 (*Habitação dos Apiacás Sobre o Arinos*)
AQUARELA SOBRE PAPEL, 40,8 X 51 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

Digitalizado com CamScanner

341. Hercule Florence
Chute du Juruenna, Dite Salto Augusto, 1ère Feuille, 1828 (Cachoeira de Juruenna, Chamada Salto Augusto, 1ª Folha)
AQUARELA NEGRA SOBRE PAPEL. 42,2 X 47,5 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

342. Hercule Florence
Chute du Juruenna, Dite Salto Augusto, 2ème Feuille, 1828 (Cachoeira de Juruenna, Chamada Salto Augusto, 2ª Folha)
AQUARELA NEGRA SOBRE PAPEL. 40 X 47,5 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

Digitalizado com CamScanner

343. Aimé-Adrien Taunay
Vue de la Deuxième Grande Chute du Tiété, Dite Salto de Itapure, 1826 (Vista da Segunda Grande Queda do Tietê, Chamada Salto de Itapura)
AQUARELA NEGRA SOBRE PAPEL. 62,2 X 43 CM
ARQUIVO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA RÚSSIA, MOSCOU

São de autoria de Florence experiências de observações de fenômenos da natureza, como, por exemplo, a luminosidade do céu e as formações de nuvens, que bem poderiam alinhá-lo àqueles artistas naturalistas, apegados ao fenômeno luminoso, que transitaram para o impressionismo. Florence realiza a descoberta isolada da fotografia no Brasil, como relata Boris Kossoy. Também faz experiências para reproduzir a imagem colorida no papel, processo que chamou poligrafia, além de ter deixado um manuscrito intitulado *Zoophonie,* no qual descreve sons e articulações emitidos pelos animais (Kossoy, 1980; Vieilliard, 1933).

Hercule Florence deixa vários diários de viagem manuscritos, alguns dos quais já publicados. *O Esboço da Viagem Feita pelo Senhor Langsdorff ao Interior do Brasil* (1825-1829) é o texto que dá origem à *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* (1825-1829). *Esquisse Pittoresque du Voyage de Porto-Feliz a Cuiyaba et Explications des Dessins Ci-Joint* (1826-1827) é o manuscrito pertencente ao acervo da Academia de Ciências de Moscou, havendo ainda originais inéditos na Coleção Arnaldo Machado Florence, em São Paulo, além de documentos guardados da curiosidade dos pesquisadores a sete chaves, que pertencem aos descendentes de Cyrillo Hercules Florence.

Como Florence, outro botânico da Expedição Langsdorff radica-se no Brasil, Ludwig Riedel, que continua a viagem de Langsdorff, acompanhado do dinamarquês Peter Wilhelm Lund. Posteriormente, dirige o setor botânico do Museu Nacional, do Rio de Janeiro, e se torna chefe das Matas e Jardins do Rio de Janeiro.

Digitalizado com CamScanner

Expedição ao Ivaí, 1857

O engenheiro Franz Keller, natural de Manheim, acompanha o pai, Joseph Keller, também engenheiro, que vem ao Brasil a pedido do governo imperial para explorar rios e sertões brasileiros, realizando os estudos preliminares para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Há informações de que os dois teriam sido encarregados da construção de estradas entre as cidades brasileiras, fazendo levantamentos para navegação do Rio Paraíba e prospecções nas regiões paranaenses dos rios Ivaí, Paranapanema e Tibagi, na época da Guerra do Paraguai, em busca de comunicação com o Mato Grosso. Percorrem o Rio Iguaçu e são responsáveis pela execução do levantamento do Rio Madeira para comunicação com a Bolívia. Franz Keller permanece no Brasil de 1856 a 1873 e passa a se chamar Franz Keller-Leuzinger, ao contrair matrimônio com a filha de um tipógrafo, proprietário de renomada oficina gráfica no Rio de Janeiro. Voltando à Alemanha, escreve o livro *Von Amazonas und Madeira,* no qual os desenhos feitos durante suas viagens pelo Brasil merecem tratamento xilográfico, resultando em uma das mais dignas obras ilustradas sobre o Brasil. A competência técnica das xilogravuras não encobre a qualidade dos modelos, de que tira proveito.

Tendo aprendido desenho em Düsseldorf, Franz Keller-Leuzinger interpreta a vida no Brasil conforme os ensinamentos de Humboldt: "primeiramente pelo caráter determinante da vegetação", mostrando-se atento aos aspectos fisionômicos da paisagem tropical. Os desenhos resultam do foco atirado sobre o sentido vital, introduzido pela natureza palpitante, da qual o artista acolhe o gigantismo para se comprazer na expressão sublime. Seu tema é a natureza indomada, à qual o homem se encontra sujeito. Keller-Leuzinger expõe a rivalização entre homem e natureza através do embate dos índios com os animais, da ação dos índios coletores, caçadores de jacarés e tapires. Trata-se de concepção característica do que se convencionou chamar romantismo europeu, que encontra na paisagem e no homem natural uma de suas expressões, concepção mais próxima da genealogia otimista de Rousseau.

Chama a atenção o fato de que as figuras humanas, submetidas às injunções da etapa de tratamento xilográfico, acabaram por atender a preceitos clássicos, que, latentes nos desenhos originais, tornam universais os índios brasileiros. As poses clássicas das figuras e a concepção anatômica permitem harmonizar os movimentos interiores e correspondem às exigências de valorização do homem, conforme concepção neoclássica da época.

A existência de aquarelas originais de Keller-Leuzinger em coleções brasileiras oferece a oportunidade de um exame de outros aspectos da contribuição do artista. Um seu conjunto de obras, do qual doze são seguramente originais e a maior parte diz respeito à sua passagem pelo Amazonas, está guardado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Um conjunto procedente da Coleção Newton Carneiro, de Curitiba, é composto de pequenos desenhos e aquarelas, entre os quais destacamos algumas feitas por ocasião da Expedição ao sertão do Ivaí, entre 1865 e 1867, quando essa era uma região desconhecida. A primeira aquarela para a qual chamamos a atenção do leitor é uma vista a vôo de pássaro da *Colonia Tereza no Alto Ivahy* (IL. 344), assinada por Joseph e Franz Keller, que descortina a região cortada pelo rio, cujo traçado foi feito pelos dois Keller. Trata-se de um documento raro sobre o sítio e a ocupação da região. Franz Keller-Leuzinger fez anotações sobre construções missionárias e habitações indígenas, que vieram a evidenciar a existência de missões pouco conhecidas e outros aspectos dos assentamentos e da aculturação indígena. No norte do Paraná viviam os índios da tribo

Digitalizado com CamScanner

344. Joseph Keller ou Franz Keller
Vista da Colônia Tereza no Alto Ivaí, Rio Ivaí, 1865
AQUARELA, 18,5 X 29,5 CM
LIGA AMBIENTALISTA, CURITIBA, BRASIL

345. Franz Keller
Aldeamento de São Pedro d'Alcantara, São Pedro de Alcântara, 1865
DESENHO AQUARELADO, 11,5 X 20 CM
LIGA AMBIENTALISTA, CURITIBA, BRASIL

346. Joseph Keller ou Franz Keller
Aldeia Indígena em S.Pedro d'Alcantara, São Pedro de Alcântara, 1865
DESENHO A LÁPIS E AGUADA EM SÉPIA, 14 X 23,7 CM
LIGA AMBIENTALISTA, CURITIBA, BRASIL

Digitalizado com CamScanner

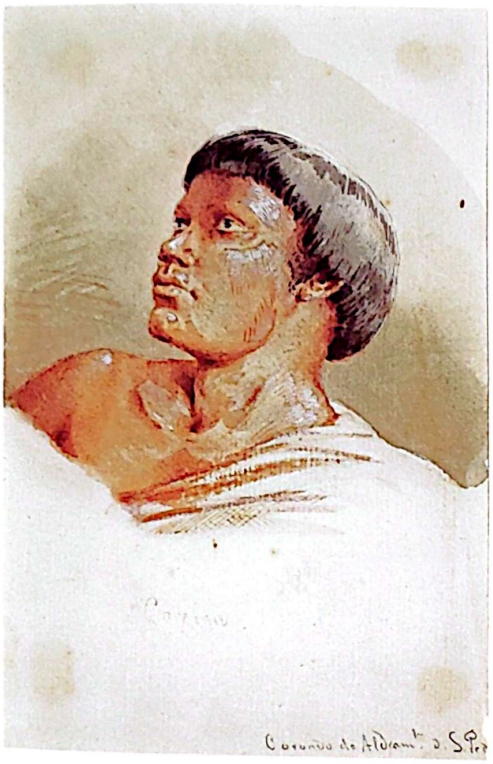
Caiovás, às margens do Rio Ivaí habitavam os índios Coroados. A visão das fachadas do *Aldeamento de São Pedro de Alcântara* (IL. 345) e do interior da *Aldeia Indígena em São Pedro de Alcântara* (IL. 346) traduz um interesse voltado para soluções construtivas, com que o engenheiro perscrutava a cultura local, tão interessado na construção com sineira, coberta de telhas e finalizada em beiral, quanto na estrutura fundada sobre a terra batida e coberta de palha, que abrigava os Coroados.

O maior interesse apresentado pelas pequenas aquarelas dos índios Coroados, que viviam em colônias religiosas, parece resumir-se no fato de serem tomados do natural, tal qual retratos ao vivo de modelos posados, captando, no entanto, intenções e movimentos interiores, que se traduzem nos gestos e nas posturas. Podem ser considerados retratos instantâneos, pelos quais Keller-Leuzinger ensaia, experimenta o mistério da fisionomia humana, cuja conquista exigiria dos artistas maior aguçamento da observação e um certo desprezo pela descrição do aparente.
A *Coroada do Aldeamento de São Pedro* (IL. 347) e *Cavim, Coroado do Aldeamento de São Pedro* (IL. 348) exemplificam a questão. O mesmo poderia se dizer dos índios Caiovás: o fardado *Capitão Tibério* (IL. 349); *Salvador* (IL. 351), retratado em trajes de capitão-do-mato, em Vila Rica, no curso do Rio Ivaí; o *Cacique dos Caiowas* (IL. 350), retratado em Santo Ignácio; *Candido*; e da índia Caiová com crianças. O artista parece desejar surpreendê-los com o olhar perdido ao longe e dotá-los de interioridade, revelando-os algumas vezes mal acomodados aos trajes. Nota-se ainda que a concepção do índio individualizado condiz com a designação em nome próprio.

A mesma busca de expressão aparece na aquarela da *Anta* (IL. 353), registrada no Rio Ivaí, que seria posteriormente introduzida em outro desenho, este executado a lápis: *Caçada à Anta no Rio Ivahy* (IL. 352). Na pequena escala e

347. Joseph Keller ou Franz Keller
Coroada do Aldeamento de São Pedro, São Pedro de Alcântara, 1865
DESENHO AQUARELADO. 16,8 X 12 CM
LIGA AMBIENTALISTA, CURITIBA, BRASIL

Digitalizado com CamScanner



348. Franz Keller
Cavim. Coroado do Aldeamento de S. Pedro, São Pedro de Alcântara
DESENHO AQUARELADO. 14,5 X 9,5 CM
LIGA AMBIENTALISTA. CURITIBA. BRASIL

349. Franz Keller
Capitão, São Pedro de Alcântara, 1865
LÁPIS E AQUARELA SOBRE PAPEL. 15,6 X 12 CM
LIGA AMBIENTALISTA. CURITIBA. BRASIL

350. Franz Keller
Paix Carike des Cayowa Indianer (O Cacique dos Caiowas), S. Ignacio, 1865
LÁPIS E AQUARELA SOBRE PAPEL. 15,8 X 13,2 CM
LIGA AMBIENTALISTA. CURITIBA. BRASIL

351. Franz Keller
Salvador, Ivaí, Villa Rica, 1865
DESENHO AQUARELADO. 15,5 X 12,1 CM
LIGA AMBIENTALISTA. CURITIBA. BRASIL

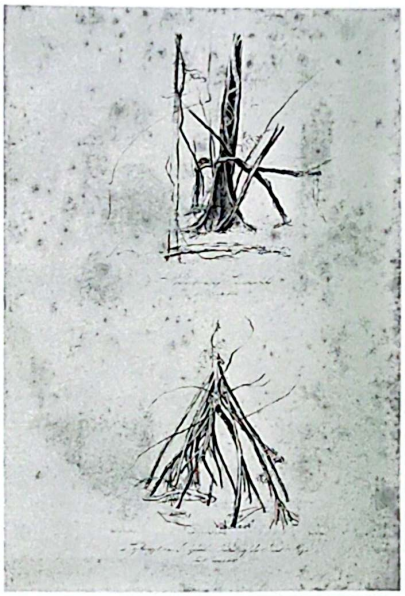
Digitalizado com CamScanner

352. Franz Keller (atribuição)
Caçada à Anta no Rio Ivaí, 1865
DESENHO A LÁPIS E AGUADA EM SÉPIA. 15,5 X 29 CM
LIGA AMBIENTALISTA, CURITIBA, BRASIL

353. Joseph Keller e Franz Keller
Anta, Ivaí, 1865
AQUARELA. 9,2 X 13 CM
LIGA AMBIENTALISTA, CURITIBA, BRASIL

O desenho feito no Rio Ivaí foi utilizado para a realização das gravuras do livro de Franz Keller-Leuzinger The Amazonas and Madeira Rivers. *London, Champman and Hall, 1874, p. 78, na prancha intitulada* Caripuna Indians with Tapir

Digitalizado com CamScanner



354. Wildt (sculpt.) **e A. Schmidt** (del.)
Die Igarite auf dem untem Amazonas (O Igarapé no Baixo Rio Amazonas)
LITOGRAFIA. 51 X 34,5 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE ADALBERTO DA PRÚSSIA *SKIZZEN ZU DEM TAGEBUCH*
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, SÃO PAULO, BRASIL

355. Tempeltei (sculpt.) e **Adalbert Prz. v. Pr.** (del.)
Baumstamm auf Tucumaiduba, 30.12.1842 (Tronco de Tucumaiduba)
Luftwurzel einer Passuiba-Palm auf der Insel Moju, 02.01.1843 (Raiz Aérea de Palmeira Passuiba na Ilha Moju)
LITOGRAFIA. 51 X 34,5 CM
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE ADALBERTO DA PRÚSSIA *SKIZZEN ZU DEM TAGEBUCH*
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, SÃO PAULO, BRASIL

diretamente do natural sempre é mais fácil perseguir os vestígios de vida.

Os desenhos de Edward Goodall apresentam concepção próxima à dos de Keller-Leuzinger, como revelam interiores de habitações indígenas Vapixanas (IL. 356) (ou Vapidianas), publicadas no livro de Robert Schomburgk *Reise in Guiana und am Orenoco Wahrend der Jahre*. Trata-se de outra publicação ilustrada portadora de traços característicos da estética alemã. Os desenhos são obtidos durante a viagem pelo Rio Orinoco e Rio Negro, na segunda etapa da expedição para a exploração da Guiana Inglesa, chefiada por Richard e Robert Hermann Schomburgk. Essa viagem, idealizada pela Royal Geographic Society, de Londres, e patrocinada pelo governo inglês, tem lugar entre 1840 e 1844 (Löschner, 1979, p. 100).

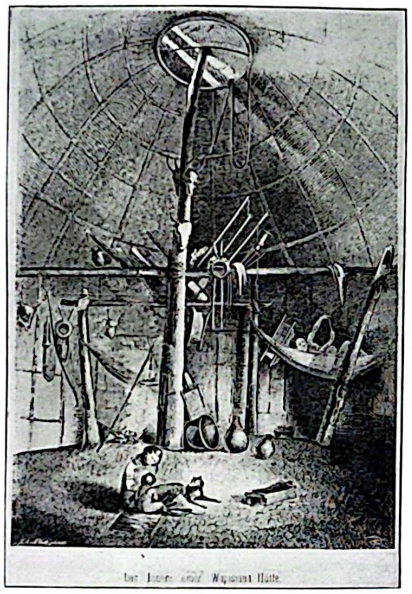
Não se pode deixar de notar que o aguçamento da experiência perceptiva, que promove a individualização das figuras indígenas, o discernimento das características físicas e culturais das diversas tribos são concomitantes com o estudo da expressão por excelência, isto é, da linguagem das populações indígenas. O reconhecimento devido aos irmãos Schomburgk pela contribuição ao estudo da língua das tribos daquela região evidencia que a humanização das representações dependeu do estabelecimento de relações mais próximas e de um plano de comunicação mais efetivo entre culturas diferentes.

Restaria uma palavra final sobre a profusão de imagens da natureza americana do repertório motivado pelas proposições estéticas e científicas de Humboldt. Cada viagem parece desvendar aspectos inéditos da natureza.

O príncipe Adalbert da Prússia, por exemplo, revela entre outras paisagens as fabulosas cataratas do Rio Xingu, indo em expedição pelo Norte do país, subindo o Rio Amazonas até sua foz, atingindo a região desconhecida de Piranhanguara, entre 1842 e 1844. A imagem colhida em esboço de viagem é litografada no Atlas do *Aus Meinen Tagebuch* (IL. 354 e 355), publicado em 1847.

Se a imagem dos trópicos fornecida pelos viajantes e o *sentimento da natureza*, de fundamento romântico, motivam a vinda de

Digitalizado com CamScanner



356. Robert Hermann Schomburgk
Inside a Wapisiana House (Interior de uma Casa Vapixiana)
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE RICHARD SCHOMBURGK *TRAVELS IN BRITISH GUYANA*. VOL 2, P. 16
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (COLEÇÃO YAN DE ALMEIDA PRADO), SÃO PAULO, BRASIL

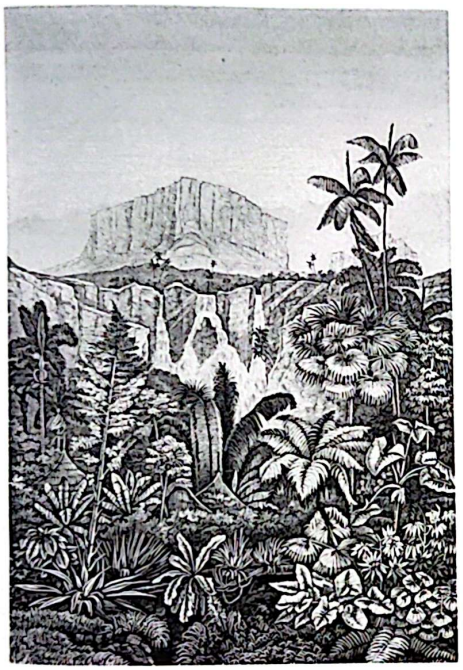
naturalistas ao Brasil, os resultados auspiciosos das experiências estimuladas por Humboldt também têm efeito multiplicador. Não resta dúvida de que a influência de Humboldt ultrapassa o domínio dos artistas e cientistas alemães. Vale lembrar que George Gadner, ao iniciar o livro em que relata a viagem realizada ao Brasil, entre 1836 e 1841, confessa que seu ardoroso desejo de vir à América do Sul é motivado pelas vívidas descrições da beleza e variedade da produção natural dos países dos trópicos, da grandiosidade de cenário das montanhas e do esplendor do seu firmamento, feitas pelo cientista alemão e outros viajantes.

Afinal, a existência de um círculo tão amplo de artistas e cientistas entusiastas e seguidores das idéias de Humboldt, que não seria possível citar aqui, sugere uma verificação simétrica de quais artistas levam às últimas conseqüências os propósitos do sábio. Somos levados a concluir que as paisagens da Venezuela pintadas por Ferdinand Bellermann (1814-1889), natural da Alemanha e formado naquele país, estão entre as mais plenas realizações de interesse científico pela arte.

Eduard Hildebrandt, artista que visita o Brasil entre 1842 e 1845, teria sido capaz de traduzir a experiência da luz dos trópicos, na opinião de Humboldt, embora sua obra não esteja sempre dominada pelo sentimento da natureza, voltando-se também para a documentação de costumes e o pitoresco urbano. Igualmente, certas obras de Johann Moritz Rugendas e do conde de Clarac estão entre as preferidas de Humboldt a lhe despertar a antevisão do *Kosmos*, obra na qual expõe a sua visão física do universo. No próximo volume, sobre a paisagem, teremos oportunidade de examinar melhor a obra desses artistas (Löschner, 1979, p. 122).

Cinqüenta anos após a viagem de Humboldt e Bonpland, um americano do Hemisfério Norte chamado Frederic Edwin Church (1826-1900) realiza duas viagens à América do Sul, à Colômbia e ao Equador, entre 1853 e 1857, visitando os mesmos lugares que aqueles haviam percorrido. Ele se identifica tanto com a vontade de Humboldt e concretiza tão extraordinariamente o *natural americano* nos Andes do Equador que terá seu nome definitivamente associado ao espetáculo da paisagem da América. Persegue uma *natureza ideal* por meio da pintura, e acaba tornando-a inseparável do *natural americano*.

Digitalizado com CamScanner



357. Carl Ferdinand Appun (del.)
Erster Wasserfall des Caroni im Hintergrunde der Roráima (Primeira Cachoeira dos Caroni no Interior de Roraima)
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE APPUN *UNTER DEN TROPEN WANDERUNGEN DURCH VENEZUELA AM ORINOCO, DURCH BRITISH GUYANA UND AM AMAZONENSTRONE IN DEN JAHREN 1849-1868*. JENA, HERMANN COSTENOBLE, 1871, VOL. 1, CAP. IX, P. 438
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, SÃO PAULO, BRASIL

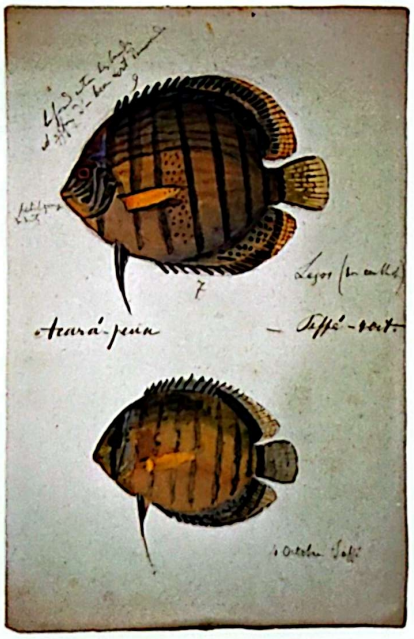
358. Carl Ferdinand Appun (del.)
Gruppe von Itapalmen und Ravenala's in der Nähe von Pirára (Grupo de Itapalmen e Ravelana próximo de Pirára)
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE APPUN *UNTER DEN TROPEN WANDERUNGEN DURCH VENEZUELA AM ORINOCO, DURCH BRITISH GUYANA UND AM AMAZONENSTRONE IN DEN JAHREN 1849-1868*. JENA, HERMANN COSTENOBLE, 1871, VOL. 2, PÁGINA DE ROSTO
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, SÃO PAULO, BRASIL

359. Carl Ferdinand Appun (del.)
Auf dem Passe über den Berg Marima im Roraima-Gebirge (Topo da Montanha Marima na Serra de Roraima)
LITOGRAFIA
ILUSTRAÇÃO DO LIVRO DE CARL FERDINAND APPUN *UNTER DEN TROPEN WANDERUNGEN DURCH VENEZUELA AM ORINOCO, DURCH BRITISH GUYANA UND AM AMAZONENSTRONE IN DEN JAHREN 1849-1868*. JENA, HERMANN COSTENOBLE, 1871, VOL. 1, P. 216
BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, SÃO PAULO, BRASIL

Digitalizado com CamScanner

Perspectivas da Segunda Metade do Século XIX

Expedições Americanas ao Brasil



360. Jacques Burkhardt
Brazilian Fish (Symphysodon aequifasciata), Teffé, 1865
AQUARELA SOBRE PAPEL. 25,6 X 17,4 CM
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY LIBRARY, HARVARD UNIVERSITY, CAMBRIDGE, EUA

Após a "descoberta" do Brasil pelos naturalistas motivados pelo encontro de espécies novas, o que move os cientistas que vêm ao Brasil na segunda metade do século XIX pode ser resumido nas preocupações do naturalista suíço Louis Agassiz em torno da origem da vida: "Como o mundo orgânico se tornou o que é?" (Agassiz, 1975, p. 23).

A reconstrução da história dos seres vivos será o objetivo não só dos estudos evolucionistas de Darwin, Wallace, Bates e outros europeus, mas também de membros de uma expedição americana ao Brasil. A Expedição Thayer, chefiada por Agassiz, percorre o Brasil entre os anos de 1865 e 1866. No relato sobre a viagem redigido por sua esposa, Elizabeth Cary Agassiz, o cientista esclarece os objetivos visados. Primeiramente, o estudo da distribuição geográfica da fauna brasileira, particularmente dos peixes de água doce — que se encontram encerrados em limites precisos —, cuja recorrência lhe permitiria levantar hipóteses a respeito das migrações e transformações não só das espécies em questão, mas também de possíveis transformações da superfície terrestre. O cientista dá ênfase ao estudo dos embriões, ovos e filhotes das espécies colhidas e pretende construir hipóteses mais fundamentadas que as de Darwin a respeito da origem das espécies (Silva, 1994).

Para pesquisas de tamanha abrangência, Agassiz contava com uma equipe de cerca de dez cientistas, em sua maioria geólogos. Para dar conta da grande extensão de território brasileiro, os viajantes partem em grupos. O primeiro, em direção a Minas Gerais, é formado por Oreste Saint-John, John Allen, George Sceva e Thomas Ward. Explora as bacias dos rios Doce, Jequitinhonha, São Francisco, Tocantins, Paraíba do Norte, formando também uma coleção de fósseis em Lagoa Santa, no Estado de Minas Gerais. O segundo grupo, formado por Charles F. Hartt e Edward Copeland, dedica-se à exploração de todo o litoral do Rio de Janeiro à Bahia. O terceiro grupo, chefiado por Agassiz e do qual faziam parte Elizabeth Agassiz, Walter Hunneweld, William James e o desenhista da expedição Jacques Burkhardt, dirige-se ao Amazonas de navio, com escalas nas diversas capitais do Nordeste brasileiro, chegando a Belém. Eles exploram todo o curso do Amazonas e alguns de seus afluentes até a divisa com o Peru, recolhendo durante a viagem cerca de 1 800 espécies de peixes.

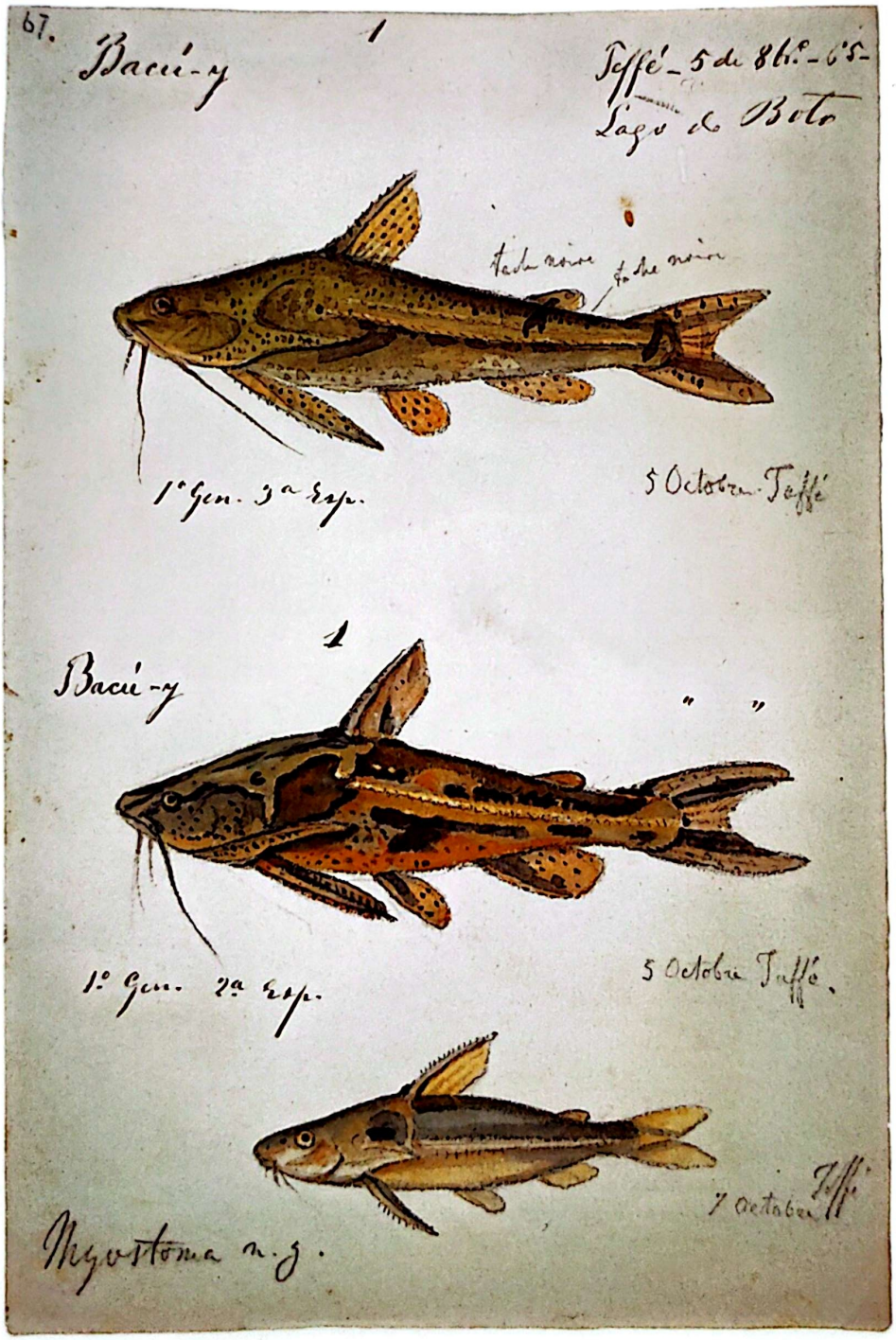
Reunindo todas as observações feitas durante a viagem pelo Amazonas, Agassiz formula sua teoria sobre a formação da depressão amazônica, devido à glaciação, exposta na parte final de seu livro de viagem, que será contestada mais tarde por outros cientistas como Darwin, Heckel e o próprio Charles Hartt, membro da expedição.

É importante notar que apesar da atualidade das pesquisas de Agassiz, as imagens resultantes de sua expedição têm as mesmas qualidades que outras captadas por expedições anteriores. Os registros de Burckhardt da paisagem da região amazônica estão entre as raras visões de Manaus e da vida em Teffé, em 1865. Os desenhos de Burckhardt, conservados no Museum of Comparative Zoology, de Harvard, representam de forma documental as mais variadas espécies de peixes recolhidos no Brasil. Apenas em algumas anotações feitas ao lado do desenho, vêm apontadas semelhanças entre a espécie em questão e alguma outra, deixando claro que a zoologia comparada constituía-se a base dos estudos do grupo chefiado por Agassiz.

Também já se pode inferir a importância que passa a adquirir, a partir dessa época, a documentação fotográfica, em especial no que concerne à etnologia.

A expedição Thayer é capaz de motivar outras incursões americanas ao Brasil: as duas expedições Morgan, realizadas em 1870 e 1871,

Digitalizado com CamScanner



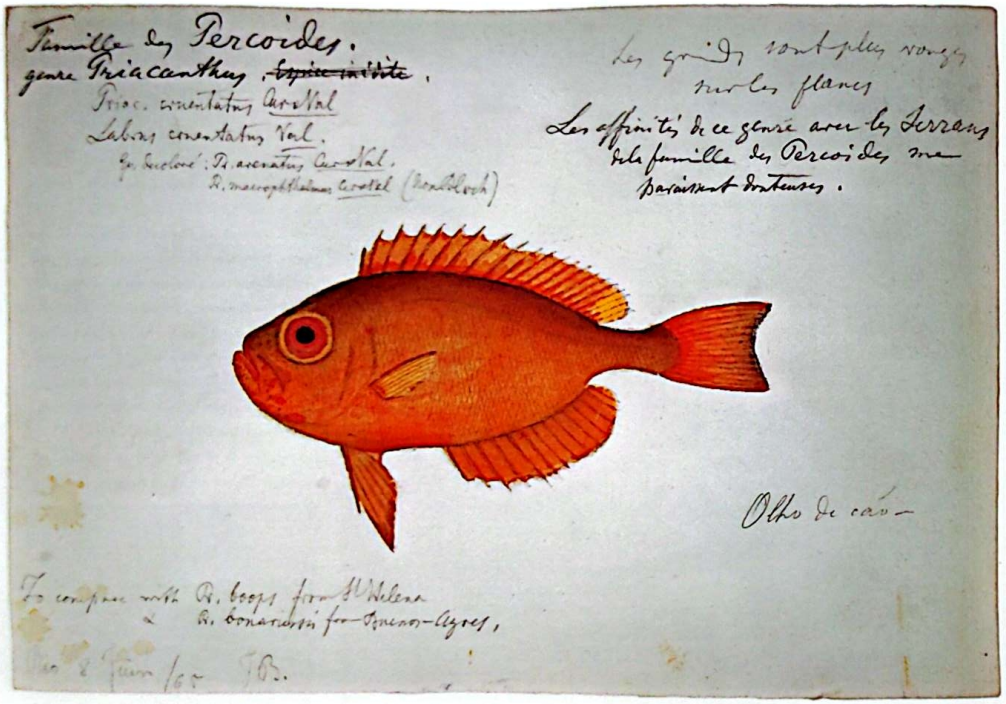
ambas chefiadas pelo geólogo Charles Frederic Hartt e formadas por alunos voluntários da Universidade de Cornell. A primeira explora os vales do Amazonas, Tocantins, Tapajós e Xingu, além do trecho de costa compreendido entre o Pará e a Bahia. No ano seguinte, Hartt e Orville Derby retornam ao baixo Amazonas realizando estudos e coleta de fósseis, que marcaram avanços a respeito da formação geológica da região. Além disso, a dedicação de Hartt e Derby a esse estudo sobre o Brasil resulta na formação de grupos para a continuidade dos trabalhos, como as Comissões Geológicas Brasileiras, iniciadas com Hartt.

As expedições brasileiras vão passando a ocupar a cena. Nessa busca das origens da Terra ou dos seres, que afinal são a mesma coisa para a ciência da segunda metade do XIX, a informação visual perde importância. Não existe acervo iconográfico das expedições Morgan e o da expedição Thayer não difere daqueles produzidos na primeira metade do século.

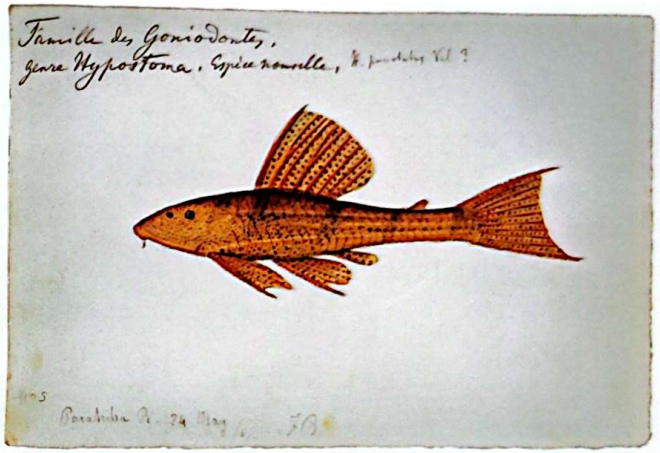
Por outro lado, não se pode esquecer que o tema da *origens da vida* aparece freqüentemente associado à atitude de sacralização da natureza, ao longo do século. Não é por outro motivo que a *paisagem natural* constitui um gênero por excelência da pintura oitocentista, segundo a visão de mundo que se convencionou chamar romântica. A paisagem será assunto central do próximo volume, e um artista que pode demonstrar exemplarmente o elo existente entre a indagação científica e a resposta plástica é justamente o americano Martin Heade, que se inclui no ciclo das expedições científicas americanas à América do Sul (Manthorne, 1989).

361. Jacques Burkhardt
Brazilian Fish (Doradidae – *3 Species*), Teffé, 1865
AQUARELA SOBRE PAPEL. 25,4 X 17,1 CM
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY LIBRARY, HARVARD UNIVERSITY, CAMBRIDGE, EUA

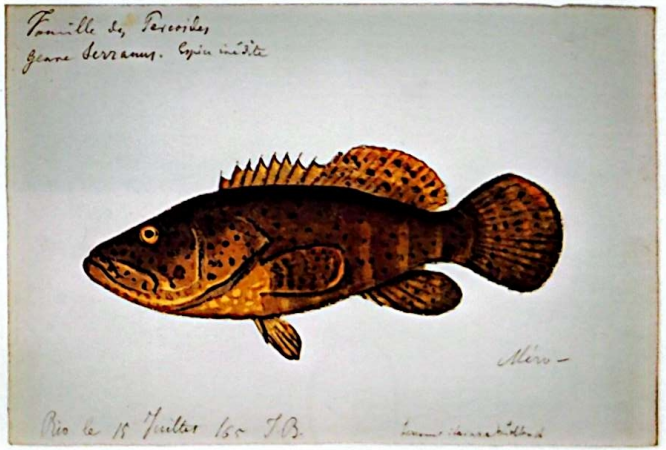
Digitalizado com CamScanner



362. Jacques Burkhardt
Brazilian Fish (Triacanthus), Rio de Janeiro, 1865
AQUARELA SOBRE PAPEL, 17,2 X 25,1 CM
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY LIBRARY, HARVARD UNIVERSITY, CAMBRIDGE, EUA



363. Jacques Burkhardt
Brazilian Fish (Hypostoma), Paraíba, 1865
AQUARELA SOBRE PAPEL, 17,2 X 25,1 CM
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY LIBRARY, HARVARD UNIVERSITY, CAMBRIDGE, EUA

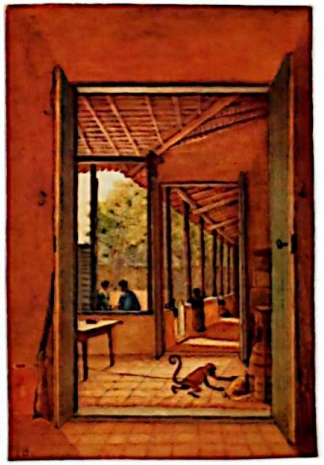


364. Jacques Burkhardt
Brazilian Fish (Scomberomorus brasiliensis), Rio de Janeiro, 1865
AQUARELA SOBRE PAPEL, 17,2 X 25,1 CM
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY LIBRARY, HARVARD UNIVERSITY, CAMBRIDGE, EUA

Digitalizado com CamScanner

365. Jacques Burkhardt
Brazilian Landscape: Manaos (Paisagem Brasileira: Manaus)
1865
AQUARELA SOBRE PAPEL, 20 X 30 CM
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY LIBRARY, HARVARD UNIVERSITY, CAMBRIDGE, EUA

366. Jacques Burkhardt
Teffe III, 1865
AQUARELA SOBRE PAPEL, 14,1 X 19 CM
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY LIBRARY, HARVARD UNIVERSITY, CAMBRIDGE, EUA



367. Jacques Burkhardt
Teffe II, 1865
AQUARELA SOBRE PAPEL, 24,2 X 16,6 CM
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY LIBRARY, HARVARD UNIVERSITY, CAMBRIDGE, EUA

Digitalizado com CamScanner

Apêndice

Notas Biográficas
Bibliografia
Índices

Digitalizado com CamScanner

Viajantes, artistas e cartógrafos

Notas biográficas

ADALBERT, Heinrich Wilhelm, Prinz von Preusen (1781 / 1873)

Naturalista e desenhista amador, veio ao Brasil em 1842. Percorreu os arredores do Rio de Janeiro, partindo para o Amazonas e alto Xingu em 1843, pelo litoral brasileiro. A expedição ao Amazonas explorou geograficamente o Rio Xingu, além de registrar observações de natureza científica e artística. Ao voltar, percorreu o Nordeste brasileiro, chegando a Salvador. Em 1847, publicou o relato de viagem *Aus Meinem Tagebuche, 1842-1843*, em Berlim.

AGASSIZ, Louis Jean Rodolphe (Motier, 1807 / New Cambridge, 1873)

Naturalista, geólogo e zoólogo, chegou ao Brasil em 1865, chefiando a Expedição Thayer (1865-1866), passando pelo Rio de Janeiro, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Maranhão e Amazonas. Durante a viagem, realizou pesquisas de história natural, principalmente em zoologia. Em seus estudos, detteve-se sobre os peixes, pois representariam as formas mais primitivas de vida, fornecendo, assim, dados para o esclarecimento das origens da vida na Terra. Formou-se na Academia de Lausanne e na de Munique, onde conheceu Humboldt e foi aluno de Dollinger. Em 1829, foi convidado por Martius para descrever os peixes coletados por Spix no Brasil. Em 1829, foi eleito membro da Academia de Ciências de Paris.

Em 1868, seu relato de viagem *A Journey in Brazil* foi publicado em Boston, por Ticknor and Fields.

ANSON, George (Inglaterra, 1697 / 1762)

Viajante, circunavegou os portos espanhóis da costa oeste da América do Sul, partindo de Portsmouth, em 1740, com oito embarcações. Somente o navio *Centurion* regressou, em 1744, levando um relato oficial escrito pelo capelão Richard Walter. No início da viagem, na passagem por Santa Catarina, Anson registrou em planta o porto e as fortificações desta ilha. É autor da publicação ilustrada *Voyage Autour du Monde, Fait dans les Années MDCCXL, I, II, III, IV*, impressa em Amsterdã e Leipzig, por Arkstee & Merkus, em 1751.

APPUN, Karl Ferdinand (Bautzen, 1820 / Guiana Inglesa, 1872)

Pintor de paisagens. De 1846 a 1848 estudou na Academia de Berlim, formando-se em Pintura Paisagística. Em 1860, foi convidado pelo governo britânico a participar de uma missão exploratória na Guiana Inglesa. Com essa expedição, esteve no Brasil em 1868. Aderiu-se as selvas brasileiras, navegando pelo Rio Amazonas até a fronteira com o Peru e a Venezuela. Seus trabalhos foram enviados para os jardins botânicos mais importantes da Europa.

É autor do relato de viagem *Unter der Tropen: Wanderungen Durch Venezuela, an Orinoco, Durch Britisch Guiana und an Amazonenstrome in den Jahren 1849 bis 1868*, publicação ilustrada editada em Jena, por Hermann Costenoble, em 1871.

BANKS, Joseph (Londres, 1743 / Isleworth, 1820)

Naturalista e botânico, passou pelo Rio de Janeiro em 1768, durante a Primeira Viagem de Circunavegação do Capitão James Cook (1768-1771), juntamente com o pintor botânico Sydney Parkinson*, o botânico Daniel Carl Solander e o pintor de paisagens Alexander Buchan. Responsável pelo envio de coletores botânicos a diversos países, deve-se a ele a vinda ao Brasil, em 1814, do naturalista Friedrich Sellow. Em 1773, foi nomeado diretor honorário do Royal Botanic Gardens, de Kew. Presidiu a Royal Society, entre 1778 e 1820. Com Solander, supervisionou a execução das aquarelas e gravuras do *Florilegium*, projeto que só seria publicado recentemente, em 1988. É o organizador do herbário coletado durante a Primeira Viagem de Circunavegação do Capitão Cook, no qual se encontram 320 plantas brasileiras. Esse herbário está conservado atualmente no The Natural History Museum, em Londres.

* Ver Parkinson, Sydney

BATES, Henry Walter (Leicester, 1825 / 1892)

Entomologista, chegou no Brasil em 1848, acompanhado pelo naturalista e zoólogo inglês Alfred Wallace*. Percorreu o Amazonas e o Pará em observações zoológicas relativas a borboletas e insetos do vale do Amazonas. Suas coletas e manuscritos científicos, realizados entre 1845 e 1848, tornaram-se a base de reflexão da publicação *Contributions to an Insect Fauna of the Amazon Valley*, de 1861, apresentada na Linnean Society de Londres, que efetiva o mimetismo das borboletas, tendo por base a teoria da evolução pela seleção natural. Foi nomeado secretário assistente da Royal Geographical Society, de Londres, em 1864, e membro da Royal Geographical Society, em 1881.

Os desenhos originais dos *Notebooks of H.W. Bates Relating to the Insect Fauna of the Amazon Valley at DRH* estão conservados no Natural History Museum, em Londres. Além dessa obra, publicou *The Naturalist on River Amazon*, em Londres, editado por John Murray, em 1863, e *The Principal Coneributions of Henry Walter Bates to a Knowledge of the Butterflies and Longicorn Beetles of the Amazon Valley*, editado por E. Gorton Linsley.

* Ver Wallace, Alfred Russell

BENJAMIN, Frei Francisco Solano (Itaboraí, meados do séc. XVIII / Rio de Janeiro, 1814)

Pintor e desenhista botânico, acompanhou a expedição de frei José Mariano da Conceição Velloso* (1779-1790), durante as incursões pelo interior do Rio de Janeiro. É autor de desenhos originais da *Flora Fluminense*, de frei Velloso, que estão conservados atualmente no Arquivo da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, São Paulo.

* Ver Velloso, Frei José Mariano da Conceição

BITTHEUSER, Johann Pleikard (Butthard, 1774 / Würzburg, 1859)

Gravador e retratista, foi professor graduado da Universidade de Würzburg e aluno de J.G. Müller. Foi um dos gravadores do álbum *Kupfer und Karten*, do príncipe Wied-Neuwied.

* Ver Wied-Neuwied, Maximilian A.P. Prinz von

BOUGAINVILLE, Hyacinthe-Yves-Philippe Potentien, Barão de (1781 / 1846)

Navegador francês, chefiou uma viagem ao redor do mundo, de 1824 a 1826, a bordo da fragata *La Thétis*, com a missão de tratar as relações diplomáticas com a Cochinchina e reativar o comércio francês no sudeste asiático.

Em 1837, seu relato de viagem *Journal de la Navigation Autour du Globe...* é publicado, acompanhado de um atlas com seis vistas do Rio de Janeiro.

Também, como produto da viagem de Bougainville, é editado o *Album Pittoresque de la Frégate "La Thétis" et la Corvette "L'Esperance"*, assinado pelo tenente da nau, o visconde de La Touanne, com vistas do Rio de Janeiro, em vinheta que mostra a entrada da Barra do Rio de Janeiro e a Cascatinha da Tijuca, entre outras paisagens.

BUCHAN, Alexander (- / Matavai Bay, 1769)

Desenhista de paisagem, artista da Primeira Viagem de Circunavegação do Capitão James Cook*, contratado por Joseph Banks. Esteve no Brasil, passando pelo Rio de Janeiro entre novembro a dezembro de 1768. Além de paisagens, produziu alguns desenhos zoológicos e botânicos. De sua autoria, na The British Library, em Londres, está conservada *A Colection of Drawings Made in the Countries Visited by Cap. Cook in His First Voyage Also of Prints Published in Hawkesworths Voyages of Baron Wallis and Cook.*

* Ver Cook, James

BUCHBERGER, Johan (1781 / Viena, 1821)

Pintor e desenhista de plantas, chegou ao Brasil em 1817, na Missão Austríaca* (1817-1820), com a finalidade de aqui registrar a fauna. Viajou pelos arredores do Rio de Janeiro com o botânico Johann Sebastian Mikan e o coletor botânico Heinrich Wilhelm Schott. Retornou à Áustria levando a primeira remessa de material coletado, em 1818.

* Ver Martius, Carl Friedrich Philipp von; e Spix, Johann Baptiste von

BURKHARDT, Jacques (Hasle-bei-Bugdorf, 1808 / Cambridge, 1867)

Desenhista e pintor. Realizou seus estudos artísticos em Munique e Roma. Veio ao Brasil em 1865, na Expedição Thayer, acompanhado pelo naturalista Louis Jean Rodolphe Agassiz* e pelo geólogo Charles Frederick Hartt**. Percorreu o Rio de Janeiro, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Maranhão e Amazonas, registrando a zoologia e a paisagem de viagem, que serviram como base para as ilustrações do relato de viagem de Agassiz. Suas aquarelas e desenhos registram basicamente os peixes estudados por Agassiz. Os desenhos e aquarelas de sua autoria, realizados durante a Expedição Thayer, estão atualmente conservados no Museum of Comparative Zoology, em Cambridge.

* Ver Agassiz, Louis Jean Rodolphe
** Ver Hartt, Charles Frederick

BURMEISTER, Hermann (Stralsund, 1807 / Buenos Aires, 1892)

Naturalista, zoólogo e desenhista amador. Estudou Medicina e História Natural, e foi professor catedrático de zoologia e assistente da cadeira de geologia da Universidade de Halle. Veio ao Brasil em 1850, para realizar pesquisas científicas e organizar uma coleção zoológica. Viajou pelos arredores do Rio de Janeiro e Minas Gerais (Mariana, Ouro Preto, Queluz e Lagoa Santa), onde esteve com Lund. Voltou ao Brasil, pela segunda vez, em 1856, permanecendo até 1858. Nessa segunda viagem, veio acompanhado pelo naturalista alemão Anton Goering. Durante suas viagens pelo interior, registrou paisagens, posteriormente gravadas por Locellot e editadas em Berlim, no ano de 1853, no livro *Landschaftliche Bilder Brasiliens und Portraits Einiger Urvölker*. Publicou, ainda, os livros *Reise nach Brasilien, Durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Geraes*, em Berlim, 1853; *Systhematische Uebersicht der Thiere Brasiliens, Welche Während Einer Reise nach Brasilien...*, em Berlim, 1854; e *Erläuterungen zur Fauna Brasiliens, Enthaltend Abbildungen und Ausführliche Beschreibungen Neuer Oder Ungenügend Bekannter Thier-Arten...*, em Berlim, 1856. Em 1858, radicou-se em Buenos Aires, onde foi nomeado diretor do Museu Nacional.

CABO, Agostinho José do (- /Rio Negro, 1791)

Naturalista e botânico do Real Gabinete de História Natural de Lisboa, permaneceu no Brasil durante a Viagem Philosophica, de 1783 a 1793, percorrendo as capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Como jardineiro botânico, realizou coletas, que seriam posteriormente enviadas ao Real Museu d'Ajuda, para a Coleção de História Natural e Etnologia. Morreu durante a expedição e deixou um diário com documentação sobre os rios Tucutu, Malu e Pirara. Sua coleção de objetos indígenas intitulada *Produtos do Reino Animal, Vegetal e Mineral; Produtos Industriais*, está hoje no Museu de História Natural da Universidade de Lisboa, peças indígenas em Madrid; e a coleção de espécies zoológicas, minerais e botânicas, no Museu de História Natural de Paris.

CÂMARA, Manuel Arruda da (Vila de Pombal, 1752 / Goiânia, 1811)

Médico e naturalista brasileiro, formado na Universidade de Montpellier, na França, aprofundou seus estudos em química e fisiologia, tendo sido aluno de Lavoisier. Tornou-se membro da Academia Real de Ciências de Lisboa, em 1793. Chefiou a expedição que incursionou pelo interior de Pernambuco, de 1794 a 1795, chegando até ao Piauí. Coletou espécies botânicas na Paraíba e no Ceará, em 1799, enviando-as a Lisboa. Viajou para Pernambuco, Piauí e Maranhão, de 1799 a 1800. E, somente a partir de 1801, acompanhou-o em suas viagens o desenhista e padre João Ribeiro Montenegro. É autor de vários escritos sobre vegetais e seu aproveitamento econômico.

É autor de *Centuriae dos Novos Gêneros de Plantas Pernambucanas*, obra publicada no Rio de Janeiro, em 1873; *Dissertação sobre as Plantas do Brasil que Podem Dar Linhos*, publicada no Rio de Janeiro, em 1810; e *Discurso sobre a Utilidade da Instituição de Jardins nas Principais Províncias do Brasil*, publicada no Rio de Janeiro, em 1870. Os desenhos botânicos reunidos e elaborados pelo padre João Ribeiro Montenegro, segundo pesquisas do botânico Arruda da Câmara, encontram-se no Museu Nacional, do Rio de Janeiro.

CARDIM, Fernão (1549 c. / 1625)

Padre jesuíta, veio ao Brasil em 1583, permanecendo até 1623, na Bahia, com uma comissão da Companhia de Jesus. Deixou seu testemunho em *Do Clima e Terra do Brasil...*, primeiro relato de um jesuíta no continente americano, editado em São Paulo, em 1939. Samuel Purchas publicou em *Prchas His Pilgrimes*, em Londres, editado por William Stansby, de 1625 a 1626, a descrição de Cardim sobre a América. Em 1628, publicou em Paris, a *Histoire de ce qui s'est passé en Ethiopie, Malabar, Brasil, et es Indes Orientales...*, tradução da edição romana de 1627. Na página 149-70 encontra-se o *Extraict des Lettres Envoyées au Brasil l'An 1621*, datadas "*à Baya, le Dernier de Decembre 1621. Par Commiston du R.P.R. Ferdinand Cardim*".

CODINA, Joaquim José (Portugal / Brasil, 1791)

Desenhista da Viagem Philosophica, percorreu as capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Goiás, fazendo prospectos e desenhos botânicos, zoológicos e etnológicos. Era botânico do Real Gabinete de História Natural de Lisboa quando foi convidado a integrar a Viagem Philosophica. Morreu em 1791, durante incursão pelo Rio Jauru.

No Museu Bocage está parte dos desenhos originais de Codina para o volume de *Prospectos de Cidades, Villas e Povoaçoens, Fortalezas e Edifícios, Rios e Cachoeiras...*; e para o volume de *Desenhos de Generos, Animaes Quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes e Insectos...*, de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, há também originais e cópias de seus desenhos para os *Prospectos de Cidades, Villas e Povoaçoens, Fortalezas e Edifícios, Rios e Cachoeiras...*; para os *Desenhos de Generos, Animaes Quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes e Insectos...*; e para o manuscrito botânico *Plantas da Expedição Philosophica do Pará.*

Ver Freire, José Joaquim

COOK, James (Marton-in-Cleveland, 1728 / 1779)

Matemático e marinheiro, teve seus conhecimentos aperfeiçoados com o engenheiro militar Samuel Holland. Comandou três viagens de circunavegação encomendadas pela Royal Academy, de Londres. Durante sua Primeira Viagem de Circunavegação (1768-1771), a única que passou pelo Brasil, acompanharam-no o naturalista Joseph Banks*, o botânico Daniel Carl Solander**, o pintor botânico Sydney Parkinson*** e o pintor de paisagem Alexander Buchan****. A tripulação do *Endeavour* permaneceu no Rio de Janeiro de novembro a dezembro de 1768, coletando espécies e registrando vistas.

Suas descobertas geográficas deram prosseguimento às iniciadas pela viagem de John Byron (1764-1766), e as expedições por ele comandadas foram precursoras, oferecendo modelo para outras posteriores, como a primeira viagem de Darwin à América, no *Beagle*.

* Ver Banks, Joseph
** Ver Solander, Daniel Carl
*** Ver Parkinson, Sydney
**** Ver Buchan, Alexander

DARWIN, Charles Robert (Shrewsbury, 1809 / Downe, 1882)

Naturalista, formado em Medicina na Universidade de Edimburgo, foi convidado por George Peacock, astrônomo e matemático de Cambridge responsável pela indicação dos cientistas para as viagens de estudo da Marinha Real, para assumir o posto de naturalista na Expedição Beagle (1831-1836). Esteve no Brasil durante a Primeira Viagem de Circunavegação do *Beagle*, chegando ao Rio de Janeiro em março de 1832. Retornou ao Brasil em agosto de 1836, passando por Salvador e Recife, quando realizou medições cronométricas. O objetivo da expedição residiu na exploração da fauna e flora de diversas partes do mundo e na coleta de material, que seria mais tarde utilizado na elaboração de sua famosa teoria. Foi o autor da Teoria da Evolução das Espécies, ao lado de Alfred Wallace, exposta primeiramente na obra *On the Origin of Species by Means of Natural Selection*, em 1859. No relato de sua viagem *Narrative of the Surveying Voyage of His Majesty's Ships "Adventure" and "Beagle"...*, publicado em Londres, por Henry Colburn, em 1839, encontramos duas pranchas que se referem ao Rio de Janeiro.

DUMONT d'URVILLE, Jules Sébastian César (1790 / 1842)

Navegador francês, circunavegou o Pólo Sul e a Oceania, nas fragatas *Astrolabe* e *Zelée* (1837-1840). Partiu de Tenerife, a caminho da Patagônia, quando desembarcou no Rio de Janeiro, na ilha Raza, em 13 de novembro de 1837, para medicar um integrante da viagem, que estaria com tuberculose. Não permitiu que a tripulação aportasse no Rio, evitando uma possível dispersão. Descreveu o Rio de Janeiro em sua *Histoire du Voyage*. É autor de *Voyage Autour du Monde de "L'Astrolabe" et de "La Zélée". Sous les Ordres du Contre-Amiral Dumont-d'Urville, Pendant les Années 1837, 1838, 1839 et 1840...*, obra publicada em Paris, por Berquet et Petion, em 1844.

EICHLER, Carl Gottfried (séc. XVIII / séc. XIX)

Pintor e gravador em cobre, durante muitos anos viveu em Munique e executou gravuras figurativas, reproduzindo paisagens com o estilo idêntico ao de seu pai, Mathias Gottfried Eichler. Foi o gravador do *Kupfer und Karten*, de Wied-Neuwied, onde se vêem figurados índios Puris.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von (Hesse Nassau, 1771 / Wolfsanger, 1855)

Geólogo e engenheiro de minas. Formou-se na Universidade de Göttingen e na Escola de Engenharia de Minas de Freyberg. Veio ao Brasil em 1810, como tenente-coronel do Real Corpo de Engenharia, aqui permanecendo até 1821, a serviço da coroa portuguesa. Dedicou-se a pesquisas geológicas, principalmente em Minas Gerais, percorrendo São Paulo, Goiás e Rio de Janeiro com o intuito de formar um gabinete mineralógico geognóstico do Brasil e estudar as indústrias de mineração. Ao longo de sua permanência em terras brasileiras, acompanhou diversos viajantes, como o naturalista Georg Wilhelm Freyriss e o botânico Emanuel Pohl. Foi compilador de uma das primeiras obras sobre linguagem indígena do século XIX, o *Journal von Brasilien*, reunindo textos de Freyriss, Langsdorff, Lobo Silveira, Ignatz Olfers, Varnhagen e Francisco Alves do Prado. De volta a Portugal, em 1821, permaneceu até 1829 a serviço da coroa portuguesa, quando retornou à Alemanha e publicou, em 1833, a sua principal obra, *Plutus Brasiliensis*, na qual apresenta cartas sobre as minas de ouro no Brasil.

Na Deutsche Staatsbibliothek, em Berlim, está o original do mapa *Orographische und Petrographische Charte*, de sua autoria.

É autor de *Journal von Brasilien*, Weimar, Landes-Industrie-Comptoirs, 1818; *Geognostische Gemälde von Brasilien*, Weimar, Landes-Industrie-Comptoirs, 1822; *Brasilien, die Neue Welt, in Topographischer Geognostischer*, Braunschweig, Friedrich Vieweg, 1827; *Plutus Brasiliensis*, Berlim, George Reimer, 1833; *Observations sur la Manière de Voyager dans l'Interieur du Brésil*, in *Nouvelles Anales des Voyages*, tomo III, Paris, 1919.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues (Salvador, 1756 / Lisboa, 1815)

Naturalista brasileiro, formado em Ciências Naturais, em Coimbra, aluno de Domenico Vandelli. Doutorou-se em Filosofia na época de fundação do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade de Coimbra. Foi demonstrador de história natural e membro da Academia de Ciências de Lisboa. Como chefe da Viagem Philosophica, percorreu os Estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso, em companhia dos desenhistas Joaquim José Codina*, José Joaquim Freire** e do botânico coletor Agostinho José do Cabo***. A expedição formou um acervo considerável de espécies naturais, textos descritivos, desenhos zoológicos, botânicos e etnológicos, prospectos e vistas, objetos indígenas, e registrando observações acerca da política e economia dos povoamentos percorridos. O acervo remetido ao Real Museu da Ajuda constituiu a Coleção de História Natural e Etnologia.

Em Lisboa, na Biblioteca do Museu Bocage (Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico da Academia de Ciências de Lisboa), encontra-se a coleção etnográfica de máscaras coletadas durante a expedição, assim como parte dos originais dos desenhos encadernados, realizados durante a Viagem Philosophica; *Prospectos de Cidades, Villas e Povoaçoens, Fortalezas e Edifícios, Rios e Cachoeiras*. Da Expedição *Philosophica do Para, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*; e *Desenhos de Generos, Animaes Quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes e Insectos*. Da Expedição Philosophica do *Para, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá.*

Na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, encontra-se outra parte de originais e cópias dos desenhos do *Prospectos de Cidades...* e de *Desenhos de Generos...*, além dos volumes de desenhos botânicos para a *Plantas da Expedição Philosophica do Para.*

* Ver Codina, Joaquim José
** Ver Freire, José Joaquim
*** Ver Cabo, Agostinho José do

FLORENCE, Antoine Hercule Romuald (Nice, 1806 / Campinas, 1879)

Desenhista autodidata. Como oficial da Marinha Real da França, chegou ao Brasil em 1824, radicando-se no país. Após trabalhar no comércio e numa firma tipográfica, através de um anúncio de jornal, integrou-se como artista à Expedição Langsdorff, viajando por São Paulo, Mato Grosso, Amazonas e Pará. Foi o responsável pela organização das remessas de material coletado pela expedição à Rússia. Além de desenhar, dedicava-se a registrar a voz e o canto dos pássaros dos locais por onde passava, desenvolvendo um método que denominou "Zoofonia". Foi o autor do relato de viagem da expedição *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas*. Após o término da expedição mudou-se para Campinas, tornando-se fazendeiro. Proprietário de tipografia, fundou em 1836 o primeiro jornal do interior paulista denominado *O Paulista*. Dedicou-se então a uma série de inventos, em sua maioria de métodos de reprodução de imagens, como a poligrafia (impressão) e a impressão pela luz solar, por ele denominado Fotografia, em 1833.

Os desenhos feitos no período posterior à Expedição Langsdorff encontram-se em coleção particular, em São Paulo, e os originais da *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* na Coleção Plínio Florence, na mesma cidade. Os desenhos referentes à Expedição Langsdorff estão conservados atualmente na Academia de Ciências de Moscou.

FREIRE, José Joaquim (Portugal / Lisboa, 1847)

Desenhista e cartógrafo, foi discípulo do artista João de Figueiredo. Era funcionário do Real Gabinete de História Natural de Lisboa e segundo-tenente cartógrafo do Museu Real, quando foi chamado a integrar como desenhista a Viagem Philosophica. Com a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira*, percorreu as capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, registrando espécimes da fauna e flora, aspectos da cidade e da vida dos seus habitantes.

No Museu Bocage existe parte dos desenhos originais de Freire para o volume de *Prospectos de Cidades, Villas e Povoaçoens, Fortalezas e Edifícios, Rios e Cachoeiras...*; e de *Desenhos de Generos, Animaes Quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes e Insectos...*, de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, há também originais e cópias de seus desenhos para os *Prospectos de Cidades, Villas e Povoaçoens, Fortalezas e Edifícios, Rios e Cachoeiras...*; para os *Desenhos de Generos, Animaes Quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes e Insectos...*; e para o manuscrito botânico *Plantas da Expedição Philosophica do Para.*

* Ver Ferreira, Alexandre Rodrigues

FREYCINET, Louis Claude Desaulses de (1779 / 1847)

Navegador francês, partiu de Toulon, a bordo da corveta *Uranie*, para estudar a forma da Terra e a força do magnetismo terrestre no Hemisfério Sul. Acompanharam-no o pintor Jacques Etienne Victor Arago, os médicos Jean René Constant Quoy e J. Paul Gaimard, os oficiais da Marinha Labiche e Bivard, o farmacêutico e botânico Charles Gaudichaud Bruguet e o cartógrafo Louis Isidore Duperrey. Aportou no Rio de Janeiro durante as viagens de ida e de volta, registrando a cidade em vistas, posteriormente publicadas, por Pillet Aîné, no *Atlas Historique de Arago*, em Paris, 1825. É autor de *Voyage Autour du Monde Entrepris pour Ordre du Roi... Pendant les Années 1817, 1818, 1819 et 1820*, obra publicada em Paris, por Pillet Aîné, entre 1824 e 1844, onde reúne observações zoológicas, botânicas, meteorológicas e hidrográficas.

FREYRISS, Georg Wilhelm (1789 / 1825)

Biólogo, veio ao Brasil em 1813, recomendado pelo cônsul da Suécia e Noruega no Rio de Janeiro Lourenço Westin, com o objetivo de formar coleções de história natural. Viajou pelo interior de Minas Gerais em companhia de Eschwege*, realizando importantes observações sobre os índios Coroados. Participou da Expedição Wied-Neuwied**, percorrendo o interior do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e sul da Bahia, acompanhado pelo desenhista e botânico Friedrich Sellow. Integrou-se, temporariamente, à Expedição Langsdorff***, passando pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Amazonas e Pará, ao lado de Johann Moritz Rugendas, Menetries, Ludwig Riedel, Hercules Florence, Christian Hasse e Aimé-Adrien Taunay.

É autor de *Beitrage zur Volkers Kenntnes der Kaiserthume Brasiliens*, obra publicada em Frankfurt, em 1824.

* Ver Eschwege, Wilhelm Ludwig
** Ver Wied-Neuwied, Maximilian A.P. Prinz von
*** Ver Langsdorff, Georg Heinrich von

FRÉZIER, Amédée François (Chambéry, 1682 / Brest, 1773)

Oficial da Marinha e engenheiro militar francês, expediu-se pela costa oeste da América do Sul (1712-1714), por incumbência de Luis XIV, para registrar os portos e as fortificações dos espanhóis. Passou por Santa Catarina e Bahia, e retornou a França, em 1714. Durante a viagem, desenhou um mapa da Ilha de Santa Catarina e aspectos panorâmicos da Bahia.

A publicação ilustrada *Relation du Voyage de la Mer du Sud aux Côtes du Chily et du Perou* foi editada em Paris, por Jean Geoffroy Nyon, em 1716.

FRICK

Pintor de paisagens e flores, esteve no Brasil a partir de 1817, durante a Missão Austríaca, substituindo Thomas Ender* e Johann Buchberger**, que haviam deixado a expedição para voltar à Áustria, em 1818.

* Ver Ender, Thomas
** Ver Buchberger, Johann

FRÜHBECK, Franz Joseph (Viena, 1795 / Krieglach)

Desenhista amador, acompanhou a Missão Austríaca*, permanecendo no Brasil entre 1817 e 1818. Registrou vistas da costa a bordo do navio *São Sebastião*, o desembarque da princesa Leopoldina e os aspectos urbanos do Rio de Janeiro e seus arredores. De volta à Europa, expôs em Viena, de 1829 a 1830, seus desenhos de viagem.

Digitalizado com CamScanner

É autor de *Skizze Meiner Reise nach Brasilien in Süd-Amerika im Jahre 1817...*, publicado em Viena, em 1830.

• Ver Martius, Carl Friedrich Philipp von; e Spix, Johann Baptiste von

GARDNER, George (Inglaterra, 1812 / Ceilão, 1849)

Botânico e geólogo, veio pela primeira vez ao Brasil em 1833, passando por Pernambuco, Ceará, Piauí, Goiás, Minas Gerais e Maranhão. Esteve ainda uma segunda vez no Brasil (1836-1841), quando percorreu o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Alagoas. Durante suas viagens, coletou inúmeras espécies de plantas brasileiras, posteriormente litografadas em sua obra botânica *Sertum Plantarum*, editada em Londres, por H.B. Fielding, no ano de 1844.

Além disso, é autor do relato de viagem *Travels in the Interior of Brazil*, publicado em Londres, por Reeve Brothers, em 1846; das observações geológicas "Geological notes made during a journey from the coast into the interior of the province of Ceará in the North of Brazil", publicadas em 1841, em Edimburgo, no vol. XXX do *New Philosophical Journal*; e das observações botânicas "Contributions towards a flora of Brazil", editadas em Londres, no *Journal of Botany*, entre 1842 e 1848.

HARTT, Charles Frederick (Fredericton, 1840 / Rio de Janeiro, 1878)

Geólogo e geógrafo físico, esteve no Brasil em 1865, na Expedição Thayer, tendo passado pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, com Edward Copeland. Voltou ao Brasil pela segunda vez em 1867, com o objetivo de explorar o nordeste da Bahia, Arquipélago de Abrolhos e províncias do Norte. Participou também da Expedição Morgan, em 1870, com o professor Prentiss e acompanhantes da Universidade de Cornell. Em 1871, na Segunda Expedição Morgan, explorou o vale do Amazonas com Orville Derby. De 1874 a 1878, foi contratado para prestar serviços geológicos ao Império. Fundou a Comissão Geológica do Império do Brasil e explorou as regiões auríferas e carboníferas. Trabalhou também como pesquisador do Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard-Cambridge. Suas contribuições principais se referem à geologia e geografia física do Brasil. Estudou os índios Botocudos, dedicando o último capítulo de seu livro à sua língua, religião, alimentação, formação física e distribuição geográfica.

É autor de *Geology and Physical Geography of Brazil*, publicado no livro de Louis Agassiz• *Scientific Results of a Journey in Brazil*, em Boston, 1870.

• Ver Agassiz, Louis

HASSE, Christian (Alemanha/Porto Feliz, 1826 c.)

Médico e naturalista. Não são conhecidos os motivos de sua vinda ao Brasil, nem a data de sua chegada. Sabe-se apenas que em junho de 1825 foi convidado por Langsdorff• a substituir, em sua expedição, o zoólogo Ménétriès••, que havia retornado à Europa. Hasse permaneceu por pouco tempo na Expedição Langsdorff, tendo-se suicidado em Porto Feliz, antes do início da viagem fluvial.

• Ver Langsdorff, Georg Heinrich von
•• Ver Ménétriès, Jean Moris Eduard

HEINZMANN, Carl Friedrich (Stuttgart, 1795 / Munique, 1846)

Pintor e gravador. Especializou-se em pintura paisagística, em Munique, sob a orientação de W. Kobell. Desenvolveu a pintura em porcelana e, além disso, dedicou-se a inúmeras atividades como litógrafo. Foi o litógrafo do desenho de Martius *Vögelreich am Rio de S. Francisco (Lagoa das Aves, no Rio São Francisco)*, que seria publicado no *Atlas zur Reise in Brasilien von Dr. Spix• und Dr. Martius••*.

• Ver Spix, Johann Baptiste von
•• Ver Martius, Carl Friedrich Philipp von

HUMBOLDT, Alexander von (Berlim, 1769 / 1859)

Cientista, explorador e diplomata. Em 1787 ingressou na Universidade de Göttingen, onde conheceu Johann Friedrich Blumenbach, fisiologista e antropólogo, que o teria iniciado em história natural, particularmente botânica e geologia. Conheceu Goethe e Schiller em Paris, e entre os anos de 1799 e 1804 viajou às regiões equinocais da América Latina, acompanhado de Aimé Bonpland, tendo percorrido a Venezuela e o México.

Pesquisou a influência da pintura de paisagem sobre o estudo da natureza e lançou os fundamentos da geopsíquica, que, no conceito de Hellpach, seria o estudo da alma humana sob influência do tempo, do clima, do solo e da paisagem. Após a edição da monumental obra sobre a viagem à América, Humboldt viveu em Paris, de onde continuaria a influenciar o pensamento científico da época e propulsionar a maioria das viagens científicas realizadas para a América.

Em 1808 publicou *Ansichten der Natur (Quadros da Natureza)*, e em 1845 finalizou seu livro *Kosmos* – subtitulado "Ensaio de uma descrição física do mundo" –, que seria publicado em Sttutgart, por F.G Cotta'scher Verlag.

KELLER, Joseph (Linq, 1810 / -)

Engenheiro, veio ao Brasil em 1856, acompanhado de seus filhos Franz Keller e Ferdinand Keller, como encarregado do governo brasileiro na exploração das comunicações e dos recursos fluviais. Esteve no Rio de Janeiro, Minas Gerais, em 1863, incursionando também pelo Sul do Brasil. Foi contratado para a Expedição ao Ivaí em 1865. De 1867 a 1873, com Franz Keller, foi encarregado do levantamento do Rio Madeira e do Rio Amazonas para comunicação fluvial com a Bolívia.

É autor do relato de viagem *The Amazon and Madeira Rivers*, publicado em Londres, por Chapman and Hall, em 1874. As gravuras que ilustram a obra – realizadas a partir de desenhos e aquarelas feitas durante a viagem – divulgam a influência de Ferdinand Keller e do núcleo de gravadores de Düsseldorf, tendo sido utilizadas até o fim do século XIX pela princesa Tereza Cristina da Baviera e por Damian von Schutz-Holzhausen em suas publicações sobre o Brasil.

Originais dos desenhos e aquarelas, feitos durante sua viagem pelo sul do Brasil (1865-1867), encontram-se atualmente na Liga Ambientalista, em Curitiba.

KELLER-LEUZINGER, Franz (Manheim, 1835 / Munique, 1890)

Desenhista, engenheiro e cartógrafo, chegou ao Brasil em 1856, acompanhando seu pai, o engenheiro Joseph Keller. Com ele, contratado pelo governo brasileiro, esteve no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Sul do Brasil e Amazonas. Em 1863, no Paraná, realizou o levantamento dos rios Paraíba e Pombo, Paranapanema e Tibagi, à procura de comunicação com o Mato Grosso, por ocasião do conflito com o Paraguai. Chegando a Curitiba, em 1865, integrou-se à Expedição ao Ivaí. Em 1866, percorreu o Iguaçu. Registrou vistas locais, aspectos da natureza e etnográficos, sobretudo dos índios Araras, Mundurucus, Parintintins e outros da região. Retornou para a Alemanha em 1873, e em Karlsruhe dedicou-se a atividades artísticas.

Desenhos e aquarelas realizados durante a viagem pelo Sul do Brasil encontram-se atualmente na Liga Ambientalista, em Curitiba; outras obras de sua viagem, pertencem à Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro; e uma aquarela à Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, em São Paulo.

Seu relato de viagem ilustrado *The Amazon and Madeira Rivers Sketches and Descriptions from the Notebook of an Explorer* foi publicado em Londres, por Chapman and Hall, em 1874.

KLOB, Friedrich Theodor

Retratou, em 1832, na Alemanha, o Botocudo Quack, levado pelo príncipe Maximilian A.P. von Wied-Neuwied•, no retorno de sua viagem pelo Brasil.

Obra na Bibliothek der Robert Bosch, Stuttgart, Alemanha: *Bildnis der Botocuden Quack*, óleo.

• Ver Wied-Neuwied, Maximilian A.P. Prinz von

KOTZEBUE, Otto von (1787 / 1846)

Homem do mar, realizou três viagens de circunavegação pelo globo. Na segunda viagem (1815-1818), patrocinada pelo chanceler russo Rumanzoff, passou pelo Brasil, aportando em Santa Catarina, a 12 de dezembro de 1815. Acompanharam-no o naturalista Adelbert von Chamisso, Johann Friedrich Eschscholtz e o pintor Ludwig Choris. Publicou o relato de viagem *Entdeckungs-Reise in die Süd-See (...) 1815, 1816, 1817 und 1818...*, editado em Weimar, por Gebrüdern Hoffmann, em 1821, acrescido das observações e anotações de Chamisso intitulado *Bemerkungen und Ansichten*. Na segunda edição (Leipzig, 1836), Kotzebue escreveu novo relato, intitulado *Reise um die Welt*, composto de duas partes: *Tagebuch* e *Bemerkungen und Ansichten*. A iconografia de viagem foi publicada pelo pintor e editor Ludwig Choris, que registrou a Ilha de Santa Catarina em duas litografias, em *Vues et Paysages des Régions Équinoxiales Recueilles dans un Voyage Autour du Monde...*, em Paris, editada por Paul Renouard, em 1826.

Em sua terceira viagem de circunavegação (1823-1826), Kotzebue ancorou no Rio de Janeiro, relatando parte da História do Brasil. Fez incursões pelos arredores do Rio de Janeiro. Publicou *Neue Reise um die Welt in den Jahren 1823, 1824, 1825 und 1826*, editado em Weimar, por Verlag Hoffmann und St. Petersburg, em 1830, sobre sua estada de um mês na cidade.

KRÜGER, Ferdinand Anton (Loschwitz, 1795 / Loschwitz, 1857)

Gravador em cobre, estudou na Academia de Dresden com seu tio Ephraim Gottlieb K. e J.G. Müller, em Stuttgart. Viajou para Paris, aos 20 anos, com uma bolsa de estudos da Academia de Dresden. Entre 1821 e 1822, esteve em Florença e Roma, e em 1824 ou 1825, em Milão, especializando-se em pesquisa de gravação em cobre com o professor G. Longhi. Em 1828 passou a dar aulas na Academia de Dresden. Krüger gravava em estilo de traços fortes e claros, tanto à maneira antiga italiana (Raffael Luini, Reni) como à maneira dos mestres contemporâneos (Overbeck, P.V. Cornelius, C. Peschel, Schwind entre outros). Foi um dos gravadores do álbum *Kupfer und Karten* do príncipe Wied-Neuwied•, figurando os Botocudos.

• Ver Wied-Neuwied, Maximilian A.P. Prinz von

KRUSENSTERN, Adam Johann von (1770 / 1846)

Navegador, chefiou a Expedição Naval para Exploração do Pacífico Norte, em 1803. Viajou com Rezanov, um dos diretores da Russian American Company e embaixador da Rússia no Japão. Acompanharam-no durante a viagem o capitão do *Neva*, Lisiansky, o astrônomo Horner e os naturalistas Tileseus e Langsdorff, Eaband, Espenberg, Brinken, o pintor Kurljandzeff e os cadetes Otto e Moritz von Kotzebue. Partiu em 1803, passando por Falmouth, Canárias, Santa Catarina, onde registrou a cidade de Nossa Senhora do Desterro na obra *Veduta della Città di Nuestra Senhora del Dessero nell'Isola di S. Caterina*. Seu relato de viagem *Reise um die Welt in den Jahren 1803, 1804, 1805 und 1806...*, publicado em Berlim, por Haude und Spencer, entre 1811 e 1812, descreve a estada de um mês na ilha, acompanhado de textos de Lisiansky e Langsdorff. O *Atlas zur Reise um die Welt*, publicado em St. Petersburg, em 1814, ilustra a viagem.

LA BARBINAIS, Le Gentil de (França, séc. XVIII)

Em viagem de circunavegação, registrou as vilas e os portos do Peru, Chile, Brasil e China (1714-1717). Relatou sua viagem em forma de cartas ao conde de Morville, publicando *Nouveau Voyage Autour du Monde. Enrichi de Plusieurs Plan, Vües & Perspectives des Principales Villes & Ports du Perou, Chily, Brésil, & de la Chine...*, em Paris, por Chez Briasson, em 1728, com duas gravuras em cobre que ilustram as festividades em São Gonçalo de Amarantes.

LA CONDAMINE, Charles Marie (França, 1701 / 1774)

Cosmógrafo, membro da Academia de Ciências de Paris, expedicionou pela América Meridional (1735-1745), com a finalidade de observar a forma e dimensão esferoidal do globo e realizar as medições pelos meridianos. Passando pelo Pará, em 1744, desceu o Amazonas até Belém, em expedição patrocinada pelo governo francês, acompanhado pelo naturalista Godin des Odonais, pelo cirurgião Jean Séniergues e pelo desenhista de história natural Morainville. Publicou *Relation Abrégée d'un Voyage Fait dans l'Interieur de l'Amerique Méridionale...*, em Paris, por Chez la Veuve Pissot, em 1745, com um mapa do Rio Amazonas, o primeiro a se basear em medições astronômicas, precedendo o mapa do jesuíta alemão Samuel Fritz.

LANDI, Antonio José (Bolonha, 1713/ Pará, 1791)

Desenhista e arquiteto, foi professor das cadeiras de arquitetura e perspectiva no Instituto de Ciências e Artes da Bolonha. Participou ativamente em 1743 do movimento classicista italiano. Veio ao Brasil em 1753, contratado pelo rei de Portugal dom João V, como naturalista amador da Expedição Demarcadora dos Territórios Portugueses no Norte do Brasil, que objetivava cumprir os acordos firmados em 1750 no Tratado de Madri, entre as coroas de Espanha e Portugal. Foi um dos primeiros a estudar e desenhar a flora e a fauna amazônica. Radicou-se no Brasil. Em 1783, conheceu Alexandre Rodrigues Ferreira, para quem teria cedido valiosas informações a respeito do Grão-Pará e da Amazônia.

Aquarelas na Coleção Luís Albuquerque, Casa da Ínsua, Penalva do Castelo, Portugal. Na Biblioteca Municipal do Porto, Portugal, encontra-se o códice manuscrito *Descrizione de Vare Pianti, Frutti, Animali, della Capitania del Gran Pará*.

LANGSDORFF, Georg Heinrich von, barão de Langsdorff• (Woelstein, 1774 / Freiburg, 1852)

Médico e naturalista, formou-se pela Universidade de Göttingen, onde foi orientado pelo antropólogo Johann Friedrich Blumenbach. Foi membro da Academia Imperial de Ciências de São Petersburgo. De 1803 a 1808, participou da Expedição Russa de Circunavegação, comandada por Kruzenstern, que passou pela Ilha de Santa Catarina, no litoral brasileiro, em 1804. Retornou uma segunda vez ao Brasil, em 1813, como cônsul-geral da Rússia no Rio de Janeiro. E, em 1821, em viagem à Rússia, conseguiu o apoio do czar Alexandre I para a realização de uma grande expedição pelo interior do Brasil. Assim, em março de 1822 chegou ao Rio de Janeiro, acompanhado do artista Rugendas e do zoólogo Ménétriès, contratados para a expedição.

Na primeira etapa da viagem (1824-1825), dirigiu-se a Minas Gerais, também com o botânico Riedel e o astrônomo Rubtsov. Na segunda etapa (1825-1829), passou por São Paulo, Mato Grosso, Amazonas e Pará com o mesmo grupo, exceto Rugendas, substituído por Taunay e Florence, e Ménétriès, substituído por pouco tempo por Christian Hasse. No final da viagem, Langsdorff enlouqueceu no Amazonas, vítima da febre tropical. Foi grande incentivador da imigração ao Brasil, oferecendo auxílio e apoio material aos imigrantes europeus. A Fazenda Mandioca, de sua propriedade, nos arredores do Rio de Janeiro, foi freqüentada por todos os grandes cientistas que estiveram no Brasil na primeira metade do século XIX, tornando-se um grande ponto de encontro para debates sobre as descobertas científicas do período.

É autor do *Bemerkungen auf Einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807*, publicado em Frankfurt, por Freidrich Wilmans, em 1812; *Mémoire sur le Brésil, pour Servir de Guide a Ceux qui Désirent s'y Établir...*, publicado em Paris, por Denugon, em 1820; *Bemerkungen Über Brasilien. Mit Gewissenhafter over Brasilië...*, publicado em Heildelberg, por Karl Groos, em 1821.

• Também conhecido como Gregori Ivanovitch, na Rússia

LA PÉROUSE, Jean-François Galaup de, conde de La Pérouse (Albi, 1741 / Ilha Vanikoro, 1788)

Navegador francês, passou pelo Brasil em viagem de circunavegação com a finalidade de completar as descobertas de James Cook nas ilhas de Sandwich e Geórgia, além de explorar as costas da Nova Zelândia, Austrália e Nova Guiné. Passou pela costa americana para atestar a existência de uma passagem entre o Atlântico e o Pacífico. La Pérouse naufragou próximo à Ilha de Vanikoro, onde toda a tripulação foi aniquilada pelos aborígines da ilha. Os relatos de viagem haviam sido enviados para a França, pelo barão de Lesseps, cônsul da França, que narrou a viagem no *Journal Historique du Voyage de M. de Lesseps*, em 1788. O diário foi publicado em Paris, em 1790. Em 1797, Milet Mureau publicou em Paris, pela Imprimerie de la République, o livro *Voyage de La Pérouse Autour du Monde, Publié Conformément au Décret du 22 avril 1791*, texto sobre a viagem de Pérouse, acompanhado de um álbum com vista de Santa Catarina.

LAPLACE, Cyrille-Pierre-Théodore (1793 / 1875)

Viajante francês, circunavegou o mundo (1830-1832) pelos mares da Índia e da China, na nau *La Favorite*. Os resultados científicos e observações etnográficas de sua viagem foram relevantes para a história natural da época. Em seu relato de viagem intitulado *Voyage Autour du Monde par les Mers de l'Inde et de Chiné Éxécuté sur la Corvette de l'Etat "La Favorite" Pendant les Années 1830, 1831 et 1832...*, editado entre 1833 e 1839, em Paris, pela Imprimerie Royale e ilustrado com duas estampas, Laplace descreve o Rio de Janeiro.

LINNÉ, Carl von• (Råshult, Småland, Suécia, 1707 / Uppsala, 1778)

Naturalista e explorador sueco, foi quem primeiro estruturou um sistema universal de classificação de gêneros e espécies dos três reinos, botânico, zoológico e mineral, em seu livro *Systemae Naturae*. Na décima edição, de 1758, o sistema é adotado pela comunidade científica como fonte científica de nomenclatura oficial.

• Também conhecido como Linnaeus, Carolus ou Carl

LISBOA, Frei Cristovão de• (Lisboa, 1583 / Lisboa, 1652)

Padre franciscano. Versado em Letras Humanas e Filosofia pela Universidade de Évora, entrou para o Convento de Santo Antônio da Província da Piedade, em 1602, onde completou seus estudos de Artes e Teologia. Veio ao Brasil em 1624, na Expedição de Francisco Coelho de Carvalho e Manoel Souza de Eça, encomendada pelo rei Felipe II com a missão religiosa e política de eliminar os indícios de ocupação francesa em Pernambuco, Ceará e Maranhão. Viaja pelo Ceará (1625-1630), retornando a Portugal em 1635. Sua obra ilustrada, que compreende desenhos da flora e da fauna brasileira, antecede o trabalho de observação científica no Brasil realizado pelos holandeses.

No Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa está seu manuscrito *História dos Animaes e Arvores do Maranhão. Pelo Muito Reverendo Padre Cristovão de Lisboa*. Lisboa, 1625-1631 c.

• Também conhecido como Severim, Cristovão

LISIANSKOY, Urey Fedorovick (1773 / 1837)

Navegador, acompanhou Krusenstern na Expedição Naval para a Exploração do Pacífico Norte, em 1803, como capitão do navio *Neva*. Na edição inglesa de seu relato de vigem *A Voyage Round the World in the Years 1803, 4, 5 & 6...*, publicado em Londres, por Johan Booth, and Longman, Hurst by S. Hamilton, em 1814, descreveu a Ilha de Santa Catarina.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von (Erlangen, 1794 / München, 1868)

Médico e botânico, formou-se em Medicina pela Universidade de Erlangen, sendo aluno de Schreber. Foi professor de botânica da Universidade de Berlim e diretor do Jardim Botânico de Munique. Chegou ao Brasil na Missão Austríaca (1817-1820), encomendada pelo imperador da Áustria, na ocasião do casamento da arquiduquesa Leopoldina da Áustria com o príncipe herdeiro dom Pedro de Alcântara, sob o impacto da publicação dos primeiros volumes da obra de Alexander von Humboldt *Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent*. No Brasil, o naturalista percorreu o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão. Passou pelo Pará e Amazonas acompanhado do zoólogo Johann Baptiste von Spix•. Participaram ainda desse empreendimento o pintor Thomas Ender, o desenhista de plantas Johann Buchberger, o desenhista amador Franz Joseph Frühbech, o caçador e preparador Ferdinand Domenik Sochor, o jardineiro Heinrich Wilhelm Schott e os naturalistas Rochus Schüch, Johann Christian Mikan, Johann Natterer, Johann Emanuel Pohl e Giuseppe Raddi. Durante a viagem, Martius fez esboços que deram origem a parte das gravuras publicadas no *Atlas zur Reise von Brasilien* (livro de sua autoria e de Spix, publicado em Munique, por M. Lindauer), na *Tabulae Physiognomicae* da *Flora Brasiliensis* (Munique, R. Oldenbourg et Frid. Fleischer in Comm., 1840-1906); em *Historia Naturalis Palmarum* (Monachii, Impensis Auctoris apud Frid. Fleischer in Comm., 1823); e em *Nova Genera et Species Plantarum Brasiliensis*.

É autor do relato de viagem *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 bis 1820*, publicado em Munique, por M. Lindauer, entre 1823 e 1831; de observações científicas no *Systema Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliensis* (Vindabonae, Frid. Beck in Comm., 1843); de estudos lingüísticos de tribos indígenas em *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (Erlangen, Druck von Junge e sohn, 1863); e de *Beiträge zur Etnographie und Sprachenkunde Amerika's Zumal Brasiliens*. Leipzig, Friedrich Fleischer, 1867.

A coleção botânica do naturalista encontra-se hoje no Herbário do Jardim Botânico de Munique, e os desenhos e aquarelas realizados a partir de esboços de viagem da Missão Austríaca pelo Brasil encontram-se atualmente na Bayerische Staatsbibliothek de Munique.

• Ver Spix, Johann Baptiste von

MASSE, João (França, séc. XVII)

Engenheiro militar, chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1712, sendo um dos primeiros engenheiros enviados ao Brasil pelo governo português no século XVIII. Desenhou a planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, definindo o centro urbano e suas fortificações. No Arquivo Ultramarino de Lisboa encontra-se atualmente sua obra manuscrita *Relação de Todas as Fortificações e Reparações Necessárias para a Conservação e Defesa da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*.

MÉNÉTRIES, Jean Moris Eduard• (França, 1802 / São Petersburgo, 1861)

Zoólogo, discípulo de Pierre André Latreille e Jean Cuvier no Museu de Paris, trabalhou como entomólogo e membro correspondente da Academia de Ciências de São Petersburgo. Veio ao Brasil em 1822, com Langsdorff e Rugendas, como um dos primeiros integrantes da Expedição Langsdorff. Participou apenas da primeira etapa da expedição, percorrendo o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Expirado seu contrato, retornou à Europa, em 1825.

• Conhecido como Eduard Petrovitch na Rússia

MIKAN, Johan Sebastian

Zoólogo e botânico, veio ao Brasil em 1817, dirigindo parte da Missão Austríaca•. Durante três meses, em grupos separados da missão, o botânico Heinrich Wilhelm Schott, o pintor de plantas Johann Buchberger, o caçador e taxidermista Domenik Sochor, além dos naturalistas Johann Natterer e Johann Emmanuel Pohl, pesquisaram a costa do Rio de Janeiro. Em novembro de 1818, Mikan retornou à Europa com o pintor Thomas Ender, Buchberger e o botânico florentino Giuseppe Raddi, levando as primeiras coleções para o Hof-Naturalien Cabinett, em Viena. Foi professor de botânica da Universidade de Praga. É autor de *Delectus Florae et Faunae Brasiliensis*, publicação ilustrada, editada na Áustria, entre 1820 e 1825.

• Ver Martius, Carl Friedrich Philipp von; e Spix, Johann Baptiste von

MIRANDA, Joaquim José de (séc. XVIII)

Desenhista. Registrou em um conjunto de aquarelas a Décima Expedição aos Sertões do Tibagi, chefiada por dom Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, que entrou pelo Sítio do Carrapato a 17 de novembro de 1771, objetivando o reconhecimento do território, de seus recursos naturais para povoamento, além da comunidade local, "os gentios", e suas obras. A expedição foi descrita em três relatórios, enviados ao governador de São Paulo, acompanhados de uma *Carta Chorografica*, indicando os acidentes geográficos e a localização dos aldeamentos indígenas encontrados. Os desenhos não são assinados, mas o nome de Miranda aparece ao pé da folha descritiva das quarenta cenas retratadas que acompanha a obra. Encontram-se atualmente na coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo, em São Paulo.

MONTENEGRO, Padre João Ribeiro

Desenhista botânico, percorreu o norte do Maranhão (1799-1806), não estando comprovada sua participação na Expedição Câmara, de 1800. Sabe-se, contudo, que acompanhou o naturalista, a partir de 1801, durante seu estabelecimento em Goiânia e no norte do Maranhão. As pesquisas botânicas manuscritas por Manuel Arruda da Câmara• sobre a flora pernambucana deram origem aos desenhos realizados por Montenegro, publicados na *Centurias dos Novos Gêneros de Plantas Pernambucanas*. Este conjunto de desenhos pertence atualmente ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

• Ver Câmara, Manuel Arruda da

MÜLLER, Heinrich (séc. XIX)

Gravador em cobre, litógrafo e retratista. Em Weimar, foi aluno da Academia de Munique e de seu pai, Christian Müller. Foi um dos gravadores do álbum do príncipe de Wied-Neuwied *Kupfer und Karten*, figurando Botocudos em luta no Rio Grande de Belmonte.

NATTERER, Johann (Áustria, 1792 / Viena, 1848)

Zoólogo. Chegou ao Brasil na Missão Austríaca•. Acompanhado pelo jardineiro botânico Heinrich Wilhelm Schott e pelo caçador e taxidermista Domenik Sochor viajou pelo Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Pará e Amazonas. Permaneceu no Brasil até 1835, como assistente do Jardim Zoológico Imperial. Publicou *Zur Ornithologie Brasiliens, Resultate von Johann Natterers Reisen in den Jahren 1817 bis 1835*, editada em Viena, por A. Pichler, Witwe & Sohn, em 1871.

No Museu Etnológico de Viena existe uma coleção zoológica do naturalista.

• Ver Martius, Carl Friedrich Philipp von; e Spix, Johann Baptiste von

NOORT, Olivier van (Utrecht, 1558 / 1627)

Homem do mar, realizou viagens de circunavegação pelo globo. Na quarta de suas viagens (1598-1601), passou pelo Estreito de Magalhães, Chile, Peru, Filipinas e Bornéu. No Brasil, tentou desembarcar na Baía do Rio de Janeiro, mas foi impedido pelos portugueses. Em seu relato de viagem, ilustrou a costa do Rio de Janeiro: *Rio Janero e I.S. Sebastiaen*, em duas gravuras datadas de fevereiro de 1599. É autor de *Description de Penible Voyage Fait Entore de l'Univers ou Globe Terrestre...*, publicação ilustrada, impressa em Amsterdã, por Cornille Nicolas, em 1610.

OLESZCZYNSKI, Severym (Varsóvia, 1801 / Varsóvia, 1876)

Gravador em zinco e litógrafo. Iniciou sua carreira como calígrafo e, só após viagem de estudos a Paris, entre 1825 e 1827, começou a trabalhar no ofício de gravador. Como diretor da Instituição de Litografia do Banco Polonês, introduziu com sucesso a gravura em zinco. É o gravador da *Florae Fluminensis*, de frei José Mariano da Conceição Velloso•, editada em Paris, na oficina litográfica de Senefelder, no ano de 1827.

• Ver Velloso, Frei José Mariano da Conceição

Digitalizado com CamScanner

OTT, Johann Nepomuk von (Munique, 1804 / Munique, 1870)

Pintor de paisagens e motivos marinhos, foi aluno de W. Kobell. Desenhou a paisagem da litogravura *Thierformen der Tropischen America (Forma de Animais na América Tropical)*, do *Atlas zur Reise in Brasilien*, de Spix e Martius, juntamente com Raphael Winter, que desenhou os animais.

PARKINSON, Sydney (1745 c. / 1771)

Pintor de botânica e zoologia. Esteve no Rio em 1768, durante a Primeira Viagem de Circunavegação do Capitão James Cook*, acompanhado pelo botânico Daniel Carl Solander, pelo naturalista Joseph Banks e pelo pintor de paisagem Alexander Buchan. Foi contratado por Banks como desenhista de botânica da expedição, fazendo também algumas paisagens. Morreu de febre quando a expedição partiu de Java. Desenhou *in loco* trabalhos que foram parcialmente acabados por Thomas Burgis, John Cleveley, John Frederick Miller, James Mille e Frederick Polydore Nodder, sob orientação de Joseph Banks**, para a publicação do *Florilegium*.

No Natural History Museum, em Londres, encontra-se atualmente um conjunto de aquarelas do artista: *294 Original Water-Colour Drawings and Pencil Sketches of Animals Made During Cook's First Voyage (1768/1771), by Sidney Parkinson and (170 of Fish and 4 of Molusca) by A. Buchan.*

* Ver Cook, James
** Ver Banks, Joseph

PÖEPPIG, Edward Friedrich* (Plauen, 1798 / Wahlenberg, 1868)

Naturalista e médico, formado em Leipzig. Viajou pela América do Sul, passando pelo Chile e Andes Peruanos, em 1827. Incursionou em viagem fluvial pelos rios Huallaga, Maranhão e Amazonas em fins de 1831, alcançando o Pará em maio de 1832. Publicou suas pesquisas botânicas no livro *Nova Genera et Species Plantarum*, em Lipsiae, editado por Sumptibus Friderici Hofmeister, em 1835. É autor ainda do relato de viagem *Reise in Chile, Peru and auf den Amazonenstrome während der ahre 1827-1832*, editado em Leipzig, por Friedrich Fleischer, em 1835.

* Conhecido também como Eduard Friedrich

POHL, Johann Emmanuel (Kanitz, 1782 / Viena, 1834)

Botânico e mineralogista. Foi professor de botânica da Universidade de Praga e discípulo de Mikan nos estudos de Medicina. Acompanhou a Missão Austríaca pelo Brasil, tendo realizado sua primeira viagem ao Rio de Janeiro em 1818. Após a partida de Mikan, passou a chefiar a seção botânica da missão. Em incursão por Minas Gerais (1818-1819), passou por Barbacena e São João d'el Rei, chegando a Goiás e ao Pará. Suas coletas foram remetidas a Viena, formando a base da coleção do Museu Brasileiro. Retornou à Áustria com um casal de Botocudos. Seu relato da viagem pelo interior do Brasil *Reise im Innern von Brasilien*, publicado em Viena, por J.B. Wallishausser, entre 1832 e 1837, é ilustrado pelo *Atlas zur Beschreibung der Reise in Brasilien*, segundo esboços de Pohl delineados por Thomas Ender e gravados por J. Passini. Suas observações botânicas foram publicadas no *Plantarum Brasiliae*, em Vindobonae, por Typis Charta Antonii Strauss, em 1826, 1827, 1831 e 1833.

RADDI, Giuseppe (Florença, 1770 / Rodes, 1829)

Zoólogo e botânico, iniciou seus estudos orientado por A. Zuccagni Orlandini, diretor do Horto Botânico de Florença. Veio ao Brasil em 1817, durante a Missão Austríaca*. Excursionou pelos arredores do Rio de Janeiro em companhia do zoólogo inglês William Swainson. Suas observações científicas deram origem à obra *Plantarum Brasiliensium Nova Genera et Species Novae*, publicada em Florentiae, pela Ex Typographia Aloisii Pezzati, em 1825, obra ilustrada a partir de litogravuras de Orazio Ambra, M. Anna, Luisa Bojti e Domenico Cantini. Retornou à Áustria em 1818, acompanhado pelo botânico Johann Sebastian Mikan, pelo pintor Thomas Ender e pelo desenhista de plantas Johann Buchberger, levando as primeiras coleções para o Hof-Naturalien Cabinett, em Viena. É autor de *Di Alcune Specie Nuove di Rettili i Piante Brasiliane*, obra editada em Roma, em 1819.

* Ver Martius, Carl Friedrich Philipp von; e Spix, Johann Baptiste von

RIEDEL, Ludwig (Berlim, 1790 / Rio de Janeiro, 1861)

Botânico da Expedição Langsdorff a partir de 1822. Há hipóteses de que chegara ao Brasil cerca de um ano antes da expedição, trabalhando como herborista no sul da Bahia. Teria, então, procurado Langsdorff na Fazenda Mandioca e se integrado a seu grupo (Komissarov, 1988). Participou da expedição até seu término, em 1829, tendo passado por Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Amazonas e Pará. Retornou uma segunda vez ao Brasil, em 1831, radicando-se no Rio de Janeiro. De 1833 a 1835 viajou por São Paulo, Minas Gerais e Goiás, acompanhando o dinamarquês Peter Wilhelm Lund. Foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, diretor da Seção de Botânica, Agricultura e Ofícios do Museu Nacional, diretor do Passeio Público e Administrador dos Jardins da Casa Imperial. Enviou à Rússia grande herbário e plantas vivas coletadas no Brasil.

RIST, Gottfried (Stuttgart, 1789 / Roma)

Gravador de reproduções, irmão de Christopher e aluno de Johann. Gotth. von Müllers. Foi um dos gravadores do álbum *Kupfer und Karten*, de Maximilian, príncipe de Wied-Neuwied. Em 1823 transferiu-se para Roma.

RUBTSOV, Nester Gavrilovich (São Petersburgo, 1799 / São Petersburgo, 1874)

Geógrafo e oficial da Marinha russa, chegou ao Brasil em maio de 1822, para integrar, na função de astrônomo, a Expedição Langsdorff. Acompanhou todo o percurso da expedição por Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Amazonas e Pará, permanecendo no Brasil até março de 1829. Retornou à Rússia, tornando-se diretor do Arquivo de Hidrografia da Marinha.

RUGENDAS, Johann Moritz (Augsburg, 1802 / Weilheim, 1859)

Desenhista e pintor, descendente de família de artistas, estudou no ateliê de Albrecht Adam, em Munique, e na Academia de Artes da mesma cidade, tendo sido aluno de Lorenzo Quaglio na cadeira de pintura de paisagem. Incentivado pelos relatos de viagem de Spix e Martius e pela exposição, em Viena, dos desenhos de Thomas Ender feitos no Brasil, integrou-se à Expedição Langsdorff*. Desembarcou no Rio de Janeiro em março de 1822 e viajou ao lado de Langsdorff, Riedel, Rubtsov e Ménétries por Minas Gerais. Em meio à viagem desentendeu-se com Langsdorff abandonando a expedição. Em 1825, retornou à Europa, conhecendo Humboldt, que o apresentou a Engelmann, dono de famosa casa editora em Paris. O editor se responsabilizou pela publicação, em edição bilíngüe, de seu álbum de viagem, em 1835. Rugendas voltou a viajar pela América (1831-1846), percorrendo o Haiti, México, Chile, Peru, Bolívia, Uruguai, Argentina e Brasil. Como artista da Expedição Langsdorff, registrou diversas cidades mineiras, destacando sempre o caráter do trabalho escravo na região. Foi artista de grande prestígio na corte, tendo pintado, além de cenas de floresta, vários retratos da família imperial e de outras personalidades brasileiras.

Atualmente, existem desenhos de sua autoria, relativos à Expedição Langsdorff, na Academia de Ciências de Moscou, no Museu Maximiliano de Augsburgo e no Neues Palais, em Potsdam-Sanssouci. Há ainda obras do artista na Biblioteca Municipal Mário de Andrade e na Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, ambas em São Paulo; nos Museus Castro Maya, no Museu Histórico Nacional, no Museu Nacional de Belas Artes e na Coleção Paulo Geyer, todos no Rio de Janeiro; entre outras.

É autor de *Das Merkwürdigste aus der Malerischen Reise in Brasilien*, Schaffhausen in J. Brodtmann's lithographischen Kunst-Anstalt, 1836; e de *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, publicado em Paris, por Engelmann & Cie., 1835.

* Ver Langsdorff, Georg Heinrich von

SAINT-HILAIRE, Augustin François Cesar Provençal de (Orleans, 1779 / Turpinière, 1853)

Naturalista e botânico. Formou-se na Europa, participando de várias academias de ciências. Chegou ao Brasil em 1816, na comitiva do conde de Luxemburgo. Fez cinco grandes incursões pelo Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com o objetivo de estudar a flora brasileira e formar coleções de história natural. Seu relato de viagem abrange aspectos de História, geografia, etnografia e zoologia do Brasil, destacando a botânica como interesse principal.

É autor das publicações ilustradas *Flora Brasiliae Meridionalis*, atlas editado em Paris e Berlim, entre 1825 e 1833; *Histoire des Plantes les Plus Remarquables du Brésil et du Paraguay*, Paris/Berlim, 1824; e *Plantes Usuelles des Brasiliens*, Paris, Grimbert, 1824.

Publicou ainda *Voyage dans le District des Diamans et sur le Littoral du Brésil*. Paris, Librairie Gide, 1833; *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, Paris, Grimbert et Dorez, 1830; *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*, Paris, Arthur Bertrand, entre 1847 e 1848; *Voyage dans l'Intérieur du Brésil*. Bruxelles, Delevingne et Callewaert, 1850; *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine*, Paris, Arthur Berttrand, 1851; e *Voyage à Rio Grande do Sul "Brésil"*. Orléans, H. Herluison, 1887 (editado por R. de Dreuzy).

SCHOMBURGK, Robert Hermann (Friburg, 1804 / 1865)

Naturalista, chefiou expedição à Guiana Inglesa (1835-1839), sob o conselho da Royal Geographical Society, de Londres, que objetivava investigar a geografia física e astronomia. A viagem tinha por base informações de Humboldt sobre o Alto Orenoco e o Vale do Essequibo. Incursionou pelo Orenoco, Rio Negro e Rio Branco, em 1838, pesquisando a zoologia, botânica, etnologia e lingüística local.

É autor do relato de viagem *Twelve Views in the Interior of Guiana*, editado em Londres, por Ackermann and Co., em 1841; e do *Reise in Guiana und am Orenoco Wahrend der Jahre 1835-1839*, publicado em Leipzig, por Verlag von Georg Wigand, também em 1841.

SCHOTT, Heinrich Wilhelm (1794 / 1865)

Botânico, veio ao Brasil em 1817, viajando pelos arredores do Rio de Janeiro em companhia do botânico Johann Sebastian Mikan, do pintor de plantas Johann Buchberger, do caçador e taxidermista Domenik Sochor e dos naturalistas Johann Natterer e Johann Emmanuel Pohl. Em Viena, foi o jardineiro imperial do Belvedere. Permaneceu no Brasil até maio de 1821.

SCHÜCH, Rochus (Roque / -)

Mineralogista e pintor amador. Veio ao Brasil, em 1817, na Missão Austríaca*, viajando pelo Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em 1819, comprou uma fábrica em Itabira do Mato Dentro, região de Minas Gerais próxima à Serra de Capanema, produzindo o primeiro ferro em folha no país. Foi diretor do Gabinete de História Natural da imperatriz Leopoldina. Pouco se sabe sobre sua atuação artística no Brasil, conhecendo-se apenas alguns de seus desenhos, nos quais figura a Igreja da Glória. As obras encontram-se atualmente na Biblioteca Nacional e nos Museus Castro Maia, ambos no Rio de Janeiro.

* Ver Martius, Carl Friedrich Philipp von; e Spix, Johann Baptiste von

SELLOW, Friedrich (Potsdam, 1789 c. / Minas Gerais, 1831 c.)

Botânico, etnólogo e zoólogo, chegou ao Brasil em 1814, por indicação de Langsdorff, a serviço do Museu de Berlim. Veio com a missão de realizar levantamentos, em campos e matas, da flora e fauna brasileira. Conheceu Wied-Neuwied, com quem viajou pela costa do Rio de Janeiro e Espírito Santo, de 1815 a 1816. Durante sua incursão, realizou coletas botânicas e fez registros etnológicos de índios Botocudos. Em 1831, prosseguindo seu trabalho de coleta botânica, percorreu o sul do país e Minas Gerais. Como coletor, contribuiu para a edição da *Flora Brasiliensis* de Martius, sendo de sua autoria os desenhos relativos às espécies descritas por Chamisso.

Na Bibliothek der Robert Bosch GmbH, em Stuttgart, encontram-se atualmente vistas do Rio de Janeiro e desenhos etnológicos do artista; e na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, esboços dos desenhos feitos durante a viagem de 1815 a 1816.

SEYFFER, Fried. H. August (Lauffen, 1774 / Stutgart, 1845)

Pintor paisagista e gravador, aprendeu o ofício com Joh. Gotthard Müller. Em 1802, transferiu-se para Viena para estudar com M. von Molitor (gravador de seqüência de paisagens segundo modelos). Em 1807 mudou-se para Cannstatt, e em 1816 dirigiu-se a Stuttgart, onde se tornou desenhista permanente da Manufatura Porcelana Ludwigsburger. A partir de 1822, passou a trabalhar como administrador de acervo de gravuras em cobre (água-forte). Foi um dos gravadores do álbum do príncipe de Wied-Neuwied *Kupfer und Karten*, figurando a Festa dos Camacãs e os Puris na floresta.

SOARES, Padre Diogo (1684 / 1748)

Jesuíta, cartógrafo e arquiteto, integrou como geógrafo a chamada Missão dos Padres Matemáticos (1730-1748), patrocinada por dom João V. Tinha a função de elaborar cartas precisas da costa brasileira em função da revisão do Tratado de Tordesilhas. Percorreu o Rio de Janeiro e a Colônia do Sacramento, esboçando mapas e planos de fortificações, o que deixa evidente sua atuação como arquiteto militar. Sua cartografia descreve a costa de Cabo Frio até a Lagoa dos Patos, o Rio São Francisco e a região das minas de ouro e diamantes. Desenhou a primeira planta da Baía de Guanabara, da qual derivam as demais representações.

No Arquivo Histórico Ultramarino encontram-se o conjunto de *Cartas da Costa do Brasil* e o de *Plantas de Fortificações do Rio de Janeiro*.

SOLANDER, Daniel Carl (Suécia, 1733 / 1782)

Naturalista e botânico, estudou com Lineu, em Upsalla, de 1750 a 1759. Esteve no Rio de Janeiro de novembro a dezembro de 1768, durante a Primeira Viagem de Circunavegação do Capitão James Cook*, acompanhado do naturalista Joseph Banks**, do pintor botânico Sydney Parkinson*** e do pintor de paisagem Alexander Buchan. Ao retornar da viagem, na função de mantenedor do departamento de história natural do British Museum, e sob a orientação de Joseph Banks, supervisionou o acabamento dos desenhos botânicos de Parkinson para a edição das gravuras do *Florilegium*. Nessa primeira etapa de preparo de desenhos botânicos, a partir dos esboços de Sidney Parkinson, foram contratados Thomas Burgis, John Cleveley, John Frederick Miller, James Miller e Frederick Polidore Nodder. A partir dos originais prepararam-se as matrizes das gravuras, que levaram mais de um século para ser reunidas em livro. A edição tardia do *Bank's Florilegium*, em 1988, compreende 23 pranchas do volume XVI referentes à flora brasileira.

O *Herbário*, coletado durante a Primeira Viagem de Circunavegação do Capitão James Cook, com 320 plantas brasileiras, encontra-se no The Natural History Museum, em Londres.

* Ver Cook, James
** Ver Banks, Joseph
*** Ver Parkinson, Sydney

SOUZA, Gabriel Soares de (1540 c. / 1591)

Autor da obra, divulgada no século XIX, cuja edição completa intitula-se *Notícia do Brasil, Descrição Verdadeira da Costa Daquele Estado, que Pertence à Coroa do Reino de Portugal, Sítio da Baía de Todos os Santos*, datada de 1825.

SPILBERGEN, Joris van (1568 / 1620)

Navegador holandês, encarregado pela Companhia das Índias Ocidentais de circunavegar o globo, viajando das Ilhas Canárias a Cabo Frio, passando pela Ilha Grande de São Vicente, reproduzida em gravura. No Brasil, permaneceu de 1614 a 1615. Visitou ainda o Estreito de Magalhães e a costa ocidental da América do Sul, chegando à Califórnia. Passou por Java, Terra do Fogo e Islas de los Estados. Seu diário de viagem foi acrescido de relatos do Peru, das Moucas e das fortificações dos holandeses na Índia Oriental e publicado em Amsterdã, por Jan Janssz, em 1621, com o título *Oost ende West-Indische Spieghel Waer in Beschreven Werden de Twee Laatste Navigatien / Ghedaen in Jahren 1614, 1615, 1616, 1617 ende 1618*. Sua viagem constou também das grandes coleções de De Bry, Hulsius, Purchas, Colijn e Commelin.

SPIX, Johann Baptiste von (Alemanha, 1781 / 1826)

Zoólogo, naturalista e paleontólogo, veio ao Brasil em 1817, na Missão Austríaca. Os membros da expedição embarcaram em Livorno com a arquiduquesa e sua comitiva. Além de Spix e do naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius*, participavam do empreendimento o pintor Thomas Ender, Johann Buchberger, Franz Joseph Frühbech, Ferdinand Domenik Sochor, Heinrich Wilhelm Schott, Rochus Schüch, Johann Christian Mikan, Johann Natterer, Johann Emanuel Pohl e Giuseppe Raddi. Com a missão, Spix percorreu o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Goiás, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará, e Amazonas. Retornou a Munique em 1820, levando precioso material coletado e anotações de viagem. Morreu inesperadamente aos 46 anos; Martius então responsabilizou-se pela publicação do *Reise in Brasilien*. As observações científicas de Spix foram ilustradas com desenhos feitos a partir do material coletado durante a missão.

Publicou as observações zoológicas, ilustradas, no *Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae, ou Histoire Naturelle des Espèces Nouvelles de Singes et de Chauves-Souris...*, Monachii, Typis Franciscii Seraphici Hübschmanni, 1823; *Animalia Nova Sive Species Novae Testudinum et Ranarum...*, Monachii, Typis Franc. Seraph. Hübschmanni, 1824; *Avium Species Novae...*, Monachii, Typis Franc. Seraph. Hübschmanni, 1824-1825; *Serpentum Brasiliensium Species Novae ou Histoire Naturelle des Espèces Nouvelles de Serpens...*, Monachii, Typis Franc. Seraph. Hübschmanni, 1824; *Animalia Nova Sive Species Novae Lacertarum...*, Monachii, Typis Franc. Seraph. Hübschmanni, 1825; *Testacea Fluviatilia...*, Monachii, Typis C. Wolf, 1827; *Selecta Genera et Species Piscium...*, Monachii, Typis C. Wolf, 1829-1832; *Delectus Animalium Articulatorum...*, Monachii, Impensis editoris, 1830-1834. Prostat Amstelodami apud Müller et Soc. Hamburgi apud Perthes et Besser, Lipsiae apud Fr. Fleischer.

O relato de viagem *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 bis 1820*. Munchen, 1823-1831, acompanhado do *Atlas zur Reise von Brasilien...*, foi publicado posteriormente por Martius.

Coleção zoológica no Zoologische Staatsammlung de Munique, Alemanha; coleção de máscaras no Staatliches Museum für Völkerkunde de Munique, Alemanha.

* Ver Martius, Carl Friedrich Philipp von

SWAINSON, William (1790 / 1855)

Ornitólogo e entomólogo, permaneceu no Brasil (1816-1818) percorrendo as regiões de Pernambuco, Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro, acompanhado de Henry Koster. Passou ainda por Olinda, Rio São Francisco e Rio de Janeiro, estudando a flora e fauna do Nordeste e Sudeste brasileiro. Mantinha contatos com Friedrich Sellow* e Georg Freyriss**, ambos da Expedição Wied-Neuwied, e Giuseppe Raddi***, botânico da Missão Austríaca. Seus estudos foram posteriormente publicados em seu livro *A Selection of Birds of Brasil and Mexico* (Londres, Henry G. Bohn, 1841), mas parte das gravuras já havia sido comercializada, de 1834 a 1836, em fascículos, litografadas pelo próprio cientista.

* Ver Sellow, Friedrich
** Ver Freyriss, Georg
*** Ver Raddi, Giuseppe

TAUNAY, Aimé-Adrien (Paris, 1803 / Villa Bella de Matto Grosso, 1828)

Desenhista. Filho de Nicolas Antoine Taunay, chegou ao Rio de Janeiro em 1816, acompanhando o pai, integrante da Missão Artística Francesa. Em 1818, quando a expedição de circunavegação de Freycinet passou pelo Rio de Janeiro, integrou-se ao grupo como desenhista, visitando a costa da Austrália e arquipélagos do Pacífico. Voltou ao Brasil, em 1820, substituindo Rugendas, como artista da Expedição Langsdorff. Viajou por São Paulo e Mato Grosso (1825-1828), morrendo afogado na travessia do Rio Guaporé. Foi o artista que mais contribuiu para a formação do acervo iconográfico da Expedição Langsdorff, destacando-se seus desenhos das tribos Bororo e seus estudos de miscigenação no Mato Grosso.

Seus desenhos realizados durante a Expedição Langsdorff encontram-se na Academia de Ciências de Moscou, nos Museus Castro Maya, no Rio de Janeiro, e na Coleção Leila Florence, em São Paulo.

VANDELLI, Domenico (Pádua, 1735 / Lisboa, 1816)

Botânico e médico, professor de química e história natural da Universidade de Coimbra. Fundou o Jardim Botânico de Coimbra e participou da ampliação e melhoramento do Jardim Real da Ajuda com Alexandre Rodrigues Ferreira. Sabe-se que manteve correspondência com Lineu, e com Joaquim Veloso de Miranda*, da Academia Real das Ciências no Brasil. Escreveu tratados sobre botânica do Brasil e de Portugal, baseados nas observações de Veloso de Miranda.

É autor do *Dicionário de Termos Técnicos de História Natural* e da *Florae Lusitanicae et Brasiliensis Specimen Plantae Exoticae*, obras editadas em Coimbra, na Real Oficina da Universidade, no ano de 1788.

* Pode tratar-se de Velloso, Frei José Mariano da Conceição

VELLOSO, Frei José Mariano da Conceição (Tiradentes, 1742 / Rio de Janeiro, 1811)

Botânico brasileiro. Em 1762, ingressou no Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, no curso de Filosofia, recebendo as ordens religiosas em 1766. Foi eleito pregador em 1768. Patrocinado pelo vice-rei Luís de Vasconcellos e Souza, realizou a sua expedição botânica (1779-1790), pelo interior do Rio de Janeiro, acompanhado do desenhista frei Francisco Solano Benjamin e do escrevente das definições herbárias frei Anastácio de Santa Inez. Suas incursões resultaram na obra científica *Florae Fluminensis*, compilada em 1825 e editada em 1827, em Paris, por Senefelder. Em Lisboa, no ano de 1799, foi nomeado diretor da Typographia Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego. Em 1807 retornou ao Brasil, acompanhando a família real.

Os originais *Flora Fluminensis* atribuídos ao frei Francisco Solano Benjamin, realizados durante a Expedição Botânica de José Mariano da Conceição Velloso, encontram-se no Arquivo da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, em São Paulo.

WAGENER, Zacharias (Dresden, 1614 / Amsterdã, 1668)

Artista amador, veio ao Brasil em 1634, como soldado raso da Companhia das Índias Ocidentais, integrando-se à comitiva de Maurício de Nassau. Permaneceu em Pernambuco e na Paraíba. Em 1641, retornou à Holanda, levando documentos, pinturas e desenhos encomendados por Maurício de Nassau. É de sua autoria o *Thier Buch*, conjunto de 136 desenhos de história natural, do qual se destacam animais, publicados posteriormente na *Historia Naturalis Brasiliae*, de Piso e Marggraf.

Os originais do *Thier Buch*. *Zoobilion* encontram-se na Staatliche Kunstsammlungen, em Dresden; e os originais da *Miscellanea Cleyeri* e *Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae* na Bibliotheka Jagiellonska, na Cracóvia.

WALLACE, Alfred Russell (Usk, 1823 / Broadstone, 1913)

Naturalista, veio ao Brasil em 1848, acompanhado do entomólogo inglês Henry Walter Bates*. Com este viajou pelos rios Tocantins e Amazonas, até os arredores de Belém e Rio Negro, atingindo, em 1850, território venezuelano. Retornou, em maio de 1852, a Belém e daí partiu para a Inglaterra. Suas coletas e observações zoológicas deram origem ao relato de viagem *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*, publicado em Londres, por Reeve & Co., em 1853. Em 1857 concluiu o artigo *On the Tendency of Species to Form Varieties to Depart Indefinitely from Their Original Type*, apresentado na Linnean Society, que, juntamente com as observações de Darwin, seria a base da Teoria da Evolução das Espécies pela Seleção Natural.

Seus desenhos zoológicos realizados durante a viagem pelo Rio Negro encontram-se no Natural History Museum, em Londres.

É autor do relato de viagem *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*; das observações científicas *Palm Trees of the Amazon an Their Uses*; de *Contributions to the Theory of Natural Selection*, 1870; *Geographical Distribution of Animals*, 1876; e *Darwinism*, 1889.

* Ver Bates, Henry Walter

WIED-NEUWIED, Maximilian Alexander Philip Prinz von (Neuwied, 1782 / Neuwied, 1867)

Naturalista e etnólogo, formado em Ciências Naturais pela Universidade de Göttingen, aluno do etnólogo Johann Friedrich Blumenbach. Veio ao Brasil, em 1816, chefiando a Expedição Wied-Neuwied (1815-1817). Em novembro de 1816, viajou pela costa do Rio de Janeiro e Espírito Santo, acompanhado pelos naturalistas Friedrich Sellow* e Georg Freyriss**, chegando às regiões dos rios Paraíba e Jequitinhonha. Registrou os hábitos e a vida dos índios Puris e Botocudos. Em Minas Gerais, transpôs as matas costeiras e atingiu os Campos Gerais nos limites da Bahia. Realizou a última fase de sua expedição percorrendo o recôncavo baiano no início de 1817. Os esboços realizados em viagem deram origem às aquarelas publicadas posteriormente no *Kupfer und Karten*. As ilustrações foram gravadas em cobre por artistas da Academia de Dresden. Publicou, de 1825 a 1833, o resultado científico de sua viagem no *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien*, em conjunto do *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens*, obra publicada em Weimar, por Verlag der Gr. H.S. priv. Landes-Industrie-Comptoirs, entre os anos de 1825 e 1833.

É autor do relato de viagem *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*, publicado em Frankfurt, por Heinrich Ludwig Brönner, em 1820.

As aquarelas e desenhos originais da Expedição Wied-Neuwied encontram-se na Bibliothek der Robert Bosch, em Stuttgart.

* Ver Sellow, Friedrich
** Ver Freyriss, Georg

WINTER, Raphael (Munique, 1784 / Munique, 1852)

Desenhista de animais e gravador em água-forte, foi iniciado nos estudos artísticos por Jos. Mich. Mettenleiter, seu padrastro. A primeira litografia por ele animada aparece em 1809, no Conselho Estadual de Litografia, em Roma, instituição na qual trabalharia futuramente como inspetor. Em Munique, 1819, criou o *Método Dirigido ao Desenho de Animais*. Desenhou os animais da litogravura *Thierformen der Tropischen America (Forma de Animais na América Tropical)*, do *Atlas zur Reise in Brasilien*, de Spix e Martius, com Johann Nepomuk von Ott, que desenhou a paisagem.

Digitalizado com CamScanner

Bibliografia

Bibliografia Geral

ADONIAS, Isa. "Os desenhos da Casa da Ínsua (Portugal) relativos à fauna e à flora brasileiras do século XVIII". In: *Fauna e Flora Brasileiras, Século XVIII / Brazilian Fauna and Flora, 18th Century.* São Paulo, Difusão Nacional do Livro, 1966, p. 11-53

ADONIAS, Isa et alli. *Fauna e Flora Brasileira, Século XVIII / Brazilian Fauna and Flora, 18th Century.* Rio de Janeiro, Spala / Odebrecht S.A., 1986

ALMAÇA, Carlos. "Os portugueses e o conhecimento das faunas exóticas". In: *Oceanos.* Lisboa, nº 6, abril de 1991

ALMAÇA, Carlos. *The Beginning of the Portuguese Mammalogy.* Lisboa, Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico _ Museu Bocage, 1991

ALMAÇA, Carlos. *Bosquejo Histórico da Zoologia em Portugal.* Lisboa, Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico _ Museu Bocage, 1993

ANDRA, Helmut. "Alexander von Humboldt e as suas relações com o Brasil". In: *Humboldt*, ano 4, nº 10, 1964, p. 68-74

ARAUJO, Carlos da Silva. *Von Martius e o Cristo que Ofertou ao Brasil.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1961

AREIA, Manuel Laranjeira Rodrigues de et alli. *Memória da Amazónia. Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Philosophica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso, e Cuyabá.* Coimbra, Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra, 1991

ASSOCIAÇÃO *Internacional de Estudos Langsdorff.* Brasília, Secretaria da Ciência e Tecnologia da Presidência da República, 1991

AULER, Guilherme. "Presença de alguns artistas germânicos no Brasil". In: *Vozes. Revista Católica de Cultura*, Petrópolis, nº 58, p. 891-900, dez. 1963

BALDUS, Herbert. "A viagem pelo Brasil de Spix e Martius". In: *Revista do Arquivo Municipal.* São Paulo, Departamento de Cultura, ano VI, vol. 69, ago. 1940

BALDUS, Herbert. "Maximiliano, príncipe de Wied-Neuwied". In: *Revista do Arquivo Municipal.* Departamento de Cultura, São Paulo, nº 76, p. 283-291, fev./mar., 1941

BENNIGSEN, Emanuel de. "Bibliografia russa sobre o barão de Langsdorff". In: *Revista de História.* São Paulo, 8, nº 17, p. 225, 1954

BINNEY, Marcus. "Casa da Ínsua, Beira Alta _ I". In: *Country Life.* Iberian Number, May 31, 1984

BINNEY, Marcus. "Casa da Ínsua, Beira Alta _ II". In: *Country Life.* June 7, 1984

BOTTING, Douglas. *Humboldt y el Cosmos* (trad. de Manuel Crespo). Barcelona, Serbal, 1995

BOURROUL, Estevão L. *Hercules Florence. 1804-1879.* São Paulo, Typographia Andrade & Mello, 1900

BRAGA, Marcos Pinto (org.). *Seminário Internacional sobre o Acervo da Expedição Científica de G. I. Langsdorff.* São Paulo/Brasília, Universidade de São Paulo/Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1990

BRIZIO, Anna Maria. "La pittura de Leonardo". In: *Leonardo Scienziato.* Giunti Barbera, 1981, p. 124-153

CARELLI, Mario (apres.). *A la Découverte de l'Amazonie. Les Carnets du Naturaliste Hercule Florence.* Paris, Gallimard, 1992

CARNEIRO, Newton. *Rugendas no Brasil.* Rio de Janeiro/São Paulo, Porto Alegre, Livraria Kosmos Editora, 1979

CARR, D. J. (ed.). *Sydney Parkinson. Artist of Cook's Endeavour Voyage.* London, British Museum (Natural History) & Croom Helm Limited, 1983

CLARK, Kenneth. "O culto da natureza". In: ———— *Civilização.* São Paulo, Martins Fontes/Universidade de Brasília

CORREA FILHO, Virgílio Alves. *Alexandre Rodrigues Ferreira. Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro.* São Paulo, Nacional, 1939 (Col. Brasiliana, Serie 5ª, vol. 144)

COSTA, Maria de Fátima G. (org.). *Percorrendo Manuscritos entre Langsdorff e D'Alincourt.* Cuiabá, Editora Universitária, 1993

CRARY, Jonathan. *Techniques of the Observer. On Vision and Modernity in the Nineteenth Century.* Cambridge, Massachusetts Institute of Technology, 1990 (October Books Collection)

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). *História dos Índios no Brasil.* São Paulo, Companhia das Letras/Fapesp/Secretaria Municipal de Cultura, 1992

DAGLIONE, Vivaldo Wenceslau Flor. "Academicismo de Rugendas". In: *Revista de História,* São Paulo, vol. 19, nº 39, p. 165 e 1959

DANCE, S. Peter. *The Art of Natural History.* New York, Arch Cape Press, 1990

DEAN, Warren. "A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil colonial e imperial". Palestra proferida no IEA, USP, 1989

A LA DÉCOUVERTE de L'Amazonie. Les Carnets du Naturaliste Hercule Florence (apres. de Mario Carelli). Paris, Gallimard, 1992

DIDEROT, Denis. *Histoire de l'Idée de Nature.* Paris, Albin Michel, 1969

DIAS, Maria Odila da Silva. "Aspectos da Ilustração no Brasil". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.*

ECKERMANN. *Conversações com Goethe* (trad. de Luís Silveira). Lisboa, Vega, s.d.

EXPEDIÇÃO LANGSDORFF: "Desenhos e aquarelas pertencentes ao acervo do arquivo da Academia de Ciências da Rússia. Taunay, Rugendas, Florence". In: *Meio Ambiente. Revista de Ecologia e Consumo,* vol. 6, nº 1, p. 33-40, mai 1992

FALCÃO, Edgard de Cerqueira. "Zacharias Wagener e o seu 'Thierbuch'". In: *Revista Humboldt,* nº 12, p. 81-85, 1965

FERREIRA, Ricardo. *Bates, Darwin, Wallace e a Teoria da Evolução.* Brasília/São Paulo, UNB/EDUSP, ©1990

FERREZ, Gilberto. *A Muito Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. 1565-1965. Quatro Séculos de Expansão e Evolução.* Paris, Fundação Castro Maya, Cândido Guinle de Paula Machado, Fernando Machado Portella e Banco Boavista, 1965

FERREZ, Gilberto. *O Brasil de Thomas Ender, 1817.* Rio de Janeiro, Fundação João Moreira Salles, 1976

FERREZ, Gilberto. *O Velho Rio de Janeiro Através das Gravuras de Thomas Ender.* São Paulo, Melhoramentos, 1954

FERRI, Mario Guimarães e Motoyama, Shozo. *História da Ciência no Brasil.* São Paulo, EDUSP, 1979-1980

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas.* Lisboa, Portugalia, 1966

GAMA, José de Saldanha da. "Biografia do botânico brasileiro José Marianno da Conceição Velloso", In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* Rio de Janeiro, nº 31, parte 2, p. 144, 1868

GARCIA, Rodolfo. *História das Expedições Científicas.* Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1922

GEORLETTE, R. "Les chasseurs de plantes. Quelques collecteurs belges". In: *Annales de Gembloux,* 1951, p. 198-224

GOELDI, Emilio. *Ensaios sobre o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira.* Pará, Alfredo Silva & Cia, 1869

GOETHE, J. W. *Metamorfosi degli Animali* (a cura dei Bruno Maffi). Milão, Studio Editoriale, 1986 (Col. Piccola Enciclopedia, nº 27)

GOETHE, J. W. *La Metamorfosi delle Piante e Altri Scritti sulla Scienza della Natura* (a cura dei Stefano Zecchi). Parma, Ugo Guanda, 1992

GOMBRICH, Ernst. *Arte e Ilusão. Um Estudo da Psicologia da Representação Pictórica.* São Paulo, Martins Fontes, 1986

GOULD, Stephen Jay. "Church, Humboldt and Darwin: The tension and harmony on art and science". In: Kelly, Franklin. *The Paintings of Frederic Edwin Church.* Washington, National Gallery of Art, 1989

HARTMANN, Tekla. *A Contribuição da Iconografia para o Conhecimento de Índios Brasileiros do Século XIX.* São Paulo, Coleção Museu Paulista, 1975

HOEHNE, F. C. "Notas bibliográficas de naturalistas botânicos". In: *O Jardim Botânico de São Paulo,* São Paulo, Departamento de Botânica do Estado _ Secretaria da Agricultura, p. 19-246, 1941

HOEHNE, F. C. *O Jardim Botânico de São Paulo.* Paris, Hachette, 1959

HOFFMANN-HARNICH, Wolf. "Goethe e o Brasil". In: *Humboldt,* ano 5, nº 11, 1965, p. 12-22

ISENBURG, Teresa (org.). *Naturalistas Italianos no Brasil.* São Paulo, Icone/Secretaria do Estado da Cultura, 1990

JACOB, François. *Lógica da Vida* (trad. de Ângela Loureiro de Souza). Rio de Janeiro, Graal, 1983

JAMES, David. "Um pintor inglês no Brasil do primeiro reinado". In: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,* Rio de Janeiro, nº 12, p. 151-169, 1955

KOMISSAROV, Boris. "Langsdorff, Riedel e botânica". In: *Meio Ambiente. Revista de Ecologia e Consumo,* vol. 6, nº 1, mai 1992, p. 29-32

KOMISSAROV, Boris. *Da Sibéria à Amazônia: a Vida de Langsdorff.* Brasília, Langsdorff, 1922

KOMISSAROV, Boris. *Expedição Langsdorff ao Brasil, 1821-1829. Iconografia do Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética.* Rio de Janeiro, Alumbramento/Livroarte Editora, 1988 (vol. 1: *Aquarelas e Desenhos de Rugendas;* vol. 2: *Aquarelas e Desenhos de Taunay;* vol. 3: *Aquarelas e Desenhos de Florence*)

KOSSOY, Boris. *Hércules Florence, 1833. A Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil.* São Paulo, Duas Cidades, 1980

LEITÃO, C. de Mello. *História das Expedições Científicas no Brasil.* São Paulo, Nacional, 1941 (Coleção Brasiliana, série 2ª, vol. 209)

LICHTENSTEIN, Martin Heinrich Karl. "Estudo crítico dos trabalhos de Margrave e Piso sobre a história natural do Brasil à luz dos desenhos originais". São Paulo, *Revista dos Tribunais,* 1960

LIMA, Américo Pires de. "Alexandre Rodrigues Ferreira". In: *Revista de História.* São Paulo, nº 18, p. 505, 1954

LIMA, Dardaro de Andrade et alli. *O Herbário de Georg Marggraf.* Rio de Janeiro/Recife, Fundação Nacional Pró-Memória/Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1986

MANTHORNE, Katherine Emma. *Tropical Renaissance. North American Artists Exploring Latin America, 1839-1879.* Washington/London, Smithsonian Institution Press, 1989

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Frey Apollonio, um Romance do Brasil* (trad. e apres. de Erwin Theodor). São Paulo, Brasiliense, 1992

MEIRA Fº, Augusto. *Landi Esse Desconhecido (O Naturalista).* Belém, Conselho Federal de Cultura, 1976.

MELLO Jr., Donato. "Pesquisas sobre Benjamin Mary, diplomata aquarelista, e Louis van Houte, botânico, belgas que estiveram no Brasil regencial". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* Rio de Janeiro, nº 307, p. 96-108, abr-jun, 1975

MELLO, José Antônio Gonsalves de (org.). *Manuel de Arruda Câmara: Obras Reunidas.* Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife/Prefeitura da Cidade do Recife/Secretaria de Educação e Cultura, 1982

MELLO, José Antonio Gonsalves et alli. *Albert Eckhout e Seu Tempo. Brasil Holandês, 1637-1644.* São Paulo, Gráficos Burti/Museu Nacional da Dinamarca/Museu de Arte de São Paulo-Masp, 1991

MENDONÇA, Casimiro Xavier de (trad.). "Zacharias Wagner e sua obra no Brasil". In: *Ibero-Amerikanisches Archiv.,* Berlin, Ano 10, fasc. 1, 1936

MITTERMEIER, Russel et alli. *Viagem Philosophica. Uma Redescoberta da Amazônia 1792-1992.* Rio de Janeiro, Index, 1992

MONTEIRO, Tobias. *Discours Prononcé a l'Inauguration du Buste du Savant Français Auguste de Saint-Hilaire au Musée National de Rio de Janeiro le 6 octobre 1928.* Paris, A. Pedone, 1928

NEIVA, Arthur. *Esboço Histórico sobre a Botânica e Zoologia no Brasil.* Brasília, UNB, 1989

OBERACKER, Carlos H. "Viajantes naturalistas e artistas estrangeiros no reino e primeiro império do Brasil". In: *Revista Humboldt.* Hamburgo, vol. 8, nº 18, 1968

OJEDA, Pablo Diener. *Rugendas: America de Punta a Cabo.* Santiago, Goethe Institut/Direccion de Bibliotecas, Archivos y Museos, 1992

OLIVEIRA, C. Batista de. "Sobre Humboldt". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* Rio de Janeiro, nº22, 1859

PAPAVERO, Nelson. *Essays on History of Neotropical Dipterology with a Special Reference to Collectors (1750-1905).* São Paulo, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, 1971. 2 vols.

PEIXOTO, Maria Elizabete Santos. *Pintores Alemães no Brasil durante o Século XIX.* Rio de Janeiro, Edição Pinakotheke, 1989

PETERKANN, Wien von. *Die Ethnographischen Aufzeichnungen inden Wiederentdeckten Wortlisten von Johann Natterer, Während Seiner Brasilienreise Zwischen 1817-1835.* Museum für Völkerkunde, 1989 (Archiv für Völkerkunde, 43)

PLATÃO. "Timeu ou a Natureza". In: ———— *Timeu e Crítias ou a Atlântida.* São Paulo, Hemus, s.d.

PRADO, João Fernando de Almeida. *Thomas Ender, Pintor Austríaco na Corte de D. João VI no Rio de Janeiro; um Episódio da Formação da Classe Dirigente Brasileira 1817-1818.* São Paulo, Nacional, 1955

PRADO, Ricardo Chaves. "A viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira". In: *Horizonte Geográfico,* ano 6, vol. 28, mai.-jun. 93

RAMIREZ, Ezekiel Stanley. "Desenvolvimento das relações científicas e culturais". In: *As Relações entre a Áustria e o Brasil* (trad. de Américo Lacombe). São Paulo, Companhia Editora Nacional, s.d., p 122-163

"RELAÇÃO do primeiro encontro que o tenente coronel Afonso Botelho de S. Paio e Sousa teve com os índios do sertão do Tibagi, nos Campos de Guarapuava, aos 16 e 17 de dezembro de 1771". In: *Anais da Biblioteca Nacional,* Rio de Janeiro, Divisão de Publicações, vol. 76, 1956, p. 28-68

RICHTER, Paul Emile. "Zacharias Wagener". In: *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano,* Recife, vol. 9, p. 181-195, 1903

RODRIGUES, João Barbosa. *A Flora Brasiliensis de Martius,* Rio de Janeiro, s.c.p., s.d.

RODRIGUES, João Barbosa. *Hortus Fluminensis.* Rio de Janeiro, s.c.p., 1893

RONAN, Colin A. *História Ilustrada da Ciência da Universidade de Cambridge.* Rio de Janeiro, Zahar, 1987, vol. 3

ROUSSEAU, J. J. *Os Devaneios do Caminhante Solitário* (trad. e intr. de Fúlvia Maria Luiza Moretto). Brasília, Editora da Universidade de Brasília, ©1986

RUGENDAS, Johann Moritz. "Imagens e notas do Brasil". In: *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,* Rio de Janeiro, nº 13, p. 17-84, 1956

SÁ, Manoel José da Costa e. "Biografia do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* Rio de Janeiro, 1840

SALA, Dalton. *Diogo Soares: Cartógrafo e Arquiteto,* Lisboa, 1993 (texto inédito)

SAMPAIO, Theodoro. "Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e o progresso da etnografia no Brasil". In: *Anais da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* Rio de Janeiro, Congresso de História Nacional, vol. 2, p. 543-594, 1915

SCHAEFFER, Enrico. "Um documento cultural perdido: o 'Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae' de Eckhout" In: *Revista Humboldt,* nº 11, p. 65 e 66, 1965

SCHAEFFER, Enrico. "Zacarias Wagner, pintor e escrevente da cozinha de sua alteza". In: *Humboldt,* nº8, p. 58-65, 1963

SILVA, T. "O Cientista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira (notas para seu estudo)". In: *Boletim da Sociedade Geográfica,* Lisboa, vol. 65, nº 3/4, p. 117, 1947

SILVA, Valéria Piccoli Gabriel da. *As Expedições Americanas ao Brasil.* São Paulo, 1994 (texo inédito)

SIMON, William Simon et alli. *Viagem Filosófica, uma Redescoberta da Amazônia: 1792/1992.* Rio de Janeiro, Index, 1992

SPIX, J. B. von; MARTIUS, C. F. P. von. "Do Rio de Janeiro a São Paulo a cavalo", In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* Rio de Janeiro, vol. 92, nº 146, 1922

STOLS, Eddy. "A flora brasileira e os naturalistas e horticultores belgas no século XIX". In: *Revista de História,* São Paulo, vol. 89, p. 155-171, 1972

TAUNAY, Alfredo D'Escragnolle. *A Cidade de Matto-Grosso Antiga Villa Bella. O Rio Guaporé e Sua Mais Illustre Victima.* Rio de Janeiro, Cia. Typographica do Brazil, 1891

TAVAREZ, Gen. Aurélio de Lyra. *A Engenharia Militar Portuguesa na Construção do Brasil,* s.l., s.c.p., 1965

TESCHAUER, Carlos, padre. "Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX no Brasil", In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* Rio de Janeiro (Anais do Congresso Internacional de História da América, 5, tomo especial, 367-434)

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural.* São Paulo, Companhia das Letras, 1989

33 DESENHOS Originais de Rugendas da Coleção Piraja da Silva. São Paulo, Pinacoteca do Estado/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 28 set-30 out, 1977

VANZOLINI, Paulo. E. "As primeiras expedições zoológicas no Brasil". In: *Revista da USP,* São Paulo, nº 160, jun./jul./ago. 1990

VIELLIARD, Jacques M.E. *A Zoophonia de Hercule Florence.* Cuiabá, Editora Universitária-UFMT, 1993

VINCI, Leonardo da. *Tratado de La Pintura.* Buenos Aires, Goncourt, 1975

WAGNER, Robert. *Die Brasilienreise Thomas Enders* (tiragem especial), 1993

Bibliografia de Referência e Catálogos

ALLGEMEINES Lexikon der Bildenden Künstler. Leipzig, E.A. Seemann, 1915

ALMAÇA, Carlos. *Watercolours of Atlantic Fishes of Joaquim José da Silva's Expedition to Angola (1783-1808).* Lisboa, Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico _ Museu Bocage, 1990 (catálogo)

A AMAZONIA Redescoberta no Séc. XVIII. Rio de Janeiro, Banco Real, 1992. (catálogo)

ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio. *Guida a la Storia Dell'Arte.* Firenze, Sansoni, 1977

BANK'S Florilegium. A Sale of One Hundred and Twenty Prints for the Benefit of the Banks Alecto Endeavour Fellowship. Londres, Sotheby's, 1988 (catálogo)

BECKER, Annesofie; WILLIE, Flindt. *Museum Europa: An Exhibition about the European Museum from the Renaissance to Our Time.* Copenhague, The Danish National Museum, 1993 (catálogo)

BENEZIT, E. *Dictionnaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs.* Grund, Paris, 1948

O BRASIL Pintado por Mestres Nacionais e Estrangeiros (sécs. XVI-XX). São Paulo, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1973

BRASILIEN-BIBLIOTHEK der Robert Bosch GMBH. Stuttgart, 2 vols., 1983

BRYANT'S Dictionnary of Painters and Engravers. Londres, G. Bell and Son's Ltd, 5 vols., 1913

CAVALCANTI, Carlos; AYALA, Walmir. *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos.* Brasília, INL, 1977

CATÁLOGO da Coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo. Fundação Calouste Gulbenkian, jul./ago., 1991

CATÁLOGO da Fundação Raymundo Ottoni Castro Maya. Rio de Janeiro, 1965

CATÁLOGO de Manuscritos e Bibliografia de Alexandre Rodrigues Ferreira. Rio de Janeiro, Banco Nacional, 1952

CATÁLOGO do Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, Banco Safra, 1985

CATALOGUE of the Natural History Drawings Commissioned by Joseph Banks on the Endeavour Voyage 1768-1771. In: *Bulletin of the British Museum* (Natural History Museum), London, 1986 (Historical Series, vol. 13)

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da (org.). *Thomas Ender: Catálogo de Desenhos.* Rio de Janeiro, Divisão de Publicações e Divulgação da Biblioteca Nacional, 1968

ENCYCLOPAEDIA of the Arts. Londres, Thames and Hudson, 1966

ENCYCLOPAEDIA Britannica. A New Survey of Universal Knowledge. Chicago/Londres/Toronto, 1949

ENCYCLOPAEDIA Britannica. Londres, William Benton, 1970

ENCICLOPEDIA Italiana di Scienze, Lettere ed Arti. Roma/Milano, Istituto Giovanni Treccani, 1929

A EXPEDIÇÃO Científica de G.I. Langsdorff ao Brasil 1821-1829. Brasília, Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Pró-Memória, 1988 (catálogo)

GARRAUX, A. L. *Bibliographie Brésilienne. Catalogue des Ouvrages Français & Latins Relatifs au Brésil (1500-1898).* Paris, Chadenat/Jablonski, 1898

IL GAZZETIERE AMERICANO, Contenente un Distinto Ragguaglio di Tutte le Parti del Nuovo Mondo della Loro Situazione, Clima, Terreno, Prodotti, Stato Antico e Moderno, Merci, Manifatture e Commercio. Con una Esatta Descrizione delle Citta, Piazze, Porte, Baje, Fiumi, Laghi, Montagne, Passi e Fortificazione. Il Tutto Destinato ad Esporre lo Stato Presente delle Cose in Quella Parte di Globo e le Mire, e Interessi delle Diverse Potenze, che Hanno degli Stabilimenti in America, Tradotto dall'Inglese e Arricchito di Aggiunte, Note, Carte e Rami. Livorno, Marco Coltellini, 1763, 3 vols.

GRAND LAROUSSE ENCYCLOPÉDIQUE. Paris, Larousse, 1964

GRASSI, L.; PEPE, M. *Dizionario della Critica d'Arte.* Torino, Utet, 2 vols., 1978

GUIDE des Sources de l'Histoire de l'Amerique Latine et des Antilles dans les Archives Françaises. Paris, Archives Nationales, 1984

GUIMARÃES, Argeu. "História das Artes Plásticas no Brasil", in: *Anais da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro, vol. 9, tomo especial, 1930

HONOUR, Hugh. *L'Amérique Vue par l'Europe.* Paris, Secretariat d'État à la Culture/Éditions des Musées Nationaux, 1976 (catálogo)

INDICADOR Catarinense das Artes Plásticas. Florianópolis, FCC, 1984 (catálogo)

IRIA, Alberto. "Inventário da Iconografia Brasileira Existente no Arquivo Histórico Ultramarino". In: *Studia,* nº 16. Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, nov. 1965

IRIA, Alberto. "IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros". In: *STUDIA,* Lisboa, abril de 1966, nº 17. Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1966

IRIA, Alberto. *Catálogo da Exposição Histórica Itinerante, Ultramarina, Cartográfica e Iconográfica, Comemorativa do IV Centenário da Publicação de os "Lusíadas".* Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino, 1972

KOPPEL, Susanne (org.). *Biblioteca Brasiliana da Robert Bosch GmbH.* Rio de Janeiro, Kosmos, 1992

LANGSDORFF de Volta: Desenhos e Aquarelas de Rugendas, Taunay e Florence. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1988 (catálogo)

LAVEDAN, Pierre. *Dictionnaire Illustré de la Mythologie et des Antiquités Grecques et Romaines.* Paris, Hachette, 1ª ed., s.d.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Dicionário Crítico da Pintura no Brasil.* Rio de Janeiro, Artlivre, 1988

LAROUSSE Dictionary of Genre Painters. Londres, Hamlyn, 1981

LELLO Universal. Novo Diccionário Encyclopédico Luso-Brasileiro. Porto, Chardron, s.d.

LONDON Museums and Collections. Londres, Canal Publishing Company, 1989 (catálogo)

LÖSCHNER, Renate (org.). *Artistas Alemães na América Latina: Pintores e Naturalistas do Século XIX Ilustram um Continente.* Berlim, Instituto Ibero-Americano/Patrimônio Cultural Prussiano, 1979. (catálogo)

MORAES, Rubens Borba de. *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros.* Rio de Janeiro, Gráfica Editora Souza, 1949

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia Brasiliana.* Los Angeles/Rio de Janeiro, Ucla Latin American Publications/Livraria Kosmos Editora, 1983

MURRAY, Peter & Linda. *The Penguin Dictionary of Art and Artists.* Londres, Penguin Books, 1991

OLIVEIRA, L. *Dicionário Cartográfico.* Rio de Janeiro, Secretaria de Planejamento da Pres. da República/Fund. Inst. Bras. de Geografia e Estatística, 1980

OUROS do Brasil no Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural/Palácio Nacional da Ajuda, 1986 (catálogo)

PONTUAL, Roberto. *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil.* Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1969

READ, H. (org.) *Dicionário da Arte e dos Artistas.* Rio de Janeiro, Ed. 70, 1990

RODRIGUES, José Honório (intr.) *Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Catálogo da Exposição de História do Brasil.* Editora Universidade de Brasília, 1981 (edição fac-similar / Coleção Temas Brasileiros, vol. 10)

SIRET, Adolphe. *Dictionnaire Historique et Raisonné des Peintres de Toutes Écoles.* Paris, 1803

THOMSEN, Thomas. *Albert Eckhout ein Niederlandischer Maler und sein Gonner Moritz der Brasilianer.* Kopenhagen, Ejnar Munksgaard, 1938 (catálogo)

TRADIÇÃO e Ruptura. Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, 1984 (catálogo)

VIEIRA, Ângela Maria Coelho Vieira (coord.). *Catálogo do Acervo da Pinacoteca do Museu do Estado de Pernambuco.* Recife, Cepe, 1991

VITERBO, Francisco de Sousa. *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros E Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1899. 3 vols.

WILKINS, Guy L. *A Catalogue and Historical Account of the Banks Shell Collection.* Londres, British Museum, 1955

ZANINI, Walter (org.). *História Geral da Arte no Brasil.* São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles, 2 vols., 1983

Digitalizado com CamScanner

Literatura de Científica e de Viagem

Manuscritos e Originais Encadernados:

ALEMAO, Francisco Freire. *Trabalhos da Comissão Científica de Exploração.* Rio de Janeiro, 3 vols.

ALEMAO, Francisco Freire. *Flora Cearense.* Folhetos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Com ilustrações a bico-de-pena por Freire Alemão

BATES, Henry Walter. *Two Manuscript Notebooks of H.W. Bates Relating to the Insect Fauna of the Amazon Valley or DRW.* s.d.

CAMARA, Manoel de Arruda. *Centurias dos Novos Gêneros de Plantas Pernambucanas.* Rio de Janeiro, 1873 (Flora Pernambucana)

CAMARA, Manoel Arruda (Frei José da Costa Azevedo). *Estampas Representando Assumptos de História Natural (Pela Maior Parte Insetos, Peixes e Pássaros).* s.d.

ENDER, Thomas. *Zeichnungen von Schiffen* (álbum de desenhos com 72 folhas numeradas, 244 desenhos colados, em numeração aparentemente cronológica organizada pelos antigos proprietários, encadernado)

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Prospectos de Cidades, Villas e Povoaçoens, Fortalezas e Edifícios, Rios e Cachoeiras. Da Expedição Philosophica do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiaba.* s.d.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Desenhos de Gentios, Animaes Quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes e Insectos. Da Expedição Philosophica do Para, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá.* s.d.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Plantas da Expedição do Pará Copiadas no Real Jardim Botânico.* s.d.

FRANCO, Ricardo. *Diário do Madeira. Viagem que a Expedição Destinada à Demarcação dos Limites Fez do Rio Negro até Villa Bella, Capital do Governo de Mato-Grosso.* s.d.

FRANCO, Ricardo. *Roteiro da Navegação do Rio Tapajós de Mato-Grosso para o Pará,* 1779

FRANCO, Ricardo. *Carta Topográfica de Mato Grosso*, 1787, ilustrada por Francisco Xavier de Oliveira com os bustos do rei e da rainha de Portugal

LANDI, Antonio José. *Descrizione di varie Piante, Frutti, Animali, Passari, Pesci, Biscie, Rasine e Altri Simile Cose che Si Ritrovano in questa Cappitania del Gran-Pará, le Qualli Tutte Antonio Landi Dedica a Sua Eccl.ª e al Sig. Luiggi Pinto de Souza Cavaglier di Malta, e Governadores del Matto Grosso il Quale con Somma Fatica e Diligenzza Envestigô Moltissime Cose Appartamenti alla Storia Naturale, e delleQualli si Potrà Formare un Grosso Volume Invantaggio della Republica Letteraria.* (manuscrito com um conjunto de aquarelas sobre a flora e fauna do Amazonas), s.d.

LINNÉ, Carl von. *Systema Naturae*, 1758, *Philosophia Botanica.*

LISBOA, Frei Christóvão de. *Historia dos Animaes e Árvores do Maranhão. Pelo muito Reverendo Padre Christovão de Lisboa, Calificador do Santo Officio e Fundador da Custodia do Maranhão da Recoleção de Santo Antonio de Lisboa,* 1624-1627

MASSÉ, João. *Relação de Todas as Fortificações e Reparações Necessárias para a Conservação e Defesa da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e de Seu Porto.* Rio de Janeiro, 1714

NOTICIA *da Conquista e do Descobrimento dos Sertões do Tibagi, na Capitania de São Paulo, no Governo do General dom Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, Conforme as Ordens de sua Majestade. Por Afonso Botelho de S. Paio e Souza no Ano de 1768 até o de 1774* (Relatório)

PARKINSON, Sydney. *294 OriginalWater-Colour Drawings and Pencil Sketches of Animals Made During Cook's First Voyage (1768/1771), by Sidney Parkinson and (170 of Fish and 4 of Molusca) by A. Buchan.* (conjunto de aquarelas de espécies botânicas)

PEQUENO *mapa de Demarcação Diamantina, Pequena Planta do Arraial do Tijuco. Modo de Lavar Diamantes, Modo de Minerar e Retirar Diamantes*, Minas Gerais, manuscrito do séc. XVIII

RELAÇAM das Madeiras descriptas que SeComprehendem no Termo da Villa da Cachoeira com Amostras e Estampas Exactas das Mesmas. Sobre Madeiras de Construção, de Tinturaria... Apresentada pelo Juiz de Fora da Vila de Cachoeira Joaquim de Amorim Castro à Majestade. 1790 (manuscrito)

Obras Publicadas:

ADALBERT, Heinrich Wilhelm Prinz von Preuen. *Aus Meinen Tagebuche, 1842-1843 von Adalbert Prinz von Preuen. Als Manuscript Gedruckt.* Berlim, Deckerschen geheimen Ober-Hofbuchdruckerei, 1847

ADALBERT, Heinrich Wilhelm Prinz von Preuen. *Skizzen zu den Tagebuch* von Adalbert Prinz von Preuen 1842-1843, s.l., s.c.p., s.d.

AGASSIZ, Louis Jean Rodolphe; AGASSIZ, Elisabeth Cary. *A Journey in Brazil, by Professor and Mrs. Louis Agassiz.* Boston, Ticknor and Fields, 1868

AGASSIZ, Louis Jean Rodolphe; AGASSIZ, Elisabeth Cary (trad. de João Etienne Filho). *Viagem ao Brasil (1865-1866).* São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia, 1975

ANSON, George. *Voyage Autour du Monde, Fait dans les Années MDCCXL, I, II, III, IV. Par George Anson, Presentement Lor Anson...* Amsterdam et à Leipzig, Arkstée & Merkus, 1751.

APPUN, Karl Ferdinand. *Unter der Tropen: Wanderungen Durch Venezuela, am Orinoco, Durch British Guyana und am Amazonenstrome in den Jahren 1859-1868.* Jena, Hermann Costenoble, 1871, 2 vols.

LA BARBINAIS, Le Gentil de. *Nouveau Voyage Autour du Monde. Enrichie de Plusieurs Plans, Vues & Perspectives des Principales Villes e Ports du Perou, Chily, Brésil et de la Chine, avec une Description de l'Empire de la Chine Beaucoup Plus Ample & Plus Circonstanciée que Celles qui Ont Paru Jusqu'au Present, Où il Est Traité des Moeurs, Religion, Politique, Éducation & Commerce des Peuples de Cette Empire.* Amsterdã, Pierre Mortier, 1728, 3 vols.

BATES, Henry Walter. *Contributions to an Insect Fauna of the Amazon Valley.* 1861

BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazons, a Record of Adventure, Habits of Animals, Sketches of Brazilian and Indian Life, and Aspects of Nature under the Equator, During Eleven Years of Travel by Henry Bates.* Londres, John Murray, 1863

BATES, Henry Walter. *The Principal Contributions of Henry Walter Bates to a Knowledge of the Butterflies and Longicorn Beetles of the Amazon Valley.* Ed. E. Gorton Linsley, s.d.

BIGG-WITHER, Thomas P. *Pioneering in South Brazil. Three Years of Forest and Prairie Life in the Province of Paraná.* London, John Murray, 1878, 2 vols.

BOUGANVILLE, Hyacinthe-Yves-Philippe Potentien, Barão de. *Journal de la Navigation Autour du Globe de La Frégate La Thétis et de la Corvette L'Esperance Pendant les Années 1824, 1815 et 1826...* Paris, Arthus Bertrand, 1837

BURMEISTER, Hermann. *Reise nach Brasiliens Durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Gerais.* Berlim, Druck und Verlag von Georg Reimer, 1853

BURMEISTER, Hermann. *Landschaftliche Bilder Brasiliens und Portraits einiger Urvolker; als. Atlas zu Seiner Reise Durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Geraes Entworfen und Herausgegeben von Dr. Hermann Burmeister,...* Berlim, Verlag von Georg Reimer, 1853

BURMEISTER, Hermann. *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens Welche Während einer Reise nach Brasiliens...* Berlim, Druck und Verlag von Georg Reimer, 1854

BURMEISTER, Hermann. *Erläuterungen zur Fauna Brasiliens, Enthaltend Abbildungen und Ausführliche Beschreibungen Neuer Oder Ungenügend Bekannter Thier-Arten...* Berlim, Druck und Verlag von Georg Reimer, 1856

CAMARA, Manoel de Arruda. *Discurso sobre a Utilidade da Instituição de Jardins nas Principaes Provincias do Brasil, Offerecido ao Principe Regente Nosso Senhor por Manoel Arruda da Camara Doutor em Medicina.* Rio de Janeiro, Impressão Regia, 1810

CASTELNAU, Conde Francis de. *Expedition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud.* Paris, Bertrand, 1850-1859, 16 vols.

DARWIN, Charles Robert. *Narrative of the Surveying Voyage of His Majesty's Ships "Adventure" and "Beagle"...* Londres, Henry Colburn, 1839, 3 vols.

DESCOURTILZ, Jean Theodore. *Oiseaux Brillants du Brésil.* Paris, 1832

DESCOURTILZ, Jean Theodore. *Ornithologie Brésilienne, ou Histoire des Oiseaux du Brésil, Remarquables par Leur Plumage, Leur Chant ou Leurs Habitudes.* Londres e Rio de Janeiro, s.d. (originais de 1852)

DUMONT D'URVILLE, Jules Sébastian César. *Voyage Autour du Monde de l'Astrolabe et de la Zélée, sous des Ordres Du Contre-Amiral Dumont-d'Urville, Pendant les Années 1837, 1838, 1839 et 1840...* Paris, Berquet et Petion, 1844

ENDER, Thomas. *Zeichnungen von Schiffen... und Figuren mit 71 Seiten,* 1817

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Journal von Brasilien Oder Vermischte Nahrichten aus Brasilien, auf Wissenschaftlichen Reisen Gesammelt von W.C. von Eschwege...* Weimar, Verlag des Gr.H.S. pr. Landes Industrie Comptoire, 1818

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. "Observations sur la manière de Voyager dans l'interieur du Brésil, et tableau de cette partie du pays". In: *Nouvelles Anales des Voyages*, tomo III, Paris, 1919

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Geognostische Gemalde von Brasilien, und Wahrscheinliches Muttergestein der Diamanten von W. von Eschwege. Oberst der Ingenieur-Corps und Generaldirector der Golbergwerke der Provinz Minas Geraes, Ritter des Ordens von Aviz, Mehrerer Gelehrten Gesellschaften Mitglied.* Weimar, Verlage des Gr. H.S. priv. Landes Industrie-Comptoirs, 1822

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Brasilien, die Neue Welt, in Topographischer, Geognostischer, Bergmännischer, Naturhistorischer, Politischer und Statistischer Hinsicht, Während Eines Elfjährigen Aufenthaltes, von 1810 bis 1821, mit Hinweisung auf Die Neueren Begebenheiten, Beobachtet von W.L. von Eschwege... In zwei Theilen Mit Kupfern...* Braunschweig, Friedrich Vieweg, 1827

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Beiträge zur Gebirgskunde Brasiliens von W.L. von Eschwege, Königl. Portugies. Oberst des Genie-Corps und Oberberghauptmann Mitgliede Mehrerer Gelehrten Gesellschaften. Mit vier Petrographisch-Geognostischen Karten und Profildurchschnitten.* Berlim, G. Reimer, 1832

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Pluto Brasiliensis. Eine Reihe von Abhandlungen über Brasiliens Gold _ Diamanten _ und Anderen Mineralischen Reichtum, über die Geschichte Seiner Entdeckung, Über das Verkommen Seiner Lagerstätten, des Betriebs, der Ausbeute und die Darauf Bezügliche Gesetzgebung u.s.w. von W.L. von Eschwege, Konigl. Portugies. Ingenieur-Oberst und Obeberghauptmann u.s.w. Nebst Lithographischen Karten und Zeichnungen.* Berlim, George Reimer, 1833

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica às Capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*, São Paulo, Brunner, 1970

FLORENCE, Antoine Hercule Romuald. "Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825-1829". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vols. 38 e 39

FLORENCE, Antoine Hercule Romuald. "Zoophonia" *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v.39 (138)

FLORENCE, Antoine Hercule Romuald. *Esquisse Pittoresque du Voyage de Porto-Feliz a Cuyaba et Explications des Dessins Ci-joint*

FREYCINET, Louis Claude Desaulses de. *Voyage autour du Monde Entrepris para Ordre du Roi... pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820.* Paris, Pillet ainé, 1824-1844

FREYCINET, Louis Claude Desaulses de. *Atlas Historique par Mrs Js Arago, A. Pellion & Co.* Paris, Billet Ainé, 1825

FREYREISS, Georg Wilhelm. "Tagebuch auf der Reise nach den Coroados indiern von G.W. Freireiss". *In:* ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von *Journal von Brasilien...* Weimar, im Verlag des Gr.H.S. pr. Landes Industrie Comptoire, 1818

FREYREISS, Georg Wilhelm. *Beiträge zur Naheren Kenntnis Kaiserthums Brasilien nebst Einer Schilderung der Neuen Colonie Leopoldina und der Wichtigsten Erwerbeweige für Europäische Ansiedler, so Wie Auch Einer Darstellung der Ursachen, Wodurch Mehrere Ansiedlungen Missglückten von Georg Wilhelm Freyreiss... Erste Theil.* Frankfurt, Johann David Gauerländer, 1824

FRÉZIER, Amédée François. *Relation du Voyage de la Mer du Sud aux Côtes du Chily et du Perou. Fait Pendant les Années 1712, 1713 & 1714. Dédiée à S.A.R. Monseigneur le Duc d'Orleans Regent du Royaume Par M. Frezier, Ingeneur Ordinaire du Roy, Ouvage enrichi de Quantité de Planches em Taille Douce. Paris,* Jean-Geoffroy Nyon, 1716

FRÜHBECK, Franz Joseph. *Skizze Meiner Reise Nach Brasilien in Süd-Amerika im Jahre 1817 auf dem Königl. Portugiesischen Linienschiffe Johann der VI., und Zugleich Erklärung der 24 Optischen, in Zwey Aufstellungen Dargestellen, Noch Nie Gesehenen Ansichten Dises Kaiserreiches von F.J. Frühbeck.* Wien, 1830 Aus der Buchdruckerey der Witwe Stöckholzer v. Kirschfeld

GARDNER, George. *Geological Notes Made During a Journey from the Coast into the Interior of the Province of Ceará in the North of Brazil, Embracing an account of a Deposit of Fossil Fishes.* Edinburgh, New Philosophical Journal, vol. XXX, 1841

GARDNER, George. *Contributions Towards a Flora of Brazil.* London, Journal of Botany, 1842-1848

GARDNER, George. *Sertum Plantarum.* London, Hippolyte Ballière by H.B.Fielding, 1844

GARDNER, George. *Travels in the Interior of Brazil, Principally Through the Northern Provinces, and the Gold and Diamond Districts, During the Years 1836-1841.* London, Printed and published by Reeve, Brothers, 1846

GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil, Principalmente nas Províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante, Durante os Anos de 1836-1841* (trad. Milton Amado). São Paulo/Belo Horizonte, Edusp/Itatiaia, 1975

HARTT, Charles Frederick. "Geology and physical geography of Brazil". In: AGASSIZ, Louis. *Scientific Result of a Journey in Brazil.* Boston, 1870

HARTT, Charles Frederick. *American Naturalist.* Filadelfia, 1884

HOUTTE, Louis Benoit van. "Courte excursion dans les montagnes des Orgues et dans des forêts vièrges du Brésil". In: *Flore des Serres et des Jardins de l'Europe.* 1848

HUMBOLDT, Alexander von; et BONPLAND, Aimé Jacques Alexander Goujard. *Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent.* Partie 1-6 [em 32 vols.]. Paris 1805-1834

[v.17 e 18] Première Partie. *Atlas Géographique et Physique des Régions Équinoxiales du Nouveau Continent, Fondé sur des Observations Astronomiques, des Mesures Trigonométriques et des Nivellemens Barométriques; par Al. von Humboldt. Examen Critique de l'Histoire de la Géographie du Nouveau Continent, et des Progrès de l'Astronomie Nautique aux Quinzième et Seizième Siècles. Analyse de l'Atlas Géographique et Physique.* Paris, Librairie de Gide, 1814-1834

[v.25 e 26] Troisième partie. *Essai Politique sur le Royaume de la Nouvelle-Espagne. Avec un Atlas...* Paris, F. Schoell, 1811

[v.19] *Atlas Géographique et Physique de Royaume de la Nouvelle-Espagne, Fondé sur des Observations Astronomiques, des Mesures Trigonométriques et des Nivellemens Barométriques.* Paris, F. Schoell, 1811

[v.27] Quinquième partie. *Essai sur la Géographie des Plantes, Accompagné d'un Tableau Physique des Régions Équinoxiales, Fondé sur les Mesures Exécutées Depuis le Dixième Degré de Latitude Boréale Jusqu'au Dixième Degré de Latitude Australe, Pendant les Années 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803. Redigé par Al. von Humboldt.* Paris, Chez Levrault, Schoell et Compagnie, XIII-1805

[v.1 e 2] Sixième partie. *Botanique*

Section1: *Plantes Équinoxiales, Recueillies au Mexique, dans l'Ile de Cuba, dans les Provinces de Caracas, de Cumana et de Barcelone; aux Andes de la Nouvelle-Grenade, de Quito et du Pérou, et sur les Bords du Rio-Négro, de l'Orénoque et de la Rivière des Amazones.* Paris, Chez F. Schoell, 1813

[v.3 e 4] Section 2: *Monographie des Melastomacées, Comprenant Toutes les Plantes de Cet Ordre Recueillies Jusqu'à Ce Jour, et Notamment au Mexique (...) Mise en Ordre par A. Bonpland* (vol. 1: Melastomes. Paris, Libraire Grecque-latine-Allemande, 1816; vol. 2: Rhexies. Paris, Chez Gide Fils, 1823.)

[v.8-14] Section 3: *Nova Genera et Species Plantarum, quas in Peregrinatione Orbis Novi Collegerunt, Descripserunt, Partim Adumbraverunt Amat. Bonpland et Alex. de Humboldt. Ex Schedis Autographis Amati Bonplandi in Ordinem Digessit Carol. Sigismund. Kunth. Accedunt Tabulae Aeri Incisae, et Alexandri de Humboldt Notationes ad Geographiam Plantarum Spectantes.* Paris, Librariae Graeco-Latino-Germanicae (apud N. Maze Apud Gide Filium), 1815-1825

[v.5] Section 4: *Mimoses et Autres Plantes Légumineuses du Nouveau Continent, Recueillies par MM de Humboldt et Bonpland, Décrites et Publiées par Charles-Sigismond Kunth. Avec Figures Coloriées.* Paris, Librairie Grecque-Latine-Allemande, 1819-1824

Section 5: *Synopsis Plantarum quas in Itinere ad Plagam Aequinoctiaçem Orbis Novi, Collegerunt A. de Humboldt et Am. Bonpland, Auctore Carolo Sigism. Kunth.* Paris, Apud F. G. Levrault atque Argentorati, 1822-1825

[v.6 e 7] Section 6: *Révision des Graminées Publiées dans les Nova Genera et Species Plantarum..., Précédée d'un Travail Général sur la Famille des Graminées; par Charles-Sigismond Kunth... Ouvrage Accompagné de Cent Planches Coloriées d'Après les Dessins de Madame Eulalie Delile.* Paris, Gide Fils, 1829

HUMBOLDT, Alexander von. *Kosmos. Entwurf Einer Physischen Weltbeschreibung.* Stuttgart/Tübingen, J.G. Cotta'scher Verlag, 1845-1858. (ed. francês: FAYE, H. (trad.) *Cosmos: Essai d'une Description Physique du Monde.* Paris, Gide et J. Baudry, 1855-1859.)

HUMBOLDT, Alexander von. *Ansichten der Natur, mit Wissenschaftlichen Erläuterungen von Alexander von Humboldt.* Leipzig und Wien, Bibliographisches Institut, 1849

HUMBOLDT, Alexander von. *Quadros da Natureza* (trad. de Assis Carvalho e prefácio de F.A. Raja Gabaglia). Rio de Janeiro, W.M. Jackson, 1950, 2 vols.

HUMBOLDT, Alexander von. *Atlas Pittoresque. Vues des Cordillères, et Monuments des Peuples Indigènes de l'Amérique.* Paris, F. Schoell, 1810

HUMBOLDT, Alexander von. *Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée Faites dans l'Océan Atlantique, dans l'interieur du Nouveau Continent et dans la Mer du Sud Pendant les Années 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803.* Paris, F. Schoell et G. Dufour et Comp. 1805-1833

HUMBOLDT, Alexander von. *Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoxiales du Nouveau Continent, Fait em 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. von Humboldt et A. Bonpland; Rédigé par Alexandre de Humboldt. Avec deux Atlantes.* (vol. 1: Paris, F. Schoell, 1814; vol. 2: Paris, N. Maze, 1819; vol. 3: Paris, J. Smith et Gide Fils, 1825)

KELLER-LEUZINGER, Franz. *The Amazon and Madeira Rivers Sketches andDescriptions from the Notebook of an Explorer.* London, Chapman and Hall, 1874

KELLER-LEUZINGER, Franz. *Von Amazonas und Madeira...* Stuttgart, A. Kroner, 1874.

KIDDER, Daniel Parish. *Brazil and the Brazilians Portrayed in Historical and Descriptive Sketches by Kidder and J.C. Fletcher.* Philadelphia, Childs & Peterson, 1857

KIDDER, Daniel Parish. *Sketches of Residence and Travels in Brazil.* London, Wiley & Putman, 1845

KOSTER, Henry. *Travels in Brazil.* Londres, Longman, 1816

KOSTER, Henry. *Voyage dans de Partie Septentrionale du Brésil.* Depuis 1809 jusqu'a 1815. Paris, 1818

KOTZEBUE, Otto von. *Entdeckungs-Reise in die Süd-See und Nach der Berings-Strae zur Erforschung Einer nordöstlichen Durchfahrt. Unternommen in den Jahren 1815, 1816, 1817 und 1818...* Weimar, verlegt von den Gebrüdern Hoffmann, 1821

KOTZEBUE, Otto von. *Neue Reise um die Welt in den Jahren 1823, 24, 25 und 26.* Weimar, Verlag Hoffmann und St. Petersburg, Bei J. Brief, Buch-und Musikalienhandlung, 1830

KRUSENSTERN, Adam Johann von. *Reise um die Welt in den Jahren 1803, 1804, 1805 und 1806...* Berlin, Haude und Spencer, 1811-1812

KRUSENSTERN, Adam Johann von. *Atlas zur Reise um die Welt.* St. Petersburg, n.pr., 1814.

LA CONDAMINE, Charles Marie. *Relation Abrégée d'un Voyage Fait dans l'Interieur de l'Amerique Méridionale. Depuis la Côte de la Mer du Sud, Jusqu'aux Côtes du Brésil & de la Guiane, en Descendant la Rivière des Amazones...* Paris, Veuve Pissot, 1745

LA CONDAMINE, Charles Marie. *Extracto del Diario de Observaciones Hechas en el Viage De la Provincia de Quito al Para, por el Rio de las Amazonas. Y del Para a Cayana. Surinam y Amsterdam. Destinado para Ser Leydo en la Asemblea Publica de la Academia Real de las Ciencias de Paris...* Amsterdã, Juan Castuffe, 1745

LA PÉROUSE, Jean-François Galaup de (conde de). *Voyage de La Pérouse Autour du Monde, Publié Conformément au Décret du 22 avril 1791 et Rédigé par M.L.A. Milet-Mureau.* Paris, Imprimerie de la République an V, 1797, 4 vols.

LANGSDORFF, Georg Heinrich von. Barão de Langsdorff. *Bemerkungen auf Einer Reise um die Welt in den Jahren 103 bis 1807.* Frankfurt am Mayn, im Verlag bey Freidrich Wilmans, 1812

LANGSDORFF, Georg Heinrich von. *Mémoire sur le Brésil, pour Servir de Guide a Ceux qui Désirent s'y Établir...*, Paris, Imprimerie de Denugon, 1820

LANGSDORFF, Georg Heinrich von. *Reis Rondom de Wereld, in de Jahren 1803 Tot 1807.* Amsterdã, J.C. Van Kesteren, 1818,1819, 4 vols.

LAPLACE, Cyrille- Pierre-Théodore. *Voyage Autour du Monde par les Mers de l'Inde et de Chiné Éxécuté sur la Corvett de l'Etat la Favorite Pendant les Années 180, 1831 et 1832...* Paris, Imprimerie Royale, 1833-1839

LAPLACE, Cyrille- Pierre-Théodore. *Voyage Autour du Monde par les Mers de l'Inde et de Chiné Éxécuté sur la Corvett de l'Etat la Favorite Pendant les Années 180, 1831 et 1832... Album Historique, Gravé et Publié par les Soins et sous la Direction de M. de Sainson Dessinateur du Voyage de l'Astrolabe.* Paris, Arthus Bertrand..., 1835

LINDEN, J.J.; LINDEN, L. e RIGODAS, E. *Lindenia: Iconographie des Orquidées.* Gand, 1885-1903, 17 vol., in folio

LISBOA, Baltazar da Silva. *Discurso Histórico, Político e Econômico dos Progressos e Estado atual da Filosofia Natural em Portugal Acompanhado de Algumas Reflexões sobre o Estado do Brasil.* Lisboa, 1786

LISBOA, Baltazar da Silva. *Memória Acerca da Abertura de uma Estrada pela Costa desde a Villa de Valença da Bahia até o Rio Doce, escrita em 1808, a que Acompanha o Mappa do Terreno por onde Se Vai por Terra da Bahia para o Rio de Janeiro*

LISBOA, Baltazar da Silva. *Memória sobre a Comarca de São Jorge de Ilhéus em História e Memórias da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo IX (1825)

LISBOA, Baltazar da Silva. *Física dos Bosques de Ilhéus.* Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

LISBOA, Frei Christovão. *História dos Animais e Árvores do Maranhão* (estudos e notas de Jaime Walter). Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino, 1967 (edição fac-similar do manuscrito)

LISIANSKOY, Urey Fedorovich. *A Voyage Round the World in the Years 1803, 4, 5, & 6...* Londres, Johan Booth, Longman, Hurst by S. Hamilton, 1814

MARCGRAFF, Georg. "*Historiae Rerum Naturalium Brasiliae. Libri octo... cum Appendice de Tapuyis, et Chilensibus*" In: PISONIS, Gulielm. *Historia Naturalis Brasiliae.* Amsterdã, Loannes de Laet, 1648

MARCGRAFF, Georg. "Tractatus topographicus & meteorologicus Brasiliae, cum eclipsi solari; quibus additi sunt illius & aliorum commentari de Brasiliensium & Chilensium indole & lingua". In: PISONIS, Gulielm. *De Indiae Utriusque re Naturali et Médica.* Amsterdã, 1658

MARGRAVE, Jorge. *História Natural do Brasil.* São Paulo, Imprensa Oficial, 1942

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von; MOHJL, Hugo von; UNGER, Franz Joseph Andreas Nicolaus. *Historia Naturalis Palmarum. Opus Tripartitum Cutus Volumen Primum Palmas Generatim Tractat. Volumen Secundum Brasiliae Palmas Singulatim Descriptione et Icone Illustrat. Volumen Tertium Ordinis Familiarum Generum Characteres Recenset Species Selectas Describit et Figuris Adumbrat Adiecta Omnium Synopsi. Accedunt Tabulae CCXLV.* Monachii, Impensis Auctoris. Lipsae apud Frid.Fleischer in Comm. (2: Typis Lentnerrianis _ 3: Impressum ... in Officina Car. Wolf), 1823-1853, 3 vols.

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Beiträge zur Etnographie und Sprachenkunde Amerika's Zumal Brasiliens. Von Dr. Carl Friedrich Phil. v. Martius. I. Zur Ethnographie. Mit einem Kärtchen. (II. Zur Sprachenkunde.)* Leipzig, Friedrich Fleischer, 1867

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Flora Brasiliensis. Enumeratio Plantarum in Brasilia Hactenus Detectarum quas Suis AliorumqueBotanicorum Studiis Descriptas et Methodo Naturali Digestas Partim Icone Illustrata ediderunt Carolus Fridericus Philippus de Martius...* Lipsiae, R. Oldenbourg et Frid. Fleischer in Comm., 1840-1906. (40 vols., 130 fasc.)

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Genera et Species Palmarum quas in Itinere per Brasiliam Annis MDCCCXVII-MDCCCXX. Jussu et Auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae Regis Augustissimi Suscepto. Collegit, Descripsit et Iconibusillustravit Dr. C.F.P. de Martius, Ordinis Regii Coronae Bavaricae Eques...* Monachii, Typis Lentnerianis, 1823

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Icones Plantarum Cryptogamicarum quas in Itinere Annis MDCCCXVII-MDCCCXX per Brasiliam Jussu et Auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae Regis Augustissimi Instituto Collegit et Descripsit Carol Frideric. Philip. de Martius...* Monachii, Impensis Auctoris, 1828-1834. Prostat Amstelodami apud Müller et Soc., Hamburgi apud Perthes et Besser, Hoffmann et Campe; Lipsiae apud Fr. Fleischer, Londini apud Richter et Soc., Manhemii apud Artaria et Fontaine, Parisiis apud Renouard, et apud Rohrmann ect schweigerd nec non apud Schaumburg et Soc.

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Nova Genera et Species Plantarum quas in Itinere per Brasiliam Annis MDCCCXVII-MDCCCXX per Brasiliam Jussu et Auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae Regis Augustissimi Instituto Collegit et Descripsit Carol. Frideric. Philip. de Martius, Ordinis Regii Civilis Coronae Bavaricae Eques, Med. et Phil. Doctor... Opus Tria*

Digitalizado com CamScanner

Volumine Continens cum Tabulis CCC. Monachii, Impensis auctoris. 1823-1832 Prostat Amstelodami apud Müller et Soc. Hamburgi apud Perthes et Besser, Lipsiae apud Fr. Fleischer, Londini apud Treuttel, Würtz et Richter 1824-1829

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von e Johann Baptiste von Spix. *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 bis 1820.* Munchen, M. Lindauer I.J. Lentner, Leipzig, in Comm. bei Friedr. Fleischer, München, in der Officin. von Dr. C. Wolf, 1823-1831

MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Atlas zur Reise von Brasilien von Dr. v. Spix und Dr. v. Martius.* München, M. Lindauer (Bei den Verfasser)

MAWE, John. *Travels in Interior of Brazil, Particulary in the Gold and Diamond District of that country, by Authority of the Prince Regen of Portugal. Including a Voyage to the Rio de la Plata, and Historical Sketch of the Revolution of Buenos Ayres.* London, Longman, 1812

MIKAN, Johan Sebastian. *Delectus Florae et Faunae Brasiliensis.* Vindobonae, Sumtibus Auctoris, Typis Antonii Strauss, 1820 [-1825]

NATTERER, Johann. *Natterer Aufzer Chnung Brasilische Saugethiere.* Viena 1883

NATTERER, Johann. *Zur Ornithologie Brasiliens, Resultate von Johann Natterers Reisen in den Jahren 1817 bis 1835.* Viena, A. Pichler, Witwe & Sohn, 1871

NAVARRETE, Martin Fernández de (coord. e il.). *Coleccion de los Viages y Descubrimientos, que Hicieron por Mar los Españoles desde Fines del Siglo XV. Con Varios Documentos Ineditos Concernientes à la Historia de la Marina Castellana y de los Establecimientos Españoles en Indias.* Madrid, Imprenta Real, 1825

NOORT, Olivier van. *Nouveau Voyage Autour du Monde. Enrichi de Plusieurs Plan, Vües & Perspectives des Principales Villes & Ports du Perou, Chily, Brésil, & de la Chine...* Paris, Chez Briasson, 1728

OTTO, Príncipe Eduard. *Reiseerinnerungen an Cuba, Nord-und Südamerika 1838-1841.* Mit zwei lithographirten Tafeln Berlin, Verlag der Naucksehen Buchhandlung, 1843

PIGAFETTA, Francesco Antonio. *Le Voyage et Navigation Faict par les Espaignolz es Isles de Mollucques.* Paris, 1525 c.

PÖEPPIG, Edward Friedrich. *Malerischer Atlas und Beschreibende Darstellungen aus dem Gebiete der Erdkunde.* Eduard Poeppig, Leipzig, 1839

PÖEPPIG, Edward Friedrich. *Nova Genera et Species Plantarum quas in Regno Chilensi Peruviano et in Terra Amazonica...* Lipsiae, Sumptibus Friderici Hofmeister, 1835

PÖEPPIG, Edward Friedrich. *Reise in Chile, Peru and auf den Amazonenstrome. Während der Jahre 1827-1832 von Eduard Pöppig.* Leipzig, Friedrich Fleischer, 1835-36, 2 vols.

PÖEPPIG, Edward Friedrich. *Ueber alte und Neve Handelswege Nach der Westküste Amerikas.* Stuttgart und Tubingen, 1838

POHL, Johann Emmanuel. *Atlas zur Beschreibung der Reise in Brasilien von Johann Emanuel Pohl Erster Theil.* Wien, 1832

POHL, Johann Emmanuel. *Beytrage zur Gebirgskunde Brasiliens, Nebst Aufzählung Aller Eingesammelten, und im K.K. Brasilianer-Museum in Wien Aufbewahrten, Einfachen und Zusammengesetzten Fossilien. Von Dr. Joh. Em. Phil. Besondere Abdruck aus dessen Reise in Innern von Brasilien. Erste Abtheilung. Mit Einerl.ithographirten, Geognostischen Ansicht.* Wien, 1823

POHL, Johann Emmanuel. *Plantarum Brasiliae Icones et Descriptiones Hactenus ineditae. Jussu et Auspiciis Francisci Primi, Imperatoris et Regis Augustissimi. Auctore Ioanne Emanuele Pohl, med. doct. Caes. Reg. Musei Aulici et Brasiliani Rer. Natur. Custode...* Vindo Bonae, Wallishauser, 1827

POHL, Johann Emmanuel. *Reise im Innern von Brasilien _ auf allerhöchsten Befehl Seiner Majestät des Kaisers von Oesterreich, Franz des Ersten, in den Jahren 1817-1821 Unternohmen und Herausgegeben, von Johann Emmanuel Pohl.* Wien, Gedruckt bey A.Strauss's sel. Wittwe, J.B.Wallishausser, 1832-1837

RADDI, Giuseppe. *Di Alcune Specie Nuove di Rettili i Piante Brasiliane.* Roma, 1819

RADDI, Giuseppe. *Plantarum Brasiliensium Nova Genera et Species Novae.* Florentiae, Ex Typographia Aloisii Pezzati, 1825

RAMUSIO, Giovanni Battista. *Delle Navigationi et Viaggi Raccolte Gia da M. Gio Battista Ramusio, in Tre Volumi Divise...,* Venetia, Stamperia de Giunti, 1556-1563, 3 vols.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Die Merkwürdigste aus der Malerischen Reise in Brasilien.* Schaffhausen in J. Brodtmann's lithographischen Kunst Anstalt, 1836

RUGENDAS, Johann Moritz. *Malerische Reise in Brasilien. Voyage Pittoresque dans le Brésil.* Paris und Mühlhausen, Engelmann & Cie., 1835

RUGENDAS, Johann Moritz. *Voyage Pittoresque dans le Brésil, par Maurice Rugendas; Traduit de l'Allemand par Mr de Colbery.* Paris, Mulhouse, Engelman & cie., 1835

SAINT-HILAIRE, Augustin François Cesar Provençal de; JUSSIEU, Adrien de; CAMBESSÉDES, Jacques. *Flora Brasiliae Meridionalis.* Paris apud a Berlin, 1825-1833. (Atlas)

SAINT-HILAIRE, Augustin François Cesar Provençal de. *Histoire des Plantes les Plus Remarquables du Brésil et du Paraguay.* A Paris, chez A. Berlin, 1824

SAINT-HILAIRE, Augustin François Cesar Provençal de. *Plantes Usuelles des Brasiliens.* Paris, Grimbert, 1824

SAINT-HILAIRE, Augustin François Cesar Provençal de. *Voyage à Rio Grande do Sul "Brésil".* Orléans, H. Herluison, 1887 (editado por R. de Dreury)

SAINT-HILAIRE, Augustin François Cesar Provençal de. *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz.* Paris, Arthur Bertrand, 1847-1848

SAINT-HILAIRE, Augustin François Cesar Provençal de. *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes.* Paris, Grimbert et Dorez, 1830

SAINT-HILAIRE, Augustin François Cesar Provençal de. *Voyage dans le District des Diamans et sur le Littoral du Brésil.* Paris, Librairie Gide, 1833

SAINT-HILAIRE, Augustin François Cesar Provençal de. *Voyage dans l'Intérieur du Brésil.* Bruxelles, Delevingne et Callewaert, 1850

SAINT-HILAIRE, Augustin François Cesar Provençal de. *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine.* Paris, Arthur Bertrand, 1851

SCHOMBURGK, Robert Hermann. *Reise in Guiana und am Orenoco Wahrend der Jahre 1835-1839.* Leipzig, Verlag von Georg Wigand, 1841

SCHOMBURGK, Robert Hermann. *Twelve Views in the Interior of Guiana.* London, Ackermann and Co., 1841

SPILBERGEN, Joris van. *Miroir Oost & West-Indical, Auquel Sont Descriptes les Deux Dernieres Navigations, Faictes es Annees 1614. 1615. 1616. 1617. & 1618. l'une par le Renommé Guerrier de Mer, George de Spilbergen, par le Destroict de Magellan, & Ainsi Tout Autour de Toute la Terre, Avec Toutes les Batailles Données Tant par Terre que par Eau. Icy Sont Aussi Adioustées Deux Histoires, l'une des Indes Orientales, l'Autre des Indes Occidentales, avec le Nombre des Navires, Forts, Soldats & Artillerie. L'Autre Faicte par Jacob le Maire, lequel au Costé du Zud du Destroict de Magellan, a Descouvert un Nouveau Destroict. Avec la Description de Tous Pays, Gens & Nations. Le Tout Embelli de Belles Cartes & Figures à ce Servantes.* Amsterdã, Jan Janzs, 1621

SPIX, Johann Baptiste von; MARTIUS, Karl Friedrich Philip von. *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I., Königs von Baiern in den Jahren 1817 bis 1820 Gemacht und Beschriben von Dr. Joh. Bapt. von Spix, Ritter des K. baier. Civil-Verdienstorden... und Dr. Carl Friedr. Phil. von Martius, Ritter des K. Civil-Verdienstordens...* München, M. Lindauer, 1823-1831, 3 vols.

SPIX, Johann Baptiste von. *Animalia Nova Sive Species Novae Lacertarum, quas in Itinere per Brasiliam Annis MDCCCXVII-MDCCCXX Jussu et Auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae Regis Suspecto Collegit et Descripsit Dr. J.B. von Spix...* Lipsiae, T.O. Weigel, s.d.

SPIX, Johann Baptiste von. *Animalia Nova Sive Species Novae Testudinum et Ranarum quas in Itinere per Brasiliam Annis MDCCCXVII-MDCCCXX Jussu et Auspiciis Maximiliani Joseph I. Bavariae Regis, Suspecto Collegit et Descripsit Dr. J.B. de Spix... Monachii Typis Franc. Seraph. Hübschmanni.* 1824

SPIX, Johann Baptiste von. *Avium Species Novae, quas Itinere per Brasiliam Annis MDCCCXVII-MDCCCXX, Jussu et Auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae Regis, Suscepto Collegit et descripsit Dr. J.B. von Spix, Ordinis Regii Coronae Bavaricae Civilis Eques, Academiae Scientiarum Bavaricae Socius Ordinarius, Musei Regii Zoologici, Zootomici et Ethnographici Conservator, Academiae Naturae Curiosum, Societatis Literariae Edinburgensis, Moscoviensis etc. Sodalis. Tabulae CIV a M. Schmidt Monacensis Depictae. Monachii, Typis Franc. Seraph. Hübschmanni,* 1824

SPIX, Johann Baptiste von. *Delectus Animalium Articulatorum, quae in Itinere per Brasiliam Annis MDCCCXVII-MDCCCXX, Jussu et Auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae Regis Augustissimi Peracto Collegerunt J.B. de Spix..., et Dr. C.F.Th. de Martius. Digessit, Descripsit, Pringenda Curavit Dr. Maximilianus Perty..., pro Dr. J.B. de Spix...* Monachii, Impensis editoris, 1830

SPIX, Johann Baptiste von. *Selecta Genera et Species Piscium, quas in Itinere per Brasiliam, Annis MDCCCXVII-MDCCCXX, Jussu et Auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae Regis Augustissimi. Peracto Collegit et Pingendos Curavit Dr. J.B. de Spix, Quondam Ordinis Regii Coronae Civilis Bavaricae Eques... Digessit, Descripsit et Observationibus Anatomicis Illustravit Dr. L. Agassiz, Praefatus est et Edidit Itineris, Socius Dr. F. C. Ph. Martius. Monachii, Typis C.Wolf, 1829*

SPIX, Johann Baptiste von. *Serpentum Brasiliensium Species Novae ou Histoire Naturelle des Espèces Nouvelles de Serpens, Recueillies et Observées Pendant le Voyage dans l'Interieur du Brésil dans les Années 1817, 1818, 1819, 1820, Executé par Ordre de Sa Majesté le Roi de Bavière Publiée par Jean Spix...* Monachii, Typis Franc. Seraph. Hübschmann, 1824

SPIX, Johann Baptiste von. *Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae ou Histoire Naturelle des Espèces Nouvelles de Singes et de Chauves-Souris Observées et Recueillies Pendant le Voyage dans l'Interieur du Brésil..., Publiée par Jean de Spix...,* Monachii, Typis Francisci Seraphici Hübschmanni, 1823

SPIX, Johann Baptiste von. *Testacea Fluviatilia quae in Itinere per Brasiliam Annis MDCCCXVII-MDCCCXX, Jussu et Auspiciis Maximiliani Josephi I. Bavariae Regis Augustissimi Suspecto Collegit et Pingenda Curavit Dr. J.B. von Spix, Digessit, Descripsit et Observationibus Illustravit ediderunt Dr. F. a Paula de Schrank et Dr. C.F.P. de Martius. Monachii, T.O. Weigel, s.d.*

SWAINSON, William. *A Selection of the Birds of Brazil and Mexico. The Drawings by William Swainson.* London, Henry G. Bohn, 1841

VANDELLI, Domenico. *Diccionário de Termos Technicos de Historia Natural.* Coimbra, Real Oficina da Universidade, 1788

VANDELLI, Domenico. *Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen Plantae Exoticae – B. Brasilienses – et Epistolae ab Eruditis Viris Carolo A Linné Antonio de Haen ad Dominicum Vandelli Scriptae. Conimbricae: Ex Typographia Academico-Regia.* 1788

VELOSO, José Mariano da Conceição. *Petro Nomine ac Imperi Primo Brasiliensis Imperii Perpetuo Defensore Imo Fundatore Scientiarum Artium Litterarumque Patrono et Culture Jubente Flora Fluminensis Icones Nunc Primo Editur Vol I Edidit Frater Antonius da Arrabida Biblioth. Imp. in Urb. Rio Janeiro Profectus Caes. Maj. Bras. Poenitentiarius Episc. titul. Eclemosynarii Imp. Coadjutor Studior. q. Principum & Imp. Stirpe Moderator.* Paris, ex off. Lithog. Senefelder, 1827

WAGENER, Zacharias. "Zoobiblion _ Livro de Animais do Brasil". São Paulo. *Revista dos Tribunais,* 1964

WALLACE, Alfred Russell. *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro.* Londres, Reeve & Co., 1853

WALLACE, Alfred Russell. *Contributions to the Theory of Natural Selection. 1870*

WALLACE, Alfred Russell. *Darwinism, 1889*

WALLACE, Alfred Russell. *Geographical Distribution of Animals,* 1876

WIED-NEUWIED, Prinz Maximilian Alexander von. *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens, Herausgegeben von Maximilian, Prinzen von Wied-Neuwied. Weimar, im Verlag des Grossherzogl. Sachs. priv. Landes-Industrie-Comptoirs, 1822-1831. Recueil des Planches Coloriées d'Animaux du Brésil, Publié par S.A.S. le Prince Maximilien de Wied-Neuwied.* Weimar, Bureau d'Industrie, 1822-1831

WIED-NEUWIED, Prinz Maximilian Alexander von. *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien von Maximilian, Prinzen zu Wied.* Weimar, in Verlage der Gr. H.S. priv. Landes Industrie-Comptoirs, 1825-1833

WIED-NEUWIED, Prinz Maximilian Alexander von. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817 von Maximilian Prinz zu Wied-Neuwied. Mit den Zwei und Zwanzig Kupfern, Neunzehn Vignetten und drei Karten.* Frankfurt, Heinrich Ludwig Brönner, 1820

WIED-NEUWIED, Prinz Maximilian Alexander von. *Kupfer und Karten zum 1-2ten Band der Reise S. Durchl. des Prinzen Maximilian von Neuwied nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817.* s.l., s.c.p., s.d.

Índice Remissivo (texto e legendas) - Vol.2

Temático

Academia de Ciências de Paris: 10
Álbuns pitorescos: 112, 123, 124
Bank's Florilegium (plantas coletadas por Banks e Solander): 82
Bom selvagem: 98
Brasil Holandês: 34
Câmara clara: 31, 137
Câmara escura: 9, 16, 31
Canibal: 98
Cartografia: 14, 49
Ciclo dos Engenheiros Militares: 50
Comissões Geológicas Brasileiras: 147
Companhia de Jesus: 48
Cruzeiro do Sul: 15
Expedição Câmara: 17, 74, 75, 76 (il.253, 254, 255, 256)
Expedição Cook: 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90
Expedição Geográfica dos Padres Matemáticos: 49, 50, 51 (il.193, 194), 52 (il.195, 196)
Expedição ao Ivaí: 138, 139, 140, 141, 142, 143
Expedição Langsdorff: 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137
Expedição Morgan: 146, 147
Expedição La Pérouse: 82
Expedição Thayer: 146, 147
Expedição Velloso: 74, 74, 74 (il.250), 75 (il.251, 252)
Expedição Wied-Neuwied: 96, 97, 98, 99, 100, 101
Expedições pelo Brasil: 11, 17, 44, 49, 60 a 76, 80 a 82, 92, 96 a 122, 124 a 151
Fazenda Mandioca: 108 (il.294), 109, 124
Fotografia: 31, 137
Gabinetes científicos: 9, 18
Herbários: 11, 18, 34, 82, 111
Herbarium Vivum Brasiliense (herbário de Marggraf): 34, 35 (il.169), 48
Hortos públicos: 75
Iluminismo: 10, 20, 26
Ilustração: 10, 60
Indígenas: 66, 74, 93, 94, 96 a 101, 109, 116, 124, 125, 127 a 133, 134, 138 a 144
Ipupiara (ou Hipupiara): 48
Jardins: 74, 111
Jardins zoológicos: 11, 34, 110
Jardins botânicos: 11, 18, 34, 60, 64, 110, 114 (il.304), 127
Imprensa Régia Portuguesa: 74
Lettera (carta de Vespucci): 15 (il.152)
Linnean Society: 27
Máscaras coletadas por Spix e Martius durante Missão Austríaca: 120 (il.318, 319, 320), 121, 121 (il.321, 322)
Máscaras Jurupixuna coletadas durante Viagem Philosophica: 64 (il.229), 65, (il.230, 231), 66, 66 (il.232), 67 (il.234), 121
Missão Artística Francesa: 24, 125
Missão Austríaca: 102 a 122
Missões de jesuítas: 129
Mundus Novus (carta de Vespucci): 14
Oficina do Arco do Cego: 74
Paisagem cultivada: 74
Paisagem colonizada: 74
Panoramas: 107 (il.292, 293), 124
Poligrafia: 137
Projeto Enciclopédico: 9, 64
Real Museu da Ajuda: 64, 65
Renascimento Italiano: 15
Romantismo: 31, 138, 143
Royal Geographic Society, de Londres: 143
Sublime: 26, 138
Teoria da Evolução das Espécies: 20, 27
Tipografia Nacional do Rio de Janeiro: 74
Tratado de Madri: 68
Viagens de Circunavegação: 77, 80 a 90, 124
Viagem de Circunavegação do *Beagle*: 77, 90
Viagem Philosophica de Alexandre Rodrigues Ferreira: 17, 49, 60, 64, 64 (il.229), 65, 65 (il.230, 231), 66 (il.232), 67 (il.233, 234), 68, 68 (il.235, 236), 69, 69 (il.237, 238), 70 (il.239 a 242), 71 (il.243 a 245), 121

Onomástico

Ackermann: 114
Adalbert da Prussia, príncipe: 22, 143, 143 (il.354, 355)
Adonias, Isa: 68, 69
Afonso, Gaspar: 48
Agassiz, Elizabeth Cary: 146
Agassiz, Louis: 22, 111, 146
Alberti, Leon Battista: 16
Albo, Francesco: 80
Aldrovandi: 9
Alexandre I, czar: 124
Allen, John: 146
Almaça, Carlos: 48
Anchieta, José de: 48
Andra, Helmut: 23
Anson, George: 81
Appun, Carl Ferdinand: 22, 145 (il.357, 358, 359)
Arago, Jacques Etienne Victor: 90
Areia, Manuel Laranjeiras Rodrigues de: 66
Argan, Giulio: 16
Aristóteles: 9, 14, 44
Baldus, Herbert: 111, 116
Banks, Joseph: 82, 96
Barbinais, Le Gentil de La: 81
Bates, Henry Walter: 27, 27 (il.157), 30, 30 (il.164, 165, 166), 31, 146
Bauer, Ferdinand: 111
Bellermann, Ferdinand: 24, 144
Benjamin, frei Francisco Solano: 74, 74 (il.250), 75, 75 (il.251, 252)
Bertels: 127
Bittheuser, J.P.: 100 (il.285)
Blumenbach, Johann Friedrich: 96
Bojti, Luisa: 109 (il.296)
Bonpland, Aimé: 22, 144
Bougaville, barão de: 90
Brandmeyer, A.: 114
Brizio, Ana Maria: 16
Buchan, Alexander: 81 (il.261), 82, 89 (il.276)
Buchberger, Johan: 102, 109
Buffon, conde de: 20, 64, 96
Burkhardt, Jacques: 146, 146 (il.360), 147 (il.361), 148 (il.362), 149 (il.363, 364), 150 (il.365), 151 (il.366, 367)
Burmeister, Hermann: 22
Byron, John: 81
Cabo, Agostinho José do: 64
Cáceres, Luis de Albuquerque de Melo Pereira: 68
Calábria, Mário: 115
Câmara, Manuel de Arruda da: 60, 74, 75, 76 (il.253, 254, 255, 256), 77 (il.257, 258)
Capacy, Domingos: 49
Cardim, Fernão: 48
Carvalho, Francisco Coelho de: 44
Castro, Joaquim de Amorim: 60
Church, Frederic Edwin: 144
Clarac, conde de: 24, 144
Clark, Kenneth: 26 (il.156)
Clusius (ou Ecluse), Carolus: 48
Codina, Joaquim José: 17, 64, 65, 65 (il.230, 231), 66, 67 (il.233), 68, 68 (il.236), 71 (il.244, 245)
Colijn: 80
Colombo, Cristóvão: 14
Commelin: 80
Condamine, Charles Marie de La: 50, 64
Cook, capitão James: 17, 81, 82, 88 (il.273, 274), 89 (il.275, 276)
Copeland: 146
Crary, Jonathan: 9, 16
Creuzer, Frederich: 116
Cunha, Lygia da: 104
Cunha, Manuela Carneiro da: 92, 95
Darwin, Charles: 20, 22, 26, 27, 81, 90, 146
De Bry, Theodore: 80
Dean, Warren: 74
Debret, Jean Baptiste: 123 (il.324, 325, 326)
Derby, Orville: 147
Dias, Maria Odila da Silva: 60
Diderot, Denis: 20, 64
Drummond, Antonio de Menezes de Vasconcelos e: 65
Earle, Augustus: 90
Eça, Manoel Souza de: 44
Eckermann: 21
Eckhout, Albert: 24, 34, 35, 36 (il.171, 172, 173), 37 (il.174, 175), 38 (il.176, 177), 39 (il.178, 179), 40 (il.180), 41 (il.181)
Eichler, M.G.: 101 (il.288)
Ehlerer: 103
Ender, Thomas: 24, 90, 102, 104, 104 (il.291), 107 (il.292, 293), 108 (il.294, 295), 109, 112
Eschwege, Wilhelm Ludwig von: 22, 50, 92, 96
Fagiolo, Maurizio: 16
Felipe II: 44
Ferreira, Alexandre Rodrigues: 17, 49, 60, 64, 64 (il.229), 65, 65 (il.230, 231), 66, 66 (il.232), 67 (il.233, 234), 68, 68 (il.235, 236), 69, 69 (il.237, 238), 70 (il.239 a 242), 71 (il.243 a 245), 75
Ferreira, Ricardo: 27, 30
Ferrez, Gilberto: 50, 102, 104, 109
Fitzroy, Robert: 90
Florence, Antoine Hercule: 125, 127, 129, 131, 134 (il.340), 136 (il.341, 342), 137
Florence, Cyrillo Hercules: 137
Florentino, Andrea Corsali: 15
Florença: 99
Foster, Henry: 92, 95
Foucault, Michel: 18
Freire, José Joaquim: 17, 18, 64, 65, 65 (il.230, 231), 66, 68, 68 (il.235, 236), 69 (il.237, 238), 70 (il.239 a 242), 71 (il.243, 244, 245), 75
Freycinet, Louis Claude Desaulses de: 90, 129
Freyreiss, Georg Wilhelm: 96, 124
Frézier, Amédée François: 50
Frick: 102
Frühbeck, Franz Joseph: 102, 102 (il.289), 103, 103 (il.290)
Gandavo, Pedro Magalhães: 48
Gardner, George: 78 (il.259), 79 (il.260), 144
Gessner, K.: 9
Goeldi, Emilio: 64
Goethe, Johann Wolfgang: 21, 25, 26, 26 (il.156), 39, 111
Goodall, Edward: 143
Gombrich, Ernst: 97
Hartmann, Tekla: 65, 66, 97, 116, 121
Hartt, Charles Frederic: 146, 147
Hässnle, J.: 110 (il.297, 298, 299)
Heade, Martin: 147
Heckel: 146
Heinemann, C.: 115, 118 (il.312, 313)
Hennewald, Walter: 146
Hildebrandt, Eduard: 24, 144
Hoghart: 90
Hollanda, Sergio Buarque de: 97
Homem, Diogo: 49
Hulsius: ver Levinus
Humboldt, Alexander von: 10, 21 a 23, 23 (il.155), 24, 26, 35, 50, 96, 102, 111, 124, 138, 143, 144
Iria, Alberto: 60
Jacob, François: 20
James, William: 146
João V: 49
João VI: 92, 102, 103
Keller, Franz (ou Keller-Leuzinger): 138, 139 (il.344 a 346), 140, 140 (il.347), 141 (il.348 a 351), 142 (il.352, 353), 143
Keller, Heinrich: 98, 99
Keller, Joseph: 138, 139 (il.344, 346), 140 (il.347), 142 (il.353)
Klah, Theodor: 99
Kominssarov, Boris: 128, 131
Komey, Boris: 137
Kotzebue, Otto von: 90
Krüger, Anton: 98 (il.283), 99
Krusenstern, A.: 90
La Pérouse, Jean-François Galaup de: 82
Laet, Johannes de: 34, 34 (il.167), 35, 35 (il.170), 48
Lallemand, Robert Ave: 22
Lamarck: 20
Landi, Antonio Giuseppe: 49, 68, 69, 72 (il.246, 247), 73 (il.248, 249)
Landino: 15
Langsdorff, Georg Heinrich von: 90, 96, 108 (il.294), 109, 124, 125, 127 a 129, 137
Laplace, Cyrille-Pierre: 90
Lavoisier: 74
Lavradio, marquês do: 60
Le Pagelet: 82, 91 (il.277)
Lebreton, Joaquim: 24
Leopoldina, arquiduquesa Carolina Josefa: 102, 103
Levinus, Hulsius: 80
Lindley, Thomas: 92
Linné (ou Lineu), Carl von: 9, 10, 17, 17 (il.153), 18, 20, 21, 25, 35, 48, 60, 64, 74, 75, 111, 131
Lipa, J.: 99 (il.284)
Lisboa, Frei Christóvão de: 44, 45 (il.186, 187), 46 (il.188, 189), 47 (il.190, 191),
Lisiansky, Urey Fedorovich: 90
Löschner, R.: 143, 144
Louis XIV: 82
Lucenck: 92
Lund, Peter Wilhelm: 137
Magalhães, Fernão de: 80
Manthorne, Katherine Emma: 147

Digitalizado com CamScanner

Marggraf, Georg: 34, 34 (il.167), 35, 35 (il.168, 169, 170), 36 (il.171, 172), 37 (il.174, 175), 38 (il.176), 39 (il.178, 179), 44, 64
Maricá, Marquês de: 24
Martius, Carl Friedrich Philipp von: 22, 24, 34 (il.167), 98, 102, 104, 109, 110, 111, 111 (il.300, 301), 112, 114, 114 (il.304), 115, 115 (il.305, 306), 116, 116 (il.307), 117 (il.308, 309 a 311), 118 (il.312, 313), 120 (il.318 a 320), 121, 121 (il.321, 322), 122 (il.323)
Mary, Benjamin: 112, 113 (il.302, 303)
Mauro, João: 50
Maupertuis: 20
Mawe, John: 92, 95, 96
Maximiliano: 80
Medici, Duque Giuliano de: 15
Mello Silva, Renato de: 115
Mello-Leitão: 92
Ménétriès, Jean Marie Edouard: 124
Metternich, príncipe de: 102
Mikan, Johan Sebastian: 102, 109
Miranda, Joaquim José de: 56, 57, 58, 59 (il.203 a 220)
Montenegro, padre João Ribeiro: 17, 74 a 76 (il.253, 254, 255, 256), 77 (il.257, 258)
Montesquieu: 96
Moraes, Rubens Borba de: 64, 92
Mourão, Luiz Antonio de Souza Botelho (Morgado Mateus): 56
Müller, H.: 97 (il.282)
Nassau-Siegen, Johan Maurits de (ou Maurício de Nassau): 34
Natterer, Johann: 102, 109, 110
Navarrete, Martín Fernández de: 80
Neiva, Arthur: 31
Noort, Olivier van: 80
Oleszczynski, Severinus: 75 (il.252)
Oliveira, Myriam Ribeiro de: 56
Orta, Garcia de: 48
Ott, Johan Nepomuk von: 118 (il.312, 313)
Parkinson, Sidney: 17, 82, 83 (il.262, 263, 264, 265), 85 (il.266, 267, 268, 269), 86 (il.270), 87 (il.271, 272), 88 (il.273, 274), 89 (il.275)
Pedro I, dom: 74, 102
Pedro II: 92
Pigafetta, Francesco Antonio: 80
Pirani, José Roberto: 115
Piso, Willem: 34, 34 (il.167), 35 (il.168, 169, 170), 36 (il.171, 172), 37 (il.174, 175), 38 (il.176), 39 (il.178, 179), 48, 64
Plinio: 15
Poeppig, Eduard: 22
Pohl, Johann Emanuel: 102, 109, 110, 110 (il.297, 298, 299)
Pombal, Marquês de: 56, 60
Post, Frans: 24
Ptolomeu: 14
Purchas, Samuel: 80
Raddi, Giuseppe: 102, 109 (il.296)
Ramírez, Ezekiel: 102, 110
Ramusio, Giovanni Battista: 14, 15, 15 (il.152)
Ribeiro, J.J.: 49 (il.192)
Richter, Johann Heinrich: 99
Riedel, Ludwig: 124, 125, 127, 131, 134 (il.339)
Rist, G.: 101 (il.287)
Roman, Colin A.: 17
Rousseau, Jean-Jacques: 21, 97, 138
Rubtsov, Nester G.: 124, 125
Rugendas, Johann Moritz: 23, 24, 98, 124, 125, 125 (il.327), 126 (il.328, 329), 127 (il.330), 128, 144
Saint-Hilaire, Auguste de: 22, 65, 74
Saint John, Cecene: 146
Sala, Dalton: 49, 50
Sampaio, Theodoro: 92
Serva, George: 146
Schetky, John Christian: 90
Schimd, Philip: 122 (il.323)
Schimdt, A.: 143 (il.354)
Schomburgk, Richard: 143, 144 (il.356)
Schomburgk, Robert Hermann: 22, 143, 144 (il.356)
Schott, Wilhelm: 102
Schüch, Rochus: 102, 110
Schultz: 121
Sellers, Joseph: 90
Sellow, Friedrich: 22, 96, 98
Senefelder, Alois: 74, 75 (il.252)
Seyffer, August: 100 (il.285), 101 (il.287)
Silva, Valéria Piccoli Gabriel da: 146
Smith, Robert: 102
Soares, padre Diogo: 49, 50, 51(il.193, 194), 52 (il.195, 196), 53 (il.197, 198)
Sochor, Domenico: 102, 110
Soderini, Pietro: 15 (il.152)
Solander, Daniel Carl: 82
Souza, Afonso de Botelho de Sampaio e: 56, 57, 58, 59 (il.203 a 220)
Souza, Gabriel Soares de: 48
Souza, Luís de Vasconcellos e: 60, 74
Spilbergen, Joris Van: 80
Spix, Johann Baptiste von: 34 (il.167), 66, 102, 104, 109, 111, 112, 115, 116, 118 (il.312, 313), 119 (il.314 a 317), 120 (il.318, 319, 320), 121, 121 (il.321, 322), 122 (il.323)
Steinen, Karl von: 22, 116
Steinmann, Johann Jacob: 112
Swainson, William: 92 (il.278), 93 (il.279), 94 (il.280), 95 (il.281)
Taunay, Aimé-Adrien: 125, 127, 128, 128 (il.331), 129, 129 (il.332), 130 (il.333, 334), 131, 131 (il.335, 336), 132 (il.337), 133 (il.338), 134 (il.339), 137 (il.343)
Taunay, Nicolas Antoine: 125
Taunay, Visconde de: 92
Tavares, Gal. Aurélio de Lyra: 49
Tempeltei: 143 (il.355)
Teschauer, Carlos: 92
Theodor, E.: 112
Thomas, Keith: 17
Urville, Dumont d': 90
Vancy, Duché de: 82, 91 (il.277)
Vandelli, Domenico: 17, 17 (il.153), 19 (il.154), 60, 64
Vanzolini, Paulo: 48, 92
Velloso, frei José Mariano da Conceição: 60, 64, 74
Vespucci, Amerigo: 14, 15, 15 (il.152)
Vieillard, Jacques M. E.: 137
Vinci, Leonardo da: 16
Wagener, Zacharias: 42 (il.182, 183), 43 (il.184, 185)
Wallace, Alfred Russel: 27, 28 (il.158, 159, 160), 29 (il.161, 162, 163), 146
Walter, Richard: 81
Ward, Thomas: 146
Waterton, Charles: 92
Werner, J.F.: 112
Widt: 143 (il.354)
Wied-Neuwied, Maximilian Alexander Philip, Prinz von: 22, 34 (il.167), 96, 97, 97 (il.282), 98 (il.283), 99, 99 (il.284), 100 (il.285, 286), 101 (il.287, 288)
Winter, Raphael: 118 (il.312, 313)
Zucchi, Stefano: 21

Coleções

Academia de Ciências de Madri: 66
Academia de Ciências de São Petersburgo: 109, 124
Akademie der Bildenden Künste (Viena): 104, 104 (il.291), 107 (il.292, 293), 108 (il.294, 295)
Arnaldo Machado Florence (São Paulo): 137
Arquivo da Academia de Ciências da Rússia (Moscou): 125 (il.327), 126 (il.328, 329), 127 (il.330), 128, 128 (il.331), 129 (il.332), 130 (il.333, 334), 131 (il.335, 336), 132 (il.337), 133 (il.338), 134 (il.339, 340), 136 (il.341, 342), 137, 137 (il.343)
Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa): 44, 45 (il.186, 187), 46 (il.188, 189), 47 (il.190, 191), 49, 49 (il.192), 50, 51(il.193, 194), 52 (il.195, 196), 53 (il.197, 198), 54 (il.199, 200), 55 (il.201, 202), 60 (il.221), 61 (il.222), 62 (il.223, 224), 63 (il.225 a 228)
Bayerische Staatsbibliothek (Munique): 110 a 113 (il.302, 303), 115 (il. 305, 306)
Beatriz e Mário Pimenta Camargo (São Paulo): 56, 57, 58, 59 (il.203 a 220)
Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (Coleção Yan de Almeida Prado): 15 (il.152), 17 (il.153), 19 (il.154), 98 (il.283), 109 (il.296), 119 (il.314 a 317), 143 (il.354, 355), 144 (il.356), 145 (il.357 a 359)
Biblioteca do Porto: 69
Biblioteca Municipal Mário de Andrade (São Paulo): 23 (il.155), 100 (il.286, 287), 97 (il.282), 99 (il.284), 100 (il.285, 286), 101 (il.287, 288), 117 (il.308 a 310), 118 (il.312, 313)
Biblioteka Jagiellonska (Cracóvia): 34, 36 (il.171, 172, 173), 37 (il.174, 175), 38 (il.176, 177), 39 (il.178, 179), 40 (il.180), 41 (il.181), 48
Casa da Ínsua (Penalva do Castelo): 68, 72 (il.246, 247), 73 (il.248, 249)
Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro): 35 (il.168 a 170), 66, 68, 69 (il.237, 238), 71 (il.243 a 245), 92 (il.278), 93 (il.279), 94 (il.280), 95 (il.281), 104, 110 (il.297, 298, 299), 122 (il.323), 138
Fundação Maria Luisa e Oscar Americano: 112, 114, 115, 116 (il.307)
Fundação Robert Bosch: 81, 96, 99
Hispanic Scociety of America (Nova York): 102, 103
José Mindlin (São Paulo): 34 (il.167), 111 (il.300, 301), 117 (il.311)
Liga Ambiental (Curitiba): 139 (il.344 a 346), 140 (il.347), 141 (il.348 a 351), 142 (il.352, 353)
Lygia e Newton Carneiro Júnior: 91 (il.277)
Museu Bocage (Academia de Ciências de Lisboa): 65, 66, 67 (il.233), 68, 68 (il.235, 236), 70 (il.239 a 242)
Museu de História Natural de Paris: 66
Museu e Laboratório Antropológico (Univ. de Coimbra): 64 (il.229), 65, 65 (il.230, 231), 66, 66 (il.232), 67 (il.234)
Museu Nacional (Quinta da Boa Vista, RJ): 68, 76 (il.253, 254, 255, 256), 77 (il.257, 258), 137
Museum für Völkerkunde (Viena): 110
Museum of Comparative Zoology (Harvard University, Cambridge): 146, 146 (il.360), 147 (il.361), 148 (il.362), 149 (il.363, 364), 150 (il.365), 151 (il.366, 367)
Museus Castro Maya (Rio de Janeiro): 123 (il.324, 325, 326), 131
Nationalmuseet (Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague): 24
Newton Carneiro: 138
Noêmia e Luiz Buarque de Hollanda (Rio de Janeiro): 131
Paulo Fontainha Geyer (Rio de Janeiro): 112
Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil (São Paulo): 74, 74 (il.250), 75 (il.251, 252)
Staatliche Kunstsammlungen Dresden: : 42 (il.182, 183), 43 (il.184, 185)
Staatlisches Museum für Völkerkunde (Munique): 66, 120 (il.318, 319, 320), 121, 121 (il.321, 322)
The British Library (Londres): 81 (il.261)
The Natural History Museum (Londres): 27 (il.157), 28 (il.158, 159, 160), 29 (il.161, 162, 163) 30 (il.164, 165, 166), 31, 35, 78 (il.259), 79 (il.260), 82, 83 (il.262, 263, 264, 265), 85 (il.266, 267, 268, 269), 86 (il.270), 87 (il.271, 272), 88 (il.273, 274), 89 (il.275, 276)

Publicações e Manuscritos

Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens (Wied-Neuwied): 96
Ansichten der Natur (Humboldt): 23
Atlas du Voyage de La Pérouse: 91 (il.277)
Atlas Pittoresque. Vue des Cordillères et des Monuments des Peuples Indigenes de l'Amérique (Humboldt): 22
Atlas zur Reise in Brasilien (Spix e Martius): 111, 112, 115, 118 (il.312, 313), 121, 122 (il.323)
Aus Meinem Tagebuch (atlas do príncipe Adalbert da Prússia): 143
Bank's Florilegium (Banks): 82
Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien (Wied-Neuwied): 96
Bibliographia Brasiliana (Borba de Moraes): 92
Brasilien-Bibliothek der Robert Bosch GMBH (Catálogo da Fundação Bosch): 81
Carta Chorografica: 56
Centúrias dos Novos Gêneros e Espécies das Plantas Pernambucanas (Arruda da Câmara): 74, 75
Civilização (Kenneth Clark): 26 (il.156)
De Clima e Terra do Brasil e de Algumas Coisas Notáveis que Se Acham Assim na Terra como no Mar (Cardim): 48
A Collection of Drawings Made in the Countries Visited By Cap. Cook: 81
A Contribuição da Iconografia para o Conhecimento de Índios Brasileiros do Século XIX (T. Hartmann): 65, 66, 92
Contribution to an Insect Fauna of the Amazon Valley Lepidoptera Heliconidae (Bates): 27
Debuxos Pertencentes ao Palácio que o Ilmo. e Exmo. Sr. Fernando da Costa Ataide Telve... (Landi): 69
Delle Navigationi et Viaggi (Ramusio): 14, 15 (il.152)
Descrição das Plantas que Nascem Espontaneamente no Rio de Janeiro (Velloso): 74
Descrizioni de Varie Piante, Frutti, Animali, acc.... della Capitania del Gran Pará (Landi): 68
Desenhos de Gentios, Animaes Quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes e Insectos (Alexandre Rodrigues Ferreira): 65 (il.230), 66, 67 (il.233), 68 (il.235, 236), 70 (il.239, 240, 241, 242)
Os Devaneios do Caminhante Solitário (Rousseau): 21
Diccionario de Termos Technicos de Historia Natural... (Vandelli): 17, 17 (il.153), 19 (il.154), 64
Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens (Rousseau): 21
Discurso sobre a Utilidade da Instituição dos Jardins nas Principais Províncias do Brasil (Arruda da Câmara): 74
Drawings of Fishes of Rio Negro (Wallace): 28 (il.158, 159, 160), 29 (il.161, 162, 163)
Emílio (Rousseau): 21, 97
Epistola quam Plurimarum Rerum Naturalium quae S. Vicenti (nunc S. Paulo) Provinciam, Incolunt Sistens Descriptionem (Anchieta): 48
O Esboço da Viagem Feita pelo Senhor Langsdorff ao Interior do Brasil (Florence): 137
Esquisse Pittoresque du Voyage de Porto-Feliz a Cuiyaba et Explications des Dessins Ci-Joint (Florence): 137
Essai sur la Géographie des Plantes (Humboldt): 22
Estrangeiros Ilustres e Prestimosos (Visconde de Taunay): 92
Exoticorum (Clusius): 48
Fisionomia das Plantas (Humboldt): 24
Flora Brasiliensis (Martius): 111, 112, 114, 115, 116 (il.307), 117 (il.308 a 311)
Flora Fluminensis (manuscrito de frei Solano Benjamin): 74, 74 (il.250), 75, 75 (il.251)
Florae Fluminensis (livro de frei Velloso): 74, 75 (il.252)
Frey Apollonio (Martius): 112
Frühbeck's Brazilian Journey (Smith e Ferrez): 102
Geografia (Ptolomeu): 14
Géographie des Plantes (Humboldt): 23, 24, 96
Historia de Animaes e Arvores do Maranhão (Frei Christóvão de Lisboa): 44, 45 (il.186, 187), 46 (il.188, 189), 47 (il.190, 191)
História dos Índios do Brasil (Manuela Carneiro da Cunha): 92
História Natural (Buffon): 64
Historia Naturalis Brasiliae (Marggraf): 34, 34 (il.167), 35, 35 (il.168, 169, 170), 36 (il.171, 172), 37 (il.174, 175), 38 (il.176), 39 (il.178, 179), 48, 64
Historia Naturalis Palmarum (Martius): 111, 116
Historia da Provincia de Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos Brasil (Gandavo): 48
Historiae Rerum Naturalium Brasiliae (Marggraf): 34, 35 (il.168, 169, 170),
Kosmos (Humboldt): 24, 35, 144
Kupfer und Karten zum 1-2ten Band der Reise S. Durchl. (Wied-Neuwied): 99, 99 (il.284), 100 (il.285, 286), 101 (il.287, 288)
De Medicinae Brasiliensis (Piso): p.34
Memória da Amazônia (Manuel Laranjeiras Rodrigues de Areia): 66
Memórias sobre as Máscaras e Farsas (Alexandre R. Ferreira): 66
La Metamorfose delle Piante e Altri Scritti Sulla Scienza della Natura (Goethe): 21
Metaora (Aristóteles): 14
Notícia do Brasil, Descrição Verdadeira da Costa Daquele Estado, que Pertence à Coroa do Reino de Portugal, Sítio da Baía de Todos os Santos (Gabriel Soares de Souza): 48
Nova Genera et Species Plantarum (Martius): 111, 111 (il.300, 301)
As Palavras e as Coisas (Foucault): 18
As Primeiras Expedições Zoológicas no Brasil (Vanzolini): 92
On the Origin of Species by Means of Natural Selection (Darwin): 27
On the Tendency of Species to Form Varieties to Depart Indefinitely from Their Original Type (Wallace) : 27
Pequeno Mapa de Demarcação Diamantina...: 55 (il.201, 202)
Philosophia Botanica (Lineu): 17
Plantarum Brasiliae Vindobonae (Pohl): 110 (il.297, 298, 299)
Plantarum Brasiliensium (Raddi): 109 (il.296)
Plantas da Expedição do Pará (Alexandre Rodrigues Ferreira): 71 (il.243, 244, 245), 75
Prospectos de Cidades, Villas e Povoaçoens, Fortalezas e Edifícios, Rios e Cachoeiras (Alexandre Rodrigues Ferreira): 68, 69 (il.237, 238)
Reise in Brasilien (Spix e Martius): 111
Reise nach Brasilien (Wied-Neuwied): 96, 97 (il.282), 98 (il.283)
Relaçam das Madeiras Descriptas que se Comprehendem no Termo da Villa da Cacoeira com Amostras e Estampas Exactas das Mesmas: 60, 60 (il.221)
Relação de Viagem (Gaspar Afonso): 48
As Relações entre a Áustria e o Brasil (Ramirez): 102
Relation Historique du Voyage aux Régions Équinoctiales du Nouveau Continent (Humboldt): 22, 23 (il.155)
A Selection of the Birds of Brazil and Mexico (Swainson): 92 (il.278), 93 (il.279), 94 (il.280), 95 (il.281)
Sertum Plantarum (Gardner): 78 (il.259), 79 (il.260)
Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium Species Novae (Spix): 119 (il.314 a 317)
Skizzen zu dem Tagebuch (Adalbert da Prússia): 143 (il.354, 355)
Suttram Fahrten (Martius): 112
Systema Naturae (Lineu): 10, 17, 35
Tabulae Physiognomicae (Martius): 111, 112, 114
Técnicas do Observador (Jonathan Crary): 9
Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae: 34, 36 (il.171, 172, 173), 37 (il.174, 175), 38 (il.176, 177), 39 (il.178, 179), 40 (il.180), 41 (il.181), 48
Thier Buch: 42 (il.182, 183), 43 (il.184, 185)
Travels in British Guyana (Richard Schomburgk): 144 (il.356)
Unter den Tropen Wanderungen Durch Venezuela am Orinoco, Durch British Guyana und am Amazonenstrone in den Jahren (Appun): 145 (il.357, 358, 359)
O Velho Rio de Janeiro Através das Gravuras de Thomas Ender (Gilberto Ferrez): 104
Viagem pelo Amazonas (Condamine): 64
Viagem Fluvial ao Amazonas (Florence): 137
Von Amazonas und Madeira (Keller-Leuzinger, F.): 138, 142 (il.353)
Voyage de Humboldt et Bonpland (Humboldt): 22
Voyage de La Pérouse Autour du Monde: 82
Voyage Pittoresque dans le Brésil (Rugendas): 124
Voyage Pittoresque et Historique au Brésil (Debret): 123 (il.324, 325, 326)
Vues du Brésil (álbum atrib. a Martius): 114 (il.304), 115 (il.305, 306)
Zeichnungen von Schiffen (Ender): 104
Zoological Drawings in Capt. Cook's First Voyage: 88 (il.273, 274), 89 (il.275, 276)
Zoophonia (Florence): 137

Índice Alfabético de Ilustrações

Abbildung Vier Origineller Botocuden... (Wied-Neuwied): p.96, p.98 (il.283), p.99
Aechmea nudicaulis (Parkinson): p.87 (il.272)
Aldeamento indígena em S. Pedro d'Alcantara (Keller, F.): p.139 (il.345), p.140
Aldeia indígena em S.Pedro d'Alcantara (Keller, J. ou F.): p.139 (il.346), p.140
Ananas (Christóvão de Lisboa): p.47 (il. 191)
Anastasia, Née de Deux Métis, Aieule des Deux Jeunes Filles Sébastiana e Marcellina (Taunay, A.): p.128 (il.331)
Ancistrus gibbiceps Kn. (Wallace): p.29 (il.161)
Antigramma repanda (Parkinson): p.85 (il.268)
Antonio Frère des Deux Précédentes de la Même Mère Mais d'un Autre Père (Taunay, A.): p.131 (il.335)
Anterophysus batrachus Kna (Wallace): p.28 (il.160)
Auf dem Passe über den Berg Marima im Roraima-Gebirge (Appun): p.145 (il.359)
Barbacenia (Martius): p.111 (il.300)
Baumstamm auf Tucumandaba (Adalbert da Prússia): p.143 (il.355)
Bico de Brasa... (Landi): p.72 (il.246)
Bomarea edulis Herbert Amaryllidaceae (Parkinson): p.87 (il.271)
Bougainvillea spectabilis Willdenow (Parkinson): p.85 (il.269)
Brazilian Fish (Doradidae - 3 Species) (Burkhardt): p.147 (il.361)
Brazilian Fish (Hypostoma) (Burkhardt): p.149 (il.363)
Brazilian Fish (Scomberomorus brasiliensis) (Burkhardt): p.149 (il.364)
Brazilian Fish (Symphysodon aequifasciata) (Burkhardt): p.11 (detalhe), p.146 (il.360)
Brazilian Fish (Trixosanthus) (Burkhardt): p.148 (il.362)
Brazilian Landscape: Manaos (Burkhardt): p.150 (il.365)
Brodbaum (B. Mary): p.112, p.113 (il.303)
Burmannia (Martius): p.111 (il.301)
Butterflies (Bates): p.27 (il.157), p.30 (il.164, 165, 166)
Cambessedesia membranacea (Gardner): p.79 (il.260)
Capitão (Keller, F.): p.140, p.141 (il.349)
Capo Jeparack (Sellow): p.98
Caranguejo (Wagener): p.43 (il.184)
Carta 10ª da Costa do Brasil ao Meridiano do Rio de Janeyro dezde a Barra de Marambaya athe Cabbo Frio (Pe. Diogo Soares): p.51(il.196)
Carta 5ª da Costa do Brasil ao Meridiano do Rio de Janeyro dezde a Barra de Itepetuba athe a Ponta de Guarupaba na Enseada de Syri (Pe. Diogo Soares): p.51(il.193)
Carta 6ª da Costa do Brasil ao Meridiano do Rio de Janeiro dezde a Ponta de Araçatuba athe a Barra do Guaratuba (Pe. Diogo Soares): p.51 (il.194)
Carta 9ª da Costa do Brasil ao Meridiano do Rio de Janeiro dezde a Barra de Santos athe a Marambaya (Pe. Diogo Soares): p.52 (il.195)
Cartm. Cercado do Aldeamento de S.Pedro (Keller, F.): p.140, p.141 (il.348)
Cebus cucullatus (Spix): 119 (il.316)
Cebus gracilis (Spix): 119 (il.314)
Chefe do Gentio Aycurú, Habitante do Rio Paraguay (Freire): p.66, p.68 (il.236)
Choca... (Landi): p.73 (il.248)
Chute du Juruena, Dite Salto Augusto (Florence): p.136 (il.341, 342)
Cidade Imperial de Ouro-Preto (Rugendas): p.124, p.126 (il.329)
Cipó Fl. Agost. em Viagem: Passiflora (atrib. a Freire ou Codina): p.71 (il.244)
As Classes das Plantas no Sistema Sexual de Linneo e Terminologia de Botânica (Vandelli): p.19 (il.154)
Clusia Capparidaceae (atrib. a Pe. Montenegro): p.77 (il.258)
Cercado do Aldeamento de São Pedro (Keller, J. ou F.): p.140, p.140 (il.347)
Cravas (Wagener): p.43 (il.185)
Crenicichla Wallacii Rgn (Wallace): p.28 (il.159)
Cuaná (atrib. a Freire): p.66, p.70 (il.239)
Cynanchum loniase Asclepiadaceae (atrib. a Pe. Montenegro): p.77 (il.257)
Dactylopterus volitans (Parkinson): p.88 (il.274)
De Plantis Brasiliensis (Laet): p.35 (il.170)
Delalande's Humming Bird... (Swainson): p.94 (il.280)
Descoberta Nova Ponte do Rio das Pombas (Rugendas): p.127 (il.330)
Desenho botânico (Solano Benjamin): p.74(il.250)
O Desenvolvimento Evolutivo das Plantas (in Goethe): p.26 (il.156)
Die Igarite auf dem untern Amazonas (Adalbert da Prússia): p.143 (il.354)
Die Österreichischen Kammer Lampe auf der Reise Nach St. Paul (Ender): p.108 (il.295)
Die Puris in ihren Wäldern (Wied-Neuwied): p.99, p.101 (il.287)
Diplusodon decussatus (Gardner): p.78 (il.259)
Donax canaeformis L. (Wallace): p.29 (il.162)
Duas Figuras com Máscaras (Codina): p.66, p.67 (il.233)
Emma Schaap (atrib. a Eckhout): p.39 (il.178, 179)
Eriocaulon asper var. brasiliense (Martius): p.115, p.117 (il.308)
Erster Wasserfall des Cavoni im Hintergrunde der Roraima (Appun): p.145 (il.357)
Espécie Zoológica (atrib. a Freire): p.70 (il.241)
Espécies Botânicas (desenhos de S.Luís do Maranhão): p.61 (il.222), p.62 (il.223, 224), p.63 (il.225 a 228)
A Expedição do tenente-Coronel Afonso Botelho e Souza aos Sertões do Tibagi (J. J. de Miranda): p.56, 57, 58, 59 (il.203 a 220)
Festlicher Zug der Tecunas (Schmidt): p.121, p.122 (il.323)
Feyerliche Ausschiffung der Prinzessin Leopoldina von João VI am 6 November 1817 (Frühbeck): p.102, p.103 (il.290)
Flor Novemb. Dezemb. de Monte Alegre (Freire): p.71 (il.243)
Francisca de Salles, Nièce de la Précédente et d'un Métis (Taunay, A.): p.129 (il.332), p.131
Frontispício do livro de Piso e Marggraf Historia Naturalis Brasiliae: p.34 (il.167)
Galphimia Brasiliensis (Marggraf): p.35, p.35 (il.169)
Gampapo (in Relaçam das Madeiras): p.60 (il.221)
Goiabeira / Pery (Christóvão de Lisboa): p.46 (il. 188)
Granatappel, Romeiro (atrib. a Eckhout): p.41 (il.181)
Gruppe einiger Camacans im Walde (Wied-Neuwied): p.99 (il.284)
Gruppe von Itapalmen und Ravenala's in der Nähe von Pirára (Appun): p.145 (il.358)
Guamaicuguara (atrib. a Eckhout): p.36 (il.171)
Guara / Guaratiuna (Christóvão de Lisboa): p.45 (il. 186)
Gynerium argenteum / Gynerium argenteum Nees ab Esenbeck (Martius): p.115, p.117 (il.311)

Digitalizado com CamScanner

Habitation des Apiacás Sur l'Arinos (Florence): p.134 (il.340)
Havik-Adelaar of Urutuarana (atrib. a Eckhout): p.37 (il.175)
Huis van Johan Mauritz (Wagener): p.42 (il.182)
Ilha Grande de São Vicente (Spilbergen): p.80
Ilha de São Sebastião (Noort): p.80
Ilustração do livro de Vandelli *Diccionario de Termos Technicos de Historia Natural*: p.17 (il.153)
Inside a Wapstana House (Robert Schomburgk): p.144 (il.356)
Intérieur d'une Hutte des Indiens Bororós (Taunay, A.): p.131, p.133 (il.338)
Iridaceae (Pe. Montenegro): p.76 (il.254, 255)
Jacatiba chez Mr. Faro (B. Mary): p.112, p.113 (il.302)
Jardin Botanique a Ouro Preto (atrib. a Martius): p.112, p.114 (il.304)
Kopfaufsatz in Gestalt eines Eichhörnchens, Tecuna (máscara coletada por Spix e Martius durante Missão Austríaca): p.121 (il.321)
Krabben (atrib. a Eckhout): p.36 (il.171)
Lima lima (Parkinson): p.88 (il.273)
Long-Tailed Manakin... (Swainson): p.95 (il.281)
Luta entre Botocudos (Wied-Neuwied): p.98
Lygodium volubile Swartz (Parkinson): p.83 (il.265)
Macaco Uiuu (atrib. a Freire): p.70 (il.240)
Mamaoeira (Marggraf): p.34, p.35 (il.168)
Mandioqua (Christóvão de Lisboa): p.47 (il. 190)
Marcellina, Soeur de la Précédente de la Même Mère et du Même Père (Taunay, A.): p.130 (il.333), p.131
Mariana (atrib. a Martius): p.115 (il.306)
Máscara de Índio: Cabeça de Macaco (Debret): p.123 (il.325)
Máscara de Índio: Cabeça de Tapir com Crina de Fibras (Debret): p.123 (il.326)
Máscara de Índio: Cabeça Humana Cercada de Nadadeiras (Debret): p.123 (il.324)
Máscaras Jurupixuna (Viagem Philosophica): p.64 (il.229), p.65 (il.230, 231), p.66, p.66 (il.232), p.67 (il.234)
Meniscium reticulatum Swartz (Parkinson): p.83 (il.264)
Modo de Lavar Diamantes: p.50, p.55 (il.202)
Modo de Minerar e Retirar Diamantes: p.50, p.55 (il.201)
Mollugo verticillata Molluginaceae (Pe. Montenegro): p.76 (il.256)
Mulher do Chefe do Gentio Aycurú (Freire): p.66, p.68 (il.235)
Muraci (Marggraf): p.35, p.35 (il.170)
Musik am Vordertheil der Fregatte Austria Gez. Während der Fahrt im Ocean (Ender): p.104, p.104 (il.291)
Mycetes barbatus Foem. (Spix): p.119 (il.317)
Mycetes barbatus Mas. (Spix): p.119 (il.315)
Narceja... (Landi): p.73 (il.249)
Naturgemälde der Tropenländer (Humboldt): p.23 (il.155)
Neoglaziovia variegata / Fernseea Itatiaiae (Martius): p.115, p.117 (il.310)
Nephilgenys cruentata (Parkinson): p.89 (il.275)
Nigrita (atrib. a Eckhout): p.38 (il.177)
Oxypetalum banksii Schultes in Roemer & Schultes (Parkinson): p.85 (il.267)
p.131, p.132 (il.337)
Pais Carike des Cayowa Indianer (Keller, F.): p.140, p.141 (il.350)
Palais d'Ouro Preto (atrib. a Martius): p.114, p.115 (il.305)
Panorama des Hafens von Rio de Janeiro von Bord der K.K. Fregatte Austria (Ender): p.107 (il.292, 293)
Patricio Jozé Bispo, Frère de Deux Précédentes (Taunay, A.): p.131, p.131 (il.336)
Peltodon pusillus (Pohl): p.110 (il.298)
Peltodon radians (Pohl): p.110 (il.299)
Peltodon tomentosus (Pohl): p.110 (il.297)
Perdiz... (Landi): p.72 (il.247)
Piper Umbellatum (frei Solano Benjamin): p.75 (il.252)
Piquitinga (atrib. a Eckhout): p.36 (il.172)
Piracitva / Pirabebe (Christóvão de Lisboa): p.45 (il.187)
Pitomba, Ceratus brasiliensis. Myrtacea (atrib. a Freire ou Codina): p.71 (il.245)
Planta do Forte de S. Ioão, na Barra do Rio de Ianeyro (Padre Diogo Soares): p.50, p.53 (il.198)
Planta do Forte de Villeganhon na Enceada do Rio de Ianeyro (Padre Diogo Soares): p.50, p.53 (il.197)
Preguiça (atrib. a Freire), p.66, p.70 (il.242)
Prospecto de Nova Poroação de N. Sra. da Conceição, Situada na Margem Oriental do Rio Branco, na Distância de 82 Léguas da Sua Foz (Freire): p.68, p.69 (il.237)
Prospecto de Uma das Vinte e Duas Malocas de que Constam a Aldeia do Gentio Curutus (Freire): p.68, p.69 (il.238)
Pteridium aquilinum (Parkinson): p.83 (il.262)
Pteris denticulata Swartz (Parkinson): p.83 (il.263)
Pteris varians, n.m. (Raddi): p.109 (il.296)
Puris in ihrer Hütte (Wied-Neuwied): p.99, p.101 (il.288)
Quelques Bororós Font une Visite à MMrs. Riedel et Taunay dans la Maison qu'ils Occupaient Près de Leur Village (Taunay, A.): p.131, p.134 (il.339)
Rassemblement d'Indiens Bororós de l'Arranchamento Appellé Páu-Seco Entre les Rivières Paraguay et Jaurú (Taunay, A.): p.132 (il.337)
Red-Breasted Wren Thyothorus carinatus (Swainson): p.92 (il.278)
Resumo da Carga que Transporta o Brique-Flor d'Amizade da Bahia para S.xa. (J.J.Ribeiro): p.49 (il.192)
Rio de Janeiro (Noort): p.80
Rode Ibis (atrib. a Eckhout): p.37 (il.174)
Rodriguezia rigida (Parkinson): p.86 (il.270)
Royal Tody... (Swainson): p.93 (il.279)
Salvador, Iraí (Keller, F.): p.140, p.141 (il.351)
Salvia (frei Solano Benjamin): p.75 (il.251)
São Caetano nas Geraes e Mato Dentro: p.50, p.54 (il.199)
São João d'el Rey (Rugendas): p.124, p.126 (il.328)
São Sebastião nas Geraes e Mato Dentro: p.50, p.54 (il.200)
Scaliphron coementarium (Buchan): p.89 (il.276)
Schiff mit dem Ersherzogin Leopoldina Kaiserin D. Pedro I (Frau) mit meiner Groustante Künburg nach Brasilien Fuhr (Frühbeck): p.102 (il.289)
Sebastiana, Née de la Métis Francisca de Salles et d'un Blanc (Taunay, A.): p.130 (il.334), p.131
Sternopygus (Wallace): p.28 (il.158)
Strip Map of Rio de Janeiro (Buchan): p.81 (il.261)
Synimbu (Christóvão de Lisboa): p.46 (il. 189)
Tamanduá-Açu, Tamanduá-Bandeira (Wagener): p.42 (il.183)
Tanzfest der Camacans (Wied-Neuwied): p.100 (il.285)
Tanzmaske, Darstellung der "Grossen Zecke", Juri-Taboca (máscara coletada por Spix e Martius): p.120 (il.318)
Tanzmaske, den Kopf eines Tapirs Darstellend, Juri-Taboca (máscara coletada por Spix e Martius): p.120 (il.319)
Tanzmaske, Kopf eine Fisch Dämons, Juri-Taboca (máscara coletada por Spix e Martius): p.121 (il.322)
Tanzmaske, Kopf eines Jaguars Darstellend, Juri-Taboca (máscara coletada por Spix e Martius): p.120 (il.320)
Tapiirete (atrib. a Eckhout): p.38 (il.176)
Teffe II (Burkhardt): p.151 (il.367)
Teffe III (Burkhardt): p.151 (il.366)
Temnadenia violacea (Parkinson): p.85 (il.266)
The Butterfly Fish (Wallace): p.29 (il.163)
Thierformen des Tropischen America (Martius): 118 (il.312, 313)
Uralepis virens / Diplachne spioata (Martius): p.115, p.117 (il.309)
Urucu (atrib. a Eckhout): p.40 (il.180)
Vista da Colônia Tereza no Alto Ivaí (Keller, J. ou F.): p.139 (il.344)
Vögelteich am Rio de S. Francisco (atrib. a Martius): p.114, p.116 (il.307)
Vue de Barbacena (Rugendas): p.124, p.125 (il.327)
Vue de l'Ille de Ste. Catherine (Le Pagelet e Vancy): p.91 (il.277)
Vue de la Deuxième Grande Chute du Tiété, Dite Salto de Itapure (Taunay, A.): p.137 (il.343)
Wohnung des herrn v. Langsdorff in Mandioca (Ender): p.108 (il.294)
Zenit Nostro e Zenit di Quelli (Vespucci): p.14, p.15 (il.152)
Zierrathen und Geräthschaften der Camacans(Wied-Neuwied): p.100 (il.286)
Zonia Leguminosae (Pe. Montenegro): p.76 (il.253)
Zunu Schaap (atrib. a Eckhout): p.39 (il.178, 179)
Zweikaempfe der Botocudos am Rio Grande de Bellmonte (Wied-Neuwied): p.97 (il.282)

UNESP - CAMPUS DE RIO CLARO
BIBLIOTECA IGCE
07/08/13
50,00

Digitalizado com CamScanner